

GRAMMATICA HISTORICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

M. SAID ALI

2.^a edição melhorada e augmentada de LEXEOLOGIA e
FORMAÇÃO DE PALAVRAS
E SYNTAXE DO PORTUGUEZ HISTORICO

(1.^o Premio Francisco Alves de 1921 e de 1927)

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS

Biblioteca Central



EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAVEIRAS - RIO

UNIDADE	IEL		
N.º CHAMADA	469.5 AL 419		
V	Ex		
TOMBO/BC	19.297		
TOMBO IEL	38714		
PROC.			
C	<input type="checkbox"/>	D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO			
DATA			
N.º CPD			

CM 000 217891

PROLOGO DA LEXEOLOGIA

(1.^a EDIÇÃO)

Terreno vasto, arido e difficil de lavrar é a perspectiva que se offerce a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o portuguez desde a remota phase dos primeiros documentos escriptos até os nossos dias. Consciente das difficuldades, senti-me todavia attrahido pelo assunto. Tarefa interminada, e limitadas as minhas forças para colher algum fruto, dediquei aqui toda a attenção especialmente á lexeologia. Servem de introdução algumas paginas sobre a evolução phonetica do portuguez historico segundo se conclue da maneira de representar os sons nas diferentes epochas.

Sem a menor preocupação de descobrir novidades ou tratar questões linguisticas melhor do que outros o haviam feito, não podia contudo deixar de ir directamente ás fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averiguei que certas theses sabidas em parte se confirmavam, em parte porem se tornavam insustentaveis. Além disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, factos linguisticos cuja existencia a principio nem suspeitava.

Não dissocio do homem pensante e da sua psychologia as alterações por que passou a linguagem em tantos seculos. É a psychologia elemento essencial e indispensavel á investigação de pontos obscuros. As mesmas leis phoneticas seriam inexistentes sem os processos da memoria e da analogia. Até o esquecimento, a memoria negativa, é factor, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma.

Adoptado semelhante methodo de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semantica, ou, se preferirem, de semantica lexeologica, destoando assim de vetusto systema de classificação. Descance em paz a contenda sobre a conveniencia ou inconveniencia de guardar costumes antigos; sómente advirto que deixará de ser historico o estudo de vocabulos que desprezar as alterações semanticas. No correr das seguintes paginas não faltará ao leitor oportunidade para ver como certos vocabulos variam de categoria grammatical em virtude da mudança de sentido.

Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inno-

vações desnecessarias. Prefere a denominação mais vaga de alternancia vocalica a metaphonia e apophonia por me parecer que estes termos, segundo os encontros definidos, não exprimem com rigor a natureza da alteração phonetica. Um ou outro termo novo que empreguei se impunha para designar factos que ainda não haviam sido definidos ou se estavam por aspecto differente.

Distingo no portuguez historico dous periodos principaes: o portuguez antigo, que se escreveu até os primeiros annos do seculo XVI, e o portuguez moderno. A esta segunda phase pertencem já a Chronica de Clarimundo (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escriptas entre 1526 e 1558, as de Antonio Ferreira, a chronica de Palmeirim de Inglaterra e outros trabalhos literarios produzidos por meados do seculo. Robustecida e enriquecida de expressões novas a linguagem usada nas chronicas desta epoca, que relatam os descobrimentos em Africa e Asia e os feitos das annas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do portuguez moderno nos *Lusiadas* (1572). E' o seculo da Renascença literaria, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse periodo.

Não ficou, nem podia ficar, estacionario o portuguez moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentista, seiscentista, setecentista a linguagem propria das respectivas eras. Reservo a denominação de portuguez hodierno para as mudanças characteristics do falar actual creadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do seculo XIX, ou que por ventura remontam ao seculo XVIII.

Limites entre os diversos periodos não podem ser traçados com rigor. Alterações linguisticas não dependem do calendario, nem do anno em que o seculo acaba ou começa. Alem disso, autores ha cuja actividade literaria se exerce, parte num seculo, parte no immediato. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista, etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nella principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das epocas continuam muitas vezes a ser usados por alguns dos escriptores do periodo seguinte.

Ignora-se a data ou momento exacto do apparecimento de qualquer alteração linguistica. Neste ponto nunca será a linguagem escripta, dada a sua tendencia conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a innovação, formulada acaso por um ou poucos individuos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalisar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repelle-a, a principio, mas com o tempo succumbe ao contagio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos annos, até que por fim a linguagem literaria, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide tambem a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não sómente de factos isolados, mas ainda do apparecimento de todo o portuguez moderno.

Não é de crer que poucos annos depois de 1500, quasi que bruscamente e sem influxo de idioma estranho, cessassem em Portugal inveterados habitos de falar e se trocasse o portuguez antigo em portuguez moderno. Nem podemos attribuir a escriptores, por muito engenho artistico que tivessem, aptidões e autoridade para reformarem a seu sabor o idioma patrio e sua grammatica. Consistiria a sua obra antes em elevar á categoria de linguagem litteraria o falar commum, principalmente o das pessoas educadas, tornando-o mais elegante e desterrando locuções que lhe dessem aspectó menos nobre. Este falar commum remontaria aos tempos de Ruy de Pina e Zurara, ou se usaria talvez antes. Mas os escriptores antigos evitavam afastar-se da pratica recebida de seus avós, e, posto que muitas concessões tivessem de fazer ao uso para serem entendidos, todavia propendiam mais a utilizar-se de recursos artificiaes que dessem ao estilo certo ar de gravidade e acima do vulgar.

O seculo XVI, descerradas as cortinas que encobriam o spectaculo de novos mundos, e dada a facilidade de pôr a leitura das obras litterarias ao alcance de todos, graças ao desenvolvimento da imprensa, devia fazer cessar a superstição do passado, mostrar o caminho do futuro e ditar a necessidade de se exprimirem os escriptores em linguagem que todos entendessem. Resolveram-se a fazel-o. Serviram-se da linguagem viva de facto, como o demonstram os dialogos das comedias de então, que reproduzem o falar tradicional da gente do povo. Trariam estes dialogos os caracteristicos grammaticaes do portuguez antigo, se fosse este ainda o idioma corrente.

Nos seculos que precederam a era quinhentista claro está que a linguagem soffreu tambem evolução. Entre os antigos autos de partilhas e a chronica de D. João I é palpavel a differença. Seria comtudo prematura qualquer subdivisão do portuguez antigo, pois que nos faltam ainda muitos documentos e de varios codices publicados resta a saber a data certa em que foram pela primeira vez escriptos.

Na citação dos exemplos conservei em geral a graphia usada nos livros donde os extrahi, sem todavia levar o rigor ao extremo de sacrificar a legibilidade. A attenção para com o leitor faz-me simplificar mais do que ultimamente se costuma nas edições de obras antigas; pois que alem de desligar palavras, desfazer abreviaturas, empregar o signal hyphen, etc., substituo frequentemente o til por *m* ou *n* postos adiante da vogal, e escrevo *u* e *v* de accordo com a pratica hodierna, desprezando a confusão que outrora reinava no emprego destas letras. Quanto ás palavras de graphia indecisa, e sem interesse phonetico, não me julguei obrigado a variar supersticiosamente a escripta a todo o instante e ao sabor da fantasia do texto original.

Elucidados estes pontos, cumpre accrescentar que escrevi este livro com o intuito de expôr sómente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos e differentes textos. Citei provas e exem-

plos. Não tomei compromisso de discretar com assuntos interessantes e questões obscuras para cuja solução não encontrei elementos bastantes no passado do idioma, ou na comparação deste com outros. Prefiro deixar por ora taes casos em silencio.

Apesar destas precauções e de toda a boa vontade, não sahirá o livro sem falhas. Eram inevitaveis, sobretudo em primeira edição.

Resta-me agora manifestar a minha gratidão para com aquelles que concorreram para que meus esforços pudessem ser levados a termo. João Ribeiro e Silva Ramos, distintos collegas e perscrutadores, a todo o momento deixaram que me utilisasse das rarissimas obras de que são possuidores. Prestaram-me serviços inestimaveis. O meu collega Capistrano de Abreu, não lhe bastando pôr á minha disposição os thesouros de sua bibliotheca, auxiliou-me ainda na penosa tarefa de rever provas, suggerindo-me o seu saber opulento proveitosos accrescimos e modificações.

Agradeço a todos estas finezas, e agradeço tambem aos Snrs. Weiszflog Irmãos, firma agora incorporada em sociedade anonyma, a galhardia com que se houveram incumbindo-se da impressão do livro, e felicito-os pelo excellent trabalho e pela habilidade com que venceram os enredados meandros de graphias antigas.

Rio, Março de 1921.

M. SAID ALI

PROLOGO DA GRAMMATICA HISTORICA

A parte complementar que a Lexeologia reclamava sahiu a lumen dous annos depois. Constituiam os dous volumes uma grammatica historica que, sem desprezar a evolução do latim para o portuguez, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas phases do portuguez historico, isto é, no largo periodo decorrido desde o tempo que se conhece o portuguez como lingua formada e usada em documentos.

Na presente edição foram transpostos para o lugar devido os capitulos referentes a conhecimentos preliminares que, a titulo de appendices, se haviam ajuntado á segunda parte. Expungiram-se falhas e incorreções e fizeram-se alterações e accrescimos para melhor esclarecimento de alguns factos da linguagem.

Rio, Janeiro de 1931.

M. SAID ALI

INDICE DA 1.^a PARTE

	Pag.
Literatura	XIII
Historia resumida da lingua portugueza	1
Alterações phoneticas do latim vulgar	
Vogaes	7
Consoantes	11
Os sons em portuguez e sua representação	
As vogaes	
Vogaes simples	21
i, j, y	24
Vogaes nasaes	25
Inserção de <i>i</i>	28
Ditongos <i>oi</i> e <i>ou</i>	29
As consoantes	
Consoantes geminadas	31
Emprego da letra <i>h</i>	33
Permuta de <i>l</i> e <i>r</i>	33
Influencia dos enclíticos	36
As sibilantes <i>s</i> e <i>z</i>	38
Os vocabulos	
Nomes em geral	
Nomes diminutivos	45
Nomes augmentativos	46
Substantivos collectivos	47
Plural dos substantivos	49
Genero dos substantivos	51
Genero dos substantivos	54
Adjectivos	
Formação do plural	71
Genero	71
Comparação	72
Comparação	75
Superlativo intensivo	79
Numeraes	
Numeraes cardinaes e multiplicativos	82
Numeraes ordinaes	82
Numeraes ordinaes	87

Pronomes	92
Pronomes pessoais	93
Pronomes possessivos	96
Pronomes demonstrativos	101
Pronomes relativos	110
Pronomes interrogativos	116
Pronomes indefinidos	120
O artigo	131
Verbos	138
Desinências pessoais	139
Alternância vocálica	140
Presente do indicativo	145
Verbos em <i>-ear</i> e <i>-iar</i>	149
Imperfeito do indicativo	153
Preterito perfeito do indicativo	153
Derivações do preterito perfeito	156
Futuro	156
Imperativo	157
Conjuntivo	159
Gerúndio	160
Participio do presente	160
Participio do futuro	161
Participio do preterito	161
Infinitivo	171
Verbos defectivos	172
Conjugação mixta ou symbiotica	173
Verbos nomenclacionais e relacionais	174
Conjugação composta	179
Verbos transitivos e intransitivos	183
Vozes activa, passiva e mediata	199
Adverbios	208
Adverbios pronominais e outros	209
Adverbios extintos	218
Adverbios pleonásticos	222
Adverbios accrescidos da terminação	223
Locuções adverbiais	224
A negação	227
Preposições	233
Conjunções	253

INDICE DA 2.^a PARTE

Formação de palavras

Derivação em geral	1
Derivação sufixal	5-25
Substantivo e adjectivo	5
Verbos	24
Derivação prefixal	26
Derivação parasynthetica	32
Derivação regressiva	34
Composição*	36

Syntaxe

Proposição em geral	44
Termos da proposição	47
Proposições secundarias — Parataxe e hypotaxe	52
Interrogação indirecta	55
Linguagem affectiva	57
Concordancia em geral	62
Casos particulares de concordancia	65
Funções dos tempos verbaes	99-118
Presente	99
Imperfeito e perfeito	102
Mais-que-perfeito	105
Futuro	107
Emprego dos modos	114-131
Imperativo	114
* Indicativo e conjuntivo	115
Emprego do infinitivo	132
Infinitivo pessoal	137
Emprego do gerundio	151

1.^a PARTE

ESTUDO DOS SONS
E
LEXEOLOGIA

LITERATURA

- A. Ferr. Obras* = Obras completas de Antonio Ferreira. Rio de Janeiro — Paris, 1865.
- A. Ferr. Poemas Lus.* = Poemas Lusitanos de Antonio Ferreira. Lisboa, 1829, Typographia Rollandiana.
- Arr.* = Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz. Lisboa, 1846, Typographia Rollandiana.
- Barros, Dec.* = Da Asia de João de Barros. Lisboa, 1778 (Cita-se decada, livro e capitulo).
- Barros, Clar.* = Chronica do Imperador Clarimundo de João de Barros. Lisboa, 1843, Typographia Rollandiana.
- B. Cruz, D. Seb.* = Chronica d'El-Rei D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz. Lisboa, 1903.
- Bern., N. Flor.* = Nova Floresta do Padre Manoel Bernardes. 1706-1728.
- Bern., L. e C.* = Luz e Calor do Padre Manoel Bernardes.
- Jam., Ius.* = Os Lusíadas de Luis de Camões (Cita-se canto e estancia).
- Janc. Aj.* = Cancioneiro da Ajuda.
- Janc. Din.* = Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal von Henry R. Lang. Halle A. S. 1894.
- Jastanh.* = Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes por Fernão Lopes de Castanheda. Lisboa, 1833, Typographia Rollandiana (Cita-se tomo e capitulo).
- Castilho, Georg.* = As Georgicas, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Fast.* = Fastos, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Fausto* = Fausto, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Tart.* = Tartufo, traducção de A. F. de Castilho.
- Castilho, Metam.* = Metamorphoses, traducção de A. F. de Castilho.
- Castro, Ulys.* = Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro. Lisboa, 1826, Typographia Rollandiana (Cita-se canto e estancia).
- Castello Branco, Boh. do Esp.* = Bohemia do Espirito de Camillo Castello Branco. Porto, Livraria Chardron, 1903.

- Corte Imp.* = O Livro da Corte Imperial (Collecção de Manuskriptos Ineditos). Porto, 1910.
- Couto, Dec.* = Da Asia de Diogo de Couto. Lisboa, 1778 (Cita-se de cada, livro e capitulo).
- Damião de Goes* = Chronica de D. Manuel por Damião de Goes. Lisboa, 1749.
- Din., Morg.* = A Morgadinha dos Cannaviaes por Julio Diniz, 1918.
- Din., Ser. da Pröv.* = Serções da Provincia por Julio Diniz, 1916.
- Diogo Bern.* = O Lyma de Diogo Bernardes. Lisboa, 1820, Typographia Rollandiana.
- D. Duarte, Leal Cons.* = Leal Conselheiro por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.
- D. Duarte, Ens. de Cav.* = Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.
- Duarte Galvão* = Chronica de el-rei D. Affonso Henriques por Duarte Galvão. Lisboa, 1906.
- E. de Queiroz, Crime* = O Crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz. Lisboa, 1876.
- F. Lopes, D. J.* = Chronica del Rei dom Joham, por Fernão Lopez. Edição do Archivo Histórico Portuguez.
- F. M. Pinto* = Peregrinação de Fernão Mendez Pinto. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1829.
- F. M. de Mello, Ap. Dial.* = Apologos Dialogos por D. Francisco Manuel de Mello. Lisboa, 1721.
- F. M. de Mello, Fid. Aprend.* = Auto do Fidalgo Aprendiz por D. Francisco Manuel de Mello. Edição revista por Mendes dos Remedios. Coimbra, 1898.
- Fil. Elysio* = Obras de Filinto Elysio. Lisboa, 1836-1840.
- Frad. Men.* = Chronica da Ordem dos Frades Menores. Edição de José Joaquim Nunes. Coimbra, 1918.
- Gab. Soares* = Tratado descriptivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, publicado por F. A. Varnhagen. 2.^a edição. Rio de Janeiro, 1879.
- Garr., Fr. L. de Sousa* = Garrett, Frei Luis de Sousa.
- Garr., Cam.* = Garrett, Camões.
- Garr., Viagens* = Garrett, Viagens na minha Terra.
- G. Vic.* = Obras de Gil Vicente. Lisboa, 1852.
- H. Pinto* = Imagem da Vida Christã por Frei Heitor Pinto. Lisboa, 1843, Typographia Rollandiana.
- Herc., Eur.* = Eurico o Presbytero por A. Herculano. Lisboa, 1876.

- Herc., Lendas e Narr.* = Lendas e Narrativas por A. Herculano. Lisboa, 1858.
- Herc., M. de C.* = O Monge de Cister por A. Herculano. Lisboa, 1887.
- Hist. T. M.* = Historia Tragico-Maritima compilada por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa, 1904.
- Ined.* = Collecção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa. Lisboa, 1792. Acham-se nesta collecção varias chronicas de Fernão Lopes, Zurara, o Livro Vermelho e outras obras a que teremos occasião de nos referir.
- J. Ferr., Eufros.* = Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos. 1786.
- Itin.* = Itinerarios de India a Portugal por terra revistos e prefaciados por Antonio Baião. I. (até pag. 127) Itinerario de Antonio Tenreiro. II. Itinerario de Mestre Affonso. Coimbra, 1923.
- Leite de Vasc., Textos Arch.* = Textos Archaicos pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1908.
- L. da Mont.* = Livro da Montaria por D. João I.
- L. de Esopo* = O Livro de Esopo. Edição Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1906.
- Mor., Palm.* = Chronica de Palmeirim de Inglaterra por Francisco de Moraes. Lisboa, 1786.
- Mend. Journ. de Afr.* = Jornada de Africa por Jeronymo de Mendonça. Lisboa, 1904.
- Nunes, Chrest. Arch.* = Chrestomathia Archaica por José Joaquim Nunes. Lisboa, 1906.
- Ord. D. Man.* = Ordenações de D. Manuel. Coimbra, 1797.
- Pina, D. Du.* = Chronica del-rei D. Duarte por Ruy de Pina. Lisboa, 1901.
- Port. Mon. Hist.* = Portugaliae Monumenta Historica.
- Sá de Mir.* = Obras de Sá de Miranda. Edição D. Carolina de Michaellis (Onde ha indicação de volume, seguiu-se a edição rollandiana).
- Sam. Usque* = Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel por Samuel Usque. Coimbra, 1906.
- S. Amaro* = A Vida de Santo Amaro. Texto publicado por Otto Klob na Romania.
- S. Graal* = A Historia dos Cavalleiros da mesa redonda e da demanda do Santo Graal. Edição Reinhardtstoettner. Berlim, 1887.
- S. Josaph.* = Texto critico da Lenda dos Santos Barlaão e Josaphate por G. de Vasconcellos - Abreu. Lisboa, 1898.

- S. Mar. Egyp.* = S. Maria Egypciaca na Revista Lusitana.
- Santos, Eth.* = Ethiopia oriental por Fr. João dos Santos. Lisboa, 1891.
- Sousa, Arceb.* = Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres por Frei Luis de Cacegas, reformada em estilo e ordem, etc., por Fr. Luis de Sousa, Lisboa, 1842, Typographia Rollandiana.
- Vieira, Serm.* = Sermões do Padre Antonio Vieira (Todas as referencias são feitas ao texto dos volumes da 1.ª edição).
- Vieira, Cartas* = Cartas do Padre Antonio Vieira. Lisboa, 1885. (Foi tambem consultada a edição de J. Lucio de Azevedo).
- Virt. Bemf.* = O Livro da Virtuosa Bemfeitoria (Collecção de Manuscritos Ineditos). Porto, 1910.
- Zur., Guiné* = Chronica do descobrimento e conquista de Guiné por Gomes Eannes de Zurara. Paris, 1841 (As chronicas de D. Pedro de Menezes e D. Duarte de Menezes do mesmo Autor acham-se na Collecção de Ineditos).
-

Introdução

Historia resumida da Língua Portugueza

Do latim procedem os diversos idiomas chamados românicos, romances ou neo-latinos. O dominio destes idiomas abrange na Europa, a partir de este para oeste, a Rumania, como região isolada, a Italia (comprehendendo a borda do Adriatico com o Trieste e toda a Dalmacia), parte da Suissa, a França com parte da Belgica e finalmente a Peninsula Iberica. Para o linguista todo este dominio constitue a Romania.

Os idiomas neo-latinos não ficaram localizados sómente na Europa. Com a colonisação que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da Africa e da Asia e em grande extensão do continente americano, passaram a ser faladas as respectivas linguas também nest'outras partes do mundo. Assim veio o portuguez ao Brasil, e o hespanhol á America hespanhola.

Não ha rigoroso accordo entre os homens de sciencia sobre a classificaçào dos diversos falares da Romania; mas está assentado hoje que não deve prevalecer sómente a divisão politica, nem se deve attender só ao desenvolvimento literario. Nas diversas regiões onde imperam as linguas literarias, ha dialectos muito notaveis que a sciencia não pode desprezar. De alguns delles o estudo está apenas no inicio, e isto difficulta sobremodo a classificaçào.

Segundo Meyer-Lübke, dividem-se as linguas românicas em: rumeno, dalmatico, retico, italiano, sardo, provençal, francez, hespanhol e portuguez. Cada um destes idiomas comprehende por sua vez uma serie de dialectos.

Todas estas linguas e dialectos originaram-se do latim; não do latim literario, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado.

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de accommodar-se a antigos habitos de pronuncia dos povos que o adoptaram, habitos em que os povos differiam uns dos outros. E as modificações se davam não sómente porque os órgãos de phonação, habituados aos sons indigenas, sentiam difficuldades em reproduzir sons estranhos, mas tambem porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Entre dialecto e lingua não ha differença essencial senão a circumstancia de ser a lingua aquelle dialecto que, entre outros muitos usados no mesmo paiz, se preferiu empregar como linguagem de chancellaria, servindo para a escriptura de todos os documentos officiaes. O dialecto, que se adoptou na côrte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas produções literarias.

Ao cabo de algum tempo a lingua assim constituida emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caracter de uniformidade, submettendo-a a regras de bom gosto e a normas grammaticaes mais fixas; introduzem-se nella expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialecto, agora lingua official, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por plebéas, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina.

As innovações, tomadas ao latim ou a outro idioma, pronunciavam-se com terminações e formas similares ás que já andavam em voga. Fazia-se sentir a acção da analogia. Mas já agora os homens, ao reproduzirem sons estranhos, tinham mais facilidade do que na epoca em que pela vez primeira aprenderam o latim e o substituíram ao falar nativo. Vocabulos que então penetram no idioma, os chamados vocabulos de origem erudita ou culta, não estão sujeitos ás mesmas alterações phoneticas de outrora.

Em Portugal foi entre os dialectos falados no norte

do paiz que se tomou aquelle que constituiu a lingua portugueza. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o gallegio-portuguez, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

Os mais antigos documentos escriptos em portuguez que se conhecem, datam do seculo XII. Vê-se por elles que o idioma se formou em epoca muito mais antiga, pois a linguagem nos apparece já bem caracterisada e mais semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestigios de portuguez que se encontram em documentos de latim barbaro do seculo IX.

Tomado o seculo XII como inicio do portuguez historico, distinguiremos na evolução do idioma dous periodos principaes: o do portuguez antigo, que é a linguagem escripta usada até fins do seculo XV e ainda nos primeiros annos do seculo seguinte; e o do portuguez moderno, que é a linguagem empregada dessa epoca em diante.

O portuguez antigo legou-nos, alem dos textos de leis, foraes, ordenações, etc., os Cancioneiros, a historia do Santo Graal, a de S. Amaro, a lenda de S. Barlaão e S. Josaphate, o livro de Esopo, o Livro da Côrte Imperial, o da Virtuosa Bemfeitoria, o livro da Montaria de D. João I, o Leal Conselheiro e Arte de cavalgar de D. Duarte, a Chronica dos Frades Menores, as Chronicas de Fernão Lopes, Zurara e Ruy de Pina e varias outras obras. Alguns textos têm sido publicados ultimamente e ha outros ainda por publicar.

Mostram esses differentes escriptos não ser o vocabulario portuguez de exclusiva procedencia latina. Outros povos que depois dos Romanos dominaram a peninsula iberica deviam deixar vestigios de sua passagem. Nota-se principalmente no portuguez antigo a adopção de varios termos de origem arabe.

O portuguez moderno subdivide-se nas phases quinhentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admittir como transição entre estas duas ultimas a phase setecentista.

São notaveis, sobretudo, os escriptores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escripta mais de accordo com o falar corrente, que nessa epoca se achava bastante diferenciado do falar

de dous ou tres seculos atraz. Modernisaram a linguagem e tornaram-na tambem mais elegante.

Publicaram-se em portuguez quinhentista alguns romances de cavallaria, como a Historia do Imperador Clarimundo de João de Barros, e o Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes; mas a epoca foi sobretudo fecunda no genero propriamente poetico e em narrações e descripções relativas ás conquistas de ultra-mar. Sá de Miranda e Antonio Ferreira escrevem poesias e fundam o theatro portuguez. São seus contemporaneos muitos outros escriptores igualmente illustres. A todos porem excedeo Luis de Camões com o immortal poema dos Lusíadas publicado em 1572.

Camões não foi propriamente o creador do portuguez moderno porque essa nova linguagem escripta já vinha empregada por outros escriptores. Libertou-a, sim, de alguns archaismos e foi um artista consummado e sem rival em burilar a frase portugueza, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéas de modo elegante, energico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoneana, a sua influencia fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

Entre as obras em prosa da era quinhentista cabe o primeiro lugar, quer pela excellente linguagem, quer pelos vastos conhecimentos do autor, ás Decadas de João de Barros publicadas entre 1552 e 1563, em cujas narrações se inspirou por vezes o autor dos Lusíadas. Diogo de Couto foi digno continuador das Decadas.

Historiadores contemporaneos de João de Barros foram: Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes, Gaspar Corrêa e outros.

No genero viagens sobresaem, entre outras obras, as Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e a Ethiopia Oriental de Fr. João dos Santos. As cousas novas e curiosas do Brasil descrevem-nas minuciosamente Magalhães de Gandavo, Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, este já em principios do seculo XVII.

Nas descripções dos paizes de ultra-mar se revela o enriquecimento do vocabulario portuguez, de um lado com

termos asiaticos e africanos, de outro lado com expressões das linguas brasilicas.

Lugar á parte occupam na literatura quinhentista as comedias, autos e farças. São de valia inapreciavel para o conhecimento da linguagem popular da epoca. Avultam entre as producções deste genero os Autos de Antonio Prestes, de Chiado e de Jeronymo Ribeiro, a Eufrosina e Ulysippo de Jorge Ferreira de Vasconcellos e o thesoûro riquissimo das obras de Gil Vicente.

A era seiscentista caracteriza-se sobretudo pelas obras moralistas, sermões, historias da vida e milagres de santos, etc. Esta orientação literaria não é inteiramente nova; teve tambem seus representantes no seculo anterior em escriptores como Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arraiz, João de Lucena e outros. Por fins do seculo XVI e primeiros annos do seculo XVII viveram e escreveram Frei Luis de Sousa e Rodrigues Lobo. As historias da literatura portugueza costumam incluil-os na epoca seiscentista. Usam estes escriptores ainda de certas expressões proprias da epoca precedente e devem ser considerados, na historia da linguagem, como representantes do periodo de transição.

O vulto mais notavel de toda a nova epoca é sem duvida o padre Antonio Vieira, em cujos sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de lingua portugueza.

Singularisa-se pela elegancia de estilo e facilidade em cultivar diversos generos literarios o polygrapho D. Francisco Manoel de Mello.

Mais moderno que estes dous escriptores é o padre Manoel Bernardes, autor da Nova Floresta, de Luz e Calor e outras obras.

Em poesia deu-nos a epoca seiscentista a Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro e a Ulysippo de Sousa de Macedo, poemas modelados sobre os Lusíadas.

Á producção literaria em lingua portugueza do seculo XVII costuma-se chamar escola gongorica. Ha exagero neste qualificativo. Applicavel embora a certas obras de ficção, que hoje se acham na maior parte esquecidas, não se pode entretanto affirmar que revelem a mesma decadencia de linguagem os escriptos de um Vieira, de um Bernardes, de um Francisco Manoel de Mello, ou de um Frei

Luis de Sousa ou Rodrigues Lobo, autores mais antigos, porem computados na mesma escola. Encontram-se em alguns por vezes trechos cuja linguagem hoje nos parece amaneirada. Explicam-se essas singularidades, nomeadamente nos sermões, pela argumentação propria da escolastica de que se serviam os seus autores. Em exposições meramente narrativas ou descriptivas usam todavia de linguagem simplés, natural e elegante, como a que empregavam os quinhentistas.

O seculo XVIII é o das academias literarias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na grammatica e contextura da linguagem. Mas a attenção dos homens de letras vai-se dirigindo para França, centro de grande movimento intellectual como de revolução politica. A cultura franceza e a lingua franceza passam a ser, em Portugal como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a philosophia, as instituições politicas e sociaes. E assim penetram no idioma portuguez vocabulos creados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilisação moderna. Reagem os puristas contra a onda de gallicismos que, segundo imaginam, ameaça demolir tudo quanto é vernaculo. Consegue-se abafar varias expressões superfluas; mas aquellas que satisfazem a necessidades reaes, que exprimem com clareza e precisão idéas novas, incorporam-se definitivamente ao idioma.

O enriquecimento do vocabulario com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no portuguez hodierno. Perdura tambem a reacção purista, implacavel em alguns casos, e complacente em muitos outros.

Alterações phoneticas do latim vulgar

I. Vogaes

U tonico pronunciado em latim como vogal longa passou ao portuguez sem soffrer modificações: *uva* (ūva), *lume* (lūmen), *luz* (lūce-), *duro* (dūru-), *fumo* (fūmu-), *puro* (pūru-), *cura* (cūra-), etc.

U tonico que em latim classico era breve por natureza ou cuja pronuncia era forçadamente de pouca dura, por vir seguido de consoante geminada ou de um grupo de consoantes differentes, apparece em nosso idioma ora como *u*, ora alterado em *o*: *boca* < būcca-; *gota* < gūtta-; *cruz* < crūce-; *noz* < nūce-; *junto* < junctū-; *ponto* < punctū-; *onde* < unde; *onda* < unda; *munido* < mundū-; *fundo* < fundū-; *torre* < turre-; *surdo* < surdū-; *tordo* < turdū-; *torpe* < turpe-; *somma* < summa-, etc.

A causa desta disparidade deve procurar-se na pronuncia da vogal em latim vulgar; *u* breve do latim classico soaria aqui como um phonema intermediario entre *u* e *o* fechado, ou, se não estava fixada a pronuncia, oscillaria entre estas duas vogaes, proferindo-se ora de um modo, ora de outro. Como quer que fosse, certo é que por fim se decide a preferencia ora por uma vogal, ora por outra, não só nos diversos vocabulos de um mesmo idioma, mas ainda nos diversos idiomas romanicos quanto aos vocabulos considerados isoladamente. Comparem-se port. *noz*, *cruz* e ital. *noce*, *croce*; port. *junto*, *ponto*, hesp. e ital. *junto*, *punto*; port. *surdo*, *tordo*,

hespanhol e ital. *sordo*, *tordo* (genov. *turdu*); port. e hesp. *torpe* e ital. *turpe*; port. e hesp. *mondo*, ital. *mondo*, fr. *monde*; prov. *ongla*, catal. *ungla*, fr. *ongle*, port. *unha*, etc.

Roto, procede de *ruttu* < ruptu-. Nas palavras em que entra a combinação *uct-*, de latim classico, simplificada depois em *utt-*, a vogal *u* resiste em portuguez á mudança em *o*: *fructo*, *producto* (ital. *prodotto*), *lucto*, *lucta* (ital. *lotta*). Compare-se tambem o port. *muito* com o ital. *molto* < lat. *multu-*.

Desapparecidos certos suffixos latinos, ficou a muitas palavras por terminação a vogal *u*, que passou a pronunciar-se como *o* na peninsula Iberica e na Italia. Ainda hoje se profere em italiano e em hespanhol este phonema terminal vibrando as cordas vocaes como succede com *o* tonico, de que differe pela menor intensidade. Em portuguez porem a pronuncia actual differe da primitiva. Falta presentemente á vogal atona com que as palavras se terminam, a sonoridade que tão clara se percebe no castelhano. Proferindo o dito *o* atono, ou damos mui fraco movimento ás cordas vocaes, ou as deixamos em completo repouso, e, dando á boca a forma propria á prolação do phonema, fazemos ouvir uma vogal cochichada que tanto pode ser *o* como *u*.

I tonico medial, pronunciado em latim demoradamente, conservou em portuguez o valor de *i*: *vida* (*vīta-*), *pinho* (*pīnu-*), *vinho* (*vīnu-*), *amigo* (*amīcu-*), etc. Mudou-se-lhe porem o timbre em *e* onde em latim tinha valor de phonema breve, quer por natureza, quer pela necessidade de articular depois da tónica uma consoante geminada ou grupos de consoantes differentes: *secco* (*siccu-*), *menos* (*mīnus*), *penna* (*pinna-*), *pero* (*pīru-*), *verga* (*virga-*), *cerca* (*circa-*), *elle* (*ille*), *cabello* (*capillu-*), *pelo* (*pīlu*), etc. *Villa* soava em latim *villa* (V. Bourciez, Ling. Romane p. 41).

Prevaleceu a regra tambem nos casos de desaparecimento de certos phonemas no interior do vocabulo: *dedo* (*dīgitu*), *verde* (*vīride*), *seta* (*sagitta*), *sello* (*sigillu-*), etc. A mesma alteração vocalica observa-se em *-elho*, *-elha*, resultantes de *-īculu-*, *īcula-*: *ovelha* (*ovīcula-*), *orelha* (*aurīcula-*), *abelha* (*apīcula-*), *artelho* (*artīculu-*), etc.

Coelho ou é formação analogica portugueza, ou originou-se de *cuniculu-*, por *cunīcūlu-*.

Contrariamente á regra, conservou-se *ĩ* tónico nas terminações *-iciu-*, *itiu-*, talvez por influencia do segundo *i*: *vicio* (*vītiu-*), *officio* (*offīciu-*), etc. A par da terminação *-iça* (*-itia*) existe a forma romanisada *-eza* (com *e* tónico): *justiça* e *justeza*, *malicia* e port. ant. *malleza*, etc.

O latim *scribere* (com *i* longo) deu em port. *escrever* (e não *escriver*) por analogia de *beber*, *receber*, *dever*, etc.

i final atono converteu-se em *e* atono e, á semelhança de *o* atono em igual posição, soa fracamente na pronuncia actual portugueza. Tanto *i* como *e*, sendo vogaes atonas, desaparecem quando se acham no interior da palavra, entre consoantes que sem a vogal constituem combinações de pronuncia facil: *asno* (*asinu-*), *tenro* (*teneru-*), *ermo* (*eremu-*), *obra* (*opera-*), *verde* (*viride-*), etc.

Nos derivados em *-idade* ha exemplos de manutenção: *facilidade* a par de *faculdade*, *urbanidade* a par de *divindade*, etc. Entraram na linguagem em epoca relativamente moderna.

Os ditongos *ae*, *oe* do latim classico estavam desde longo tempo simplificados em *e* quando se formaram os idiomas romanicos. Foi maior a vitalidade do ditongo *au*, mas houve sempre tendencia, principalmente em certas regiões, para transformal-o em *ou* e simplifical-o por ultimo na vogal *o*. Assim veio de lat. *auru-* port. *ouro*, hesp. e ital. *oro*, fr. *or*; *paucu-* deu port. *pouco*, ital. e hesp. *poco*, catal. *poc*. A par deste ditongo antigo surgiu, em lat. vulgar, outro ditongo *au* resultante de *al* nas combinações *alte*, *alcē* nos vocabulos **auteru* (**autru*) < *alteru*, **fauce* < *falce*, **cauce* < *calce*). Tambem não tardou a simplificar-se: port. *outro*, fr. *autre*, hesp. *otro*; port. *fouce*, fr. *faux*; port. *couce*. Assim alterados, introduziram-se em lingua portugueza os ditos vocabulos e outros semelhantes, parte directamente, parte por analogia; mas o povo que os recebeu sabia pronunciar o ditongo *au* com facilidade e assim poude revivel-o em *auto* (de *actu* e *aptu*), *trato* (de *tractu*) e em palavras recebidas ulteriormente, como *pausa* (a par de *pouso*), *causa* (a par de *cousa*), etc.

Por vocalisação de consoante desenvolveram-se, alem de *au*, os ditongos *ou* de *oc*, *ui* de *uc* e *ul*, *ei* de *ec* e *ep*,

quando seguidos estes grupos de consoante dental, como mostraremos ao tratar das consoantes.

Outro processo a que se deve a formação de ditongo é o contacto de duas vogaes, quer em virtude do desaparecimento de uma consoante intermediaria, como em *mais* (*magis*), *raio* (*radiu-*), *meio* (*mediu-*), quer por effeito de metathese, como em *contraio* (*contrariu-*), *primeiro* < *primairo* (*primariu-*), *raiva* (*rabia-*), *ajudoiro* (*adjutoriu-*). Na evolução das formas verbaes constituiu-se como uma das terminações da 3.^a conjugação o ditongo *iu*: *seguiu*, *destruiu*, etc.

2. Consoantes

Em portuguez, como em hespanhol, passaram de surdas a sonoras as oclusivas latinas *p*, *t*, *k* (graphia *c*), em posição media, usadas depois de uma vogal: a) como consoantes simples: *riba* (ripa-), *vida* (vita-), *lago* (lacu-), *fogo* (focu-), *jogo* (jocu-), *mudo* (mutu-), *figo* (ficu-), *lado* (latu-), *amigo* (amicu-), *agudo* (acutu-) *espada* (spatua-), *roda* (rota-); b) nas combinações *pr*, *tr*, *cr*: *cabra* (capra-), *obra* (op(e)ra-), *vidro* (vitru-), *pedra* (petra-), *sogro* (soc(e)ru-), *padre* (patre-), *madre* (matre-).

Esta modificação das oclusivas produziu-se, nos citados exemplos, por effeito da sonoridade da vogal tónica precedente. Trata-se portanto aqui de um caso de assimilação parcial progressiva. Próferida a vogal tónica com certa demora, estendeu-se, por inercia, a vibração das cordas vocaes á consoante oclusiva. Favorecia a esta vibração prolongada a vogal precedente longa, como o era as mais das vezes em latim a tónica seguida de oclusiva simples. É de suppor que, na Península Iberica, se passasse tambem a pronunciar com alongamento a tónica que em latim classico fora breve, quer antes de oclusiva simples, quer antes das combinações *pr*, *tr*, *cr*. Assim procederia *roda* de *rōta* < *rōta*; *padre* de *pātre* < *pātre*. Notamos ainda hoje certa demora na pronuncia de vogal anterior a *b*, *d*, *g*. (Confrontem-se *errada* e *errata*, *lado* e *lato*, *quadro* e *quatro*, *figo* e *fico*). A mudança de *u* tónico em *o* e de *i* tónico em *e*, como vimos atraz, ter-se-ia dado em epoca anterior á do alongamento: *lāpu* > *lōpo* > *tōpo* > *lobo*; *pūtire* > *pōtre* > *pōtre* > *podre*; *cīto* > *cēto* > *cēto* > *cedo*.

É claro que o processo da sonorisação consonantal se havia de applicar, por analogia, aos vocabulos derivados e a outros casos em que a vogal já não era nem longa nem tónica. Nos verbos, desde que se tornava sonora a oclusiva das formas rhizotónicas, pronunciando-se *pago*, *pagas*

por *paco*, *pacas*, e *mudo*, *mudas* por *muta*, *mutas*, tambem se passou a dizer *pagamos*, *mudamos*, *pagar*, *mudar*, por *pacamos*, *mutamos*, *pacar*, *mutar*.

Nos vocabulos esdruxulos a sonoridade da vogal tonica reflectiu-se sobre a consoante da syllaba final, ora deixando intacta a consoante mais proxima, como *etego* (de *hecticu-*), ora abrangendo-a igualmente, como em *padroãdigo*, *sodomidigo* (substituido mais tarde por *sodomitico*), *achádego*, etc. Deste processo do port. ant. subsistem ainda *clerigo* (de *clericu-*), *conego* (de *canonicu-*), *estomago* (de *stomachu-*), *pecego* ou *pessego* (de *persicu-*), *amargo* < **amarego* (de *amaricu-*) e poucas mais.

O suffixo latino *-itāt-* tomou a forma *-idade*, e *-dade* (com absorpção de *i*): *felicidade* (de *felicitate-*), *verdade* por *veridade* (de *veritate*), *bondade* (por *bonidade*), etc. Sonorisou-se aqui, pelo processo normal, a consoante post-tonica, e sonorizou-se tambem a consoante pre-tonica.

Esta alteração da syllaba *ta* em *da* é devida, parte á influencia regressiva da syllaba final, parte á presença da syllaba anterior com vogal *i*, cuja pronuncia excessivamente breve fez reproduzir-se na consoante oclusiva phenomeno analogo ao que observamos nas palavras esdruxulas. A sonorisação não se poude effectuar em *ta* do vocabulo *voluntade* (de *voluntate-*) por vir aqui a dental encostada directamente a outra consoante.

Sonorisação da oclusiva precedida de *i*, observa-se ainda em *cidade* (de *ci(vi)tate-*), *delgado* (de *delicatu-*), *amargoso* (de *amaricosu-*) á semelhança do já citado *amargo*, etc.

Seguida das geminadas *cc* (pronuncia *kk*), *pp*, *tt*, ou dos grupos *pt*, *ct*, ou de outra qualquer combinação de consoantes surdas, pronunciava-se a vogal tonica com decidida rapidez, cessando a vibração das cordas vocaes bruscamente para fazer sentir a demora propria da geminada surda ou a articulação das duas surdas differentes. Daqui procede o ficarem inalterados *c* e *t* em *boca* (de *bucca-*), *vacca* (de *vacca-*), *gota* (de *gutta-*), *dito* (de *dictu-*), *escrito* (de *scriptu-*), etc. Se nos grupos *ct* e *pt* a primeira consoante se resolvia em phonema que ia constituir ditongo com a vogal antecedente, esse novo phonema, tendo o valor de subjuntiva ou consoante, não possuia sono-

ridade bastante para influir sobre a explosiva surda *t*: *oito* (de *octo*), *noite* ou *noite* (de *nocte-*), *peito* (de *pectu-*), *receita* (de *recepta-*), etc.

Vogal tónica seguida de *lp*, *lt*, *le*, *rp*, *rt*, *rc*, *rs* não podia de modo nenhum exercer acção sobre o segundo phonema do grupo consonantal. Assim se conservaram como em latim: *culpa*, *consulta*, *alto*, *calculo*, *falso*, *arca*, *barca*, *porta*, *porto*, *forca* (*furca*), *forte*, *morto*, *parte*, *arte*, *pulso*, *sorte*, *marca*, *diverso*, *persa*, *polpa* (*pulpa*), etc. Se a vibrante e lateral tivessem aqui o mesmo valor que tem em *sala*, *caro*, podiam por ventura comunicar a sonoridade ao phonema contiguo *p*, *t*, *c*, *s*. Mas a vibrante e a lateral soam nestas combinações sempre como consoantes surdas. Percebe-se bem este facto pronunciando *sala*, *saldo* e depois *salto*, *culto*, assim como *mora*, *morde*, e depois *morte*, *parte*, e verificando, com o dorso da mão collocado na parte anterior da garganta, a vibração das cordas vocaes. O resultado será positivo no primeiro caso e negativo no segundo.

Quanto ás constrictivas surdas, notamos que sentiram a acção da vogal tónica, porem não de modo identico ao caso das oclusivas.

São poucos os vocabulos com *f* simples intervocalico procedentes do latim. Neste limitado campo de observação apparecem com a consoante sonorizada *proveito* (*profectu*), e antigos verbos em *-ivicar* < *ificar*.

Abrego de *africu*, *ourives* de *aurifice*, *trevo* de **trefolo* < *trifoliu-* e *Estevão* de *Stephanu-* mostram que a sonorisação se fazia tambem em vocabulos de pronuncia esdruxula.

Passou de surda a sonora a constrictiva *s*, usada em posição medial, como consoante simples e precedida e seguida de vogal. Realisou-se este processo sempre que a vogal precedente correspondia a uma tónica longa em latim classico: *uso*, *caso*, suffixo *-oso*, *improviso*, etc. Alongamento ulterior da tónica explica a sonorisação da constrictiva em *casa*, *rosa*, etc. A articulação demorada da geminada *ss* compensava-se antecipadamente com a pouca dura de vibração das cordas vocaes ao ser proferida a tónica, continuando portanto surda a sibilante em *osso*, *fosso*, *promessa*, *classe*, *passo*, *sucesso*, *processo*, etc.

Vogaes tonicæ nasæes não alteram o valor surdo de *s* + vogal da syllaba seguinte; convertendo-se porem em vogaes puras, communicam a sonoridade á sibilante: *mesa* (mensa), *defesa* (defensa), *preso*, *acceso*, etc.

A sibilante media seguida de vogal differe essencialmente das oclusivas medias em adquirir sonoridade de um ditongo precedente: *causa*, *repouso*, *lousa*, *deuses*, *pausa*, etc. Este processo, facilitado aliás pela propria articulação da constrictiva, deu-se talvez em epocha diversa daquella em que certos grupos consonantæes tiveram uma das oclusivas resolvida em subjuntiva de ditongo (*oct* > *out*; *ept* > *eit*).

Empregando-se a letra *s* para representar a sibilante, sabe-se que em posição intervocalica o symbolo simples traduz modernamente em muitos idiomas a pronuncia sonora, e o symbolo duplicado corresponde á consoante surda. Prevalecendo esta convenção orthographica em lingua portugueza, é certo que as regras de pronuncia hoje observadas remontam a varios seculos. Podem suscitar duvida certos casos de divergencia encontraveis em escriptos antigos. A frequente troca de *s* por *ss*, e *ss* por *s*, que se nos depara nos documentos anteriores ao seculo XVI, é naturalmente devida á circumstancia de, naquelle tempo, não se haver ainda fixado o systema orthographico. Alguns casos analogos de confusão poderiam ainda persistir nos primeiros tempos do port. mod. Mas os exemplos de rima de *isso* com *riso*, *siso*, *paraíso*, de *missa* com *camisa* (G. Vic. 3, 17; 3, 22; 3, 140; 3, 156; 3, 46; 3, 40) mostram que, a par da pronuncia culta, ouvia-se em Portugal, pelo menos em certas regiões, *s* simples intervocalico como sibilante surda á semelhança do que se dá na lingua hespanhola, onde a *s* intervocalico se attribue o mesmo valor que a *s* inicial.

Alem do processo de sonorisação de consoante intervocalica por effeito da tónica precedente, houve tambem o da sonorisação anticipada por influencia da tónica subsequente: *seguro* (securu-), *maduro* (maturu-), *cegonha* (ciconia-), *sabor* (sapore-), *cabello* (capillu-), *lagosta* (locusta-), *agora* (hac hora), etc. É o caso da assimilação parcial regressiva.

Ao constituir-se o idioma portuguez, a oclusiva *b*

do latim classico, vindo em posição intervocalica, pronunciava-se como constrictiva. Este facto é attestado pelos vocabulos *dever* (debere), *haver* (habere), *trave* (trabe), *fava* (faba), *escrever* (scribere), *cavallo* (caballu), e outros. Nestas palavras perdura ainda hoje a pronuncia do *v*. Em outras restabeleceu-se a consoante antiga por influencia erudita. *Beve*, *bevado*, *avorrecer*, *tavoa* (tabula), *tavoadada*, *avondar* (abundare), usados ainda em linguagem quinhentista, volveram a *bebe*, *bebado*, *aborrecer*, *taboa*, *taboadada*, *abundar*..

Quanto a *v* intervocalico do lat. classico, sabemos que em port. ant. se representava pelo symbolo *u*. Como a graphia daquelle tempo applicava as letras *u* e *v* sem discriminação de consoante ou vogal, não podemos decidir qual seria o valor exacto do phonema. A pronuncia hodierna articula com firmeza a constrictiva *v* em *ave*, *vivo*, *grave*, *suave*, *oitavo*, *breve*, *ovo*, *novo*, *uva*, *cavar*; mas não ha certeza se nestes e noutros vocabulos analogos a intervocalica soava de modo identico em port. ant. Admittindo que soasse, é facto em todo o caso curioso o amortecimento e desaparecimento de *v* em *rio* (rivu-), e geralmente na terminação *-io*, do suffixo *-ivu*: *vazio* (vacivu-), *estio* (aestivu-), *sadio* (sa(n)ativu-), *fugidio* (fugitivu-), etc. A facil absorpção do phonema nest'outras palavras leva a crer que elle soasse aqui como a consoante *w* em inglez; de sorte que teríamos *rio* < *rivo* < *rivo*; *vazio* < *vazivo* < *vazivo*, etc.

A consoante *g* precedida de vogal e seguida de *a*, *o*, *u*, soaria, na phase da formação do portuguez, como occlusiva, do mesmo modo que em lat. classico, a julgar pela pronuncia que se conservou em *chaga*, *agouro*, *jugo*, *agosto*, *pagão*, *castigar*, *rogar*, *legume*, *praga*. Mas esta maneira de articular a consoante não seria um facto geral, porque não explica satisfatoriamente a mudança do phonema e sua absorpção em *praia* (de *plaga*-), *vaadio* (de *vagativu*-), *real* (de *regal*-), *meestre* < *maestre* (de *magistre*-), *secta* < *saeta* (de *sagitta*-), *leer* (de *legere*), *leal* (de *legal*-), e *eu* (de *ego*). Parece tratar-se antes de uma pronuncia variavel, que oscillaria em *g* e γ , á semelhança do que succede em allemão moderno, e que em certos casos, pelo menos, se daria preferencia a γ .

É physiologicamente mais facil passar da fricativa *ɣ* para *i* do que da oclusiva *g* para *i*, e mais facil é tambem que *vaadio* se originaria de *va, adivo* < *vugadivo*; *real* < *rexal* < *regal*.

De *eyo*, e não directamente de *ego*, procederia tanto o port. *eu*, como hesp. *yo*, ital. *io*, etc.

Se *v* e *g* intervocalicos, preexistentes em latim, puderam persistir em muitos vocabulos portuguezes, outro tanto não succedeu a *d* intervocalico de igual procedencia: *paraiso* (paradis-), *seer*, depois *ser* (sedere), *veer* (vedere), *creer* (credere), *pee*, depois *pé* (pede-), *roer* (rodere), etc. Ao mesmo tempo que a dental surda, em posição media, era sonorizada pela vogal tónica a que se encostava, a dental sonora preexistente, em igual posição, era absorvida pela mesma vogal tónica. Esta consoante soava talvez como fricativa*), ao passo que a outra era oclusiva.

Do amortecimento da dental em **loudar* (de *laudare*), **oudir* (de *audire*) e **goudir* (de *gaudere*) resultou desdobrar-se *u* em *uv*, tornando-se estas palavras em *louvar*, *ouvir*, e *gouvir* (verbo este que ocorre em port. ant. e em Ord. D. Man. 5, tit. 52, e 2, tit. 38, em concorrência com *gozar*, o qual acabou por supplantal-o).

N intervocalico em uns casos conservou-se como consoante; em outros nasalizou a vogal precedente. A vogal nasalizada em muitos vocabulos mudou-se ulteriormente em vogal pura.

L não geminado, entre vogaes, não se pode manter em *paço* (palatiu-), *door* (dolor-), *coobra* (< colobra < colubra-), < *poombo* (< paombo < palombo < palumbu-), *beesta* (< baesta < balista-), *quente* (< caente < calente), e em outros muitos vocabulos.

Conservou-se todavia em *pelo* ou *pello* (pilu), em *malo*, *mala* a par de *mão*, *maa* (*quem malas manhas ha Sá de Mir. 430*), *valer* e alguns outros.

É sobretudo notoria a absorpção de *l* nos suffixos *-ulu*, *-ula*, *-olu*, nas palavras cujo thema acaba em consoante labial; *parvoo* (parvulu-), *poboo* (populu-), *tavoa* (tabula-), *diavoo*, *diaboo* (diabolu-). Semelhantemente *perigoo*

*) É pronuncia conhecida ainda hoje em Portugal (Veja Gonçalves Vianna. Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes. Leipzig, Teubner, 1903).

(periculu-), não se dando aqui a mudança de que passamos a tratar.

Nas palavras formadas com o suffixo *-culu*, *-cula*, conservou-se o accento na vogal precedente, e o suffixo alterou-se em *lho*, *lha*: *espelho* (*speculu-*), *artelho* (*articulu-*), *orelha* (*auricula-*). É mudança difficil de explicar com o simples recurso do systema orthographico de que a principio dispunham as linguas romanicas para representar os diversos sons. Apparentemente, deu-se o primeiro passo na alteração phonetica, eliminando uma vogal: *-culu* > *-c'lu* > *c'lo*. Mas isto pouco adianta. Primeiro que tudo, a modificação em *lho*, *lha*, não se faria sem a previa sonorisação da consoante *k*, e o novo phonema devia ter qualidade palatal capaz de influir no phonema vizinho, palatalisando-o igualmente. Em vez de imaginar desde logo o desaparecimento da vogal entre as duas consoantes, deve-se antes suppor que ella persistisse a principio, e que não soaria rigorosamente como *u*, mas que, sendo atona, a sua pronuncia se aproximasse de *i*; teriamos pois *spek-ulu* > *spek-ilu* > *spe(g)ilu* ou *spe(γ)ilu*. Dar-se-ia depois metathese na terminação: *speilu* > *spe-liu*. Ao contrario da explicação antiga, que se limita a passar de um enigma a outro enigma maior, a que aqui proponho attende ás possibilidades physiologicas. Quanto ao desaparecimento da consoante, nada temos de acrescentar ao que atraz ficou dito sobre a palatal intervocalica.

Como puderam *vitulus*, *anulus*, *catulus* e outros semelhantes transformar-se em *vitellus*, *anellus*, *catellus*, etc.?

Q phenomeno importante é o da deslocação do accento tonico. Quanto ás outras modificações, são mais apparentes do que reaes. A graphia *ulus* não é prova de que naquelles proparoxytonos o primeiro *u* correspondesse sempre á pronuncia; é mais natural que o phonema *u* cedo se convertesse por dissimilação em *e* (se é que não soava quasi como *i*), pronunciando-se *vitelus*, *ánelus*, *cátelus*. Quando mais tarde se deu a deslocação do accento, definiu-se *o* em *e* fechado e a consoante geminada *ll* vinha então significar que o dito *e* recebia o icto forte e era ao mesmo tempo vogal breve. A evolução seria *vitulus* > *vitelus* > *vitellus*. Ulteriormente, *e* fechado podia tornar-se *e* aberto, como succede com o port. *vitela*, *cadela*, etc.

Persistiu *l* intervocalico naquelles vocabulos em que a lingua latina pronunciava a consoante geminadamente: *cabello* (capillu-), *cavallo* (caballu-), *pelle* (pelle-), *bello* (bellu-), *cuitello* e *cutello* (cultellu-), *castello* (castellu-) *valle* (valle-), *gallo* (gallu-), *villa* (villa-), *villão*, *mölle*, (molle-), etc. Vê-se que era nitida a articulação demorada do *ll*. Se, pelo contrario, a palavra tinha em igual posição sómente um *l* simples, a pronuncia da vogal affectava a consoante contigua, dando em resultado articulação enfraquecida e final desaparecimento da consoante *l*.

Os grupos consonantaes latinos *sp*, *st*, *sc* passaram inalterados ao portuguez quando mediaes, e com *e* prothetico quando iniciaes: *vespa*, *suspiro*, *peste*, *gosto*, *esperar*, *estar*, *mosca*, *escrever*, etc.

Os grupos consonantaes *rt*, *rd*, *rv*, *rp*, *rm*, *rn*, permaneceram intactos: *virtude*, *parte*, *corda*, *perder*, *corvo*, *servo*, *corpo*, *serpente*, *forma*, *romper*, *forno*, *tornar*, etc. A combinação *rb* transforma-se em *rv*: *erva* (erba-), *arvore* (arbo-re-). Grupos formados da lingual *l* com uma oclusiva (*lp*, *lt*, *lc*) persistiram em *culpa*, *alto*; em outros casos a lingual revelou-se instavel, vocalisando-se em *u* nas combinações *alt* > *aut* > *out*, *alc* > *auc* > *ouc*, e em *i* na combinação *ult* > *uit*: *outro* (alteru-), *couce* (calce-), *fouce* (falce-), *muito* (multu-), *cuitello* (cultellu-).

Dos grupos latinos constituidos por duas oclusivas (*ct*, *pt*) passou intacta ao portuguez a dental pronunciada por ultimo. Os phonemas *c* e *p* vocalisaram-se: a) em *u* nas combinações *act*, *apt*, *oct*: *auto* (actu-), *trauto* (tractu-), *auto* (aptu-), *bautismo* (baptismu-), *noute* (nocte-), *doutor* (doctor-); b) em *i* nas combinações *ect*, *ept*: *aspecto* (aspectu-), *aceito* (acceptu-), *respeito* (respectu-), *direito* (directu-). *Sete* filia-se ao lat. vulgar. *sette* < *septe*. Em *ipt*, *opt*, *ict* houve primeiro assimilação de uma consoante a outra, dando lugar ás geminadas *itt*, *ott*, *itt* em lat. vulgar, e dahi a dental simples em portuguez: *escrito* < *scrittu* < *scriptu*; *roto* < *rotto* < *ruptu*. De *uct* resultou a dupla forma *uit* e *ut* em *fruta* e *fruta*, *luta* e *luta*, *truita* e *truta*, prevalecendo porem a pronuncia *ut*.

A oclusiva *p*, consoante de transição no grupo latino *mpt* deixou de subsistir desde o momento em que *m* perdia seu valor de consoante labial, indo nasalisar a vogal pre-

cedente. Pronunciou-se *prõnto* (lat. *promptu-*), *assũnto* (lat. *assumptu-*), *isento* (lat. *exemptu-*). Por outra parte, gerou-se em port. entre *m* e *r*, em virtude de supressão da vogal intermediaria, a labial de transição *b*: *hombro* < *hum'ru* < *humeru*.

dv reduziu-se a *v*: *avogado* (advocatu-), *aversario* (adversariu-).

mm simplificou-se *n*: *dano*, *sono*, *condenar*.

O grupo *gn* em *agn*, *ogn* e *ugn* adquiriu o valor do phonema que hoje representamos com *nh*: *tamanho* (tam magnu-), *camanho* (quam magnu-), *anho* (agnu-), *punho*, *punha* (pugna-), *repunhancia* (linguagem encontravel em escriptores quinhentistas), *conhecer* (cognosce-re), *cunhado* (cognatu-).

A combinação *ign* simplifica-se em *in*: *sino* (signu-), *dino* (dignu-), *ensinar*, etc. O latim *insigne* vem romanceado em quinhentistas (Heitor Pinto) ora como *insigne* ora como *insinhe*. Á reacção erudita deve-se o restabelecimento de *gn* em varios casos.

Nos grupos *rs*, *bs*, persiste a sibilante, e desfaz-se a articulação da vibrante e da oclusiva, podendo esta resolver-se em *u*. Nos vocabulos *usso* (ursu-), *dosso* (dorsu-), *cosso* (< corso < cursu-), e seu derivado *cossairo*, *cossario* restabeleceu o port. mod. *rs*, por influencia da linguagem culta. Outro tanto não succedeu com *avesso* (adversu-), *travesso* (travessu-), *pessego* ou *pecego* (persicu-) e *pessoa* (persona-).

Da alteração do grupo *bs* são exemplos *ausente* (absente-), *assolver*, *assoluto*, *ausoluto* (absolvere, absolutu-), *asconder*, *esconder* (abscondere).

Quanto á mudança dos grupos *cl*, *fl*, *pl* na consoante chiante, veja-se pags. 33-35 desta obra.

Os sons em portuguez e sua representação

Cabe á grammatica historica traçar e explicar, primeiro que tudo, as diversas modificações por que passaram os phonemas de uma lingua no decorrer dos seculos. Da phase primitiva tratámos nas paginas precedentes. Daqui em diante teremos de attender ao objectivo bem definido da presente obra. Só incidentalmente nos occuparemos da epoca durante a qual o latim ou romanico, em certa parte da peninsula iberica, se foi transformando em idioma portuguez. Não cotejaremos phonetica portugueza com phonetica latina, e sim textos portuguezes com textos portuguezes, os quaes durante longo periodo não offerecem á pesquisa phonetica outra informação mais que as letras representadoras dos phonemas.

Espinhosa e ardua, portanto, a estrada que permite chegarmos a resultados positivos. De boa mente cremos que a pronuncia dos lusitanos da era de D. Duarte diversificava bastante do falar dos tempos de D. Affonso Henriques, e que, proferidas por Filinto Elysio, as palavras já não soavam exactamente como em boca de Camões ou de Vieira. Mas as palavras de todos estes tempos voaram e desapareceram; ficaram sómente os escriptos. E nestes ha mais semelhança que disparidade, pela sabidissima razão de ser a tradição escripta muito mais conservadora que a oral.

Daqui se segue que a proposito de vocabulos que sempre se escreveram da mesma maneira, e de letras e combinações de letras cuja applicação não differe da hodierna, só poderemos dizer que aparentemente a pronuncia não tem variado. A nossa phonetica historica occupar-se-á, portanto,

unicamente dos casos em que a diversidade da escripta fornece elementos para o estudo da evolução dos phonemas depois de constituída a lingua portugueza.

AS VOGAES

Vogaes simples

A distincção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros seculos da lingua escripta a mesma extensão que hoje tem; mas que *a* fechado existia em port. ant. conclue-se da circumstancia de representar-se ás vezes, em syllaba atona, *a* etymologico pela letra *e*, e outras vezes *e* etymologico pela letra *a*: *ventajem*, *estronomia*, *estrolosia*, *estroso*, *rezom*, *epocalipse*, *fantesia*, *mes* (em Leal Cons. alternando com *mas*), *abobedas*, *tomas de equino* (Leal Cons.), *apistola* (ib. 302), *avangelho* (ib. 302), etc.

A vogal *a* podia enfraquecer-se e desaparecer, como nas combinações *atéqui*, *atélli*, *atégora*, *algüora*, ainda usadas nos sermões de Vieira. *Jele*, *jela* (por *já elle*, *já ella*), encontraveis em J. Ferr. Eufr., pertencem á linguagem popular. *Algorrem* (G. Vic. 1. 257) seria antes *algurem* de *algürem* (algüa rem) á semelhança de *algüora*. *Algo* era pronome absoluto, não se dizia acompanhado de substantivo.

**a* proveniente de *e* é raro, sobretudo em syllaba tonica. Em port. ant. havia a preposição *antre* (inter), usada ainda por varios quinhentistas. Camões e os que aprenderam a sua linguagem restabeleceram a forma *entre*. De *pietativieram* não somente *piiedade* e os respectivos derivados, mas ainda as variantes, *piadade*, *piadoso*, *apiadar*. Para as formas rhizotonicas firmou-se o uso da vogal *a*; para as restantes oscillam os escriptores (ainda os seiscentistas) entre *a* e *e*. Vieira tem *piadoso* (Serm. 3, 488, 489), *piiedade* (ib. 3, 489).

Desapparece a vogal *e* da preposição *de* ligada a *elle*, *ella* e *o*. Em port. ant. era usual ligar-se do mesmo modo

a particula a outros vocabulos, como *dagua*, *doutro*; mas de Camões em diante pratica-se semelhante elisão com bastante sobriedade.

Abandonou-se de todo a antiga pratica, ainda seguida por alguns chronistas do seculo XVI (Castanheda por exemplo), de eliminar a vogal terminal de outras preposições e combinal-as com o pronome *elle* (*antrelle*, *perantelle*, *parelle* *sobrele*), ou com o demonstrativo (*sobristo*, *sobrisso*).

Perda effectiva de *e* terminal houve em certas formas verbaes (*quiz*, *fez*, *poz*, etc.), como veremos em seu lugar.

Não é proprio da evolução do idioma portuguez, e sin a expressão de mero gosto literario individual, o empregado desenfreado da elisão que se nota nas obras de A. Ferreira. O autor dos Poemas Lusitanos quiz talvez imitar o estilo italiano do poeta Dante ao escrever: *não m'és pai, rompa s'alma, salvas-lh'alma, com que t'ama, t'andassem, se s'art usar, qu'alma já via, que m'ouves qu'o vês*, etc.

u transformado no ditongo *ui* ocorre em *fruito*, *muite mui*, *encuuito*, *ventuira* (F. Lopes, D. J. 227 e passim), *chuiiv* (Corte Imp. 36; 116, tres vezes; F. Lopes D. J. 310), *luit* (Leal Cons. 103), *truitas* (rimando com *fruitas*, Sá de Min 250), *escuitar* (S. Josaph. 13).

Recente e pedantesca, sem fundamento na pronunciam na tradição, é a graphia que põe *e* em lugar de *i* na palavras *igual*, *idade* e respectivos derivados. Topam-se inumeras vezes estes vocabulos, e sempre com a inicial *e* em quaesquer escriptos antigos ou modernos até o seculo XVIII. É a graphia de Filinto Elysio e é a de Herculan

Quanto ao vocabulo *igreja*, a pronuncia primitiva era como se vê pelos textos antigos, *eigleisa*, depois *eigreje*. A syllaba *ei* inicial, sendo atona, mudou-se finalmente em *i*. O vocabulo passou a pronunciar-se *igreja*.

Igreja, com *i*, é escripta usual em port. quinhentista e seiscentista. Assim sempre em Heitor Pinto (2, 214, cinco vezes; 2, 137 passim), em Amador Arrais (468-70 cinco vezes; 502-505, dezoito vezes), em Castanheda (1, 56-57, sei exemplos), em Frei Luiz de Sousa (2, 196-200, nove casos em Antonio Vieira e Bernardes (inumeros exemplos).

A pronuncia de *i* inicial no referido vocabulo documenta-se tambem na linguagem antiga. É *igreia* a lição de D. Duarte, Leal Conselheiro (54, tres exemplos; 111, tres

exemplos; alem disso, nas pag. 70, 103, 114, 115, 119, 121, 129, 138, 195 e 299). Em outras obras antigas adopta-se comtudo a graphia *egreja*. Tal é o caso em S. Graal, em Corte Imperial (â pag. 138 ha quatro exemplos), em Fernão Lopes, Chronica de D. João (vejam-se as pag. 24, 25, 80, 86, 87 e outras).

Esta dissonancia de representar a palavra com *e* inicial parece explicavel por acudir á mente a escriptura de *ecclesiasticus*, *ecclesia* da lingua em que se celebra a missa. Não se estampando no espirito nem tão viva nem tão pronta a imagem dos etymos de *igual* e *idade*, puderam est'outras dicções ao mesmo tempo escapar da graphia reversiva.

O falar moderno, tomando por norma a linguagem de Camões, poz termo á deslocação de *i*, corrigindo em *-ario* o outrora predilecto *-airo* de *vigairo*, *campanairo*, *sudairo*, *contrairo*, *corsairo*, etc. De *cartairo* (F. Lopes, D. J. 299) ou *cartario* (ib: 6) fez-se *cartorio*.

Restabeleceu-se o prefixo latino em *inflammar* (Leal Cons. 41 a 50: *enframado*), *infamado* (F. Lopes, D. J. 349 e passim: *emfamado*), mas conservou-se *ensinar*, e escreve-se *engenho* por *ingenho*.

VOGAES DUPLICADAS. — Pela medição de versos dos antigos cancioneiros vê-se que *leer*, *creer*, *seer*, *teer* e *veer* eram vocabulos dissyllabicos com accentto tonico no segundo *e*. Menos facil é atinar com a pronuncia que teria *aa*, *oo* e *ee* em outras palavras.

O primeiro dado para a solução do problema offerecem aquellãs palavras em que houve aproximação das vogaes pelo desaparecimento de algum phonema intermedio; em segundo lugar estão os vocabulos em que uma das vogaes parece ter vindo em substituição da consoante desaparecida. Mas a occorrença da antiga gemação ultrapassa esse schema; e se os escriptores, ignorantes, como eram, das leis linguisticas, faziam orthographia consultando o ouvido, trata-se de um caso de summo interesse.

A vogal duplicada tanto podia vir em syllaba tonica, como em syllaba atona (*geeral*, *ceeos*, *doo*, *perigoo*, *poboo*, *diaboo*, *door*, *voontade*), com o que se prova que era a sua pronuncia independente da accentuação. A regularidade com que se usava em certos vocabulos, ao mesmo tempo que em

outros nunca se dobrava a vogal, permite admittir em *aa*, *ee*, *oo* pronuncia diversa de *a*, *e*, *o*. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a principio e logo mais forte.

Alem de outros muitos casos, que aqui não enumeramos, é de notar em varias obras antigas o emprego constante da vogal dobrada na terminação *-aaes*, plural de *-al*, em *-ees*, plural de *-el*, e nas vogaes *nasaes* dos ditongos *-ãao*, *-ãaes*, *õoes* provenientes de formas latinas, em *-anu*, *-ane*, *-one*, e tambem *ũu* nos vocabulos *ũu* (graphado ás vezes *hũu*) e seus compostos, *commũu*, *consũu*.

i, j, y

Se na applicação das letras do alphabeto, feita em port. ant. diversamente do uso hodierno, se consegue descobrir em geral algum systema ou tendencia que projecta luz sobre a pronuncia daquelle tempo, falham em todo o caso os esforços para explanar a notoria confusão que então se fazia com o emprego das letras *i*, *j* e *y*.

Facto admissivel como certo é que naquellas palavras onde hoje escrevemos e pronunciamos *j*, a pronuncia antiga não diversificaria da nossa, embora nas ditas palavras puzessem ora *j* ora *i*, como em *peleja* e *peleia*, *seja* e *seia*, *aja* e *aia*, *junto* e *iunto*, *jaz* e *iaz*. Mas não se percebe o que viria fazer *j* em *ajnda* por *ainda*, nem em *jguaaes* a par de *yguaaes* e *iguuaes*.

Em syllabas atonas, e em geral nos casos onde ao *i* pronunciado rapidamente se seguia outra vogal, como em *speriencia*, *speciall*, *martires*, *proprio*, *giolho*, observa-se de preferencia o emprego de *i*. Onde, pelo contrario, a voz se demorava, ou podia demorar-se, escrevia-se com mais frequencia *y*: *assy*, *sy*, *ryjo*, *todavya*, *hyr*. Isto, comtudo, não era regra que peasse o escriptor ou escrevente. A mesma palavra podia vir em uma frase com *y*, e com *i* na frase seguinte. Assim vemos *guysa* e *guisa*, *bullyr* e *bullir*, etc.

Tambem no principio da palavra podia achar-se *y* como em *ydade* e *yqual*, que outras vezes se escreviam *hidade*, *igual* e *jqual*.

Usualissimo era *y* nos ditongos, sendo esta pratica se

guida ainda por escriptores quinhentistas e seiscentistas. De Heitor Pinto são estes exemplos: *arrayal*, *atolleyro*, *primeyra*, *deyxou*, *cōtrayro*, *desfeyta*, *roseyras*, *foy*, *peyto*, *muyto*, *pregoeyros*, *rey*, *reyno*, alem de muitos outros. Com tudo isto escreviam-se de ordinario com *i* as palavras *mais*, *pois*, *depois*.

A duplicação *ii* occorre em Fernão Lopes em *assiinadas* e a cada passo em *tiinha*, alem de outros vocabulos. O emprego de *ij* em *consijrar* é commum no Leal Conselheiro e outros escriptores antigos.

Vogaes nasaes

As vogaes *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, procedem em geral de vogaes puras que tomaram antecipadamente a nasalidade de *m* ou *n*, desaparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o phenomeno nos monosyllabos *tam*, *quam*, *cum* (*com*), *sum* (*som*), mas não se verifica na maior parte dos vocabulos que na lingua-mãe se escreviam com *m* terminal, porquanto, para taes casos, já nesta lingua se havia dado a redução da pronuncia da consoante final. (Veja-se a este respeito Sommer, Handbuch, §§ 166 e 176, 5).

Vogal nasal proveniente da absorpção de *n* seguido de outra consoante, é facto normal em portuguez, como em outros idiomas romanicos: *cĩco* (*cinco*), *dãsa* (*dança*), *mãso* (*manso*), *pẽsar* (*pensar*), *frãgo* (*frango*), *domĩgo* (*domingo*), *mõje* (*monje*), *trõco* (*tronco*), etc.

A difficuldade sentida em portuguez de articular uma consoante nasal posta no fim do vocabulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. Assim originaram-se de palavras em *n*: *bẽ* (*ben*), *ũ* (*un*), *cã* (*can*), *pã* (*pan*), *opiniõ*, *forõ*, *amã*, *virõ*, *sentirõ*, *recebiã*, etc. Alem do til (que outra cousa não é senão *n* engenhosamente sobreposto á vogal), servia tambem de indicar a vogal alterada o accrescimento de uma das letras *m* ou *n*.

Semelhantes entre si, mórmente se não eram oxytonas, as finaes *-õ* e *-ã* deviam confundir-se ao cabo de certo tempo. Accelerou o processo o juntar-se a *ã* a vogal *o*, dando o ditongo *-ão*. Assim diversificavam em L. de Esopo 27 e

28 *leom* e *leam*, e, entre os quinhentistas, se escreve na mesma linha *estavam* e *tornavão* (H. Pinto 1, 97), *andam* e *andão* (ib. 1, 98), *descobrirão* e *ganharam* (ib. 1, 99), sem contar *virám* (futuro), *choram*, *hiam*, *nam*, *sam* (ib. 1, 256). As duas edições dos *Lusiadas* de 1572 empregam como diferença que mais dá nos olhos, segundo a frase de Epiph. Dias, uma, de preferencia a graphia *-ão*, a outra *-am* tanto nas syllabas atonas como nas tónicas.

Em tempo de Vieira as duas terminações se usavam indifferentemente:

Depois os *seguiram* o *abraçárão*... e se *consagraram* (Serm. 3, 52) — *Ouviram* a palavra de Deos e *guardarãona*... *ouvirão* a palavra de Deos e *guardarãona* (ib. 3, 52) — *Petiçam*, *liçam*, *eleiçam*, *acçam* (ib. 3, 66, 67 e passim) — *Temerám*, *bastarám*, (formas de futuro, ib. 3, 88 e passim) — *Declaração*, *acção* (ib. 3, 134).

Notavel é o desaparecimento da terminação *-om*, usualissima em port. ant. e que se conserva na linguagem moderna, dos quinhentistas em diante, sómente em *bom*, *dom*, *som*, *trom*, *com* e *tom*.

Concorreu para a fusão das primitivas terminações no ditongo *ão* a preexistencia do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de *n* intervocalico: *mão* (mã-o de manu-), *christão* (christã-o de christianu-), *são* (sã-o de sanu-), *vão* (vã-o de vanu-), *chão* (chã-o de planu-), *pagão* (pagã-o de paganu-) e outros. Desta alteração escaparam *anno* e *panno*, vocabulos não menos antigos, certamente em virtude da consoante geminada. Nas formas femininas *christãa*, *pagãa*, *irmãa*, etc. pronunciou-se a principio *ã-g*, isto é, separando a desinencia da nasal thematic.

Vogal nasal proveniente de *n* intervocalico occorre ainda em *lũa* (luna-, port. mod. *lua*), *bõo* (bonu-, port. mod. *bom*). Reducção da nasal á vogal pura observa-se em port. ant. em *meos*, *al de meos*, *meor*, *comeos*, que em port. mod. volveram a: *menos*, *menor*, *comenos*. Manteve-se entretanto *noa* (de nona) na locução *hora de noa*, e *mosteiro* (port. ant. *mõesteiro* de monasteriu-).

Antão, *Fernão* e port. ant. *diamã(o)* e *demom* resultaram respectivamente de *Antonio*, *Fernando*, *diamante* e *demonio*, tendo a pronuncia desprezado a syllaba final ou parte della. Ao mesmo processo se devem as formas *sã(o)* (por

santo) usada antes de nome que comece por consoante, e *grã(o)* por *grande*, de que se serviu Camões varias vezes e que se conservou em *Grão-Pará*, *Grão-Mogol*, etc.

Está á espera de solução o obscuro problema das vogaes que se nasalaram sem terem apoz si *n* ou *m*. O phenomeno é, sobretudo, notavel em *i* terminal, tendo-se dado depois de constituida a lingua portugueza. *Si* (lat. sic), ainda usado nos seculos XVI e XVII, transformou-se em *sim*; *assi*, frequentissimo ainda em Vieira, converteu-se em *assim*. A *rubi* de outrora prefere-se hoje *rubim*. Com o pronome *mi* já em port. ant. poude coexistir a forma *mim*. De *madre* e *multu* vieram respectivamente *mai* e *muito*, nasalando-se mais cedo a tonica do primeiro destes vocabulos.

No extraordinariamente usado *muito*, foi tão tardia a mudança, que o cantor dos *Lusiadas* ainda podia dar-lhe para rima *fruito* e *enxuito*. Não se sabe a data da alteração definitiva, porque em *muito* e *mui* nunca se assignalou — caso unico — a vogal nasal pela escripta. Que em port. ant. se pronunciava a tonica como *u* puro é fora de duvida, porque, em caso contrario, não lhe faltaria o til, signal tão profusamente usado naquella epoca.

Se houve influencia progressiva de *m* inicial, esta acção não foi alem dos vocabulos monosyllabicos terminados em *i*: *mãi*, *mî mûi* e do possessivo *mãa* (minha) por *mia*. Por analogia de *mûi* se passaria a dizer *mûito*. Por effeito do *n* inicial o lat. *nec* teria dado *nem* em portuguez.

Para a forma pronominal *sim*, em lugar de *si*, usada por Damião de Goes (não occorre em outros escriptores), influuiu em parte o adverbio *sim*, em parte o pronome *mim*.

Explicando-se como tendencia geral os diversos casos de nasalção de *i* tonico no fim das palavras, não se saberá dar a razão da resistencia da vogal nos pronomes *ti* e *si*, assim como em alguns substantivos. Isto sem falar de *i* como terminação verbal.

Uma nasal pode exercer acção sobre outra. Assim, por effeito da nasal interna de *membrar* (de mem(o)rar-), desassimilou-se a consoante inicial, transformando-se o vocabulo primeiro em *nembrar* e finalmente em *lembrar*. Estas duas formas occorrem simultaneamente em port. ant. *Nembrar*, *nenbrança* testificam-se, v. g., em Leal Cons. 7, 11, 15, 76; *lembrar*, *lembrança* na mesma obra, pag. 11, 41, varias vezes.

Outro exemplo de desassimilação regressiva é o da locução *no'mais* por *não mais*. Além do conhecido exemplo camoneano *No'mais, Musa, no'mais, que a lyra tenho destemperada e a voz enrouquecida*, podem-se mencionar:

Mas pague-me vossa mercê o meu aluguer, *no'mais*, que me quero logo ir (G. Vic. 3, 220 e passim) — Estiveram para ho matar. *no'mais* que por ser christão (Castanh. 2, 15) — Avia *no'mais* de hũ anno (ib. 3, 77) — *No'mais* que ho inverno da India (ib.).

Nas contracções *co, cũa* (de *com o, com hũa*), de que ha bastantes exemplos em quinhentistas (veja-se a edição dos *Lusiadas* de Epiphanyo Dias), e que ainda hoje se ouvem em boca de lusitanos, deve-se a perda da nasalidade de *com* á rapidez e pouco esforço com que se pronuncia esta palavra atona seguida de artigo, que é outro vocabulo atono.

As formas *enxemplo, enxecuom, enleger*, frequentes em port. ant., porem abandonadas em port. mod., produziram-se naturalmente por contaminação dos vocabulos formados com o prefixo *en-* (*ensinar, enduzer*, etc.).

Inserção de *i*

As dicções *meio, meia, veio, veia, seio, cheio, cheia, receio, correio* e outras do mesmo genero, que hoje se escrevem com *i* por ouvir-se nellas claramente um som palatal, representavam-se em port. ant. quasi sempre simplesmente com a terminação *-eo, -ea*. Poucas vezes occorrem as graphias *meco, meyo, veyo*, a par de *meo, veo*, etc., nas obras daquelle tempo.

Devia pois a pronuncia do port. ant. differir da moderna; que, a ser identica, não havia motivo para dispensar *i* ou *y* em taes dicções, quando em outras tanto uso e abuso se fazia destas letras.

Ao amortecimento de *n* entre a vogal tonica e a final em *vena-, plenu-* (a linguistica de hoje não permittiria crer em queda subita) seguiu-se de certo a producção de outro phonema compensativo. A evolução fez-se naturalmente deste modo: *vena > vëa > vëea > vea*. De sorte que o apparecimento de *i* é posterior.

Quanto ás palavras que tiveram *di* antes da vogal terminal não se pode repudiar a conclusão da existencia de *i* primitivo; pois que teriamos: *mediu < mecio > meio*. O des-

uso da palatal no port. ant. em vocabulos desta especie de ve-se attribuir á influencia da pronuncia de *vea*, *freo*, *cea*, *cheo*, etc.

Foi tal a acção da analogia, que a terminação *-eo* chegou a ser pronunciada como ditongo. Assim, conta-se como uma syllaba *veu* (= *veio* do verbo *vir*) em *Suspirou-se melhor, veu outra gente* (Sá de Mir. 223), e *seo* (= *seio*) rima com *deu* em *E meteo-lhe a mão no seo* (ib. 386). Analogos exemplos de *seo*, *receo*, *veu* occorrem em A. Ferreira.

Camões não se conformou com a pronuncia consagrada pela linguagem litteraria, e ainda menos com a redução das duas vogaes a ditongo. Que, segundo o poeta, se podia e devia pronunciar o *i*, conclue-se dos innumerados exemplos de *creio*, *meio*, *seio*, *cheio*, *feio*, *alheio*, etc., que se encontram nos *Lusiadas*, embora outras vezes as mesmas palavras appareçam graphadas — effeito da lei da inercia — pelo antigo systema. Valia a terminação em todo o caso sempre por duas syllabas.

Autores posteriores a Camões preferiram muitas vezes a graphia tradicional.

Ditongos *oi* e *ou*

O ditongo *oi* procede de fonte diversa da que deu origem ao ditongo *ou*. A subjunctiva *i* representa um antigo *e* nas palavras *boi* (bove) e *sois* (sondes), e reproduz o *i* primitivo em *foi*. Em port. ant. a vogal de syllaba tónica podia attrahir a vogal *i* da syllaba seguinte terminada em *-io*, *-ia*. O ditongo *oi*, proveniente de metathese, observa-se em vocabulos como *coifa* (cofia), *goiva* (gubia), e particularmente na terminação *-oio* por *-orio*: *Doiro* (Duriu-), *ajudoiro* (a(d)jutoriu-), *agoiro* (a(u)guriu-), *tesoira* (to(n)soria), *sua-douro* (su(d)atoriu-).

Inconfundivel com esta terminação era *-ouro* procedente do lat. *-auru*. Assim escrevia-se invariavelmente *louro* (lauru-), *ouro* (auru-), *mouro* (mauru-, porem *moiro* de morior), *tesouro* (t(h)esauru-, porem *tesoira* de to(n)soria), *touro* (tauru-). Outros exemplos, alem dos desta especie, mostram que o primitivo ditongo *au*, quer do latim, quer de outra procedencia, deu em port. litterario *ou*, e não *oi*. Basta lembrar:

ou (au(t), *pouco* (pauçu-), *rouco* (raucu-), *outono* (autu(m)nu-), *ouvir* (au(d)ir-), *houve* (*haubi de habui), *soube* (*saubi de sapui), *vou* (*va(d)u de vado), *roupa* (*raubha), etc.

Com o ditongo *ou*, e não *oi*, entraram na linguagem literaria: *outro* (alt(e)ru-), *couce* (calce-), *loução*, *Sousa*, *Vouga*, *moução*, *outorgar*, *couto*, *doutrina*, *noute*, *souto*, *chouto*, *couve*, *choupo*, *rousar*, *açougue*, *azougue*, *açoute*, *mouco*, *amouco*, *louco*, *touca*, *roubar* e outros.

A influencia deste amplo emprego da subjuntiva *u* não puderam escapar os vocabulos que a principio se diziam com a terminação *-oiro*: *Doiro* passou a ser *Douro*, e *moiro* (verbo morior) identificou-se com *mouro* (substantivo). Por outro lado porem gerou-se a par de *noute*, a forma *noite*, que é a usada actualmente; a par de *outo*, *outavo*, *outenta*, *outubro*, vieram a usar-se *oito*, *oitavo*, *oitenta*, *oitubro*, tres dos quaes conseguiram desalojar os antigos competidores. A forma *açoute*, ainda usada em Leal Cons. 276, prefere Vieira *açoite* em Serm. 3, 236 e 446.

Os primeiros exemplos de uso de *oi* por *ou* não são contudo, prova de evolução definitiva. Em Leal Cons. 302 e, entre quinhentistas, em Heitor Pinto 1, 268 e passim lê-se *noite*, *noytes*; mas restabelece a antiga forma *noute* Bernardes em Luz e Calor, 511 e outros passos. Nesta mesma obra de Bernardes encontra-se *outeyro* á pag. 538, como em port. ant. muitas vezes em Chrest. Arch. 53 e em S. Graal, ao passo que *oiteiro* é a lição de Vieira em Serm. 3, 94 e 5, 169-170 (tres vezes), mas *outeiro* 6 vezes em Serm. 5, 404. No poema de Camões ocorre sómente a forma *outeiro*. Assim em Lus. 5, 30; 5, 35; 5, 83; 6, 92; 8, 35; 9, 54; 9, 55 e 9, 57.

Levadas em conta as palavras *oito* (e derivados excepto *outubro*), *noite* e outras, cujo numero em todo o caso não é grande, o uso generalizado do ditongo *ou* perdurou até que no século XIX Castilho Antonio e alguns outros, a quem melhor soava a forma dialectal *oi*, se puzeram a escrever systematicamente *oiro*, *tesoiro*, etc., vezo esse que nunca se apossou de outros escriptores não menos notaveis (e nesta conta está Herculano), como tambem não contaminou a maior parte dos escriptores actuaes, principalmente brasileiros, que preferem conservar-se fieis á tradição.

Note-se que essa tentativa de dialectisação parcial da

linguagem literaria ficou circumscrip̃ta a alguns typos de palavras, deixando sempre illesos da innovação termos como *outro*, *doutor*, *açougue*, *couve*, etc., nos quaes certa pronuncia regional lusitana usa o ditongo igualmente com a subjuntiva *i*.

Ou por *u* inicial usou-se, durante algum tempo, em *oufano* (Heitor Pinto e outros). *Ou* por *o* inicial escreveu-se outrora em *ouceano*, *ouriente*, *oulá*, *oucioso* e alguns outros vocabulos. *Prouximo* por *proximo* lê-se a miudo em D. Duarte, Leal Conselheiro.

Consoantes geminadas

O emprego das consoantes geminadas *rr* e *ss* no interior das palavras, entre vogaes, funda-se na necessidade de representar pela escripta sons que, sem essa precaução, se confundiriam com outros. Não dispunha o alphabeto commun senão de um symbolo unico tanto para o *r* lene, como para o *r* rolado. A duplicação da letra no segundo caso foi o engenhoso expediente que occorreu para differenciar *carro* de *caro*, *ferro* de *fero*.

Impunha-se igualmente a necessidade de representar de maneira differente *s* surdo e *s* sonoro. Resolveu-se o problema, graphando *rosa*, *caso*, *cousa*, e, de outra parte, *nosso*, *vosso*, *possuir*.

O port. mod. conservou até o presente o mesmo criterio no emprego de *rr* e *ss* intervocalicos. Ao port. ant. pareceu conveniente geminar, alem disso, as consoantes ainda em casos onde *r* é sempre rolado e *s* é sempre surdo, a saber, no principio dos vocabulos e em posição interna apoz consoante ou vogal nasal. Assim depararam-se nos frequentemente *ssegundo*, *conselho*, *pulsso*, *rreyno*, *rrico*, *rreligião*, *onrra*, *hõrra*, *ssaber*, *sse*, *penssar*, *enssinar*.

Por muito estranha e desnecessaria que nos pareça a geminação em taes vocabulos, ella tem em parte explicação razoavel, desde que se leve em conta o antigo systema de escrever.

Os procliticos vinham, de accordo com a pronuncia, frequentemente ligados á palavra seguinte, como *desseu* por *de seu*, *asseu* por *a seu*, *ossexto*, por *o sexto*, *orreyno*,

e os enclíticos uniam-se á palavra precedente, não se recorrendo ainda ao emprego do signal hyphen; de sorte que apparecia *ss* como intervocalico em *devesse* por *deve-se*, *posse* por *pose-se*, *faziasse* por *fazia-se*.

Obscuro é o motivo da geminação *ll* em *apostollo*, *epistolla*, *Paullo*, *capitullo*, *tall*, *mall*, *quall*, *geerall*, etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. As obras latinas que constituíam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocabulos directamente, deviam antes induzir a fazer uso do *l* simples.

Tambem não é nada transparente a causa da geminação, usual por essa epoca, de *ff* em *benefificio*, *benffeitor*, *benffeituria*, *ffe*, *perffia*, *magniffico*, *signiffica* quando ao mesmo tempo se escrevia *benfazer*, *fazer*, etc.

Estas duplicações de *ll* e *ff*, desusadas na linguagem moderna, sem fundamento na etymologia nem na analogia, não se devem attribuir tão pouco ao mero prazer de accumular letras inuteis para dar aos vocabulos aspecto mais elegante. Se dominasse este mau gosto, não haveria motivo para deixar de enfeitar tambem outras palavras da mesma maneira, ou para manifestar-se parcimonia ou abstinencia quanto á duplicação de *p*, *t* e *c*.

Possivel é que com essa curiosa geminação de *ll* e *ff* quizessem os antigos escriptores significar que em alguns vocabulos, ou em algumas occasiões, a vogal junto a *ll* ou *ff* recebia intonação ou icto forte, mas muito rapido.

Fosse este o movel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal systema orthographico a reacção do port. mod., firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na lingua de Cicero e Vergilio. E aónde não podiam chegar os conhecimentos etymologicos, suppria-se, em materia de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o superfluo ao estrictamente bastante, como em *chinello*, *panella*, *janella*, etc.

Presentemente fazem-se tentativas no sentido de simplificar a escripta.

Emprego da letra *h*

Em port. ant. o emprego do *h* inicial não era determinado pela preocupação etymologica. Isto se vê nos documentos publicados na *Chrestomathia Archaica*² de J. J. Nunes e nos *Textos Archaicos*³ de Leite de Vasconcellos. No Foral da Guarda encontramos *homêes* a par de *omêes*, *onrrar*, *ospede*. Na historia do Castello Perigoso occorrem *horações*, *honde*, *oras* a par de *homem*, *homrrado*.

Com *h* apparece geralmente escripta a forma verbal *ha*, mas sem *h* *aver*, *ouve*, *avemos*, etc.

D. Duarte, no Leal Conselheiro, falando na duração dos diversos officios da capella, escreve a cada passo *oras* sem *h*. Fernão Lopes grapha, como os seus contemporaneos, *husar*, *husança*, *huniom*, *hi*, *hordenar*, *homde* alternando com *onde*, *hir*, *homrroso* e *dêsomrra*.

Denotaria o *h* inicial o pequeno esforço com que proferiam, ou suppunham proferir, a vogal inicial de alguns vocabulos. Isto resalta sobretudo dos monosyllabos *he*, *hã*, *hi* (ainda hoje *ahi*), nos quaes se respeitou esta escripta ainda muito tempo depois de modernisado o systema orthographico medieval.

O espirito da Renascença, aproximando-se mais do latim, supprimiu *h* em algumas palayras, e restabeleceu-o em outras. Ficaram algumas excepções, como as que acabamos de mencionar, com a dita letra, e sem ella outras que etymologicamente a deveriam ter. Os quinhentistas não se puderam resolver todos a deixar de escrever *aver*, como dantes; e só entre os seiscentistas se começa a generalisar a graphia *haver*.

O *h* interno do possessivo do port. ant. *mha*, tambem escripto *mia* (Testam. do D. Aff. II), e sempre contado como uma syllaba, equivalia ao som *i* pronunciado muito rapidamente, ou talvez como consoante. Igual pronuncia teria o *h* interno de *cambha*, *saibha*.

Permuta de *l* e *r*

Aos antigos incolas de Portugal que adoptaram o falar dos dominadores romanos cram sobremodo estranhos os gru-

pos consonantae latinos *cl*, *fl*, *pl*. Accommodando-os aos seus hábitos de phonação, substituíram-nos pela chiante surda: *chamar* (clamare), *chave* (clavis), *chamma* (flamma), *cheirar* (flagrare), *Chaves* ([aquas] Flavias); *chão* (planus), *chuva* (pluvia), *chato* (platus), *cheio*, *encher* (plenus, implere), *inchar* (inflare), *chumbo* (plumbum), *chorar* (plorare), *chaga* (plaga), *chantar* (plantar), *choupo* (*plopus*, metathese de *populus*), *chus* (plus).

Não duraria muito a phase da surpresa. Com o descostume do falar indigena e o exercicio da pronuncia na aquisição de novos vocabulos latinos, a difficuldade devia estar vencida mais ou menos na segunda geração. Não se reformou contudo a maneira de proferir certos termos de uso diario (a maior parte dos supra-mencionados), que desde logo se arraigaram, obliterando-se da memoria a sua conexão com as respectivas expressões latinas.

Naquellas palavras que cedo se introduziram em portuguez com os grupos consonantae latinos, observa-se a frequente troca de *l* por *r*.

Esta permuta, de que resulta tornarem-se *cl* em *cr*, *fl* em *fr*, *pl* em *pr*, estendeu-se a *bl* e *gl*, que alternam respectivamente com *br* e *gr*. Em certos vocabulos, como *prazer*, *dobro*, *regra* (reg(u)la), *nobre* (nob(i)le), *igreja* (ecclesia), a alteração ficou definitiva; em outros não passou de um phenomeno temporario, posto que, para certos casos, perdurasse até o seculo XVII.

A causa da longa vitalidade das formas duplas, conquanto não esteja explicada, deve, todavia, ser de ordem psychologica, e não physiologica. Concorreu a analogia; mas porque se manteve o luxo das formas parallelas? *Praga* e *plaga*, com a mesma significação, se lê em Fernão Lopes, D. J. 279. *Claros*, *clara* no mesmo autor a pags. 2, 3, 345; mas em Sá de Miranda (ed. Mich.), com ser autor bem mais moderno, volta, de vez em quando, a saudade de *craro*. *Planta* occorre em Corte Imperial 36; o quinhentista Heitor Pinto usa frequentemente *prantar*, mas tambem *plantas* 1, 32. Notavel predilecção se manifesta em port. ant. por *simprez*, *pubrico*, *freyma*, *enframado*, *Ingraterra*, *ingres*.

Tenaz é a permanencia de *ingres* ou *ingrez*. Quando em tantas outras palavras se havia restituído definitivamente o etymologico *l*, Vieira ainda lhe presta homenagem na de-

dicatória que serve de prefacio a um dos volumes dos seus sermões (*ingrezes* 11, IV, *ingreza* ib. 11, IV). As duas edições dos *Lusiadas* de 1572, além do pelicano com o bico para a direita em uma, e com o bico para a esquerda em outra, e pequenas variações de texto, differençam-se ainda, preferindo uma o *ingles* com *l*, a outra o *ingres* com *r*.

Da antiga linguagem persistem em ambas as primeiras edições do poema camoneano: *frauta*, *sembrante*, *Frandes*, *pubrico*, *pranta*, *pruma*.

A duvida sobre a maneira de proferir os grupos consonantæes, em que o segundo phonema era etymologicamente um *l*, influiu regressivamente em certas palavras com *r* etymologico. Exemplos disto são *descliçom* (= *descriçom*) (Leal Cons. 13, 15); *complazer* (ib. 13).

Troca de *l* intervocalico por *r* é phenomeno raro; em *clêlugos* (menos frequente do que *clerigos*) (Leal Cons. 16), *pirollas* (= pilulas) (ib. 66 e 334), *priol* (prior) e *cellorgiães* (= cirurgiães) influiu a presença de *l* ou *r* em syllaba proxima. São casos de assimilação (ou dissimilação) ora progressiva, ora regressiva.

Em Corte Imperial 46, occorrem abundantes exemplos de *plular*, *plularidade*, em que é visivel a acção da analogia de *singular*, *singularidade*. Seriam vocabulos de pronuncia difficil; um tanto melhor era *plurar*, preferido mais tarde por Vieira (Serm. 9, 115; 2, 283 e passim). A uma e outra forma avanta-se o hodierno *plural*, de accordo com o latim, por alternarem regularmente as consoantes *l* e *r*.

A repetição de *r* evitou-se ás vezes, omitindo o som na syllaba atona. Temos *prostar* (por *prostrar*) em Vieira, Serm. 6, 636; 7, 494 e passim; porem *Frandes* em Cam., Lus.; *rosto* em Cam., Lus. e frequentissimo em Vieira 6, 319 e 334; 7, 282 e passim, ainda que *rostro* reapareça, alternando com *rosto*, em Bern. L. e C. 447 e N. Flor 2, 132; *terrestes* (para que teria concorrido *celeste*) em Vieira, Serm. 8, 437 e 438. Hoje preferimos *rasto* a *rastro*; mas conservamos *lastro* e dizemos *mastro*, apesar de *masto* em Barros, Dec. 1, 1, 13. Vieira tem *masto* (Serm. 9, 332) e *mastro* (ib. 7, 157).

Frequente em port. ant. era a metathese de *r*, procurando este som a contiguidade de outra consoante (principalmente *c*, *t*, *p* e *f*): *Fremoso*, *fremosura*, *afremosentado*

(S. Josaph: 27 e F. Lopes, D. J. 2, 2, 3, 3); *Crasto* (Castro). Restos deste processo são *preverter*, *trocer*, *retrocer* (Mello, Ap. Dial. 149 e diversos passos dos Serm. de Vieira); *graganta* (Arr. 10).

A estas troças de lugar, alliadas á possibilidade de se substituir um phonema a outro, devem-se as variantes *ffiglesia*, *ffijgrisia*, *ffiglesia*, *ffriglesia* e *flijgisy* dos titulos gallegos de venda e empraçamento reproduzidos por Leite de Vasconcellos em seu livro *Textos Archaicos*. A unica cousa que não apparece em meio de tanta variedade é a palavra *freguesia*.

Accrescentem-se a estes exemplos de permuta *competra* (Leal Cons. 301, 3 vezes) por *compreta* = completa, *entrepetar* = interpretar (ib. 306).

Influencia dos encliticos

Escreviam-se outrora os encliticos unindo-os, sem separação alguma, á palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta pratica ainda em tempo de Vieira e Bernardes. Aqui servir-nos-emos do hyphen de maneira tal, que se possa apreciar a acção phonetica do vocabulo atono.

O enclitico *lo*, cujo emprego tem lugar junto ás terminações verbaes em consoante (*r*, *s* ou *z*), ou junto aos pronomes *nos*, *vos*, apparece desde os mais antigos tempos da lingua portugueza com effeito reductivo sobre a consoante precedente. As consoantes terminaes assimilam-se primeiro ao *l* do enclitico, resultando d'ahi: *nol-lo* por *nos-lo*, *vol-lo* por *vos-lo*, *amal-lo* por *amar-lo*, *dail-lo* por *dais-lo*, *destel-lo* por *destes-lo*, *fal-lo* por *faz-lo*. Mas o phonema geminado reduziu-se, finalmente, a *l* simples.

Nas mesmas condições empregou a linguagem popular — e esta pratica perdura ainda em alguns falares regionaes de Portugal — a palavra *lo* como artigo, em razão de poder o artigo, na pronuncia rapida, passar de proclitico do substantivo a enclitico de alguma palavra precedente.

Não teve a gente culta, entretanto, tal cousa por bastante elegante ou melodiosa para aceitar-a geralmente na linguagem litteraria. Admittiu a junção com certas preposições, como *pel-lo*, *pol-lo*, mas usou ainda por bastante tempo *per*, *por* seguido de *o*, e tolerou em concomitancia com *am-*

bes os e todos os, ambol-los e todol-los, mas acabou por desprezar est'outras formas do seculo XVII em diante. Dicções como *Joanna e mai-lo* (= mais o) *marido* foram sempre consideradas plebeismos. Em D. Duarte (Ens. de Cav. 88), occorre *desvialla a cabeça* e (ib. 34, 90) *trallas ancas* por *desviar a cabeça, trás as ancas*. (Confronte-se *Tralos montes* por *Trás os montes*).

Em seguimento á palavra *pois* usa-se em geral o pronome accusativo sob a forma *o*; ha todavia alguns exemplos de *lo*, com effeito reductivo sobre a consoante *s*:

Poi-la podedes veer (Canc. Din. 32) — E *poi-la* fez das melhores melhor (ib. 39) — Não hahi que debater *poilo* affirma o mesmo sam Jeronymo (H. Pinto 1, 29).

Casos sporadicos de regeneração da primitiva linguagem, sem influencia no falar usual, são:

Fosteslo apazar a certas horas (F. Lopes D. J. 72) — *Vão de-posta* perfeiçom dalgũas virtudes (Ecal Cons. 104) — Devemos *crecerlos* [artigo] outros apròvados per a sancta igreja (ib. 121).

Ás terminações verbaes em vogal nasal ou ditongo nasal ajunta-se, como accusativo enclítico do pronome da 3.^a pessoa, a forma *o*; mas com este enclítico revive o antigo phonema *n*. Assim em port. ant. *comyãnos, rreceberõno, levarõno*, que hoje se grapham *comiam-nos, receberam-no, levaram-no*. E semelhantemente: *tem-no, fazem-no* por *tẽno, fuzẽno*.

O mesmo enclítico *o* ajunta-se tambem ás terminações verbaes em vogal pura, ou em ditongo puro, e neste caso conservam-se inalteradas as terminações. Devem-se attribuir á influencia dialectal alguns casos de suppressão da subjuntiva do ditongo tanto antes do enclítico *o*, como antes de outros enclíticos:

Cerceou-a e vesti'-lhe [= *vestiu-lhe*] *o aveto* (S. Am. 514) — *E el beenzeos* [benzeo-os] (ib. 511, 513), mas: *e elle beenzeoa* (ib. 515, bis) — *Vi'-os hũu minholo... e comê'-os ambos* (L. de Esopo 11) — *Matou-ho e comê'-o* (ib. 10) — *Sai'-sse* [= *saiu-se*] *do paaço do infante* (S. Josaph. 25).

As formas pronominaes *me, te, lhe* seguidas do pronome *o, a, os, as* combinam-se em *m'o, t'o, lh'o*. É linguagem usada já nos antigos textos. Remonta igualmente á

epoca destes textos a supressão da vogal *e* na preposição *de* combinada com artigo definido (*do, da, dos, das* por *de o, de a* etc.).

Regido da particula *em*, o artigo definido soffre modificação por influencia da nasalidade da particula. Em port. ant. até o seculo XIV inclusive encontramos geralmente *ẽ no, ẽ na*, alternando com a graphia *em no, em na*: *mortas ẽno mar* (S. Am. 508); *em na sancta igreja* (ib); *andam ẽ nas teebras* (ib. 509); *em na regra* (Frad. Men. 44); *em no caminho* (ib. 45). A par de *ẽ no, ẽ na*, occorre, ainda que com menos frequencia, a simples forma *no, na*: *deus no mũdo quis dar* (S. Am. 508); *estava no parayso* (ib. 512).

O elemento preposicional *em* acabou todavia por obliterar-se, ficando o sentimento de que *no, na*, usado, diversamente de *o, a*, em frases de sentido locativo, equivaleria á contracção da particula com o artigo. E.é assim que ainda hoje costumamos analysar.

O uso regular de *no, na* por *em no, em na*, apparece no livro de Esopo e accentua-se depois na linguagem do seculo XV. Encontramos a nova dicção, a cada passo, em Fernão Lopes e em D. Duarte. Deve-se attribuir á tendencia archaisante a preferencia dada á dicção antiga no Livro da Virtuosa Bemfeitoria, composto pelo irmão de D. Duarte. Do seculo XVI em diante usa-se geralmente *no, na*.

A preposição *a* combina-se com o artigo definido, dando para o masculino *ao, aos*, ou, em linguagem popular de Portugal, *ó, ós*, e para o feminino *á, ás*. A forma *ó, ós* foi aceita por alguns escriptores quinhentistas. A graphia *aa, aas*, usada outrora para o feminino, correspondeu a principio á pronuncia de duas vogaes; continuou, todavia, a usar-se durante algum tempo, quando a combinação da particula com o artigo feminino já soava como uma só vogal aberta.

As sibilantes *s* e *z*

Em port. ant. havia dous phonemas parecidos, porém não identicos, representados um por *s* ou *ss*, e outro por *ç*

ou *c*; [a cedilha*]), usada antes de qualquer vogal acabou por ser dispensada antes de *e* e *i*). Nos vocabulos de origem latina, coincide o uso de *s* com o desta letra em latim e o de *ç* ou *c* corresponde a *e* ou *ti* da lingua-mãe. Mas nem por isso poderíamos attribuir a diversidade da escripta a motivo de etymologia. A reminiscencia do latim teria influido, porem em medida assaz limitada. Os antigos escriptores não tinham preocupação etymologica e, se a tivessem, a falta de preparo philologico os levaria a aberrações que todavia não lhes notamos.

É singular que vocabulos como *çocobrar*, *açucar*, *çapato*, *çujo*, *çarça* e outros que não têm que ver com a evolução phonetica latina, se escrevessem geralmente com *ç*. Quando o termo era tomado a idioma estrangeiro, nem sempre a pronuncia seria tal que não houvesse lugar para o emprego da letra *s*. Verdade é que nos nomes buscados á Asia e Africa nos seculos XV e XVI a duvida apparecia: *Massuá* ou *Maçuá*, *çamorim* e *samorim*, *Çocotorá* e *Socotorá*, *Cingapura* e *Singapura*, *Çamatra* e *Samatra*, como deixei documentado no livro «*Dificuldades da Lingua Portugueza*», pags. 284-286.

Qualquer que fosse a causa da primitiva distincção entre as referidas letras, certo é que *s* ou *ss* (entre vogaes), *ç* ou *c* (antes de *e* ou *i*) representam, em port. mod., um só phonema, a sibilante surda, decidindo-se a escripta pela etymologia, quando esta é facil de apurar. Este criterio fez que o erudito se viesse substituir o antigo *c* em palavras como *crescer* por *crecer*, *descer* por *decer*. Por desconhecimento da etymologia e influencia analogica de outros vocabulos deixou-se de graphar *pessego* e *sossego* (ainda usados no seculo XVI) para escrever *pecego* e *socego*.

Não se percebendo a razão do excepcionalissimo *ç* inicial, quando a cada instante se escreviam palavras começadas por *s*, passou-se a escrever tambem com esta letra *sapato*, *sarça*, *sujo*, etc. Mudou-se ainda *açucar* em *assucar* talvez por influencia do francez *sucré**).

*) O signal a que chamamos cedilha resulta de um pequeno *z* e collocava-se entre a consoante e a vogal sempre que se empregava *C* maiusculo, tomando depois a forma simplificada de virgula: *Cingapura*; *Candi*; *Cocolorá*, etc.

*) A palavra *assucar* vem do arabe *as-sukar* (as alteração do artigo *al*), e não do latim *saccharum* ou grego *ζάχαρον*.

Mas não é sómente a actual sibilante surda que se vê embaraçada diante de tanto symbolo apto para representá-la no papel; igual sorte toca á sibilante sonora entre vogaes, ou em certas terminações em face das letras *s* e *z*.

Inconfundiveis foram a principio os valores de *s* e *z* entre vogaes e no fim das palavras, e o que a escripta distinguia era o que o ouvido então percebia. Este facto pode observar-se na graphia dos nomes patronymicos. Até fins do seculo XIV escreveram-se sempre com *-iz*, *-ez*: *Pirez*, *Fernandiz*, *Fernandez*, *Vaasquez*, *Alvarez*, etc. Do seculo XV em diante occorrem já *Vaasques*, *Gonçalves* a par de *Vaasquez*, *Gonsalvez*; o que quer dizer que já não havia distincção phonetica entre *-ez* e *-es*, mantendo-se a primeira forma sómente pela força do habito.

Outra particularidade da graphia antiga, que perdurou ainda entre os quinhentistas, era o emprêgo da letra *z* no interior das palavras, antes de consoante, como em *mezquita*, *mezquinho*, *mazcara*, *almizcar*, *tiznar*, *esquerdo*. Se *z* tinha em geral o valor de consoante sonora, hypothese muito aceitavel, em se tratando da sua situação antes de vogal e antes de consoante sonora, evidentemente havia de soar como phonema surdo se lhe seguia consoante surda.

Nas Decadas de Barros, nos *Lusiadas* e em outras obras publicadas no seculo XVI, nota-se, quanto á graphia de vocabulos já existentes no idioma, a distincção entre *s* e *z* feita em geral com a regularidade observada nos escriptos de epochas anteriores. Devemos attribuir o facto em parte á tradição orthographica, bem como á influencia do hespanhol. Barros, Camões e outros eram muito lidos em obras antigas e versavam o hespanhol como a propria lingua materna.

A falta ou inefficacia desse freio conservador fez com que em livros sahidos a lume não muito tempo depois dos *Lusiadas* (1572), viesse notoriamente confundido o emprego de *s* e *z*. Não é de crer que a causa fosse a identificação rapida, para não dizer subita, de dous phonemas rigorosamente differencados até então, e desde longo tempo, tanto na escripta como na pronuncia.

Da edição de 1604, feita em Coimbra, na officina de Diogo Gomez Loureyro, impressor da Universidade, dos

Dialogos de Amador Arrais, «revistos e acrescentados pelo mesmo autor nesta segunda impressão» (da 1.^a, feita em 1589, creio não existir, no Brasil, exemplar algum), posso apontar: *portuguesa* (com z e não s) e *uzar* logo no Prologo; *canonisou* (20); *anatomisou* (9, duas vezes) a par de *eternizar* (7); *introduzir*, *introduzio* (7 e 8); *pezares* (7); *loquases*, *efficases* (33); a terminação *-eza* escripta ora com z, ora com s, *fraquesa*, *grandesa* (31), *certesa* (8), *tristesa*. Os verbos *fazer*, *dizer* occorrem umas vezes com z, de accordo com a tradição, outras vezes com s, *faserdes* (8), *fas*, *faseis* (5), *fasimento* (10), *faser* (33), *diser* (31), etc. No mesmo livro confunde-se tambem s com ç em *sapatos*, antigamente *çapatos* (2, 2), e *sujo* (13 e passim) a par do tradicional *cujo*.

Pelo seculo XVII não sómente era nullo o criterio do ouvido para dêcidir sobre o emprego das mencionadas letras, mas ainda devia ir-se enfraquecendo a influencia da graphia tradicional. Interessados entretanto os editores, mais que os autores, em evitar a balburdia, esforçaram-se até certo ponto por conservar o costume antigo. Naquelles casos, porém, em que havia incerteza ou esquecimento da escripta usual de outrora e, por mingua de conhecimentos etymologicos, ou não acudia ao espirito a imagem do respectivo termo latino ou não se percebia a relação phonetica entre os vocabulos de uma e outra lingua, nesses casos vacillava-se na graphia, escrevendo o vocabulo ora de um, ora de outro modo, ou então firmava-se a maneira de escrever muitas vezes em pura contradição com a pratica do passado.

No volume da Historia de S. Domingos de Fr. Luis de Sousa, do anno de 1632, posto que publicado depois dos Dialogos de Arrais, empregam-se todavia as letras s e z menos irregularmente. Não são tantas as hesitações e a graphia se aproxima em geral mais do criterio antigo. Esta melhoria na systematisação da escripta evidentemente não significa a restituição de um phonema desde muito tempo desaparecido. Casos de escripta duvidosa são: *thezouro* (Prol. e 177) a par de *thesouro* (3); *dezejarão* (Prol.); *roza* a par de *rosas*, *rosario* (178); *francez* (91), *ingrez* (31, 182), *aragonez* (20) ao lado de *ingres* (177, 181); *portuguez* com z (18, 19, 3 vezes, 20, 21, 23, 181) a par de portu-

gues com *s* (20, 23, 24, 180, 187, 4 vezes, Prol. 3 vezes) etc.

Nos Sermões de Vieira occorrem frequentemente *dezejo*, *dezejar*, *pezo*, *pizar*, *empreza* e outros. Nomes patrios apparecem com *-ez* e *-es*. No sermão de S. Antonio (vol. 2) manifesta-se decidida preferencia pela letra *z* na graphia *portuguez*, *portugueza*, *portuguezes* em dezenas e dezenas de exemplos. Só nas paginas 130, 135, 131, 129 assignalamos respectivamente dous, quatro, seis e onze casos.

Em algumas das obras impressas no seculo XVIII encontramos *filozofia*, *quazi*, *curiozo*, *dezalmado*, *fermozo*, *carinhozo*, *Luzitania* etc., parecendo querer a letra *z* usurpar o lugar do *s* intervocalico. É a epoca em que Luis Antonio Verney propõe reforma orthographica na qual include semelhante modificação, e logo applica a reforma em seus escriptos.

Contra esta pratica revolucionaria reagiu-se no mesmo seculo XVIII, bem como no seculo XIX, attendendo-se á etymologia latina, quando esta era evidente. Mas quando intercorriam palavras de origem menos conhecida, deixava-se de insistir no criterio etymologico. Como alterações hoje geralmente aceitas, nota-se a terminação *-es* dos patronymicos (*Gonçalves*, *Soares*, *Nunes* etc.) em que já não se usa *-ez*, e bem assim o emprego de *s* antes de consoante (*mesquita*, *mesquinho*, *tisnar* etc.). Duvida ha sobre a terminação tonica primitivamente representada por *-ez* (ou *-és*). A graphia *-ez* é mais simples; a outra, fiel ao antigo uso, requer o auxilio do accento circumflexo para differenciar-se a terminação oxytona da não accentuada.

Apesar de todas as regras, a representação ora por meio de *s* ora pelo symbolo *z*, de um só phonema — a sibilante dental sonora — não deixa de causar, por vezes, embarços, mórmente quando o phonema se acha entre vogaes. Uma simplificação pratica se adoptou no seculo XIX relativamente a um suffixo verbal em que a sibilante se filia a certa consoante grega transcripta, segundo a tradição, pela letra *z*. Rompeu-se com o passado e systematicamente se substituiu *-isar* a *-izar*: *suavisar*, *caracterisar*, *tranquillisar*, *horrorisar*, *agonisar*, *realisar*, *generalisar*, *judaisar*, *monopolisar*, *baptisar*, *escandalisar*, *civilisar* etc.

Vocabulos mil vezes repetidos com esta graphia e assim usados por Herculano e outros escriptores coevos*).

Com esta pratica facilitou-se a escripta, passando a letra s a servir tanto para o referido suffixo, como para a representação da sibilante entre i e as vogaes a, o e no interior de certos vocabulos cuja filiação é menos facil de apurar, senão de todo obscura, como *brisa*, *avisar*, *aviso*, *liso*, *alisar*, *balisa*, *abalisar*, *friso*, *frisa*, etc.

Esta escassa conquista no sentido da uniformisação e simplificação orthographica tem sido ultimamente menoscabada, graças á preocupação etymologica que leva a escrever *suavizar*, *realizar*, etc.

O estudante, para ter certeza da graphia de *balisa*, *frisa* etc., tem de consultar dictionario ou vocabulario orthographico. Não poderá dar a razão do s em taes palavras, por muito que se jacte de saber que z de *-izar* provém do grego. A origem do suffixo *-iser* da lingua franceza não seria cousa menos conhecida aos linguistas da Sorbonne; entretanto, nem por isso se lembraram por lá de alterar a graphia de *réaliser*, *civiliser*, *baptiser*, etc.

*) É digna de nota esta insistencia em escrever sempre *-isar* no autor das Lendas e Narrativas, que estaria farto de ver *-izare* em latim e *-izar* em portuguez antigo. Manteve sempre a mesma graphia ainda depois de 1859, quando, em attenção ao latim *-ense*, passou a escrever *português*, *inglês*, *irlandês*, etc.

Os vocabulos: especies, formas e significação

A parte da grammatica que estuda os vocabulos denomina-se **lexeologia**. Differe da phonetica em considerar os sons combinadamente e denotando idéas e relações. No exame das palavras verifica serem estas geralmente formadas de duas partes: o *radical*, parte mais ou menos estavel e de significação propria, e *affixos*, elementos variaveis, de significação relativa, isto é, de valor semantico sómente na combinação com o radical. Palavras ha que não apresentam mais que o radical, por ter desaparecido o elemento variavel em que terminavam.

Os affixos, divididos em prefixos, suffixos, terminações e desinencias, dão ao vocabulo a diversidade de formas. Daqui o costume de se chamar *morphologia* ao estudo destes elementos e de suas relações com o radical. Esta feição particular que se dá á lexeologia tem fundamento na grammatica de linguas como o latim e o grego, com desenvolvido systema de declinação e conjugação, e tambem na grammatica das linguas romanicas quando se mostra como as formas latinas se mudaram nas destes idiomas modernos. Porém vem menos a proposito o termo *morphologia*, e promette mais do que tem para dar, quando, posto em lugar de lexeologia, se propõe estudar a evolução das palavras em lingua moderna já constituida.

Não examina a lexeologia as palavras sem primeiro dividil-as em um pequeno numero de grupos de accordo com certos caracteres communs. Base desta classificação é o

sentido geral das palavras, inquirindo-se se denotam seres, qualidades, acções, relações, etc.; e dahi a divisão em nomes, pronomes, verbos, etc., que por sua vez se subdividem, attendendo sempre a caracteres de ordem semantica, como veremos em seu lugar.

Nomes em geral

As palavras com que se designam os seres e seus attributos chamam-se simplesmente *nomes*. É o termo mais desprezencioso e mais acertado de toda a nomenclatura grammatical. Fazendo-se, como se faz, distincção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as denominações dos attributos de dimensão, tamanho, cor, consistencia, etc., pelos quaes os differencamos uns dos outros, torna-se necessario dividir os nomes em **substantivos e adjectivos**.

Os attributos, posto que sejam inherentes aos seres, são considerados muitas vezes como se existissem separados delles, como se fossem outras entidades. Os substantivos que os representam chamam-se **abstractos**; são **concretos** os nomes de referencia directa aos seres. *Alegria, tristeza, formosura, probidade* são substantivos abstractos; *casa, mulher, jardim, homem* são nomes concretos.

② Dá-se ao substantivo o qualificativo *commum* se é nome applicavel não sómente a um ser, mas a todos aquelles que tiverem os mesmos caracteres; e chama-se substantivo *proprio* o nome com que se distingue algum individuo de entre outros congeneres desprezando os caracteres genericos.

Nomes com terminações adequadas para denotar diminuição ou augmento das dimensões, proporções ou condições usuaes, são **diminutivos** ou **augmentativos**.

Uma ou mais unidades se assignalam pelos numeros **singular** e **plural**; varias unidades em conjunto se dizem por meio de termos usados no singular e chamados **collectivos**.

Os substantivos têm genero: **masculino** ou **feminino**

Os adjectivos têm formas de singular e plural e genero de accordo com o substantivo. De alguns podem-se formar

augmentativos e diminutivos. Peculiar aos adjectivos são os graus de comparação.

Nomes diminutivos

Querendo significar que certo ente possui dimensões notavelmente inferiores ás que deveria ter segundo o conceito medio que formamos de outros seres congeneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou ajuntamos ao nome um suffixo de função diminutiva: *mesa pequena, mesinha; jardim pequeno, jardimzinho.*

Nomes derivados de outros por meio de taes suffixos chamam-se **diminutivos**. O suffixo *-inho -inha* acrescenta-se directamente ao vocabulo terminado em consoante (*lugarinho*), e, se o substantivo terminar por vogal pura atona, esta será previamente supprimida (*livrinho*). Não serve este suffixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tónica ou em ditongo. É necessario substituí-lo então por *-zinho, -zinha* (pode graphar-se depois de vogal *-sinho, -sinha*); *jejumzinho, pásinha, liçõesinha, paisinho, mãisinha*. Pode-se usar este suffixo *-zinho* tambem para os demais substantivos, a que se ajunta directamente, e é em geral a forma preferida.

Em linguagem familiar substituem-se, mais em Portugal que no Brasil, os mencionados suffixos não raro por *-ito, -ita, -zito, -zita*.

Noção diminutiva exprime tambem *-ola* nas palavras seguintes, ao passo que em outras tem sentido differente: *aldeola, bandeirola, portinhola*. Limitado é o emprego de outros suffixos para derivar puros diminutivos, como em *ilheta, naveta, maleta, baleote, etc.*

⁂ A percepção de seres pequenos, como crianças, crias de animaes, objectos de uso commum, delicados e de pequenas proporções, associa-se facilmente o sentimento de carinho, e d'ahi resulta dizerem-se muitas vezes, tão sómente para despertar este sentimento, sob a forma diminutiva os nomes de seres que na realidade não são pequenos, e entender-se este uso aos adjectivos: *mocinho, bomzinho, bonitinho, amiguinho, tolinho, grandesinho, pobresinho, etc.*

Em alguns casos o adjectivo em *-inho* é usado com o valor de superlativo: *bolsa cheiinha*, *prato limpinho* (= perfeitamente limpo), etc.

O emprego, tão estimado na linguagem familiar de hoje, de adjectivo com a terminação diminutiva *-inho*, *-zinho*, ocorre, de alguns seculos a esta parte, tambem em linguagem literaria, faltando naturalmente este signal de tom carinhoso ao estilo rude e secco do portuguez antigo. Em Fr. Luis de Sousa, Vieira e Bernardes, para não mencionar outros autores, topam-se exemplos analogos ao falar de hoje:

Este *esfarrapadinho* innocente ensina a Fr. Bertolomeu a ser arcebispo (Sousa, Arc. 1, 97). — Notou... a paciencia do *pobrezinho* (ib. 1, 96). — Tomavão da terra, lançavão-na sobre a cabeça... Fazia o *surdinho* outro tanto (Sousa, S. Dom. 118). — *Belchior*, porque era *pretinho*, ficasse em Belem por escravo (Vieira, Ser. 4, 533). — E estes degradados... são os *santinhos* que lá se mandão (ib. 4, 538). — Aquella lesma tão *tenrazinha* (Bern. N. Flor. 1, 284). — E não sómente fazer-se homem, mas menino, *pobrezinho* entre palhas, *enfazadinho* em pannos... e tomando o peito da Virgem Mãi, para se fazer mais carinhoso, meigo e accessivel (ib. 1, 242). — Contradizem-me a mim e me perseguem em meus filhos *pequeninós* (ib. 1, 146). — Viu hum *velhinho* (ib. 1, 308). — A *pobrezinha* Roma (ib. 2, 144). — Não porque... se mostre ser *maiorzinho* o beneficio (ib. 2, 145). — Era tão *baizinho* que huma vez para ser ouvido se atrepou a um cepo (ib. 3, 196)*).

Nomes augmentativos

Diz-se que está na forma augmentativa todo o nome (substantivo ou adjectivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente alem do commum a noção expressa pelo radical. A terminação pode ser: *-az*, precedido de outros phonemas, como em *fatacaz* (= fatia grande), *ladravaz* (= grande ladrão); *-aço*, como em *riçaco*, *ladroaço* (*alguns delles não são só ladroensinhos, se não ladroassos*; Bern. N. Fl. 4, 271), *peccadoraço* (Bern. N. Fl. 4, 340) e outros; *-il*, como em *corpanzil*, ou, finalmente, a mais usual de todas, *-ão*, que tambem pode occur-

*) O proprio adverbio *cedinho* na forma diminutiva, não é nenhuma creação dos nossos tempos: *Ai de ti, oh terra cujos governadores atmoçam cedinho* (Bern. N. Flor. 1, 28).

rer, conforme o vocabulo, desenvolvida em *-arão*, *-arrão*, *-eirão*, *-zarrão*, *-alhão*, *-gão*.

Quanto ao emprego e formação do augmentativo em *-ão*, continua-se em portuguez, posto que com vocabulos novos, a historia dos substantivos latinos em *-o*, gen. *-onis*, designativos de pessoas, os quaes pertenciam, explica Lindsay, em geral á linguagem plebéa ou familiar e tinham sentido depreciativo. Derivavam-se de adjectivos, de substantivos e verbos.

Do augmento exagerado ao ridiculo não é grande a distancia; e assim se usam por ironia *valentão*, *sabichão*, *santarrão* augmentativamente. Nem é por elogio que chamamos *solteirona* á mulher que, carregada de primaveras, não se casou.

Francamente depreciativos são *comilão*, *beberrão*, *chorão*, *besuntão*, *trapalhão*, *pedinchão*, *pedintão*, *babão*, *brigão*, *resmungão*, *mandão*, *mandrião*, derivados de verbos para denotar a pessoa que pratica a acção com frequencia ou insistencia.

Alguns augmentativos designam actos violentos: *empurrão*, *empuxão*, *trambolhão*, *bofetão*, *carapetão*, *escorregão*, *esfregão*, *mergulhão*, *apalpão*, *apertão*, *beliscão*, *arranhão*. *Comichão* exprime sensação viva de prurido (= alguma cousa que come).

Substantivos femininos designativos de cousas concretas passam a masculinos se se transformarem em augmentativos: *a casa*, *o casarão*; *a vaga*, *o vagalhão*; *a parede*, *o paredão*. Em varios destes termos em *-ão* operou-se a especialização de sentido. *Florão* não é qualquer flor grande, mas certo ornato de architectura em forma de flor; *portão* não é necessariamente porta grande, o de um gradil até pode ter dimensões bem pequenas; *garrafão* chama-se certa vasilha avantajada propria para aguardente; *facão* é utensilio differente da grande faca de mesa; *palavrão* se diz do termo empolado e tambem de palavra obscena; *boqueirão* augmentativo de *boca*, usa-se como termo geographico; *pulgão* é insecto differente de *pulga*.

Augmentativos de sentido especializado, e tambem varios outros, podem tomar suffixo diminutivo: *portãosinho*, *caxãosinho*, *facãosinho*.

Comparada com a derivação diminutiva, caracteriza-se

a derivação augmentativa pela maior variedade de formas, mas ao mesmo tempo pela sua extraordinaria deficiencia. Pode-se geralmente accrescentar *-inho*, *-zinho* a qualquer substantivo, mas é relativamente diminuto o numero de vocabulos a que é possível ajuntar *-ão* ou alguma das suas variantes: *cabecinha*, *vestidinho*, *penninha*, *cadeirinha*, porem *cabeça grande*, *vestido comprido*, *penna grande*, *cadeira grande*, etc.

Os diminutivos, alem disso, têm facil accesso á linguagem elevada, ao passo que os augmentativos se usam antes no estilo comico, na prosa faceta e na linguagem familiar. Sá de Miranda nas comedias empregou *toleirão*, *frieirões* (2, 92); *cachoparrão* (2, 85); *beliguinaz* (2, 101); A. Ferreira na comedia de Bristo: *velhancão* (2, 312); *doudarrão* (ib.); *mansarrão* (2, 322); *rafianaz* (2, 357); *ladravaz* (2, 358); F. Manoel de Mello, em Ap. Dial. 101: *o simplalhão do abbade Gabriel*; em Fid. Apr. 22: *queres sempre ser princeza e eu seja madraceirão*. Nada disto apparece nos Lusitadas. Nem haveria lugar para *molleirão*, *asneirão*, *mocetão*, *pobretão*. Em compensação: *eu o vi certamente — e não presumo que a vista me enganava — levantár-se no ar hũ vaporzinho* (Cam., Lus. 5, 19); e em Vieira, Serm. *bordãozinho* (11, 269); *corposinho* (11, 223); *fradinho* (11, 362) etc.

Substantivos collectivos

Seres da mesma especie apparecem aos nossos sentidos, ou á nossa imaginação, ora como individuos dispersos, ora como individuos agrupados. Designam em especial esta segunda situação nomes chamados **collectivos**, como *multidão*, *collecção*, *exercito*, *banda* e outros.

O caso mais simples é o do colectivo dual, em que serve o termo *casal* para dous seres de sexo differente, e *par* significando dous objectos que costumam andar juntos, como *par de luvas*, *par de sapatos*, ou duas partes similares de um objecto que constituem o todo, como *par de olhos*.

Collectivos de pluralidade referentes a animaes são: *manada* (de animaes de certo vulto); *rebanho* (de ovelhas); *fato* (de cabras); *vara* (de porcos); *cardume* (de peixes); *ma-*

tilha (de cães de caça); *encame* (de abelhas, vespas ou outros insectos); *cafila* ou *corja* (de camelos).

Esta distinção que hoje se faz era menos rigorosa na antiga linguagem; pois que se podia dizer:

Fezerom presa em dous *fatos de vaccas* (F. Lopes, D. J. 163) — Elefantes... quasi em manadas, como *fatos de vaccas* (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Grande *fato de ovelhas* (ib. 1, 1, 11) — *Cardume de rans* (Vieira, Serm. 8, 52) — Lobo voraz que na *manada das ovelhas* entrou (Castro, Ul. 6, 62) — Hum *rebanho de vaccas* vê defronte (ib. 2, 66).

Figuradamente applicam-se tambem a pessoas algumas destas expressões. Não é raro por exemplo o termo *cardume* em Barros e Couto para denotar massa compacta de gente. No mesmo sentido usam estes escriptores as metaphoras *pinha*, *peso*:

Logo acudio hum grande *peso de gente* (Barros, Dec. 2, 2, 1) — Logo que o vio [ao ilheu] feito hũa *pinha de gente* (ib. 2, 2, 1) — Remetiam os elefantes ao *cardume de gente* (ib. 6, 4).

Não menos frequentes são *golpe*, *ramo* e *manga*:

Ajunta *dos seos hũ boõ golpe* pera ir sobre os nossos (Castanh. 3, 106) — E dalli mandou hum *ramo de gente* miuda ao passo de Agacij (Barros, Dec. 2, 5, 4) — A entrada delle foi *com golpe de gente* (ib. 2, 3, 6) — Foram dar com hum *golpe de Rumes* (ib.). — Tres *mangas* de arcabuzeiros (B. Cruz, Seb. 2, 65).

Cafila, no arabe, donde o importámos, significa o mesmo que caravana. Esta noção não a haviam perdido os Portuguezes quando applicavam o termo a pessoas, navios etc. que caminham uns atraz dos outros:

Veio hum grande *cafila de gente* a pé toda preta (Barros, Dec. 2, 1, 2) — Despedio Fernão Rodrigues de Carvalho pera Barcelor com hũa *cafila de navios* de mercadores (Couto, Dec. 8, 37).

Diversamente usado vem o colectivo em Castilho (Metam. 133): *açulam a cafila* (de cães) *bravia*.

As vezes pode-se formar o colectivo por simples suffixação, como em *boiada*, *cavallhada*, *carneirada*, *casaria*, *fradaria*, *gritaria*. Por meio da terminação *-al* obtêm-se nomes que designam grande porção de vegetaes da mesma especie plantados ou que crescem em certa extensão de terreno: *bananal*, *feijoal*, *trigal*, *laranjal*, *seringal*, *faial*, *rosal*, *pinhal* (ou *pinheiral*), *cafésal*, etc.

Plural dos substantivos

Forma-se o plural dos substantivos accrescentando *-s* á terminação vocalica, e *-es* á terminação consonantal: *rio-s*, *penna-s*, *mar-es*, *cruz-es*. Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalização pela letra *m*, mudam esta letra em *-n* ao passarem para o plural: *homem*, *homens*; *jardim*, *jardins*.

Vocabulos não-oxytonos terminados por sibilante, como *oasis*, *ourives*, conservam-se, segundo a linguagem hodierna, inalterados no plural. Em portuguez antigo dizia-se porem *ourivezes*, de que ha bastantes exemplos no Livro Verm. (Ined. 3, pags. 428, 448, 449, etc.) e ainda em escriptores quincentistas. Do plural *alferezes* dão testemunho: *Alferezes volteião as bandeiras* (Cam., Lus. 4, 27). — *Então se chegaram os alferезes ás bandeiras* (Sousa, Arceb. 2, 375).

Das palavras em *-l* seguem rigorosamente a regra geral *mal*, *males* e *consul*, *consules*. No plural dos demais nomes dá-se o desaparecimento de *l*: *dedaes* (por *deda(l)es*); *lençoes* (por *lenço(l)es*). Em port. ant. *sol* conservava a consoante no plural: *se o sol tomasse outra molher, faria outros filhos que seriam soles e dariam tanta quentura de si* (Livro de Esopo 14). Nas Ord. D. Man. 1, tit. 45 usa-se ainda *roles* como plural de *rol*.

Real formou, segundo a regra, *reaes* no plural. Appli- cado o termo á moeda portugueza, o plural *reaes* ao cabo de certo tempo degenerou completamente em *réis*, apesar do voto de Fernão d'Oliveira: «*real reais* assi quando he substantivo como ajétivo. E não digamos dous reeis, tres reeis».

Nos vocabulos em *-el*, desaparecendo a consoante ao formar-se o plural, entram em contacto duas vogaes semelhantes. Dissimila-se a segunda, ficando *-eis* por *ees* (de *-e(l)es*): *annel*, *anneis*; *papel*, *papeis*. O antigo *meles*, plural de *mel*, resistiu por muito tempo á alteração. Castilho ainda usou esta forma em *espremia aos panaes os meles espumantes* (Georg. 241); mas em outros passos (Georg. 19, 227, 235, 245, 251, 257, 295) emprega já o plural *meis*.

No plural dos substantivos em *-il* houve, pelo contra-

rio, assimilação e final absorção da segunda vogal, resultando *-is* de *-iis* < *-ies* < *-iles*: *covil, covis; ardil, ardis*.

Os substantivos em *-il* são oxytonos. *Reptil*, apesar da origem latina, não se usa em portuguez como adjectivo; toma, por analogia dos outros substantivos, accentuação na syllaba final, e o seu plural *reptis*, formado igualmente por analogia, acha-se documentado em Castilho (Misant. 18); em Garret (Viagens 2, 112): *esmaga os reptis que te corroem*; em Herc. (M. de C. 2, 251): *os reptis mais extravagantes*; e em Fil. Elysio (14, 68): *mudados canta os nunes, varões mudados em reptis, em aves*.

Nas mesmas condições se acha *projectil*, que, não se usando senão como substantivo, deve ser oxytono com o plural *projectis*. Em Portugal dizem comtudo *projecteis*. *Fossil*, pelo contrario, tanto substantivo como adjectivo, conserva a accentuação latina e tem o plural em *-eis, fosseis*, como os demais adjectivos paroxytonos.

Innumeros são os substantivos terminados em *-ão*. Como procedem, salvo poucas excepções, uns por filiação directa, outros por criação analogica, de nomes latinos em *-o*, gen. *-onis*, formam naturalmente o plural em *-ões*. Manteve-se aqui a regularidade do plural, ao passo que a antiga terminação do singular *-õ* (que tambem se graphava *-om*) se alterou em ditongo. Em *-ões*, dos velhos codices, o segundo *o* sem til representaria o prolongamento phonetico da primeira vogal, cousa que hoje não se percebe: *oraçom, orações; entençom, entenções; coração, corações; razom, razõ, razões; deleitaçom, deleitações; condiçom, condiçõ, condições; nações; perfeiçom, perfeições; desposiçõ, desposições; tentações; cuidações, etc.*

A regra geral do plural em *-ões* vigora para a linguagem moderna, sendo applicada naturalmente a quaesquer termos novos: *civilisações, vagões, salões, montões, felicitações, estremeções, etc.* Deste oceano de substantivos em *-ão* mal tiramos umas duas duzias de vocabulos com plural differente, a saber:

a) com a terminação *-ães*: *pão, pães; cão, cães*, e do mesmo modo, *capitão, capellão, charlatão, escrivão, bestião* (Herc., M. de C. 2, 247), *catalão, allemão* (tambem adjectivo), *guardião, sacristão, sultão, deão*.

b) com a terminação *-ãos*: *christão, irmão, pagão, mão, chão, cidadão, alão, grão, cortezão, romão* (port. ant.) *vão* (e o composto *desvão*). Accrescentem-se a estes os paroxytonos em *-ão*: *accordão, orfão, sotão, orgão* e outros. A mudança de accentuação deu lugar a que a palavra *benção*, cujo plural era *benções* (assim usado ainda pelo padre Vieira) viesse a fazer *bençãos*. Inversamente, *zangão*, tornado oxytono, tem hoje o plural *zangões* (em vez de *zángãos*).

Nos seguintes, posto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em *-ões*: *aldeão, aldeãos e aldeões; ancião, anciãos, anciães e anciões; villão, villãos e villões; truão, truães e truões*.

Entre os escriptores antigos e, ainda, entre quinhentistas e seiscentistas, eram em maior numero as excepções e oscillações. *Cidadães* (occorre ainda em Sá de Miranda, vol. 2, pags. 105, 139 e 140); *gaviães* (Couto, Dec. 4, 7, 10); *anãos* (Bern., N. Flor. 1, 402); *cidadões* (Bern., N. Flor. 2, 114); *ermitãos* (Arr. 440); *ermitães* (em port. ant. e Vieira, Serm. 8, 403); *pãaos* (= pavãos, L. de Esopo 23); *cirurgiães* (Bern., L. e C. 334); *peães* (frequente entre os quinhentistas).

O plural do antigo *diamã* ou *diamão* (= diamante) era *diamães*.

Os termos em *-ane* e *-anu*, donde se originaram os pluraes em *-ães* (port. ant. *-ãaes*) e *-ãos* (port. ant. *-ãaos*), recebidos do latim, foram mui poucos em comparação da onda de nomes em *-one* com que se enriqueceu o idioma portuguez; e teria havido menos difficuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações *-om*, *-am* e *-ão* houvessem permanecido sempre distintas entre si. Ao contrario disso, principiaram ellas cedo a confundir-se na pronuncia, e d'ahi o embaraço não sómente para o plural de vocabulos de filiação latina, cuja etymologia era obscura ou esquecida, mas ainda para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro.

Certos nomes hoje usados no singular diziam-se antigamente no plural. Assim *peitos*, por influencia do sentido especial de seios, *mammás*, *narizes*, por tomar-se tambem na accepção de ventas, e *queixadas* (= maxillares) denotando queixo:

Pela bocca e pellos *nareces* (S. Graal 6) — Chegou-lhe ás *queixadas* e logo ho vazou com hũa estocada (Castanh. 5, 17) — Poseram-

lhe hū punhal nos *peylos* porque se calasse (ib. 2, 122) — Onde rosto e *narizes* se cortava (Cam., Lus. 3, 41) — Obrigou a que o anjo 'ao passar por elle tapasse os *narizes* (Bern., N. Flor. 1, 332).

Costas, a principio mero plural de *costa*, significando o mesmo que o hodierno «*costella*», continúa a usar-se no plural, esquecida esta significação, como equivalente de «*dorso*».

Nomes de materia, empregados actualmente quasi sempre no singular, podiam dizer-se outrora com a forma de plural:

Açucares, melles, manteigas (Pina, D. J. 2.º, 116) — Todos os *arrozés* que vierão de fora (Castanh. 3, 72) — Quisesse trocar carnes por *azeites* e *vinhos* (Castanh. 5, 18).

Igualmente alterados na terminação eram os nomes de ventos *levante*, *ponente* para exprimir o cursar frequente:

Como já os *levantes* cursavão fez muy pouco caminho (Castanh. 5, 19) — Ora cõ *ponentes*, ora com *levantes* chegou a vinte legoas de Judá (ib. 5, 11) — E tornando os *levantes* avia de tornar a Judá (ib. 5, 11).

Dizemos hoje em dia tanto *gema* como *clara de ovo*, porem Diogo de Couto:

Este de hum ovo, que poz hum galo, formara o mundo todo, da *gema* os ceos, e das *claras* os elementos (Dec. 5, 8, 12).

Não costumamos pluralisar certos termos como *vontade*, *cabeça* e outros referidos a diversos individuos, ao contrario do antigo uso nestas frases:

Homens, mulheres e meninos metidos na agua com as *cabeças* de fora (Vieira, Serm. 7, 818). — La escrevo aos Pautagatins e regeadores que lhe acudam com alguma esmola: fazei que seja por suas *vontades* e nãc por força (ib. 8, 288).

Genero dos substantivos

Appellativos que designam seres humanos tomam o genero naturalmente de accordo com o respectivo sexo: o *homem*, a *mulher*; o *genro*, a *nora*; o *pai*, o *padre*, o *padrinho*, o *compadre*; a *mãe*, a *madre*, a *madrinha*, a *comadre*; o *padrasto*, a *madrasta*.

Raros são os casos como os exemplos precedentes, em que o feminino é vocabulo muito diverso do masculino. Basta em geral alterar a terminação, sendo característica do feminino a vogal *-a*: *filho, filha; noivo, noiva; menino, menina*. Semelhantemente *irmão*, pronunciado a principio *irmã-o*, deu no feminino *irmãa*, isto é, *irmã-a*, hoje reduzido a *irmã*. *Avô* e *avó* resultam respectivamente de *avoo*, *avoa*, tornando-se aberta a vogal *o* do feminino por influencia da terminação *-a*. *Rei, rainha* procedem do latim *rex, regina*.

Rapaz faz no feminino *rapariga*.

Certos nomes de titulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-issa, -isa, -essa, -eza*: *sacerdote, sacerdotisa; diacono, diaconisa; prior, prioreza* (tambem *priora*); *abade, abbadessa; conde, condessa; principe, princeza* (em lugar de *principeza*); *barão, baroneza; duque, duqueza*.

Nomes em *-e* não comprehendidos nesta categoria resistem em geral á mudança, tornando-se *communis* de dous, como *amante, estudante, hereje, agente, cliente, protestante, viajante*. Usam-se porem com a característica *-a*: *freira, feminino de freire* ou *frade, parenta, mestra, monja, hospeda e infanta*.

Tornou-se o falar hodierno, neste ponto, mais sobrio que a linguagem quinhentista e seiscentista, onde se encontram:

Casado com hũa *nayra* christãa (Castanh. 2, 28) — Duas *castras* (ib. 2, 6 e passim) — Esta *giganta* era rica (Barros, Clar. 164 e passim) — Hũa *comediante* (Vieira, Cart. 2, 180) — Gracejando com as *farsantas* (Bern., N. Flor. 2, 314) — Hũa *comediante* (ib. 5, 248).

Não estariam, entretanto, grandemente convencidos os quinhentistas da correcção desta linguagem se já hesitavam entre *a infante* e *a infanta*, como facilmente se vê na Chronica de D. Manoel por Damião de Goes. A forma *infanta*, tornou-se, comtudo, a preferida por Vieira e outros, e prevaleceu.

Feminino de *heroe* é *heroína*. Os nomes de origem estrangeira *landgrave, margrave, czar* fazem respectivamente *landgravina, margravina, czarina*.

Dos appellativos em *-or* formam *embaixador, imperador, actor*, o feminino em *-triz*: *embaixatriz, imperatriz* (o povo

portuguez dizia *emperadora*), *actriz*. Desconhecia-se esta formação na phase primitiva da linguagem portugueza; devem-se taes vocabulos á influencia erudita ou á importação directa do estrangeiro. Vieira, posto que empregue *emperatriz* (*entre a emperatriz e Catharina*, Serm. 11, 571, *emperatriz de Alemanha*, ib., app. 23), faz, todavia, concessão á linguagem popular quando diz: *rainha sobre todos os reys, e emperadora sobre todos os emperadores* (Serm. 11, 239).

Verdade é que a intenção aqui é dar relevo não tanto ao titulo, como á effectividade do acto de imperar. Fala-se da Virgem Maria. No mesmo sentido se emprega o termo em G. Vic. 1, 144: *Deos te salve, Emperadora*.

O proprio processo de accrescentar *-a* ao substantivo em *-or* só com o tempo conseguiu generalisar-se. Assim vemos o termo *senhor* usado nos Cancioneiros ainda como substantivo commum de dous.

Em lugar da formação regular, usam-se, em certos casos, femininos em *-eira*: *varredeira, vendedeira* (Livro Verm. ap. Coll. Ined. 3, 480 e 482), *tecedeira, serzideira, carpideira, arrumadeira* e outros. Nenhuma relação morphologica ha entre estes femininos e os masculinos em *-or*. Prendem-se, sim, aos derivados em *-eiro*, designativos de individuos que exercem certos mesteres ou profissões; e sendo varias occupações exercidas, desde tempos remotos, principalmente pela mulher, fixou-se, em taes casos, a forma feminina em *-eira*, antes que se creassem os respectivos termos masculinos, para os quaes o uso preferiu muitas vezes palavras terminadas em *or*.

Posto que se assignalem com a terminação *-a* os nomes femininos, não se infere d'aquí que femininos sejam, por sua vez, todos os nomes terminados por esta vogal. Assim, denotando varões, não podem deixar de ser masculinos *monarcha, heresiarcha, patriarcha, pirata, agiota, jesuita, homicida, nauta, camarada, espiritista* e muitos outros. Varios destes nomes podem-se applicar a mulheres, ficando então inalterados, excepto *poeta, profeta* que fazem *poetisa* e *profetisa*.

Para os nomes em *-ão* dispomos de tres maneiras de formar o feminino. Seguem o typo *irmã*, fem. de *irmão*, *aldeã, anã, anciã, castellã, charlatã, cidadã, cirurgiaã, foã* (S. de Usque, 2, 129) *cortezã, peã, sacristã*; e tambem *christã*,

pagã, cintrã, coimbrã, comarcã, catalã, bretã, allemã, femininos de palavras usadas ora como substantivos, ora como adjectivos. *Romã*, adjectivo, é o feminino do antigo *romão* (= *romano*). Nada tem que ver com *romã*, substantivo, de origem arabe. *Sultão* faz excepcionalmente *sultana*.

Põem a terminação *-oa* em lugar de *-ão*: *abegoa, beiroa, bretoa* (tambem se diz *bretã*), *ermitoa, horteloa, patroa, rascoa, villoa* (ou *villan*). Do substantivo *tabellião* formou-se o adjectivo *tabellioa*. *Ermitão*, como adjectivo, faz *ermitã*. *Japão*, usado outrora em lugar de *japonez*, fazia *japoa*: aos *Japões á Japoa* (Vieira, Serm. 8, 164). De *capitão* usou-se outrora o feminino *capittoa*: *Esta foi eleita por capittoa de todas* (Couto, Dec. 6, 2, 2); *nao Capittoa*.

O terceiro modo, finalmente, consiste em mudar *-ão* em *-ona*. É, sobretudo, nos augmentativos que se usa esta forma: *bonacheirona, chorona, figurona, mandriona, besuntona, fanfarrona, porcalhona, resmungona, trapalhona, solteirona, valentona, santarrona, pedinchona, sabichona*; ha tambem o fem. em *-ã*: *as vossas velhas sabechans* (Mello, Ap. Dial. 229), *feianchona, parlapatona*.

Importa notar que até o seculo XVI reinava ainda bastante incerteza quanto ao feminino dos nomes em *-ão*. Diz o grammatico Fernão d'Oliveira assim: «Estes nomes eu nam os pronunciaria nesta forma *cidadoa*: *capittoa*: *viloo*: *rascoa*: *aldeoa*: mas pronuncial-os-ia assi: *aldeã*: *vilã*: *cidadã*: verdade he que *rascã* nem *capitã* não são mui usados: e, comtudo, *zamboa* e *padoa* e quaesquer que o costume consentir».

Palavras em *-eu* fazem *-éa* no feminino: *européu, europeá, plebeu, plebéa, hebreu, hebréa*. Diz-se, comtudo, *judia* de *judeu*, *sandia* de *sandeu*, *ilhoa* de *ilheu*, e *ré de réu*.

Para os nomes patrios em *-ez* v. Adjectivos.

NOMES DE COUSAS. — Masculinos são todos os nomes de cousas terminados em *-o* atono, e femininos os que terminam em *-a* atono, exceptuando as denominações de letras do alphabeto, que como os demais nomes de letras são do genero masculino (*o alpha, o jota, o kappa* etc.), *dia, tapa* e os vocabulos de origem grega, quer vindos atravez do latim, quer tirados directamente do grego, e que neste idioma tomariam o genero neutro. Taes vocabulos são masculinos

em portuguez: *drama, thema, theorema, axioma, atoma, idioma, emblema, clima, problema, lemma, dilemma, cosmorama, panorama*, os compostos de *-gramma* (*diagramma, epigramma, telegramma, monogramma, etc.*), *diaphragma, syntagma, magma, clysmo, prisma, aneurysma, sophisma* etc.

De alguns vocabulos de origem grega tem variado o genero (V. pag.^{as} 65, 66 e 70). Em outros altera-se o genero incoherentemente, como a *cataplasma*, porém o *plasma*, o *protoplasma*, o *neoplasma*.

Ordem e margem (lat. *ordo, margo*), masculinos em latim, passaram a termos femininos em portuguez. Este mesmo genero têm os demais nomes em *-gem* (a *imagem*, a *vagem*, a *viagem*, a *ferrugem*, etc.). *Linguagem e linhagem* também se usaram no masculino (v. pag. 67).

Nomes abstractos em *-ião*, como *legião, opinião, occasião, região, rebelião*, são femininos conforme a regra dos nomes latinos em *-io*. Tomam o mesmo genero os innumerados termos abstractos em *-ção, -são, -zão*, filiados a palavras latinas em *-tio, -sio* (*condição, razão, fusão, produção, ambição, dicção, appellação, ampliação, etc.*) ou creados por analogia, de expressões verbaes modernas, como *mastreacção, estagnacção, civilisacção, vaccinacção, amalgamacção, etc.* São ainda femininos: *multidão, solidão, fortidão* e outros, que se prendem com a formação latina em *-tudo* (*multitudo, solitudo* etc.).

Usam-se, pelo contrario, no masculino os nomes concretos em *-ão*, exceptuando a *mão*, por exemplo: *chão, grão, alcatrão, algodão, agrião, bastão, bordão, diapasão, feijão, pilão, pirão, pistão, latão, galão, limão, melão, pulmão, sabão, torrão, coracção, tostão, turbilhão, violão, verão, bastião, pavilhão, botão, galeão, trovão* etc.

No masculino também se usam os augmentativos em *-ão, -arão, -eirão*, ainda que procedam de vocabulos femininos: *garrafão, carroção, casarão, boqueirão, caldeirão, pranchão, salão, florão, portão, barracção, caixão, palavrão* etc.

São femininos *grade, cidade* e todos os nomes abstractos (*amizade, verdade* etc.) em *-ade*, em *-ice* e *-ez*, derivados de adjectivos e substantivos (*altivez, solidez, velhice, macaquice, meninice* etc.), e os abstractos em *-ude*

(saude, virtude, altitude, etc.). Accrescentem-se ainda a esta serie de vocabulos, por serem de igual genero, *vez*, *fraude*, e os termos concretos *fez*, *tez*, *torquez*, *cegude* e *incude*. Outros nomes em *-ez* e *-ude* são masculinos (*pez*, *revez*, *jaez*, *arnez*, *calcez*, *convez*, *pavez*, *gurupez*, *grés*, *viez*, *envez*; *açude*, *alaude*, *ataude*, *almude*, *embude*, *grude*, *talude*).

Pondo de parte os nomes abstractos em *-ão* e os femininos em *-ez* a que acabamos de nos referir, são em geral masculinos os nomes oxytonos: *chá*, *tafetá*, *pé*, *dó*, *nó*, *pó*, *cipó*, *café*, *fubá*, *maracujá*, *gral*, *mal*, *sal*, *rubi*, *annel*, *mel*, *ar*, *lar*, *altar*, *lugar*, *chapeu*, *ceu*, *calhau*, *grau*, *sarau*, *pau*, *som*, *dom*, *jardim*, *sol*, *lençol*, *funil*, *búril*, *barril*, *papel*, *tonel*, *vergel*, *anzol*, *cinzel*, *docel*, *cordel*, *batel*, *ardil*, *redil*, *covil*, *canil*, *farol*, *paiol*, *caftan*, *yatagan*, *tapinhoan*, *afan*, *ademan*, *armazem*, *desdem*, *harem*, *vintem*, *trem*, *bergantim*, *espadim*, *anexim*, *estoquim*, *capim*, *tamborim*, *alecrim*, *festim*, *flautim*, *nariz*, *paiz*, *matiz*, *tamiz*, *chapariz* etc.

↳ Exceptuam-se desta regra:

- a) um nome em *-á*: *pá*.
- b) os seguintes em *-é*: *fé*, *sé*, *galilé*, *galé*, *maré*, *polé*, *ralé*, *libré*.
- c) os seguintes em *-ó*: *enzó*, *filhó*, *ilhó*, *mó*.
- d) um nome em *-al*: *cal*. Por subentender-se algum termo feminino, tomam este genero os substantivados *bacchanal*, *saturnal* (festa); *pastoral*, *credencial* (carta); *inicial* (letra); *cathedral* (igreja); *diagonal*, *horizontal*, *vertical* (linha) e outros.
- e) um nome em *-er*: *colher*.
- f) tres nomes em *-or*: *cor*, *dor*, *flor*.
- g) os seguintes em *-an*: *can*, *chan*, *lan*, *roman*, *gran*, *maçan*, *manhan*, *avellan*, *sertan*, *hortelan*, *barbacan*, *milhan*.
- h) um nome em *-au*: *nau*, e os de ditongo *-ei*: *grei*, *lei*.
- i) os seguintes em *-iz*: *boiz*, *cerviz*, *cicatriz*, *matriz*, *raiz*.
- j) os seguintes em *-oz*: *foz*, *noz*, *tardoz*, *voz*.

- k) dous nomes em *-uz*: *cruz*, *luz*.
 l) tres nomes em *-az*: *paz*, *tenaz*; *agua-raz*.
 m) um nome em *-em*: *cecem*.

Das palavras em *-e* atono, são do genero feminino, alem das já mencionadas:

1.º as que terminam em *-ede*, *-ide* (excepto *cabide*) em *-ave* (menos *conclave*), *-eve*, *-ebe*; em *-ase*, *-asse*, *-ace* (excepto *desenlace*, *passé* e compostos); em *-ese*, *-ece*, *-esse* (menos *interesse*); em *-ose*. Taes são: *parede*, *rede*, *sede*, *séde*; *vide*, *lide*; *ave*, *chave*, *trave*, *clave*; *neve*, *greve*; *plebe*, *sebe*; *base*, *face*, *phase*, *gase*, *alface*; *prece*, *messe*, *these* (e compostos), *analyse*, *catalyse*, *diocese*; *dose*, *apothese*.

2.º as palavras *carne*, *tarde*, *glande*, *lande*, *falange*, *fome*, *febre*, *lage*, *haste*, *peste*, *veste*, *fouce*, *mole*, *prole*, *pelle*, *hecatombe*, *crise*, *couve*, *grippe*, *sege*, *estirpe*, *ellipse*; *arvore*, *tosse*, *posse*, *hoste*, *ode*, *noite*.

3.º os termos *glotte* e *epiglote*, ao passo que são masculinos todos os mais nomes em *-ote*.

4.º *fonte*, *fronte*, *ponte*, em opposição a *monte*, *horizonte* e os compostos de *-odonte*, que são masculinos.

5.º os compostos de *-pole*: *metropole*, *necropole*, etc.

6.º *arte* e *parte*, sendo masculinos os demais nomes em *-arte*.

7.º *gente**), *frente*, *mente*, *semente*, *aguardente*, *vertente*, e os substantivados em *-ente* referidos ao conceito «agua» (no sentido proprio ou figurado): *nascente*, *enchenete*, *torrente*, *corrente*, ou «linha» (*tangente*, *secante*, etc.).

8.º os termos eruditos derivados por meio de *-ite*, designando doenças, rochas, plantas (*bronchite*, *fulgurite*, *clematite*, etc.).

9.º os seguintes nomes em *-orte*: *sorte*, *morte*, *côrte*, *cohorte*.

10.º os terminados em *-ie*: *effigie*, *serie*, *especie*, *congerie*.

*) *Gente* é nome colectivo applicavel sómente a seres humanos considerados em conjunto; mas apesar desta particularidade o vocabulo é tratado em lingua gem como os demais collectivos, como se fora nome de cousa.

11.º *praxe* e os compostos de *-taxe* (*syntaxe*, *paraxe*, *hypotaxe*).

Levadas em conta estas restricções e casos especiaes acina explicados, dá-se geralmente o genero masculino aos nomes designativos de cousas, paroxytonos e proparoxytonos, desde que não terminem em *-a* atono. Dizemos *o caracter*, *o aljofar*, *o assucar*, *o ambar*, *o orgão*, etc. *Benção* (do lat. *benedictione* —) entrou na linguagem como vocabulo feminino com accento tónico na syllaba final. Esta pronuncia persistiu durante muito tempo. Hoje proferimos o vocabulo, deslocando o accento para a syllaba *ben*, mas conservando o genero feminino.

NOMES DE ANIMAES. — Na determinação do genero grammatical não ha differença entre os nomes dos animaes e os demais substantivos, quando se trate de entes em que a distincção do sexo, ou por difficil ou por desnecessaria, não costuma ser feita na vida real. Assim são femininos, simplesmente por terminarem em *-a*, *baleia*, *aguia*, *formiga*, *pulga*, *onça*, *cobra*, *tartaruga*; e masculinos, por analogia de outros vocabulos, *badejo*, *rouxinol*, *gavião*, *salmão*, *sapo*, *tatu*, *rhinoceronte*, *hippopotamo*, *rato*, *tamanduá*. Os nomes *perdiz*, *codorniz*, *serpente*, *rez*, são femininos á semelhança de certos nomes de cousas com a mesma terminação.

Sendo mister alguma vez determinar o sexo, acrescenta-se a estes nomes, conforme o caso, a palavra *macho* ou *femea*: *a aguia macho* ou *o macho da aguia*; *o sapo macho*, *o sapo femea* ou *a femea do sapo*, etc.

Chamam-se em grammatica **epicenos** esses substantivos que com um só genero designam ambos os sexos; e epicenos são em geral os nomes de peixes, reptis e batrachios, de insectos e animaes inferiores e, com poucas excepções, os de mammiferos e aves.

A distincção sexual impõe-se, e com ella a necessidade de vocabulos que designem o macho e a femea, em se tratando de certos animaes domesticos, criados pelo homem para a alimentação, para a lavoura ou para outros fins. Assim, differencam-se, por vocabulos distintos, *boi* e *vacca*, *cavallo* e *egua*, *burro* (e *mu*) e *besta* ou *mula*, *carneiro* e *ovelha*, *bode* e *cabra*, *gallo* e *gallinha*, *cão* e *cadella*; e,

mudando simplesmente a terminação da palavra, *gato, gata; porco, porca; leitão, leitoa; pombo, pomba; peru, perua; pato, pata, marreco, marreca.*

Denotam particularmente certos machos destinados para a reprodução estes termos: *touro* (boi); *garanhão* (cavallo); *varrão* (porco).

* Querendo-se designar a especie ou quaesquer individuos da especie, emprega-se a forma masculina, *cavalllos, cães, porcos, gatos, perus, patos, leitões*; mas diz-se *criação de gallinhas, de cabras*, attendendo ao numero preponderante de femeas. De preferencia a *rebanho de carneiros* usa-se *rebanho de ovelhas*. Falando do gado bovino, o termo *vacca* ou *vaccas* individuará as productoras de leite, criadas em geral separadamente do outro sexo.

Macho e femea de certos animaes não-domesticos que ferem a vista pela grande dissemelhança no aspecto exterior, têm designações para os dous sexos: *faisão, faisã; pavão, pavoá; leão, leoa; veado, corça.*

Distinções que interessam particularmente a caçadores são *javardo* (javali macho), *loba* e *ursa*. Este ultimo feminino applica-se, fora do dominio de S. Huberto, sómente ás constellações *Ursa maior* e *Ursa menor*.

Os quinhentistas davam tambem forma feminina ao termo *elefante*:

Vinham dous elefantes grandes... e huma elefanta pequena (Barros, Dec. 2, 9, 1).

NOMES PROPRIOS. — O genero dos nomes proprios de pessoas, nacionaes ou estrangeiros, dos sobrenomes appellidos ou alcunhas, decide-se pelo sexo das pessoas portadoras de taes nomes: *Moysés, Judith, Ezequiel, Rachel, Norma, Numa, Jugurtha, Cleopatra, João de Castro a nova Castro, Chateaubriand, Lafontaine, a Dubarry, e Pompadour, Irene, Alexandre, o Magalhães, a (senhora) Guimarães, o Chora-vinagre, o Prata Preta, José, Salomé Montesquieu, a Montespan, Apollo, Sappho, Edviges, Bruno, Juno, etc.*

Certos nomes de baptismo, como *Pedro, Adão, Arthur* servem sómente para homens; outros, como *Martha, Leonor*, só se applicam a mulheres; outros, finalmente, usam-se para os dous sexos, fazendo-se a distincção na terminação

do vocabulo: *Francisco, Francisca; Antonio, Antonia; Manuel, Manuela; Luiz, Luiza; Paulo, Paula; Valenciano, Valenciana*, etc. Antigamente dizia-se tambem *Simoa* (como feminino de *Simão*) e *Julioa: a nao Julioa* (Barros, Dec. 1, 6, 3).

Esta pratica de variar a terminação foi por vezes adoptada pelos chronistas com relação a appellidos de familia:

Nom somente deu os bões delle, mas ainda de *Maria Anes Leitao*, sua manceba (F. Lopes, D. J. 336) — Foi filha de dona MariAffomssa *Chichorra* (ib. 348) — Foi casado com D. Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que houve duas filhas *Dona Catharina Pereira Barreta...* e *Dona Elena Mascarenhas* (Couto, Dec. 4, 4, 1) — Casado com *Dona Marianna Coutinha*, filha de Pero de Andrade de Caminha, que foi casado com *Dona Pascoela Coutinha* filha de Vasco Coutinho (ib. 8, 28).

Aos nomes dados a animaes, edificios, navios e outros objectos ajunta-se o artigo de accordo com o genero do substantivo commum que se tem em mente: *o (cavallo) Bucephalo, a (egua) Swift, o (navio) Santa Catharina, o Rainha Margarida, o (palacio) Itamaraty, o (navio) Dona Clara, o (cruzador) Republica, o Minas Geraes*, etc.

O artigo que sempre se antepõe aos nomes de rios e montes refere-se, não ao nome proprio, mas ao termo geographico, claro ou subentendido: *o (rio) Amazonas, o S. Francisco, o Madeira, o Parahyba, o (monte) Aconcagua, o Vesuvio, o Etna, os (montes) Alpes, os Andes*, etc.

Nas denominações *o Atlantico, o Pacifico* refere-se o artigo ao termo «oceanos»; em *o Mediterraneo, o Adriatico, o Baltico* tem-se em mente a palavra «mar».

Pode-se deixar de mencionar o termo «ilha» junto aos nomes *Chypre, Naxos, Chio*, etc.; porem os adjectivos e pronomes irão para o feminino de accordo com o termo geographico não expresso. Diz-se comtudo *os Açores, os Abrolhos*.

Por motivo analogo vão referidos á palavra «cidade» os qualificativos em *Nova-York, Nova Friburgo, soberba Tui* (Cam., Lus. 3, 89); *Trancoso destruida* (ib. 3, 64); *sometida Bizancio* (ib. 3, 12); *a forte Arronches* (ib. 3, 55); *vê cercada Santarem* (ib. 8, 19); *fundada Arsinoe foi* (ib. 9, 2).

Esta regra relativa aos nomes de cidades soffre notaveis restricções. Diz-se por exemplo *o Rio de Janeiro, o*

Cairo, o Havre. Fernão Lopes emprega Londres com o genero masculino em *a mim parece que boom Londres he este* (D. J. 40).

Londres e Paris são nomes masculinos para Fernão Mendes Pinto, que só dá o feminino aos nomes terminados em *-a* atono neste passo :

Porque se não ha de imaginar que he ella [cidade de Pequim] *hũa Roma, hũa Constantinopla, hũa Veneza, hum Paris, hum Londres, hũa Sevilha, hũa Lisboa,* (ib. 2, 80).

Do mesmo genero é *Fez* segundo est'outro trecho quinhentista :

Fez he uma cidade, a maior e mais principal de toda a Berberia... ha nella duas partes, convem a saber: *Fez o novo*, que contém alcaçova, paços reaes, casas de senhores, alfandegas, aduanas: e isto cercado de mui bons muros, faz huma pequena cidade: logo junto della, dous tiros de pedra, ladeira abaixo, está *Fez o velho*, bem murado e assentado entre alguns outeiros e chapadas (Mend., Journ. d'Afr. 1, 112).

Camões põe no masculino :

Tangere populoso (Lus. 4, 55) — *Foi tomado Alcacere do Sal* (ib. 3, 90) — *O extremo Suez* (ib. 10, 98) ;

e, vacillando, escreve :

Dará *na rica Dio* (ib. 10, 64) e hum ergue *Dio*, outro o defende *erguido* (ib. 10, 67).

Vieira contradiz seriamente a regra neste passo :

Por *huma Jericó* vos darey *hum Moçambique, hum Melinde, hum Socotorá, hum Bassorá, hum Ormuz, hum Diu, hum Damão, hum Chaul, hum Meliapor, hum Jafanapatam, hum Macao* (Serm. 8, 395).

Incluiu o orador nesta serie de nomes masculinos *Socotorá*, que é uma ilha. Comparem-se com a linguagem de Vieira os trechos camoneanos :

Verás de fronte estar no Roxo estreito *Socotorá* co amaro aloe *jumosa* (Lus. 10, 137) — A canela com que *Ceilão he rica, illustre e bella* (ib. 9, 14).

Para os nomes proprios applicados a grandes extensões de terra, a paizes, provincias ou estados, e usados sem o termo geographico, regula-se o genero pela terminação

do vocabulo. São femininos* os terminados em -a atono: *America, Asia, Europa, Australia, Noruega, Dinamarca, China, Siberia, Russia, India, Abessinia, Patagonia, Colombia, Andaluza, Guyana, Hollanda, Hespanha, Belgica, Persia, California, Galliza, etc.* São masculinos os que têm outra terminação: *Peru, Japão, Chìle, Brasil, Goyaz, Ceará, Sergipe, Mexico, Panamá, Haiti, Marrocos, Egypto, Iran, Indostão, Portugal, Aragão, Algarve, Pamir, Tibet, etc.*

MUDANÇA DE GENERO E GENERO DUVIDOSO. — Varios substantivos communs têm ou tiveram genero duvidoso:

a) **Planeta** (ou *praneta, preneta*, variantes em port. ant.). Na linguagem pre-camoneana podia usar-se o vocabulo indifferentemente no masculino ou feminino. No Leal Cons. cap. 39 occorre *as pranetas, das pranetas* nada menos de nove vezes. Na obra Corte Imp. notam-se a pag. 240 e 242 os casos seguintes de um e outro genero:

A planeta que chamam Jupiter que he *hũa das sete planetas* ha propiedade e condiçom de significar fe e rreligiom. — E *as* outras seis *planetas*... — saturno he *hũu* tal *planeta* que he mais grave que *todos os outros planetas* e el nom se aiunta a nehuũ *dos outros planetas* e *todalas outras planetas* se ajuntam a el — o *planeta* saturno — o *dito planeta* Jupiter — *este planeta* — ao *planeta* do Sol — quando a *planeta* Jupiter se aiuntar com a *planeta* que he a *lũa* — do *planeta* mercurio — o *planeta* Jupiter — a *planeta* mercurio — o *planeta* mercurio.

No seculo XVI tende a fixar-se o uso da forma masculina. Em Gil Vicente occorrem ainda:

Do védor he necessario | saber a *planeta sua*. | *Sua planeta* he a lua (3, 254) — Ou que *planeta he aquella* | que o fez tão sabedor | pera que adoremos *nella?* (ib).

Camões adopta o masculino em:

Já neste tempo o *lucido planeta* (Lus. 2, 1) — A quem fez o *seu planeta* restituidor de Hespanha (ib. 3, 19).

Difficil de explicar é o passo:

Mas já o *planeta* que no ceo primeiro habita, cinco vezes *apressada* agora meio rosto, agora inteiro mostrara (Lus. 5, 24).

Segundo alguns, seria um caso de syllepse de genero; mas cumpre notar que não costumava o poeta lançar mão

desse audacioso recurso. Outros entendem que Camões teria escripto *Mas já a planeta*, como o permittia o uso ainda naquelle tempo, e que por erro typographico sahiria o *planeta*. Parece mais plausivel a segunda explicação.

b) **Cometa**. Palavra masculina hoje, mas de genero incerto entre os quinhentistas:

Appareceo no ceo da parte do oriente *hũa cometa* (Castanh. 1, 98) — Appareceo no ar *hum grande cometa* com hum raio... a qual foi vista per todos d'armada (Barros, Dec. 1, 5, 2).

Vieira, referindo-se ao cometa de 1695 (Serm. 14, 225-265), não dá ao termo senão o genero masculino.

c) **Tribu**. Para os seiscentistas *a tribu*, como hoje usamos, era tão correcto como *o tribu*:

Dando de barato a parte *das dez tribus* (Vieira, Serm. 8, 265) *De huma tribu a outra tribu* (ib. 8, 264) — Juraram *todos os doze tribus* de Israel (ib. 2, 120) — *Das doze tribus*, que juraram... *as dez* lhe negaram obediencia (ib. 2, 121) — Ajuntou *de todos os tribus* que poude (ib. 9, 442).

d) **Mappa**. De genero feminino no seculo XVI, passa a usar-se como masculino do seculo seguinte em diante:

Na mappa (H. Pinto 1, 353; 1, 208 e passim) — *O mappa* (Vieira, Serm. 7, 200 (3 vezes), 202 (2 vezes)).

e) **Catastrophe**. Vocabulo outrora masculino:

O catastrophe da tragedia (Ser. 14, 241) — *Aquelle catastrophe* admiravel (ib. 9, 415) — Um famoso *catastrophe* (ib. 1, 459) — Depois *daquelle catastrophe* fatal (M. Aires, 381) — Vem a ser mais *pathetico, vehemente e horroroso o catastrophe* da tragedia (Freire, A. poet. 71).

f) **Hyperbole**. Hoje usa-se este termo no feminino; antigamente dizia-se *o hyperbole* a par de *a hyperbole*:

Isto he tão extranhado na Historia que melhor soffre *hum hyperbole* (Barros, Dec. 3, prof.) — Permitta-se *o hyperbole* (M. Aires, 42) — Deixo tambem *os empollados hyperboles* (Bern. N. Fl. 4, 267) — Não he tão mal entendida *a hyperbole* (Vieira, Serm. 4, 203) — O estylo que segui, foi *huma hyperbole* às avessas (ib.).

g) **Amethysta e amethysto**. — Contrariamente ao uso actual, encontramos a forma masculina em:

O amethysto pedra preciosa tem cor de vinho (Bern., N. Fl. 4, 124) — O calix consagrado e calix de *preciosos amethystos liquidos* (ib.)

h) **Fim.** Continuou a ter em portuguez o mesmo genero do lat. *finis* até que com a era dos seiscentistas passou a ser vocabulo exclusivamente masculino. Com este mesmo genero já apparece nos *Lusiadas*; autores de outras obras quincentistas revelam tendencia conservadora:

Ja *na fim* de dezembro (Castanh. 2, 74) — Aquel era *ho fim* pera que lhe elrey dera aquella armada (ib. 2, 68) — Era *o fim* a que seus inimigos faziam todas estas cousas (ib. 2, 109) — *Da fim* de agosto até *a fim* de outubro (Barros, Dec. 2, 6, 1) — *Na fim* de junho (Castanh. 1, 68) — *Na fim* dagosto (ib. 4, 42) — Como quem entendia *o fim* daquella sua viagem a Malaca (Barros, Dec. 2, 6, 2).

i) **Linguagem, linhagem.** Em port. ant. podia dizer-se: *Em linguagem grego* (S. Josaph. 49). Dizia-se tambem *livro dos linhagens* (Port. M. Hist. S. 1, 143); *seu linhagem* (F. Lopes, D. J. 147, 149) a par de *a humanall linhagem* (ib. 299). Segundo a grammatica de Fernão de Oliveira, *linguagem e linhagem* são femininos.

j) **Personagem.** Antepõe-se-lhe tanto o artigo *o* como o artigo *a*:

Todas as grandes personagens (Vieira, Serm. 2, 217) — Apparece *uma personagem* de grande autoridade (ib. 11, 182) — *Dous personagens* (Mello, Ap. Dial. 278) — Vira a seu lado *huma veneranda personagem* em habito sacerdotal (Bern., N. Fl. 4, 367) — As turbas que cercão *as personagens* illustres (ib. 4, 361) — *Estas personagens* achavam-se reunidas (Herc., Lend. e Narr. 1, 186) — Salvo *as personagens* (ib. 1, 187) — As palavras *dos dous personagens* (Herc. M. de C. 2, 28) — Respondeu *o personagem* (ib. 2, 91) — Alli chegaram *os tres personagens* (ib. 2, 106) — *A personagem* que dera azo (ib. 2, 115) — Diante *do nedio personagem* (ib. 2, 229) — Deixaram ver *um novo personagem* (ib. 2, 234) — *Esta personagem* é D. Vivaldo (ib. 1, 161).

k) **Banco roto e bancarrota.** Desde que em portuguez se usa a forma masculina para designar o estabelecimento de credito, logico parece o emprego do mesmo genero em: *Qualquer que se faz amigo do mundo faz banco roto com Deos* (H. Pinto 1, 411). Veio porem a prevalecer a forma feminina, naturalmente por influencia do italiano *bancarrotta* e do francez *banqueroute*, linguagens estas de accordo com o genero de *banca* e *banque*.

l) **Baralha e baralhõ.** Tratando-se do jogo de cartas, o port. hod. diz *baralho*. Do genero feminino, usado

outrora, occorrem a pag. 209 dos Apol. * Dial. de Mello quatro exemplos. Igualmente em Vieira, Serm. 8: *As cartas não hão de ser de outra baralha, senão as mesmas* (261); as naos fossem providas... *não de baralhas de cartas* (262).

m) **Copa e copo** *) — Em linguagem hodierna servimo-nos geralmente da forma masculina para designar o vaso de beber. O feminino *copa* não é de uso corrente senão para denotar cousa diversa: lugar onde se guardam mantimentos, louça, etc.; a parte superior e arredondada de certos objectos (*copa de chapéu, copa de arvore*). Em port. ant. usava-se do feminino *copa* com a significação de «taça», quer fosse de metal o vaso de beber, quer de vidro. Exemplos de *copo*, no masculino, a par de *copa*, apparecem no seculo XVI, e tornam-se mais frequentes dessa epoca em diante:

Eu bebo em taças e *copas* douro (L. de Esopo 24) — Cada hñu bebe por hña grande *copa* de ouro (M. Polo 33 r) — Dai cá a *copa* que hontem vos dei (Cam. Amphitryões) — Eis aqui a *copa* vem testemunho da verdade (Cam., ib.) — Trazia hum vaso de prata dourado a modo de *copa* (Barros, Dec. 1, 6, 4) — Tinha *huma copa* d'ouro de bordas largas (G. Corr. 1, 99) — Trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e *copos* tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito (F. M. Pinto 1, 278) — Hum envoltorio em que vinhão muytos *copos* e jarros de prata (ib. 2, 275) — Lançando-lhe o vinho nos *copos* (Sousa, S. Dom. 90).

No seguinte exemplo seiscentista já a palavra *copa* vem tomada no sentido de armario em que se guardam vidros:

A este imperador apresentaram huns embaixadores de Veneza *huma copa* de varios vidros artificiosos e esmaltados de ouro (Bern., N. Fl. 4, 267).

n) **Espinho e espinha**. Os seiscentistas serviam-se indifferentemente de uma ou outra forma, em exemplos como os seguintes, nos quaes o port. hod. não usa senão o masculino:

Cabeça coroadada de *espinhas* (Bern. L. e C. 539) — Jesus tece de nossos *espinhos* a sua coroa (ib. 540) — Tu foste o que açoulaste

*) Veja-se a proposito dos dous termos o respectivo capitulo em Said Al Meios de Expressão e Alterações Semanticas.

a Jesus, tu o que o coroaste de *espinhos* (ib. 570) — Huns martyres caminham sobre as *espinhas* como sobre flores, outros a cada passo que davão, lhes brotavão dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos erão os *espinhos* (Vieira, Serm. 5, 265) — O trigo que parte cahio... entre *espinhos* e parte sobre pedras duras (ib. 8, 395).

Em port. ant. dizia-se no feminino:

O leão e o pastor que lhe tira do pé huma *espinha* (Livro de Esopo 27) — Sem cardos e sem *espinhas* (S. Josaph. 12).

A forma feminina podia tambem designar, como hoje, osso de peixe:

A invenção desta peçonha he dos moradores da ilha Çamatra, a qual se compõe com a *espinha* do peixe (Barros, Dec. 2, 6, 4).

o) **Teiró.** Da incerteza do genero desta palavra dão testemunho os seguintes passos:

Ouvira o nome de Gil Eannes, a quem tinha *antigo teiró* (Herc., M. de C. 1, 209) — Não obstante porém a *teiró* do donato (ib. 1, 251) — Sem saber porque, a *teiró* que tinha a Fr. Vasco sentia-a diminuir d'intensidade (ib. 1, 288).

p) **Tigre, lynce.** Usam-se geralmente no masculino. Alguns exemplos occorrem, comtudo, em que se tomam estas palavras no feminino:

As *lynces* mosqueadas (Castilho, Georg. 177) — *Tigres* raivosas (ib. Georg. 85) — *Tigre* denegrada (ib. 275); porem: os *tigres* apiedava (ib. 287) — *Crua tigre* faminta (Castilho, Metam. 238) — *A tigre* na selva (ib. 173).

q) **Espia, guia.** Dá-se-lhes hoje o genero masculino em attenção ao sexo dos individuos que exercem o officio de espiar, ou costumam guiar os outros. Outrora attendia-se á terminação dos vocabulos:

Foi avisado por *suas espias* (Castanh. 1, 75) — *A guia* fogio coeles (ib. 3, 151) — Como *espias domesticas* que sabião onde estavão os idolos tal vez escondidos (Vieira, Serm. 8, 475).

r) **Guarda.** Usado hoje no feminino, na accepção de «acto de guardar», e no singular no sentido colectivo de «soldados que estão de guarda», toma comtudo o genero masculino quando referido a individuos, quer no singular, quer no plural. Contrariamente a esta regra dizia-se:

O que derrubou amortecidas *as guardas* (Vieira, Serm. 7, 290) — Entrai, se vol-o permittirem *as guardas* (ib. 31).

Vieira distingue todavia *guarda* (≡ sentinela) de *guarda* (= guardador, pastor) neste passo:

Vencendo a quatro reys só com *os guardas* das suas ovelhas (Serm. 3, 253).

s) **Lingua** significando «interprete» apparece com o artigo *o* frequentemente em Castanheda. *Hum bom lingua* diz do mesmo modo Vieira, Serm. 1, 106. Continua a usar-se no masculino.

t) **Trombeta**, designando o soldado que toca o instrumento, occorre em Fernão Lopes no masculino:

Mandou-lhe dizer per *hũu seu trombeta* (D. J. 257) — Nun Alvarez recebeu bem *ho trombeta* (ib.) — Com esta reposta se partio *ho trombeta* (ib. 258) — E em contando *o trombeta* a reposta (ib.).

No seguinte passo vem a palavra no feminino, por pensar-se menos na pessoa:

E levarom consigo *hũa trombeta* que andava em companhia dhuũ daquelles que se apartarom, e quando veo aa mea noite, *aquelle trombeta*, per mingoa de boom aviso, começou de tamger (259).

u) **Pyrames** por **pyramides** occorre varias vezes no masculino nas Decadas de João de Barros.

v) **Fantasma**. Usou-se no feminino:

g) A continuação tinha criado em Frey Gil animo para desprezar *suas fantasmas* (Sousa, S. Dom. 87) — Revestiu-se de noite de *uma fantasma medonha* (Vieira, Serm. 11, 267) — *A fantasma* arremette (Mello, F. Apr. 42) — Ainda que na verdade não seja mais que *huma fantasma* (M. Aires, 272) — *Fantasmas varias* (Castilho, Met. 275).

ADJECTIVOS

Formação do plural

Forma-se o plural dos adjectivos acabados em vogal, acrescentando-lhes -s, e o dos adjectivos acabados em consoante, por meio do suffixo -es exactamente como se fossem substantivos: *ricos, bons, amaveis, audazes*.

Diversamente dos substantivos, existem adjectivos terminados em -il não sómente oxytonos, mas também paroxytonos. Destes ultimos occorrem alguns com o plural regular em linguagem antiga: *fertiles* (Barros, Dec. 1, 1, 4); *esteriles* (ib. 2, 8, 1); *habiles* (F. M. Pinto 2, 114); *volatiles, aquatiles* (H. Pinto 1, 4); *difficiles* (ib. 1, 172 e passim). Era, aliás, a formação indicada, uma vez que no singular, além de *debil, esteril, fertil*, etc., também se admittiam *debile* (Livro de Esopo 36), *esterele* (Barros, Dec. 1, 1, 10), *fertele*, etc.

O portuguez hodierno não reconhece para estes adjectivos paroxytonos senão o plural em -eis: *faceis, uteis, ferteis*. *Fossil*, com o seu plural *fosseis* usa-se muito como substantivo.

*Simple*s ou *simpres* tinha outrora o plural *simplices* ou *simpreses*.

Não é prova de pronuncia differente do hodierno -eis a graphia -ees do port. ant. em *estavees* (Livro de Esopo 30), *prazivees* (S. Josaph. 7), *semelhavees* (ib. 11). É ainda de notar que por vezes se hesitava entre -avel e -avil, e entre -ivel e ivil. Em periodo menos remoto vemos o cantor dos Lusíadas decidir-se sempre pelas terminações -abil e -ibil.

Os adjectivos em -ão formam geralmente o plural em -ões segundo a regra para os substantivos de terminação identica. Excepcionalmente, fazem em -ãos: *loução, são, chão, comarcão, temporão, vão*, além dos se-

guintes usados tambem como substantivos: *pagão*, *christão*, *romão* (port. ant. = romano). Em *-ães* fazem: *alle-mão*, *catalão*, *charlatão*, que tambem servem de substantivos.

Nas chronicas antigas lê-se *paçãos* (= port. mod. *palacianos*), *castelãos* (= port. mod. *castelhanos*); em G. Vic. 2, 489 *cintrãos*; em Castanh. 3, 145 e passim *meãos*, e em F. Lopes, Chr. D. F. 214 *caãos* (= encanecidos): forem... sem barvas e que aa tornada veheram *caãos*.

Genero

Nos adjectivos, como nos substantivos, a caracteristica do genero feminino é a terminação *-a*, posta em lugar da desinencia vocalica masculina, ou accrescida á terminação consonantal masculina. As modificações phoneticas que esta regra soffre foram desenvolvidas no capitulo sobre os substantivos.

Entre os adjectivos que mudam *-o* em *-a* estão comprehendidos o port. ant. *bõ-o*, *bõ-a* e *ma-o*, *ma-a*, que, simplificados pelo frequente uso, se tornaram respectivamente em *bom*, *boa* e *mau*, *má*. Procede o primeiro adjectivo do lat. *bonu-*, *bona-*, e o segundo de *mabu-*, *mala-*, sendo de notar que durante algum tempo perdurou em port. ant. a par do feminino *maa*, a forma *mala*, bem como o adverbio *malamente*. Vestigios desta primitiva linguagem conservaram-se em certos dizeres até o seculo XVI: *Cousa velha e certa he: quem malas manhas ha, não has perde em quinze dias* (Sá de Mir. 430). Do emprego de *malamente* basta mencionar: *Aviã traulado malamente os seus monjes* (Frad. Men. 1, 41).

Applicam-se a um e outro genero sem soffrerem mudança alguma os adjectivos em *-e*, *-l*, *-az*, *-iz*, *-oz* e *-ar*, como: *forte*, *igual*, *facil*, *sagaz*, *feliz*, *veloz*, *particular*. Por excepção dizemos *hespanhol*, *hespanhola*.

Em *-uz* existe a palavra *andaluz* com o feminino *andaluza*.

Das palavras em *-ez* são invariaveis quanto a genero: *cortez*, *montez*, *pedrez*, *soez*, *tremez*. Em port. ant. esta invariabilidade estendia-se aos adjectivos patrios em *-ez*. Fer-

não d'Oliveira dá como sendo de genero commum *portugues, ingres, frances*, mas accrescenta: posto que tenham femininos em *a* como *portuguesa*. João de Barros preferia a forma invariavel:

A nação portugues (Dec. Prol. e 1, 3, 12; 1, 4, 11) — *Da gente portugues* (Dec. 1, 1, 2; 1, 4, 9; 1, 4, 11) — *A nação genoes* (ib. 1, 3, 11) — *Língua portugues* (ib. 1, 8, 6; 2, 2, 5).

Camões adoptou o feminino em *-a*:

A policia portuguesa na paz e na milicia (Lus. 7, 72).

Esta pratica firmou-se, e dos seiscentistas em diante os adjectivos patrios são definitivamente considerados como palavras variaveis em genero.

A palavra *commum* serve, no falar hodierno, para ambos os generos sem soffrer modificação alguma, e assim serviria tambem a principio, attendendo a que não se fazia distincção em latim. Fernão Lopes: *a commuã voz*, Chr. de D. J. 24 e semelhantemente em outros passos. Por analogia de *ũ, ãa* surgiu, comtudo, o feminino *commũa*, sendo seu emprego condemnado pelo grammatico de 1536. Discordava desta opinião João de Barros, entendendo que no feminino tanto se podia dizer de um modo como de outro, como o demonstram muitos passos das Decadas. Esta liberdade foi ainda reconhecida por Vieira, Bernardes e outros seiscentistas:

A gente commum (Barros, Dec. 2, 5, 8) — Segundo *a commum opinião* (ib. 2, 9, 5) — Sendo *ellas commuas* a elles (ib. 2, 5, 11) — Por as *mulheres* serem *commuas* aos de suas dignidades (ib. 1, 9, 3) — A conclusão *mais commũa*, mais recebida e mais certa (Vieira, Serm. 3, 34) — He *commum allegoria* (ib. 3, 62) — A *commum exposição* dos interpretes (ib. 3, 6) — Esta definição he fundada na *doutrina commua* dos Padres (ib. 2, 160) — Nesta *desgraça commua* (ib. 2, 166). — Aquella devoção dos Athenienses era tão *commua* e tão vulgar (ib. 9, 40) — He *commua frase* dos Santos Padres (Bern., N. Flor. 1, 237).

Ainda no seculo XVIII se usou frequentemente o feminino *commua*. Assim em Durão, Caramuru 1, 15 e varios outros passos do mesmo poema. É de notar que com o tempo desnasalou-se a terminação *-ãa*, tornando-se em *-ua*, á semelhança do que succedeu com *lãa, lua*.

O desaparecimento do feminino *commua* deve-se na-

turalmente ao sentido baixo que veio a adquirir o vocabulo como substantivo.

Os adjectivos terminados em *-ão* formam de tres maneiras o feminino. Em *-an* existem: *chan, gran, san* (e *mal-san*), *loucan, mean, folgasan, temporan*, assim como os seguintes que tambem servem de substantivos: *alleman, bre-tan, coimbran, cintran, catalan, comarcan, christan, pagan roman* (port. ant. = *romana*). Com referencia a febres existem *tercan, quartan, quintan*, sem os masculinos correspondentes.

Raros são os femininos em *-oa*: *bretoa* (ao lado de *bretan*), *tabellioa*. Os augmentativos dizem-se geralmente com a terminação *-ona*: *feianchona, toleirona, bonacheirona*, etc.

Dos adjectivos em *-or* não distinguem o genero senão pelo sentido os compostos de substantivos, como *multicor, semsabor*, e os comparativos e superlativos *melhor, peor, maior, menor, superior, inferior, interior, exterior* e *ulterior*.

Usa-se apenas o feminino *superiora* substantivadamente como *superiora de um convento*.

De procedencia erudita são *directriz, bissectriz, motriz* (tambem se diz *motora*) usados como femininos de *director, bissector* e *motor*.

Levados em conta estes casos particulares, os adjectivos em *-or* fazem em geral o feminino com o accrescimento da caracteristica *-a*: *cortador, cortadora; vingador, vîngadora*. Esta forma feminina é usada já desde João de Barros e Camões; porem nos seculos XIV e XV eram taes adjectivos em *-or* considerados ainda como invariaveis quanto ao genero:

Espadas brancas muito cortadores (F. Lopes, D. J. 214) — Cada huñas *virtudes* som *mereçedores* de seus pregoões (ib. 56) — E nom somente deu os beês delle, mas ainda da Maria Anes Leitoa, sua *manceba, morador* em Lixboa, se achassem que fugira com elle, ou era *comssemtidor* naquella malldade (ib. 336) — E a dita comdessa era em ello *comssemtidor* (ib. 386).

Comparação

Dous ou mais seres podem ter o mesmo attributo ou qualidade em grau igual ou differente. Observar este facto equivale a comparar, e o resultado enuncia-se antepondo ao adjectivo a palavra *tão* para a igualdade, *mais* para a superioridade, *menos* para a inferioridade.

Tratando-se dos adjectivos *bom*, *mau*, *grande*, *pequeno*, usam-se, para denotar a superioridade, as formas syntheticas vindas do latim *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*.

Se a comparação se limita a assignalar a differença ou igualdade entre dous entes ou duas series de entes, diz-se que o adjectivo está no grau comparativo. Se tem por intuito fazer sobresahir a qualidade de um ou mais seres de entre a totalidade dos seres da mesma especie, ou semelhantes quanto a outros attributos, o adjectivo estará no superlativo (relativo).

Em portuguez, como nas demais linguas romanicas, este superlativo não tem forma propria que o distinga do comparativo; e assim é que *maior*, *melhor*, *peior*, *menor* se usam para ambos os graus de superioridade, ao passo que em latim eram meros comparativos.

O artigo não é privilegio do superlativo relativo. Acompanha-o sempre, é certo, por assim o exigir o sentido; mas a sua presença no comparativo depende sómente da maneira de redigir a frase. Diz-se v. g.: *dos dous irmãos André e João, aquelle é o mais rico*, a par de *André é mais rico do que João*. Segundo a definição acima, o adjectivo *rico* está no comparativo tanto num como noutra exemplo.

A formação dos superlativos em *-imus* e *-issimus*, proflera no latim classico, esterilizou-se no latim vulgar, não chegando portanto ao portuguez vocabulos desta especie. A corrente erudita reviveu mais tarde o processo, restringindo comtudo o caso de taes formas ao sentido de superlativo intensivo. Puro latinismo é o emprego de *pessimo* por *o peior* em Bern. L. e C. 263: *e nesta forma bem podia hum S. Francisco entender que elle era o pessimo de todos os nascidos*.

Apesar desta regra, conseguiram insinuar-se na linguagem culta como superlativo relativo: a) *optimo* na lo-

cução o *ponto optimo* (= o ponto melhor); b) *maximo* e *minimo* em certas locuções como o *grau maximo* e o *grau minimo*, e tambem em substituição, não obrigatoria, a o *maior*, o *menor*, tratando-se de cousas abstractas; c) *supremo* ou *summo*, *infimo*, e *extremo*, usados, em certos casos especiaes, para significar «o mais alto», «o ultimo», «o mais baixo», «o que é chegado ao ponto derradeiro».

Por via erudita penetraram igualmente em nosso idioma os comparativos *superior*, *inferior*, *exterior*, *interior* (os tres primeiros respondem morphologicamente aos superlativos acima mencionados em c), tendo comtudo applicação mais ampla), e, em epoca mais recente, *anterior*, *posterior* e *ulterior*. Diversamente dos outros comparativos de superioridade, podem estes vocabulos subsistir sem os competentes adjectivos em grau positivo. Explica-se o paradoxo, por denotar a forma comparativa aqui tão sómente a opposição de idéas quanto ás circumstancias de lugar; e, se *superior* e *inferior* tambem se usam em sentido metaphorico, convem notar que as metaphoras não destroem processos grammaticaes.

Fazendo abstracção dos superlativos em *-imus* e *-issimus* extintos ao constituir-se o idioma portuguez, notamos, quanto á formação synthetica, que herdamos do latim *bom*, *melhor* (*bonus*, *melior*) e *mau*, *peior* (*malus*, *peior*) sem outra modificação mais do que a exigida pela diversidade da phonetica. *Pequeno*, *menor* differe do latim *parvus*, *minor* por haver outro vocabulo no grau positivo tomado o lugar do adjectivo *parvus*, o qual, embora se conservasse em portuguez (*parvo*, *parvo*), deixou de exprimir dimensão para applicar-se especialmente á deficiencia intellectual. *Grande*, *maior* corresponde ao latim *magnus*, *maior*, havendo aqui substituição do qualificativo no grau positivo por um vocabulo synonymo. *Magnus*, com effeito, cahiu cedo em desuso; os unicos vestigios que de seu emprego nos ficaram em portuguez antigo encontram-se em *tamanho* (*tan + magnus*) e *camanho* ou *quamanho* (*quam + magnus*). O emprego de *Manho*, *Magno* junto a nome de pessoa, como titulo, p. ex. em Cam. Lus. 4, 32 *Julio Magno* (pronunciado *Manho* para rimar com *extranho*), introduziu-se em portuguez indirectamente, por via de outro idioma romanico.

Alem das formas *melhor*, *peior*, *maior* usuaes e frequentissimas em qualquer escripto, topam-se uma ou outra vez *mais bom*, *mais mau*, *mais grande*. Extrahidos das diversas obras, e reunidos, os exemplos dão a impressão de numerosos. Considerados, porém, relativamente aos incontaveis casos de emprego de *melhor*, *peior*, *maior*, a par dos quaes occorrem, são como raras ilhas esparsas por oceano vasto e sem limites. Quando os autores recorrem a taes formas analyticas, fazem-no em geral com o intuito de avivar melhor no espirito do leitor (ou ouvinte) as noções de «bom», «mau», «grande». Por vezes lançam mão de tal recurso exageradamente, parecendo-nos que se poderia dispensar, como neste caso:

Dentes... pouco *mais grandes* que de serra (Zur. Guiné 275).

É sem duvida para exprimir os conceitos com mais emphase que vêm as formas analyticas nestes exemplos:

De maaõ que sejas serás feito boom, e de boom que sejas serás feito *mais boom*... De boom que sejas serás feito maaõ e de maaõ que sejas serás feito *mais maaõ* (Frad. Men. 1, 225) — A frey Bernardo he dada cavalaria e vitoria de alguuns dos *mais grandes* e mais sottiis diabos (ib. 1, 67) — E porque moramos em terra de vyandas e beberes muyto avondosa contra este pecado de guargãtice nos convem aver *major* avysamento, e muyto *mais grande* aos que som postos em real estado (D. Duarte, Leal Cons. 110).

Prestando-se melhor á emphase, permitem as formas analyticas particularisar o sentido de *grande* como «grandioso», «magnificante», «potente», de *bom* como «bondoso», de *mau* como «malvado»:

Entre os Reys que forão em Portugal, ata sua idade, elle foi avido por *mais grande*, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade (Zur. D. J. 2) — Nunca daquy partirey ataa que faça hũa cousa tão assiinada, que nunca jamais aquy venha outro semelhante, nem ainda *mais grande*, que a mayor nem milhor possa fazer (Zur. Guiné 143) — Outros querram dar per comto tantas boas cousas, feitas per alguũ de menos autoridade e homrra, dando rrazões pera os iguallar a este de *mais grande* estado (F. Lopes. D. J. 56) — Elrey de Calicut era ho *mais mao* homem que podia aver no mundo (Castanh. 3, 99) — Eram os *mais maos* homens do seu [tempo] (Vieira, Serm. 4, 198) — Esta he a *mais mi* terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades (ib. 4, 313) — Ao seu rey, que era Sardanapalo, o *mais mao* rey e *mais mao* homem que houve no mundo, den Dens de prazo marenta dias (ib. 2, 457) — O moco mais

garrido, mais amavel, *mais bom*, dar-se-ia por ditoso se chegasse abraçar corpinho tão mimoso (Castilho, Fausto 239).

Todo o cabimento tem o emprego de *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* quando a comparação se faz com outro adjectivo:

Tornou o Santo com semblante grave: Madre minha, vós sois mais justa que boa; e convem serdes *mais boa que justa* (Bern. N. Flor. 2, 183).

O termo por onde a comparação se afere, enuncia-se, em caso de igualdade, antepondo-lhe a particula *como*:

Tem a casca *tão doce como* o gomo (Castanh. 2, 22) — Não era Sancho, não, *tão deshonesto como* Nero (Cam., Lus. 3, 92) — Nem *tão mau como* foi Heliogabalo (ib.) — Inimiga não ha *tão dura e fera como* a virtude falsa da sincera (ib. 10, 113) — A artelharia dos inimigos não era *tão boa como* a nossa (Castanh. 1, 51).

A mesma particula se usa na equiparação de dous adjectivos:

Assyria gente sugeita a feminino senhoria de hũa *tão bella como incontinente* (Cam., Lus. 7, 53) — Hum documento *tão necessario como util*, e *tão util como admiravel* (Vieira, Serm. 9, 297) — Hospedes *tão incommodos como frequentes* (Herc., M. de C. 1, 227) — *Tão ignorante como altivo*, a raça burgueza era para elle uma raça vil e reproba (ib. 1, 169) — Circumstancias que fora *tão longo como inutil* enumerar (ib. 1, 190) — Homem *tão violento* de genio *como duro* de braço (ib. 1, 236) — *Tão contrarios* ao Evangelho... *como conformes* á largueza da vida (Vieira, Serm. 8, 144).

Exemplos literarios do emprego de *tão... como...* são extremamente copiosos, mas os que acabamos de reproduzir bastam para dar idéa desta linguagem. Por excesso de logica, substituem muitos, hoje em dia, systematicamente *quanto a como*, dizendo, v. g. *tão rico quanto elle*. Os escriptores tinham outrora antes o sentimento de equiparação que o da proporcionalidade em taes frases, e o uso de *quanto*, aliás bem restricto, nota-se quando a segunda parte da comparação é uma oração longa, ou tem verbo differente, ou verbo igual, porem de tempo differente:

Tão cega fica quanto ficareis se raizes criar lhe não tolheis (Cam., Lus. 8, 50) — A relação da fortuna deste principe Bemoiij *está tão curta quanto he copiosa* em os louvores delrey (Barros, Dec. 1, 3, 6) — Hũa mesa fazem, que se estende *tão bella quanto pode imaginar se* (Cam., Lus. 9, 55).

Com os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* o termo de comparação vem precedido da particula *a*. Com os demais comparativos de desigualdade usa-se *que* ou *do que* antes do termo de confronto. Esta ultima maneira de dizer prevalece na linguagem hodierna; os escriptores antigos e os da Renascença davam preferencia ao simples *que*.

Estando o adjectivo no grau superlativo, o termo de confronto virá precedido da preposição *de*.

Superlativo intensivo

Não tem sentido a denominação de superlativo « absoluto » definida como forma adjectiva que denota a « qualidade elevada ao ultimo grau ». Pode-se, por comparação, formar conceito de uma serie infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossivel ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular. Ninguém sabe o que possa ser o ultimo grau da temperatura, do peso, da força, da grandeza, da riqueza, da bondade, da maldade, da expansibilidade, e, entretanto, os respectivos adjectivos têm a forma superlativa. Por muito intensa que seja a qualidade, sempre podemos imaginal-a mais intensa ainda:

No mesmo dia de sua coroação... nos assombrou este ceu austral com hum cometa *maior que o grandissimo* de 1680. (Vieira, C. 2, 308) — *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas, por ventura, *mais terrivel* é a sua significação (Herc., Eur. 50).

Sendo assim, volvemos á noção de relatividade; e como podemos evitar um termo susceptivel de confusão, preferiremos aqui a denominação de **superlativo intensivo**, definindo-o: é a forma adjectiva apropriada para expressar que a qualidade ou attributo ultrapassa a noção comum que se tem dessa qualidade ou attributo. Para traduzir isto em linguagem, dous processos se nos offerecem á escolha: ou antepôr ao adjectivo um adverbio de intensidade (*muito*, *extraordinariamente*, *consideravelmente*, *extremamente*, etc.) ou accrescentar o suffixo *-issimo* ao thema adjectivo.

O superlativo formado por meio do suffixo *-issimo* é

de origem erudita e regula-se em geral pelo superlativo latino. Assim *nobre* (de *nobil-e*) faz *nobilissimo*, *veloz* (de *veloc-e*) faz *velocissimo* e os adjectivos em *-avel*, *-ivel*, *-uvel* mudam estas terminações em *-abil*, *-ibil*, *-ubil* ao tomarem o suffixo *-issimo*: *notabilissimo*, *horribilissimo*, *sotubilissimo*.

A par desta formação synthetica regular em *-issimo*, existem alguns superlativos em *-imo* tomados igualmente do latim: *optimo*, *pessimo*, *humilimo*, *facilimo*, *difficilimo*, *pauperrimo*, *asperrimo*, *miserrimo*, *integerrimo*, *acerrimo*, *celeberrimo*, *saluberrimo*.

Algumas vezes, sem embargo da forma latina, tiram-se directamente de vocabulos portuguezes superlativos em *-issimo*. *Asperissimo* (Cam. Lus. 3, 116; Couto, Dec. 4, 1, 3; 4, 3, 1; Sousa, Arc. 1, 115) usa-se a par de *asperrimo* (Cam. Lus. 5, 12; 5, 51; 8, 10); *pobrissimo* (Couto, Dec. 5, 7, 9; F. M. Pinto, 1, 50; 1, 90; Bern. N. Flor. 2, 170; Vieira, C. 2, 100; Herc., M. C. 1, 79) é usado na literatura de preferencia a *pauperrimo*, hoje mais em voga; *humildissimo* (Arr. 700, 706; Bern., N. Flor. 4, 339) concorre com *humilimo* (Cam., Lus. 4, 54); *facilissimo* era forma corrente entre quinhentistas (J. Santos, Eth. 1, 230; Arr. 47; Couto, Dec. 5, 1, 2; 4, 10, 3; Itin. 306).

Bom e *mau* têm, alem de *optimo* e *pessimo*, os superlativos intensivos *bonissimo* e *malissimo*, aquelle referido principalmente á bondade moral e este á maldade e caracter mau de alguma pessoa:

Entrava hum Castelhana, e rico, o qual lançou o filho pera a India por *malissimo* (Couto, Dec. 8, 6) — E como era fraco e cruel (cousas que sempre andam juntas) e sobretudo *malissimo*, mandando levar os Portuguezes ante si, os persuadio a se fazerem Mourros (ib. 4, 4, 9) — Saul, antes de se encarregar do Reyno de Israel, foy *bonissimo*; depois de ser Rey, foy *malissimo* (Arr. 700) — Mas a cobicia e perversidade dos ministros não deixavam ser bom rei quem de seu era *bonissimo* varão (Sousa, S. Dom. 69) — Que seja bom e *bonissimo* o sacrificio do corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o negue (Vieira, Serm. 5, 550).

De *sabio*, *magnifico*, *benefico* não se tiram superlativos de formação synthetica; porem servem para denotar o grau intensivo destas qualidades *sapientissimo*, *magnificentissimo*, *beneficentissimo*, tirados respectivamente de *sapient-e*, *magnificent-e*, *beneficent-e*.

Pio admite, além do superlativo proprio *piissimo* (Bern., N. Flor. 4, 201; 3, 79; 1, 182) a forma *pientissimo* com o mesmo sentido (Arr. 288, 703), tomado ao lat. *pientissimus* (de *piens*) muito usado nas antigas inscrições romanas.

Grandissimo (lat. *grandissimus*, superl. de *grandis*, e) ocorre frequentemente em quinhentistas e seiscentistas (Cam., Lus. 5, 12; 5, 59; Arr. 57; F. M. Pinto 1, 55; 1, 90; Couto, Dec. 8, 6; Vieira, C. 2, 308, etc.), desprezando-se, por plebéa e irregular, a forma *grandessissimo* que registramos em Esmeraldo 55 e 81, e cujo emprego perdura na linguagem familiar.

Escretores da Renascença antepunham, a modo de reforço, ás vezes o adverbio *mui* ao adjectivo já terminado em *-issimo*. Ao sentir hodierno parece isso um pleonasmio desnecessario:

Cidade... *mui antiquissima* (Barros, Dec. 2, 7, 8) — Pao de aguilha, e calamba excellentissimo e de *muito grandissimo* preço (Hist. T. M. 3, 85) — É *mui fertilissima* de todos os mantimentos do mundo (ib.) — É logo mais adiante está outra cidade chamada Confutá, cousa *mui antiquissima* (Barros, Dec. 3, 1, 3) — É logo lhes fazem huns pyrames *mui altissimos* (ib. 3, 2, 5) — Ficavam excluidos do Apostolado setenta discipulos, todos dignos e *muito dignissimos* (Vieira, Serm. 2, 364).

Outras vezes consiste o reforço em pôr a terminação *-issimo* a adjectivos exprimindo idéas taes, que parecem não comportar gradação:

Todos tinham *mortalissimas* feridas (Couto, Dec. 4, 4, 7) — O lume da gloria da Senhora e a visão beatifica com que vê a Deus, excede em *supremissimo* grau a de todos os bemaventurados (Vieira, Serm. 3, 27) — Neste mundo visivel humas cousas são imperfeitas, outras perfeitas, outras *perfeitissimas* (Vieira, Serm. 1, 294) — Está *prontissimo* a tudo (Vieira, C. 2, 6) — Neste artigo *principalissimo* da vida espirital (Bern., N. Flor. 1, 31) — A todos sarava do *mortalissimo* mal da peste (Vieira, Serm. 2, 170).

Outro modo de expressar a qualidade em grau intenso consistia em juntar ao adjectivo a locução adverbial *em extremo* ou *por extremo* (ou *em grande maneira*), podendo o adjectivo vir, ou deixar de vir, reforçado ainda com a palavra *muito* (ou *mui*):

Estes vasos sam *muy duros em gram maneira* e estam cheios de humas castanhas muito docés e *saborosas em extremo* (Gand. 32)

— A casca delle [caroço do cajú] he *muito amargosa em extremo* (ib. 33) — Este peixe he *muito gososo em grande maneira* (ib. 42) — Os quaes peixes são *muy peçonhentos por extremo* (ib.) — Andava na boca das gentes estimado e envejado e *por extremo contente* (Sousa, S. Dom, 85) — Estes taes demonios são pessimos e *por extremo malvados* (Bern., N. Flor. 1, 474) — Reconheceu que era mulher e *por extremo formosa* (ib. 1, 478) — Hum corpo morto, cheio de bichos e *asqueroso por extremo* (ib. 3, 260).

Mais antigo e talvez menos corrente era o superlativo formado com a locução *em cabo*:

ElRey se veste de vestidura de ouro, a qual he *preciosa muyto em cabo* (M. Polo 34) — Ha hy em aquelle lugar *muy fremosas arvores em cabo* (ib. 31) — Som mercadores *muy ricos em cabo* (ib. 37).

Como superlativos de *muito* existem, alem de *muitissimo*, o hyperbolico *mais que muito* e a duplicação *mui muito* usada em port. ant.:

Que te faço sabedor que dos *mui muitos* ciumes nace o *mui muito* amor (Gil Vic. 3, 276) — Meu *muito* amor, que, se elle não fora *muito*, e *mais que muito*, não me obrigara a escrever tanto (Vieira, C. 2, 310).

NUMERAES

Numeros cardinaes e multiplicativos

Os numeros cardinaes são em geral vocabulos invariaveis. Ao genero do competente substantivo accommodam-se apenas: *um, uma* (port. ant. *ũ, ãa*); *dous* (ou *dois*), *duas*; *ambos, ambas*, e os compostos de *-centos* (*seiscentos, seiscentas, quatrocentas*, etc.).

A característica do plural ajunta-se a *cento* e a *milhão*, e demais formações em *-ão* (ficando *centos, milhões*, etc.) quando se trata de duas ou mais unidades destas classes. *Dous centos, tres centos, cinco centos* convertem-se em *duzentos, trezentos, quinhentos*.

Variaveis, quanto ao numero, são tambem as expres-

sões collectivas *dezena, centena, milhar, milheiro* e o antigo *milhenta* (reproduzido em Herc., Lendas e Narr. 2, 9: *A la fé de cavalleiro, não darei uma, darei milhentas palavras*).

Ambos differe de *dous* em ser applicavel sómente a dualidade já sabida ou anteriormente mencionada e não costuma seguil-o substantivo sem que venha determinado por demonstrativo ou artigo.

Pleonasticamente, ou, antes, reforçativamente usam os escriptores por vezes *ambos de dous, ambos os dous, ambos estes dous* ou invertendo: *os dous... ambos; estes dous... ambos...* Exemplos da primeira especie occorrem na linguagem do seculo XVI e são mais difficeis de encontrar a partir da era seiscentista:

Juraram *ambos de dous* em nome de seus senhores (Castanh. 5, 27) — *A ambos de dous* deu cavalos e joias (ib. 3, 47) — *Ambos estes dous* philosophos Platão e Xenofonte foram discipulos do grande Socrates (H. Pinto 1, 170) — *Ambas estas duas* partes (ib. 1, 155) — Pera proveito *dambos de dous* (Castanh. 4, 42) — He por desejar a honrra e proveito *dambos de dous* (ib. 2, 98) — Ainda que ho podião fazer ajuntandosse *ambos de dous* (ib. 3, 99) — Duas almadias grandes cõ traves pregadas em *ambas de duas* (ib. 3, 17) — E acordaram *ambos de dous* que tomassẽm a cidade (ib. 6, 96) — Mandou dar a *ambos de dous* senhos panos dalgodão e de seda (ib. 1, 15) — Ficando *ambas estas duas...* no mesmo clima (Luc. 1, 158) — Servindo-se Deos nosso Senhor de approvar e autorizar com milagrosos sinaes a fé d'*ambos os dous* (ib. 1, 241) — Partio pera Malaca com ricos presentes e ordem d'*ambos os dous* reys, pera em seo nome confirmar a irmandade na fé (ib. 1, 298) — De *ambos de dous* a fronte coroada (Cam., Lus. 4, 72) — Ajuntam-se aqui *ambas estas duas* costas (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Porque *ambas estas duas* costas fazem o mar mui çujo de ilhetas (ib.) — Se *ambas estas duas* vierem á nossa noticia (ib. 1, 5, 10) — *Ambos estes dous* instrumentos (Vieira, Serm. 8, 139) — *Estas duas* utilidades... *ambas* estão sujeitas a dous perigos (ib. 8, 278) — *Os dous* mercadores *ambos* comprirão a condição do contrato (ib. 8, 283) — *Estes dous* desprimores nascidos *ambos* do mesmo vicio (ib. 5, 193) — Nadavam *ambos estes dous* imperios de Espanha felicissimamente (ib. 8, 490) — O que é certo é que *ambos os dous* monges... caminhavam juntos, mas em silencio, como dous cumplices de um crime afastando-se do lugar onde o perpetraram (Herc., M. de C. 1, 104).

Estes e outros exemplos não autorisam todavia a affirmar que fosse tão corrente na linguagem literaria de Portugal do seculo XVI o uso de *ambos os dous* ou *ambos de dous*, como o era o emprego desse pleonasmão em fran-

cez antigo, em provençal antigo, em hespanhol e em italia-
no*). Em Castanheda occorrem, alem dos exemplos acima
mencionados, ainda outros do emprego de *ambos de dous*.
Aqui evidentemente nenhum escrupulo se faz quanto á
forma pleonastica. Em outros autores da mesma epoca
rareiam os exemplos. Em alguns faltam de todo.

Escrevendo por extenso os numeros 16, 17 e 19 o port.
ant. ora separava os termos componentes, ora os ligava, de
accordo com a pronuncia, em uma só palavra, mas sem-
pre interpondo a copulativa *e* entre a dezena e a unidade.
Seria uma questão de principio o uso desta letra e não de
outra; provavel é que então, como mais tarde, proferidos os
numeros rapidamente, a pronuncia da conjunção vacillasse
entre *e* e *a*. Por lhes soar antes como *a*, alguns quinhentis-
tas e, com mais firmeza, os seiscentistas passaram a es-
crever *dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* em lugar de *dezeseis*,
dezesete, *dezenove***). De entre os varios exemplos de Viei-
ra e Bernardes basta assignalar: *dezaseis* (Serm. 8, 215;
N. Flor. 1, 234); *dezasete* (Serm. 5, 229; ib. 7, 57; N.
Flor. 1, 256); *dezanove* (L. e C. 19; N. Flor. 2, 114; e
Serm. 3, 160, onde occorre cinco vezes).

Em lugar de *cem* podia-se dizer *cento*, desacompa-
nhado de outro numero, em port. ant. e ainda em linguagem
quinhentista:

Avia nome Arguu, e avia *cem* olhos (Livro de Esopo 41) —
Este Arguu, o qual avia *cento* olhos, significava o senhor, que deve
aver *cento* olhos a veer ssua fazenda (ib.) — Morriam *cento*, e *cento*

*) No Poema del Cid topa-se a cada momento *amos a dos* (=ambos
a dos) alternando com o simples *amos*. Em francez antigo achamos innumer-
as vezes *ambedui* com as variantes *andui*, *andui* e *amsdous*, *ambedeus*, etc. Se-
melhantemente no provençal antigo. O italiano antigo tem *ambedue*, *ambedoos*
e na Divina Comedia de Dante occorrem exemplos como os seguintes:

Gli diretani alle cosce distese,
E misegli la coda tr'ambedue
(Inf. 25, 55)

Latin siem noi che tu vedi si guasti
Qui *ambedue*, rispose l'un piangendo
(Inf. 29, 92)

Che due nature mai a fronte a fronte
Non transmutò, si che *ambedue* le forme
A cambiar lor materie fosser pronte
(Inf. 25, 101)

**) Que a vogal *e* se podia trocar em *a* vê-se em *antrelles* e *piadoso*
por *entre elles* e *piadoso*. (Of. sobre vogaes a pag. 21).

e cincoenta (F. Lopes, D. J. 272) — Oito de cavallo e *çento* homens de pee (ib. 220) — A vós outros mais vos lembra hum serviço por fazer que *cento* feitos (Sá de Mir. 2, 152) — Os quinhentos eram espingardeiros, e os *cento* bombardeiros (Castanh. 4, 7).

Os termos *bilhão*, *trilhão* e outros nomes de numeros em *-ão* acima de *milhão* vieram modernamente do estrangeiro, graças ao estudo da arithmetica pelos compendios francezes*). O proprio *milhão*, usado ha bastantes seculos, nem por isso deixa de ser palavra importada. Em port. ant. a unidade de ordem superior ás centenas de milhares chamava-se *conto* e é neste sentido que se usa o termo nos seguintes passos: *concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas* (F. Mendes Pinto 289); *constava serem necessarias para o [muro] guarnecer e para os presidios das praças... seis contos e setecentos e noventa e quatro mil e trezentos e cincoenta soldados* (Bern., N. Flor. 2, 136). Conservou-se o nome até a linguagem hodierna sómente em *contos de réis*.

O termo *milhão* era entretanto já conhecido dos quinhentistas: *Dizia-se que tinha [o Bramá] hum milhão e quinhentos mil homens e quatro mil alifantes* (Couto, Dec. 6, 7, 8).

Para enunciar um numero de muitos algarismos, tiveram curiosa applicação os termos **milhão** e **conto**, pelo menos até 1689, epoca em que se publicou o quinto volume dos Sermões de Vieira. A pag. 391 dá o autor conta de diversas multiplicações, e, como os productos são felizmente enumerados por extenso, vê-se que a nomenclatura de hoje differe bastante da daquelle tempo. Para se ler um numero de muitos algarismos por semelhante systema, seria preciso dividil-o em series alternadas de seis e tres algarismos. A 1.^a serie de seis algarismos dos numeros inferiores ia, como hoje, até centenas de milhares; subindo, seguiam-se os *contos* (tres algarismos), os *milhões* (seis algarismos), novamente os *contos* (tres algarismos), os *milhões de milhões* (seis algarismos), e novamente os *contos* (desta vez podiam ir a seis algarismos).

*) Parecido com *bilhão* havia em portuguez o vocabulo *belhão*, com que se designava a moeda de cobre para trocos, cousa portanto muito diversa e de valor infimo. Vieira empregou o termo neste passo: *A prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e opulencia de tanto milhão em belhão* (Serm. 4, 418).

Assim, um numero fabuloso como

413475,048449,671,90000,397,787136

se lê, segundo tal systema: *quatrocentos e treze mil, quatrocentos e setenta e cinco contos quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta e nove milhões de milhões seiscentos e setenta e um contos noventa mil milhões e trezentos e noventa e sete contos setecentos e oitenta e sete mil cento e trinta e seis.*

Só em epoca relativamente recente passou a usar-se o termo *milhão* com o sentido unico que hoje tem. Ainda na segunda metade do seculo XVII Bernardes (N. Flor. 2, 136 e 4, 452), referindo-se a certas quantias de cruzados, julga necessario accrescentar esta explicação: *Chamo milhão de cruzados a dez vezes cem mil cruzados.*

Não raro convem enunciar os numeros indirectamente empregando os multiplicativos. No falar de hoje usamos *duplo* a par de *dobro* e as formas eruditas *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo*, *sextuplo*, *decuplo*, *centuplo*, as quaes desbancaram as antigas formas *tresdobro*, *quatrodobro*, *cemdobro* etc., ou *dous tanto*, *tres tanto*, *quatro tanto*, etc.:

A qual soombra parecia a elle que era *duas tanta* carne que aquella que elle levava na boca (L. de Esopo 13) — E possa em ella morar *trestanto* tempo, do que lhe ainda ficava por morar... sem por ella pagando pensão algũa pelo dito tempo do *tresdobro* (Ord. Alf. 4, tit. 74) — Queremos que o comprador pague em *quatrodobro* a valia da dita cousa (Ord. Man. 5, tit. 36).

Alguns exemplos occorrem de indicação indirecta em que se nomeiam apenas os numeros factores, deixando ao ouvinte o cuidado de calcular o producto:

E cada hũa [das tres mulheres] trazia consigo *nove nove* de damas... E cada hũa destas rainhas tem *nove setes* de camelos pretos (Castanh. 3, 144).

Na legislação antiga encontramos as expressões *noveas*, *anoveado* para denotar o multiplicativo de *nove*:

Encorrem em pena de perdimento para os ditos Mercadore: *anoveado* o que assi delles tiverem recebido de seu soldo, as quaes *noveas* paguarám da cadeia (Ord. Man. 5, tit. 98) — Paguem a dizem por a primeira vez em *tresdobro* e pola segunda *anoveada*, e pola terceira percam os officios (ib. 1, tit. 24).

O antigo distributivo **senhos** (tambem se dizia **senhes** e **sendos**), cuja significação era «cada um o seu», teve ainda certa aceitação entre os quinhentistas, cahindo em completo desuso do seculo XVII em diante:

Tres... fidalgos que tinham acesas *senhas* tochas de cera (Castanh. 2, 23) — Sete frades..., e os cinco tinham cada hũ sua cruz levantada, e os dous *senhes* retavolos de nossa senhora (ib. 5, 26) — Vinte aneis com *senhas* pedras finas (ib. 4, 43).

Numeros ordinaes

Os dous extremos da serie ordinal são expressos pelos termos *primeiro*, *primo* de uma parte, e *postumeiro*, *derdadeiro* e *ultimo* da outra. A forma *primeiro* era tão usual em port. ant. e na linguagem da Renascença como o é no falar hodierno. Apesar disso, consagrou o uso a forma erudita na expressão *primo coirmão*, reduzindo-a finalmente ao vocabulo *primo*, convertendo assim o antigo ordinal em tão bom substantivo como os demais nomes de parentesco.

Apparece a mesma forma erudita, alem disso, nos compostos *primavera*, *primogenito*, e usa-se, com especialização de sentido, nas locuções *obra prima*, *materia prima*, *numeros primos*. Occorre tambem nas expressões *quarto da prima*, *hora de prima*, usadas outrora, aquella para denotar o quarto da primeira vigilia da noite, esta para designar o espaço do dia correspondente a tres das nossas horas e que começava ao nascer do sol*).

* Na divisão do dia em espaços que duravam tres horas das nossas distinguam-se *hora de prima* (das 6 ás 9 horas da manhan), *hora de terça* (das 9 ao meio dia), *hora de nona* ou *noa* (das 3 ás 6). As 6 horas da tarde começava a *vespera* ou *hora de vespervas*. Os quartos da vigilia da noite abrangiam cada qual tres horas, e tinham estas denominações: *quarto da prima*, *quarto da lua*, *quarto da modorra*, e *quarto d'alva*. Ha engano da parte de Manuel Bernardes (N. Flor. 1, 281) quando põe por ultimo o quarto da modorra e procura dar a razão disso. Basta ler os chronistas para ver que este lugar não podia caber senão ao quarto d'alva. Em Castanheda, (8, 64) por exemplo, encontramos esta narração:

Parecendo isto bem a todos assi se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom João e Antonio Galvão acolheram a suas camaras a dormir, e ainda bem o piloto e ho mestre não sentirão que dormião, derão com as velas embayxo... Feita esta boa pilotagem... deitão-se a dormir muy descansados, e duas oras por passar do quarto dalva começa-see dowir o leme da nao, que ya roçando polo chão.

Para denotar o termo que remata a serie havia em portuguez *derradeiro* e o curioso *postumeiro*, derivado analogico bastante empregado apesar do desuso de *postumo*. Diferença de sentido entre *derradeiro* e *postumeiro* não haveria, como se deprehende dos seguintes exemplos:

Sua *postumeira* conclusão foi esta (F. Lopes, D. J. 285) — *Derradeira* domaa (ib. 282) — Na *postumeira* parte de tamanha lastima e angostura (ib. 279) — Huã quarta feira pela manhã *postumeiro* dia do mez dagosto (ib. 264) — O *postumeiro* remedio (ib. 253).

Entrando em competencia com as duas palavras o termo *ultimo*, coube a este o triumpho. *Derradeiro* passou a ter uso mais restricto, e *postumeiro* desapareceu da linguagem.

Nenhum abalo padeceu o termo *segundo* no sentido rigoroso de ordem numerica. Os derivados eruditos *secundario* e *secundario* occorrem algumas vezes em linguagem scientifica com a mesma accepção. Fóra disso, usam-se em geral como equivalentes de «accessorio», cousa «de somenos importancia».

Á formação do usualissimo *terceiro*, que desbancou a *terço* (excepto em *terça-feira*, *terça*, parte da herança, na antiga locução *hora de terça* e nas expressões fraccionarias), serviu de modelo sem duvida a palavra *primeiro*.

Quarto, *quinto*, *sexto*, *setimo*, *oitavo*, *decimo*, nada offerecem de interessante no dominio da lingua portugueza, a não ser a variante *sesmo* (de **sextimo*), já ha muito esquecida, que deixou comtudo vestigios em *sesmar*, *sesmaria*, *sesmeiro*.

O feminino de *nono* tomou a forma *noa* na antiga locução *hora de noa* (V. a nota da pag. precedente).

Comquanto pareça muito natural formarem-se, de *decimo* em diante, os ordinaes *decimo primeiro*, *decimo segundo*, *decimo terceiro*, etc., haveria em todo o caso temeridade em affirmar serem estes e outros ordinaes superiores devidos á formação popular. O homem do povo aprende a contar, isto é, adquire a sciencia dos numeraes cardinaes com certa facilidade, digamos, até milhares e centenas de milhares; porem, desde o momento que se trate de ordinaes, para cuja formação se exija processo complicado, o seu saber e

1, 244) — *Christo... aos XXI capitulos* de São Lucas diz... (ib. 1, 247) — *Affirma-o São João aos XX capitulos* do Apocalypse (ib. 1, 480).

Em lugar dos vocabulos *quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo* etc., calcados sobre o latim e que presuppõem algum conhecimento deste idioma, poderia haver uma formação analogica mais accessivel ao vulgo como já ha em outras linguas modernas (cf. o francez *quarantième, cinquantième*, o italiano *ventesimo, trentesimo* etc.); mas a isto se oppõe o nosso eruditismo.

Alem das formações e maneiras de dizer até aqui estudadas, havia em portuguez para o numero « sete » e os numeros de « nove » em diante a formação ordinal em *-eno*, continuando-se, ainda que com alteração semantica, o processo latino creador dos distributivos *septenus, novenus, deceni*, etc. Dizia-se *dezeno sexto* (= 16°) e *dezeno oitavo* (= 18°). porque « seis » e « oito » não permittiam a formação em *-eno*. Admiravelmente simples e ao alcance de todo o mundo pela sua uniformidade, este processo teve poder de succumbir ante a reacção pedantesca dos escriptores. Resistiu, apesar disso, com vivacidade tal que ainda quinhentistas e seiscentistas o usaram de vez em quando, e o proprio Filinto Elysio não o desdenhou. Certos autores, principalmente os mais antigos, entremeiam, ás vezes, com aparente deleite, numeros ordinaes em *-eno* e numeros ordinaes de aspecto gravemente latino :

Dom Joam terceiro de nome, *quimzeno* dos reis de Portugal (Ined. Port. 5, 1) — Dos reys o *tredecimo* (ib. 2, 5) — Em o *dezenno* capitullo de sam matheu (Virt. Bemf. 163) — Em o *viceno septeno* capitullo do Genesy (ib. 168) — No capitullo *dezeno sexto* (ib. 168) — Em o *quadrageno nono* psalmo (ib. 168) — Em a *quadragesima quinta* defynçom (ib. 168) — Em o *dezeno septeno* capitollo de sam luca (ib. 168) — Em o psalmo *quinguageno* (ib. 169) — Em o *quatorzeno* capitullo (ib. 170) — Em o *decimo nono* (ib. 170) — Em a *quadragesima quinta* defynçom (ib. 170) — Tomava já de Roma a *dozena* vez (Frad. Men. 1, 284) — D. Duarte deste nome o primeiro, dos reis de Portugal o *onzeno*... D. Duarte vosso avô, dos reis o *undecimo* (Pina, D. Du. 14-15) — O *sexto, setimo, onzeno, decimo sexto* (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Foi Joanne segundo e rei *trezeno* (Cam., Lus. 4, 60) — Naquelle casa *dozena* (G. Vic. 2, 395) — Elrei de Espanha D. Affonso *onzeno* (Mend. Journ. de Afr. 1, 27) — Carlos *noveno* de França (ib. 1, 50) — Ao *seteno* [dia] falleceo (Barros, Dec. 8, 28) — O *onzeno* e *dozeno* capitulo (ib. 7, 10, 5) — No mesmo dia de seis de fevreiro, em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha

pouca saude este *seteno*, que apenas por mão alheia me permite deitar estas regras (Vicira, Cartas 2, 355) — Tem como por *onzeno* mandamento jantar ás nove horas (Mello, Ap. Dial. 23) — Sobreposto ao meu lustro *quatorzeno* (Fil. Elysio, 2, 253) — No anno *dezeno* (ib. 3, 147) — Pela *novena* vez (ib. 14, 6).

Conservam-se com sentido especializado os substantivos *novena*, *onzena*, *trezena* (de Santo Antonio), *quinzena*, *vintena*, *quarentena*.

Os pronomes: especies, formas e significação

Por muito suggestivo que seja o termo, não satisfaz, comtudo, a sciencia da linguagem definir o pronome como palavra suppridora do nome substantivo. Nada autorisa a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de crear substitutos para esses nomes.

Correcto, me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes como *nomes e adjectivos geraes*, em opposição aos ordinarios nomes e adjectivos especies, devendo-se advertir que alguns nomes e adjectivos são mais geraes em sua significação do que outros. Assim, um nome de significação geral é, muitas vezes, quasi equivalente a um pronome. Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga *eu* ou *o autor*, e, referindo-se ao leitor, o trate de *vós* ou *o leitor*. E tanto é correcta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim *homem* em port. ant. era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francez *on* (o qual é a propria palavra *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas *o Senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O lat. *rem*, pela sua applicação geral, passou a ser pronome em romanico. E quantas vezes não nos serve a expressão *a cousa*, como equivalente de *isto*?

Todo o pronome é ou um substantivo (*pronome-substantivo*), ou um adjectivo (*pronome-adjectivo*). Alguns se

usam ora como substantivos, ora como adjectivos. Para não confundir a categoria dos pronomes com a dos nomes, diremos que são pronomes **absolutos** os que fazem vezes de substantivo, e pronomes **adjuntos** os que se empregam como adjectivo.

Dividem-se os pronomes em *pessoaes* (com as variedades *reflexivos* e *reciprocicos*), *possessivos*, *demonstrativos*, *relativos*, *interrogativos* e *indefinidos*.

Pronomes pessoases

Os pronomes pessoases usam-se todos como absolutos. Têm singular e plural e formas de nominativo, dativo e accusativo. Alguns (os da 3.^a pessoa) distinguem o genero. Dividem-se em pronomes da 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa. *Eu*, pronome da 1.^a pessoa, representa o individuo que fala; o seu plural *nós* significa esta mesma pessoa associada a outra ou outras: *eu + tu*; *eu + elle*; *eu + vós*, etc. *Tu* e *vós* são pronomes da 2.^a pessoa; *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, são os da 3.^a pessoa.

Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento directo da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insufficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indirecto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portugueza, o atrevimento de vir perante um individuo de hierarchia superior, e olhar para elle face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginario. Desta attenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa unica, se originou o costume de empregar o plural *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memoria a imagem da situação primitiva.

Outro modo de tratamento indirecto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um attributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ella propria. Assim, aproximavam-se os vassallos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê*, *vossa senhoria*, substituido depois por *vossa alteza* e finalmente por *vossa majestade*; assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excellencia* e

adoptaram-se na hierarchia ecclesiastica *vossa reverencia, vossa paternidade, vossa eminencia, vossa santidade.*

Generalisando-se, de fins do seculo XVI em diante, o costume de dar «majestade» aos reis, reservou-se «alteza» para os principes, e deram-se os demais tratamentos não-ecclesiasticos aos nobres, aos que occupavam certos cargos publicos, e finalmente ás pessoas de notoria posição social. É de notar todavia que diversas ordens regias prohibiram aos governadores do Brasil aceitarem o tratamento de excellencia. Na mónarchia brasileira uma das graças era o tratamento de excellencia; os barões sem grandeza não o tinham.

Do uso e abuso da formula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *ocê*, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por applicar-se a individuos de condição igual, ou inferior, á da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um individuo, servimo-nos hoje de *voçês* como plural semantico de *tu*. Outra forma alterada de *vossa mercê* é *vossancê*: *Guarde Deos a Vossancê* (M. de Mello, Fid. Apr. 9).

O pronome *vós* cahiu em desuso, quer para denotar pluralidade de pessoas, quer como tratamento de polidez; conserva-se todavia nas preces, no estilo oratorio, na poesia, na linguagem de ficção quando a pluralidade não se refere a seres humanos e no estilo official.

A deficiencia de um pronome applicavel igualmente a qualquer pessoa a que se deva certo respeito, suppre-a o tratamento *o senhor* com as competentes variações de genero e numero. A generalisação desta linguagem no uso commum data do seculo XVIII. Filinto Elyσιο diz a este proposito: *Quando eu sahi de Lisboa, ainda não se tinha esprañado muito o tratamento do Senhor* (Obr. 13, 305).

Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, emprega-se em duas situações diametralmente oppostas. Em boca de rei ou prelado é plural majestatico, mas, sahido da penna de um escriptor, *nós* parece signal de modestia.

FORMAS OBLIQUAS, ATONAS E TONICAS, DOS PRONOMES PESSOAES E O REFLEXIVO *se, si*. — O portuguez literario moderno conhece duas series de formas obliquas que se correspondem respectivamente. Umás, não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocabulos ato-

nos, a saber: *me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se*; as outras são sempre tónicas e dependentes de preposição: *mim* (outrora *mi*), *ti, nós, vós, elle, ella, elles, ellas*, e o reflexivo *si*. Assim dizemos: *peço-te um obsequio; escrevo-lhe, escrevo-te; procurei-o; estas cartas são para mim, para ti, para elle, etc.; move-se por si*. Coherentemente se diz também *entre ti e mim; entre mim e ti está a cruz ensanguentada* (Herc., Eur. 46); porque a conjunção e só liga cousas homogêneas.

As formas tónicas que acabamos de mencionar empregam-se com as preposições em geral; soffrem todavia uma modificação quando regidas da particula *com*. Dizemos *com elle* na 3.^a pessoa, mas em vez de *com mim, com ti, com si*, etc. temos de dizer *commigo, contigo, consigo* (outrora *nigo, tigo, sigo*), *commosco, commosco*. Diz-se, porém, *com nós outros* (Cam., Lus. 5, 69) e *com vós outros*.

Lhe com o seu plural*) é a forma de dativo (objecto indirecto); *o* com suas variações é o accusativo (objecto directo) da mesma 3.^a pessoa. Todas as demais formas atonas servem indifferentemente para um e outro caso.

As expressões *a mim, a ti, a elle, a si, a nós*, etc., além de indicarem um objecto indirecto, usam-se também para exprimir o objecto directo emphatico: *viu-me a mim e não a elle; A quem cuidas que venceram os godos? á mim? não por certo, se não a ti* (Bern., N. Flor. 5,206). Anteriormente, porém, ao periodo dos quinhentistas, os nossos escriptores empregavam as formas obliquas tónicas como accusativo emphatico, dispensando a particula *a*:

Contando como cativaram *elle* e os outros oito (Zur., Guiné 190) — Sojngam *sy* meesmos (Zur., ib. 460) — Segure *mim* o meus portos (Zur., P. Men. 342) — Desomrrando *ssi* desomrra nos e todo seu linhagem (F. Lopes, D. J. 11) Leixarei *elle* (S. Graal 129) — *El*, amiga, achei eu (Canc. Din. 2029) — Nom poss'eu... nem *mi* nem *el* forçar (ib. 1370).

AS FORMAS *mim (mi)* e *ti por eu e tu*. O emprego curioso das formas accusativas em lugar do nominativo repugna á linguagem culta de hoje. Já não era assim no falar

*) A forma *lhes*, com *s*, é relativamente recente. Nos Lusíadas e mesmo mais tarde, ainda encontramos *lhe*, quer para o singular, quer para o plural.

antigo em certas frases comparativas como as seguintes (cf com o francez actual):

Mais o coração pode *mais ca mi* (Canc. Din. 1326) — Com'er poderom viver...: senom coitados *come mi* (C. B. 141) — Porque maste aquelle mouro que era *melhor que ti* (Livro de Linh. XXI) — Ca tu vees que *milhor cavalleiro ca ti* a guanhou (S. Graal 14) — Sodes milhor cavalleiro e *mais ardidado ca mim* (ib. 141) — Porque fui *tal como ti* (G. Vic., III, 391).

Em Vieira ainda occorre este exemplo:

O mundo em estatua he muyto *maior que si mesmo* (Serm. 5,547).

Em lugar de *como eu* dizem ainda hoje na Beira *como mim*. Muito vulgar é em Portugal a frase: *Se eu a ti fosse* ou *se eu fosse a ti*. Em Gil Vic., 3, 325, lê-se:

A grandeza da misericordia e largueza que tu es e ella *he ti*.

Mais arrojadas ainda parecem frases como estas:

Ora vamos *eu e ti* ó longo desta ribeira (G. Vic., 1, 165) — Casemo-nos *eu e ti* (ib. 1, 137) — Amores que *mi e vós* sempr'ouvemos (V. 358).

O REFLEXIVO DA 3.^a COMO 2.^a PESSOA. — Em Portugal emprega-se, porem abusivamente, em linguagem familiar *si*, *comsigo* com referencia á pessoa com quem se fala. Este modo de substituir as expressões *o Senhor*, *com o Senhor* repugna em geral ao ouvido brasileiro, mórmente por dar, em certos casos, lugar a ambiguidade: *Falou comsigo* será *com o Senhor* ou *comsigo proprio*? *Não se referiu a si* será *a si mesmo* ou *ao Senhor*?

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos designam, como o nome indica, a noção de posse; designam, alem disso, outras relações de dependencia, parentesco, situação moral ou social, com respeito a outrem, partes componentes de um todo, attributos de um ser, etc.

Os possessivos da nossa lingua usam-se ora como absolutos, ora como adjuntos e são os seguintes: *meu*, *minha*, *meus*, *minhas* para o possuidor na 1.^a pessoa do singular;

nosso, nossa, nossos, nossas para o mesmo possuidor no plural; *teu, tua, teus, tuas* para o possuidor na 2.^a pessoa do singular; *vosso, vossa, vossos, vossas* para o mesmo possuidor no plural; e finalmente *seu, sua, seus, suas* para o possuidor na 3.^a pessoa tanto do singular, como do plural.

Seu, sua, etc. applica-se tambem á pessoa com quem se fala, desde que a tratemos por *o senhor, vossa mercê (você), vossa excellencia*, etc. Esta pratica tornou-se regra da linguagem seiscentista para cá.

Alem das formas *minha, tua, sua* encontram-se em documentos de portuguez antigo os femininos *mha, ta, sa (ssa)*, mas sómente como possessivos adjuntos.

Os possessivos derivam-se dos pronomes pessoases, sendo formados, em latim, do caso genitivo; o seu thema por isso refere-se ao possuidor. Na terminação seguem o genero e numero do nome que indica a cousa possuida.

Em portuguez o possessivo admittê o artigo antes de si: *o meu, o teu, o nosso, o seu*, etc. Como pronome absoluto, o possessivo requer este reforço, devendo porem omitir-se o artigo quando o possessivo vier junto dos verbos *ser, tornar-se*, ou de algum verbo que signifique «considerar como pertencente», sem presuppôr confronto com alguma cousa pertencente a outrem. Assim, são pensamentos diversos *esta casa é minha* e *esta casa é a minha*. Os seguintes passos esclarecem a regra:

Tem determinado de vir por agoa... o capitão *dos seus* acompanhado (Cam., Lus. 1, 80) — *Os vossos*... novos mundos ao mundo hirão mostrando (ib. 2, 45) — Este povo, que é *meu*,... por elle a ti rogando choro e bramo (ib. 2, 40) — Sou *tua, tua* para sempre (Herc., Eur. 292) — Podes ter por *tua* a Cintra (Herc., Lend. e Narr. 1, 91) — Lisboa... essa sabe Deus se tornará a ser *minha* (ib. 90) — Havia de lograr... eu *o meu*, porque é *meu*; e vós *o vosso*, porque é *vosso* (Vieira, Serm. 5, 451) — Assi tambem com falsa conta e nua á nobre terra alheia chamão *sua* (Cam., Lus. 3, 110) — Cuidam que é para si o que chamam *seu* (Vieira, Serm. 5, 455).

O POSSESSIVO ADJUNTO PRECEDIDO DE ARTIGO. — O possessivo adjunto occorre em portuguez, anteposto a um nome, ora sob a forma simples e originaria (*meu, teu, seu*, etc.), ora reforçado com o artigo (*o meu, o teu*, etc.). Não podemos precisar a epoca do apparecimento desta se-

gunda forma. Existia provavelmente muito antes dos primeiros documentos escriptos. Certo é que o seu emprego era relativamente restricto e só de Camões para cá se torna, de seculo para seculo, cada vez mais notoria a frequencia do possessivo reforçado. Fernão Lopes poucas vezes soccorria desta forma; em seus escriptos ella figura, ao lado dos exemplos de possessivo destituido de artigo, em proporção muito pequena: 5 % aproximadamente. Já nos Lusíadas sobe a porcentagem a 30 %, na linguagem de Vieira a mais de 70 % e finalmente na de Herculano a mais de 90 % *).

A differença entre os adjuntos *o meu, o teu*, etc. de um lado, e *meu, teu*, etc. do outro, baseou-se a principio num sentimento de linguagem que se foi esquecendo com o tempo. O possessivo, alliado ao que originariamente era um demonstrativo, devia melhor determinar o nome, chamar a attenção antes para o possuidor do que para a cousa possuida, e o seu emprego vinha muito a proposito onde se tornava necessario estabelecer contrastes, v. g.: *os senhores e fidalgos que hì eram com elle viam da sua parte* [i. e. da parte do rei] *tantas ajudas* (Fern. Lopes). O principio de economia (no portuguez antigo), a analogia e outros factores fizeram porem surgir casos numerosos, nos quaes ou se deixou de applicar o artigo requerido pela clareza, ou se passou a applicar, como hoje se pratica, sem visivel necessidade.

Prevalece na linguagem post-camoneana em geral o emprego do possessivo reforçado antes de um substantivo. Alguns dos exemplos em contrario subordinam-se a regras fixas, como veremos mais adiante. Os outros porem não parecem ser mais do que concessões que a tendencia geral faz ás vezes ás exigencias do estilo conciso e elegante. Cotejem-se, entre outros, os seguintes passos que se encontram em Vieira e Herculano:

> Comereis o fructo *dos vossos* trabalhos, ou os mesmos trabalhos *de vossas* mãos (Vieira, Serm. 5, 456) — Resplandeceo *o seo* rosto

*) Tal estatística sem pretensões a rigor absoluto foi por mim obtida, examinando, em paginas seguidas, todos os casos (em numero de 100 a 150 para cada autor) não sujeitos a regras especiaes e portanto parecendo permittir o emprego de possessivo com ou sem artigo. Ministraram exemplos: Fernão Lopes, Chronica de D. João, pag. 161 a 200; Camões, Lusíadas, cantos V a VIII; Vieira, Sermões, vol. 5, pag. 1 a 45; Herculano, Eurico, pag. 1 a 71.

(ib. 5, 434) — Nenhuma cousa viram *seus* olhos nem inventaram *seos* pensamentos (ib. 5, 438) — Dia que tem mais alegre *na sua* vida (ib. 5, 470) — Para que se veja, *o nosso* engano (ib. 5, 440) — Apascenta *minhas* ovelhas (ib. 5, 303) — Apascenta *os meus* cordeiros (ib. 5, 304) — Que me dêem *o meu* arnez brunido... e *o meu* estoque francez (Herc., Lond. e Narr. 1, 118) — [Volto] a cumprir com *minha* obrigação (ib. 1, 116) — Eu costume cumprir com *as minhas* promessas (ib. 1, 125) — Estes penhascos empinados sobre *nessas* cabeças (Herc., Eur. 64) — Armas penduradas por cima *das suas* cabeças (ib. 180) — *A minha* mão desfallecida abandonou-te (ib. 293) — Quero-o vivo em *minhas* mãos (ib. 216) — E' preciso que em breve estejam *nas minhas* mãos Pelagio e sua irman (ib. 217).

Em vez de vir antes do nome, apparece o possessivo adjunto ás vezes collocado depois d'elle; mas nesta posposição nunca pode arrastar consigo o artigo:

Não é premio vil ser conhecido por um pregão do ninho *meu* paterno (Cam., Lus. 1, 10) — O rei..., alvorçado da vinda *tua*, tem tanta alegria que não deseja mais que agasalhar-te (ib. 2, 2) — A sêde *tua* nem com lagrimas se mitiga (ib. 3, 119) — Mova-te a piedade *sua* e *minha* (ib. 3, 127).

O POSSESSIVO ANTEPOSTO. *Condições especiaes.* — Palavras como *este, esse, aquelle, um*, que não podem ser empregadas juntamente com o artigo definido antes de um nome, excluem igualmente este artigo quando se ajuntem a um possessivo:

Para que *estes meus* versos vossos sejam (Cam., Lus. 1, 18) — *Esta sua* fuga (Vieira, Serm. 5, 310) — *Estes meus* olhos — *Aquelle* vosso amigo — *Um seu* criado.

Frases que se costumam dizer sem o artigo, dispensam-no tambem se nellas incluímos o possessivo. Assim, em certas locuções como *em poder de, em nome de, por vontade de, a respeito de, a gosto de, a favor de*, e outras semelhantes:

Falou *em meu nome, a nosso respeito, a teu favor* — Está *em meu poder* a carta — Nós mesmos sem outro inimigo ou ladrão bastamos e *por nossa vontade* para nos despojar delles (Vieira, Serm. 5, 450) — Pai meu, eu *em vossa presença* pequei contra o céu (cf. algumas linhas adiante: peccado commettido *em presença* do Rei (ib. 5, 457) — Legio cahiu hontem *em nosso* poder (Herc., Eur. 151) — Eis o que Suintila alcançou *a teu favor* (ib. 141) — Sangue derramado *em seu nome* (ib. 144). — Aquelle que eu cria viesse *em meu soccorro* não se esconderá de ti (ib. 197).

Por outro lado, e contrariamente á reciproca da regra anterior, pode o artigo vir junto ao substantivo e entretanto desaparecer ante o possessivo. Isto se verifica em certas expressões consagradas, como: *a seus pés, a meu lado* (apesar de se dizer *aos pés d'elle, ao lado de alguém*), *a seus olhos* ou *ante seus olhos, a meu ver, a meu cargo* etc.

Semelhantemente se fixaram na lingua sem a palavra *o* ou *a* as expressões *Nosso Senhor, Nossa Senhora*, assim como os tratamentos *vossa mercê, vossa senhoria, sua excellencia, sua majestade*, etc.

> Hoje, como outrora, os nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo. Occorrem todavia casos em que se reforça o pronome para tornal-o emphatico.

Mais liberdade ha, todavia, quando os nomes de parentesco não são tomados no sentido proprio; v. g. *filho* significando individuo «natural de um lugar», *irmão* applicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, communitade, nação ou raça.

1. *Tua irmã será salva* ou nenhum de nós voltará mais (Herc., Eur. 182) — Prometia acompanhar o rei godo com um esquadrão mais lustroso que os de *seus* sobrinhos (ib. 82) — A' sombra do escudo do *seu* irmão (ib. 182) — Perdoai a *meu* velho pai, que não tem culpa da pobreza de *seu* filho (Herc., Lend. e Narr. 1, 125) — Salvar a honra do nome de *seus* avós (ib. 167) — Não vos abandonarei eu; que o devo... á... memoria de *vosso* virtuoso pai (ib. 178) — Jurava-o pelo céu, pelos ossos de *seus* avós (ib. 193) — Jura-lhe que *tua* filha repelliu o seu amor por obedecer-te (Herc., Eur. 142).

2. Eu não te amaldiçoarei, oh meu pai. *A tua* filha nunca te accusará ante o supremo juiz (Herc., Eur. 283) — E' o cemiterio em que jazem os ossos *dos nossos* pais (ib. 70).

3. Considerava-o como o mais *veneravel* entre *os seus* irmãos no sacerdocio (Herc., Eur. 19) — E' d'aqui que deves sahir com *os teus* irmãos do deserto (ib. 64) — São *os nossos* valentes irmãos. São *nossos* irmãos, que nos esperam (ib. 211) — Junto ao Chryssus a Hespanha pedia *aos seus* filhos que morressem sem recuar (ib. 223) — Podeis dizer *aos nossos* irmãos que o primeiro em fugir foi aquelle que nunca fugiu (ib. 225) — As recordações... embriagavam-lhes os animos ao lembrarem-se de que as armas *dos seus* avós da Germania tinham brilhado victoriosas (ib. 57) — Dize *aos teus* irmãos do Herminia que venham aqui (ib. 271).

A forma possessiva é ás vezes mero recurso de linguaagem usado ou para referir o sentido de um nome a um caso particular, ou para indicar a pessoa a quem em espe-

cial interessa o individuo de que se fala. Numa ou outra hypothese é de praxe o emprego do possessivo reforçado:

Dizei que tens algum receio que se escureça o *teu* querido Orpheio (Cam., Lus. 3, 2) — [Dario] mais o *seu* Zopyro são prezara que mil Babilônias que tomara (ib. 3, 41) — *Do teu* principe ali te respondiam as lembranças (ib. 3, 121) — Magoa e saudade *do seu* principe e filhos que deixava (ib. 3, 124) — O nome *do seu* Pedro que lhe ouvistes por muito grande espaço, repetistes (ib. 3, 133) — E como o *nosso* menino cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos... (Vieira, Serm. 5, 290) — Compro melhor que todos o *nosso* peregrino o que Deos prometeo (ib., 5, 307) — Não foi admiravel o *nosso* santo velho porque isto fez (ib. 5, 307) — Contemplação... *do nosso* anachoreta (ib. 5, 311) — Os doze de Inglaterra com o *seu* Magriço (Cam., Lus. 1, 12) — E vereis ir cortando o salso elemento os *vossos* Argonautas (ib. 1, 18) — Não temais perigo algum nos *vossos* Lusitanos (ib. 2, 44) — Não ha Rachel que não tenha o *seu* Labão e a *sua* Lia (Vieira, Serm. 5, 441).

Pronomes demonstrativos

Do latim *iste, ista, istud* provieram em portuguez as variações pronominaes *este, esta, esto* (mudando-se a ultima forma mais tarde em *isto*). Reforçadas com a anteposição de **eccu-*, as mesmas formas latinas produziram em nossa lingua *aqueste, aquesta, aquesto*, que se deixaram de usar no falar moderno. Em escriptores pre-camoneanos, e ainda em Gil Vicente, são frequentes os exemplos:

Nom foram os requerimentos e vozes *daquestes* de tanta efficacya (Zur. Guiné, 12) — E *aquesto* foe feito por seer em lembrança do maravilhoso millagre (ib. 6) — Nom foram Mouros tomados com tam honrada vitorya como *aquestes* (ib. 219) — Tange as patas pera cá. Como es *aqueste*, Jesu (G. Vic. 3, 44) — *Aqueste* so animal tem veias no coração, onde lagrimas estão (ib. 3, 114).

De *ille, illa, illud* procederam *elle, ella, ello* e, com o reforço **eccu-*, *aquelle, aquella, aquello* (convertendo-se este ulteriormente em *aquillo*). Passaram comtudo *elle* e *ella* a servir desde logo de pronome pessoal, e *ello* usou-se sómente em port. ant. A par destas formas plenas do antigo demonstrativo, existem desde o começo da lingua até hoje as formas reduzidas *o, a* (e *lo, la*), sendo estas empregadas não sómente como pronome pessoal (accusativo), mas ainda como pronome demonstrativo.

O latim *ipse, ipsa, ipsum*, deu-nos *esse, essa, esso* (port. mod. *isso*). Não produziu formas reforçadas paralelas ás dos outros dous pronomes.

Todos os demonstrativos terminados em *-e* ou *-a*, assim como a forma reduzida *o, a*, variaveis não sómente em genero, mas tambem em numero; funcionam ora como pronomes absolutos, ora como pronomes adjuntos. Todas as formas plenas terminadas em *-o* occorrem como pronomes absolutos, invariaveis, significando «esta cousa», «essa cousa», «aquella cousa». *)

O emprego de *aquillo*, em lugar de *aquello*, remonta ao seculo XVI. Mais antiga é a admissão de *isto, isso*; em Fernão Lopes occorrem já com frequencia estas formas a par de *esto, esso*. Exemplos do uso das diversas formas de pronomes demonstrativos absolutos, privativas da linguagem de outrora:

A muytos *esto* nom peza (D. Duarte, Leal Cons. 5) — Pouco *dello* se contentom (ib. 5) — O entendimento encomenda que logo de nossa mocidade a *ello* per afeicòm nos enclinemos (ib. 8) — E *esso* medes faz a outra spiritual (ib. 14) — Saibham bem husar *daquelle* por que som antre os outros tam avantejados (ib. 16) — E *naquesto* se desvaira esta quarta voontade (ib. 14) — Por ter em *ello* nom boa e fraca voontade (ib. 23) — Algũa enssynança acerca *dello* vos entende declarar (ib. 235) — Filharemos em *ello* prazer (ib. 237) — Que lhe outorgava *aquello* que lhe demandava (S. Josaph. 37) — Que lhe ensinasse *aquello* que conpria (ib. 36) — *Esto* dizia Josaphate (ib. 45) — *Esto* me prometeo Jesu Christo (ib. 45) — Nom fallemos em *ello* mais (F. Lopes, D. J. 28) — No curarom *desto* (ib. 29).

DESIGNAÇÃO DE COUSAS MAIS OU MENOS NITIDAS. — Se compararmos as impressões do nosso espirito a um quadro representando figuras e objectos diversos, podemos dizer que o demonstrativo *este* serve para indicar as imagens nitidas do primeiro plano, ao passo que *esse* designa as imagens mais apagadas do segundo plano.

Este é o demonstrativo das noções claramente delimitadas, conhecidas ou que facilmente suggerimos na mente de quem nos ouve. *Esse* applica-se áquillo de que nós temos, ou o ouvinte tem, noções vagas, indecisas; applica-se ás cousas longinquas ou que se estendem para longe.

*) Alguns autores não seguem esta regra a rigor. Assim lemos em Duarte Galvão, D. Aff. Heur. (28-29): *dando-vos nellos para o diante; ao bem e honra destes reinos*, e em Mor. Palmeirim d'Inglaterra (1,171): *E por esta razom se chamam estos montes os montes das tres hirmdas*.

Se o emprego do demonstrativo tiver por fim suggerir uma noção do tempo, *este* indicará factos actuaes ou factos cujos effeitos perduram na actualidade; *esse*, pelo contrario, se referirá ao que existiu no passado ou existirá no futuro.

OS DEMONSTRATIVOS CORRESPONDENTES Á 1.^a E Á 2.^a PESSOA. — Com o demonstrativo *este*, *isto* indicamos cousas que dizem respeito a nós mesmos; com o pronome *esse*, *isso*, apontamos, pelo contrario, aquillo que tem antes relação mais intima com a pessoa a quem nos dirigimos. Esta regra se applica quando se trata de cousas que residem nas proprias pessoas (*esta alma*, *esta* (minha) *dor*, *essa* (tua) *paixão*) ou de partes do corpo, ou de lugar onde uma ou outra pessoa se acha (*esta casa*, *este paiz*, *este mundo*, *nesta cidade* (onde eu resido), *nessa cidade* (onde vós residis), como se vê nos seguintes passos:

Doce amparo *desta* cançada já velhice minha (Cam., Lus. 4, 90) — Para que *estes* meus versos vossos sejam (ib. 1, 18) — Inspira immortal canto e voz divina *neste* peito mortal (ib. 11, 1) — *Esta* perna trouxe eu d'ali ferida (ib. 5, 33) — A que novos desastres determinas de levar *estes* reinos e *esta* gente (ib. 4, 97) — *Esta* ilha pequena que habitamos (ib. 1, 54) — O Regente que *esta* terra governa (ib. 1, 55) — Se *este* nosso trabalho não te offende (ib. 6, 82) — Porque is aventurar ao mar iroso *essa* vida que é minha e não é vossa? (ib. 4, 91) — Inclinaí por um pouco a majestade que *nesse* tenro rosto vos contemplo (ib. 1, 9) — *Esse* gesto que mostras claro e ledó (ib. 3, 105) — Quem és tu? que *esse* estupendo corpo certo me tem maravilhado? (ib. 5, 49) — Não temais... que ninguem comigo possa mais que *esses* chorosos olhos soberanos (ib. 2, 44).

Cousas que se acham proximas de nós indicamos com o demonstrativo *este*, e para mostrar que se acham um tanto afastadas empregamos *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Eu só com meus vassallos e com *esta* (e dizendo isto arranca meia espada) defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Eu sou o illustre Ganges...; est'outro é o Indo, Rei que *nesta* serra que vês seu nascimento lem primeiro (ib. 4, 74) — E se te move a piedade *desta* misera gente peregrina (ib. 2, 32) — Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é *desses* gastadores que sabemos (ib. 6, 66) — Vê que *esses*, que frequentam os reaes paços, por verdadeira e sã doutrina vendem adulação (ib. 9, 27) — E guarde-se não seja inda comido *desses* cães que agora ama, e consumido (ib. 9, 26) — *Essas* honras vãs, *esse* ouro puro verdadeiro valor não dão á

gente (ib. 9, 93) — A *estas* criancinhas tem respeito (ib. 3, 127) — *Estas* reliquias suas (ib. 3, 129) — Fulgurara uma luz de alegria como *esses* astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herc., Eur. 277).

Quando apontamos para cousas ou pessoas, proximas, ao mesmo tempo de nós e daquelle com quem falamos, prevalece o demonstrativo *este*:

Vês *este*, que sahindo da cilada dá sobre o rei...? (Cam., Lus. 8, 16) — *Estas* figuras todas, que apparecem...; *este*, que vês, é Luso (ib. 8, 2) — *Este* é o primeiro Affonso, disse o Gama (ib. 8, 1a) — *Este*, que vês olhar com gesto irado... Egas Moniz se chama (ib. 9, 13) — *Este* orbe, que primeiro vai correndo... Empyreo se nomêta (ib. 10, 81) — Olha est'outro debaxo, que esmaltado de corpos lisos anda (ib. 10, 87).

Semelhantermente fazem a distincção entre *isto* (que *eu* penso ou faço) e *isso* (que *tu* pensas ou fazes) ainda escriptores portuguezes do seculo XIX:

— Sabe? estou com idéa de mudar de casa. — Mudar de casa! Ora *essa*! Por que?... Então só hoje é que pensa *nisso*, creatura?! — E' verdade, tenho estado a pensar hoje *nisto*. Tenho minhas razões (E. de Queir., Crime 133); Embirro que faças *isso* diante do sr. parochó (ib. 100); nem me digas *isso* (ib. 114) — Nada: uma cousa de sentimento para o sr. parochó fazer idéa. — *Isso, isso*, disseram, uma cousa de sentimento! (ib. 65).

Na mesma obra de Eça de Queiroz ha frequentes exemplos de «nem diga *isso*» e «digo-lhe *isto*» (= é o que lhe digo), a pags. 194, 195, 198, 199, 257; «deixe-se *disso*» 257; «lá *isso*» 258 e passim. Confronte-se ainda:

— A senhora está certa *disso*? — Ora *essa*, sr. conego! (259); *Isso* [que tu dizes] não faço eu! (290) — *Isso* dizeis vós outros (Herc., Monge 1, 30).

O DEMONSTRATIVO REFERIDO A NOÇÃO DE TEMPO. — Nas determinações do tempo mais ou menos longo que abranja o momento em que se fala, emprega-se *este*, como: *esta semana, este mez, este anno, este seculo*. Reduzido o espaço de tempo á hora ou instante presente, usa-se, em linguagem familiar, muitas vezes o demonstrativo *isto* em lugar de *agora*:

Isto he noite fechada (G. Vic. 2, 467) — I-vos embora, senhor, que *isto* quer amanhecer (ib. 3, 37) — *Isto* vai sendo dia (ib. 3, 24)

— Mas *isto* é cedo (Garr. Fr. L. de Sousa, 126) — *Isto* são oito horas (ib. 57).

O demonstrativo *este* serve também para assignalar tempo muito proximo ao momento actual, mas este uso cinge-se a mui poucas expressões: *esta noite* (pode referir-se tanto á noite passada, como á vindoura), *esta manhan* (a manhan de hoje), *estes dias* (passados ou vindouros, mais proximos), *estes primeiros dias*.

Nisto no sentido de «então», «em tal momento» é expressão predilecta com que, durante uma narrativa, interrompemos o curso das idéas e chamamos a attenção para uma occorrença nova:

Mas mouro enfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu fui... E *nisto*, de mimosa, o rosto banha em lagrimas ardentes (Cam., Lus. 2, 41) — Não disse mais o rio illustre... Acorda Emanuel cum novo espanto, e grande alteração de pensamento. Estendeu *nisto* Phebo o claro manto pelo escuro hemispherio somnolento (ib. 4, 75) — Partiu-se *nisto* enfim co'a companhia (ib. 1, 72) — Dai velas, disse, dai ao largo vento;... Alevanta-se *nisto* o movimento dos marinheiros (ib. 2, 65) — *Nisto* Phebo nas aguas encerrou o cauro de crystal o claro dia (ib. 1, 56).

Em frases como as precedentes, *nisto*, indicando tempo, é expressão consagrada, que não se substitue por *nisso*. Não obstante dizemos *nesse instante*, *nesse dia*, *nessa hora*, *nesse anno*, alludindo a uma epoca distante da actual:

E logo *nesse instante* concertou pera a guerra o belligero apparatus (Cam., Lus. 1, 82) — Repartem-se e rodeião *nesse instante* as naos ligeiras, que hão por diante (ib. 2, 21) — Eis o que eu vi *nessa hora* de agonia (Herc., Eur. 51) — *Nessa noite* fria e humida, arrastado por agonia intima, vagava eu pelos alcantis escaldados (ib. 28).

A simples anteposição do pronome *esse* a um substantivo suppre muitas vezes a locução adverbial de tempo:

Depois, *esse* clarão sinistro [= o clarão sinistro que havia nesse momento] verberou na terra (Herc., Eur. 52) — Ao cruzar os umbraes domesticos, *esses* terrores [i. e. existentes nessa occasião] sumiram-se com os objectos que os geraram (ib. 50) — O spectaculo maravilhoso que se passava *nesse* espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos (ib. 51) — Deixarei submergir o meu debil esquite, sem que a *esses* gemidos que ouvi se vão ajuntar os meus (ib. 55).

> **AFASTAMENTO OU APROXIMAÇÃO MENTAL.** — O demonstrativo *este* suggere a noção de proximidade em relação á pessoa que fala; por isso tambem o empregamos, na linguagem animada, para dar a impressão de que nos interessa muito de perto alguma cousa ou pessoa, comquanto de facto se ache um tanto afastada. O contrario se dá com o demonstrativo *esse*. Por outras palavras: com o pronome *este* a imaginação aproxima de nós cousas na realidade afastadas; com o pronome *esse* a imaginação arreda ou afasta de nós cousas que estão ou poderiam estar proximas:

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui *destas* [em vez de *dessas*] praias apartado, cheio dentro de duvida e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freixo (Cam., Lus. 4, 87) — Se *esta* gente, que busca outro hemispherio, não queres que padeçam vituperio (ib. 1, 38) — Que gente será *está* em si diziam (ib. 1, 45) — Entendido tenho *destes* christãos sanguinolentos que quasi todo o mar tem destruido com roubos, com incendios violentos (ib. 1, 79) — Vês Africa, dos bens do mundo avara... olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quasi infinita (ib. 10, 92) — [Neste ultimo passo a deusa, apontando para uma das muitas figuras que mostra ao Gama, deixa de empregar em opposição aos outros casos, o deictico *este*, indicando assim que Africa com seus habitantes é em tudo diferente e apartada da gente e terra européa]

Notem-se ainda os seguintes exemplos:

Sabe que quantas naos *esta* viagem que tu fazes fizerem de atrevidas [*esta* por *essa* indica que quem fala é pessoa vivamente affectada ou interessada], inimiga terão esta paragem (Cam., Lus. 5, 43) — Que descuido foi *este* em que viveis? (ib. 6, 28) — Oh tu geração daquelle insano, cujo pecado e desobediencia... te poz *neste* desterro e triste ausencia (ib. 4, 98) — Já que *nesta* gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (ib. 4, 99) — Oh vã cubiça *desta* vaidade a quem chamamos fama (ib. 4, 95) — *Esta* vinda *desta* gente estranha (ib. 8, 45) — Senhor... *estes* treedores *destes* Judeus dom Yuda, e dom Davi Negro que ssoam da parte da rainha, teem grandes tesouros escondidos (F. Lopes, D. J. 30) — Heide dar uma lição a *este* escravo *deste* povo que os soffre (Garr. Fr. L. 58) — Tens as mãos tão quentes! Beija-a na testa. E *esta* testa, *esta* testa!... escalda. — Se *isto* está sempre a ferver (ib. 84) — *Estes* ricos, *estes* grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades (ib. 81) — Que cerimoniaes são *estas*! Que Deus é *esse* que está *nesse* altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? (ib. 153) — Que mal te fiz eu para que *esse* desejo, *essa* idéa [a do anniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito?... (Herc., Eur. 48) — Contam-se cousas incriveis *desses* povos que assolam a Africa (ib. 54).

O DEMONSTRATIVO ANAPHORICO. — Nos casos até aqui estudados considerámos o demonstrativo na sua função pura de *deictico*, isto é, indicando a situação de pessoas e cousas e o momento da acção em relação á pessoa que fala. Mas o demonstrativo desempenha tambem outro papel na linguagem: pode referir-se ás nossas proprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar. Neste caso diz-se que o demonstrativo é *anaphorico**).

Serve á pessoa que fala *este, isto* de pronome anaphorico, para chamar a attenção tanto para o que se vai nomear ou citar em seguida, como para o que se mencionou ou explicou já anteriormente:

Entre *este* mar [que acabo de mencionar] e o Tanais (Cam., Lus. 3, 11) — E com *esta* victoria [que acabo de descrever] cobiçoso, já não descança o moço até que veja outro estrago, como *este*, temeroso (ib. 3, 76) — Entrava com toda *esta* companhia o Mir-almumini em Portugal (ib. 3, 78) — Passada *esta* tão prospera victoria (ib. 3, 118) — *Este* [o citado Pedro] castigador foi riguroso de latrocínios, mortes e adulterios (ib. 3, 137) — *Estas* palavras taes falando orava: Sublime rei (ib. 2, 78) — Sentia escripta na consciencia... *esta* sentença cruel: nem a todos dá o tumulto a bonança das tempestades do espirito (Herc., Eur. 21) — *Isto* [que acabo de expor] chama prudencia o mundo estúpido e ambicioso (ib. 46) — Mas se *isto* assim é, ao sacerdote não foi dado comprehendel-o (ib. 7) — Os arabes! eis o unico grito..., e *esta* palavra é como a peste quando passa (ib. 61) — *Estes* aproximaram-se emfim (ib. 139).

Se alludimos a duas pessoas ou cousas diferentes mencionadas antes, fazemos a distincção com o demonstrativo *aquelle* para a palavra nomeada em primeiro lugar, e *este* para a que vem por ultimo:

Não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos affectos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado *aquelles*... e tornando**) *estas* mais solennes (Herc., Eur. 12) — O somno ou a vigilia, que me importa *esta* ou *aquelle* (ib. 119).

A necessidade que sentimos de avivar bem a impressão deixada por nossas proprias palavras dá ao pronome anaphorico tal importancia, que o pronome *estê, isto* predomina em geral, até mesmo em casos nos quaes, pelas con-

*, *Deictico* e *anaphorico* são termos tirados do grego e usados na linguistica moderna.

**) No original está *tornando*.

dições de afastamento ou tempo remoto, deveríamos esperar o uso do deictico *esse, isso* :

Ouvio-lhe *estas* palavras piadosas a fermosa Dione (Cam., Lys. 2, 333) — E *destas* brandas mostras commovido, ... as lagrimas lhe alimpa (ib. 2, 42) — Já *neste* tempo o lucido planeta... chegava á desejada e lenta meta (ib. 2, 1) — Tanto com *estas* novas se alegrou (ib. 1, 98) — *Neste* tempo que as ancoras levavão (ib. 2, 66) — *Isto* dizendo, os barcos vão remando pera a frota (ib. 2, 106) — *Nestas* e outras (ib. 4, 92) — Pelejai verdadeiros Portuguezes. *Isto* disse o (magnanimo guerreiro (ib. 4, 38) — E dizendo *isto* arranca meia espada (ib. 4, 19) — Ser *isto* ordenação dos Ceos divina por sinaes muito claro se mostrou (ib. 4, 3) — Por *estes* vos darei um fero Nuno (ib. 1, 12) — Emquanto eu *estes* canto (ib. 1, 15) — Hum só homem houve no mundo, que nascesse homem. *Este* foi Adam (Vieira, Serm. 8, 285) — *Neste* momento... soava um correr de cavallo á redea solta (Herc., Eur. 105) — Desde *este* momento a ala direita dos mosselemanos começou de afrouxar (ib. 108) — Vingança! — *Este* brado foi repetido por Oppas (ib. 109) — A *esta* hora duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (ib. 131) — *Neste* momento, aquellas vozes harmoniosas cessaram (ib. 136) — E é *neste* paiz [de que acabo de falar] que os caminhos de ferro estão devolutos por todo o tempo do officio divino (Herc., Land. e Narr. 2, 214) — *Nesta* cidade de Manchester [a que me estou referindo] ha jardins zoológicos e botanicos que o povo frequenta gostoso (ib. 2, 214).

Querendo alludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas pelo individuo ou individuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anaphorico de 2.^a pessoa *esse, isso* :

Antiocho: Dai algum conforto a este desditoso a quem faltou a ventura — Calydonio: *Essa* [que tu acabas de proferir] palavra desditosa he alhea da escola de Christo (Arr. 582) — Por *essas* e outras taes visitas [de que vós falais] ficou o pobre do rei tão bem creado (Mello, Apol. Dial. 220) — Para que he fallar nesses [que dizes]? *Nesses* e outros semelhantes fallão todos, por isso não fallou eu (ib. 233) — Rogo-te... que me perdoes *isso* que dizes que te fiz (F. M. Pinto 3, 176) — Confronte com: E como tu *disto* que eu digo não podes ser o juiz... ey por escusado responder por mim (ib. 3, 170) — Mas... *nesse* caso... visto *isso* [=segundo o que tu acabas de dizer]... Visto *isso*, só o sr. Augusto pode explicar o mysterio (Din. Morg. 2, 114).

EXPRESSÕES CONSAGRADAS. — Posto que o emprego dos demonstrativos dependa em geral das regras até aqui expostas, ha comtudo certos dizeres em que se fixou, ou tende a fixar, o uso de um dos demonstrativos, sem attender a quaesquer considerações.

Assim, para indicar que vamos esclarecer um pensamento anterior, recorremos á expressão *isto é* (e nunca *isso é*).

Para representar pleonasticamente o sujeito, ou objecto, usa-se *esse*, *isso* :

Comer a baleia a Jonas, *essa* he a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira, Serm. 9, 321) — Quem fizer a vontade de meu pai... *esse* he minha mãe (ib. 3, 25) — A podenga negra, *essa* corria pelo aposento (Herc., Lend. e Narr. 2, 12) — A podenga negra, *essa* sumiu-se por tal arte, que ninguem no castello lhe tornou a pôr a vista em cima (ib. 2, 14) — Neves da serra no inverno, soes..., noites e madrugadas, *disso* se ria elle (ib. 2, 8) — Cujos eram os arreios, *isso* sabia-o o diabo (ib. 2, 41) — D. Diogo, *esse* ficou-o crendo (ib. 2, 45) — O Lidador, *esse* tinha sido posto em cima dumas andas (ib. 2, 90) — A sciencia, *essa* é invulneravel (C. Castello Branco, Boh. 436) — Quanto ao... Simões... *esse* (ib. 446) — Aquelle que o alcançar, *esse* achou a tragedia nova (Garr. Fr. Luis de Sousa, 10).

Diz-se communmente *por isso* ; mas encontra-se tambem a locução *por isto*. Na negativa usa-se dizer *não por isso* e *nem por isso* :

O pay pode não amar o filho, mas *nem por isso* deixa de ser pay; o filho pode não amar o pay, e *nem por isso* deixa de ser filho (Vieira, Serm. 8, 238) — Mas *nem por isso* vos negarei (ib. 2, 332) — João era parente, e parente muy querido; mas *nem por isso* João foi anteposto a Pedro (ib. 2, 358) — He verdade, que o primeiro amor he o primogenito do coração, porem a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas *não por isso* o mayor (ib. 2, 385).

Isto de equivale a «no tocante a», «no que diz respeito a» :

Isto das filhas tem muyta necessidade de attençam (Vieira, Serm. 8, 170) — *Nisto de* lugares vai grande engano (ib. 3, 152) — Como amasse, amou; e *isto de* amor sobre haver amado, não he só amar, senão amar mais (ib. 2, 388) — *Isto de* politicos (Din. Morg. 112) — *Isto de* metter scismas ás crianças (ib. 2, 158).

DEMONSTRATIVO E ARTIGO. — O demonstrativo o seguido immediatamente de substantivo confunde-se em geral com o artigo. Acompanhado porem de preposição (geralmente *de*), v. g. na frase *força maior que a dos homens*, ou de uma oração adjectiva, v. g. *força maior do que a que os homens possuem*, resalta bem o character de pro-

nome anaphorico. No segundo caso o tambem pode ser substituido por *aquelle*. Ainda é pronome demonstrativo a palavra *o*, junto ao verbo *ser*, referindo-se a predicado mencionado antes, como *podia ser honrado, mas não o é*, ou referindo-se a uma frase inteira, que não queremos repetir. Nestes dois casos o demonstrativo tem a forma invariavel *o*, equivalente a *isso, tal* (cousa).

Pronomes relativos

Chamam-se pronomes *relativos* aquelles que, referindo-se a um nome ou a outro pronome anteriormente mencionado, o antecedente, iniciam oração subordinada a este. Pode a oração relativa delimitar o sentido do antecedente, como no exemplo *pedra que rola não cria bolor*, e neste caso é **restrictiva**; ou accrescentar simplesmente uma explicação, e então será **explicativa**, como neste exemplo: *concei o facto a Paulo, que por sua vez o contou a Antonio*.

Num e noutro exemplo a palavra *que* é pronome relativo, tendo para antecedentes respectivamente *pedra* e *Paulo*. No segundo caso vê-se que o pronome tem o mesmo sentido que *e elle, e este*; mas ao passo que os dous ultimos pronomes podem occorrer em orações principaes, cabe ao relativo *que* sempre papel secundario e dependente.

Possuimos em portuguez os pronomes relativos *que, o (a) qual, quem* e a forma possessiva *cujo* commum aos tres pronomes. Podemos ainda accrescentar a palavra *onde* quando equivalente de *em que*, e admissivel sómente quando se referir a nome que exprima cousa ou lugar:

Terra *onde* se informe da India e *onde* a gente se reforme (Cam., Lus. 1, 40) — Empresa *onde* rosto e narizes se cortava (ib. 3,41).

Variaveis são apenas: *o (a) qual*, plural *os (as) quaes*, de accordo com o antecedente, e *cujo*, que segue o genero e numero do substantivo posposto representando a cousa possuida.

Que, vocabulo atono ou de tonalidade fraca, é o relativo de emprego mais commum. Occorre em oração ex-

plicativa como em oração restrictiva, e tem para antecedente um nome ou um pronome.

O *qual*, pronome de tonalidade forte, presta-se a melhor avivar uma noção enunciada pouco antes (o seu antecedente); presta-se por isso mesmo também a evitar o sentido ambiguo em periodos com orações adjectivas subordinadas umas ás outras. Já se usou igualmente na acção de «este», ou como pronome demonstrativo anaphorico, segundo se depreheende da leitura de documentos diferentes até o seculo XVI, nos quaes com frequencia occorre depois de pausa forte (ponto e virgula ou ponto final). Exemplos em que o *qual* alterna com *que* afim de evitar o sentido dubio:

A mui grande Mandinga... *que* do curvo Gambea as agoas bebe, *as quaes* o largo Atlantico recebe (Cam., Lus. 5, 10) — Como o febricitante em dia ardente de estio, *que* aspira a brisa da tarde, *a qual* não pode saral-o, mas *que* lhe refrigera... o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo afagar (Herc., Eur. 77) — Torrentes de guerreiros *que*... acometiam ao lado dos Arabes, *os quaes* vacillavam e retrocediam (ib. 91).

Como demonstrativo anaphorico referido a um facto ou a um pensamento inteiro podia usar-se em port. ant., em lugar de *isto*, a expressão *o que* alternando com *a qual cousa*:

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, rreçebemdoa depois de praça, *o que* fazer nom podia seemdo seu marido vivo (F. Lopes, D. J. 348) — E ell despemssando com elles... leixallo hia estomçe em emcarrego de sua comçiencia; *a qual cousa* nom ouve, nem numca lhe foi supplicado (ib. 359) — E posto que casar podessem sem despemssaçom, *o que* nom podiam... isto soo he abastante (ib.) — E per esta guisa sse passaram sobre este feyto outras muytas rrazoões. *Ao que* elrey rrespondeo que elle avia por milhor de teor assy seu arayall (Zur. Ceuta 186) — E se trabalhariam de fazer alguã novidade em vossos reynos, *o que* seria azo de grande prigo (ib. 184) — E mandou logo fazer prestes toda a frota... *a qual cousa* foy feita muy ledamente (ib.) — Vos verees, disse elle, muito çedo aquillo que agora chamaes fantasmas... *A qual cousa* nenhum dos outros podia creer (ib. 167) — Nom duvidou deçemder do çeeo, e poersse antre nós... ataa seer morto na cruz e livrarnos. *Em o que*... nos deu exemplo maravilhoso (ib. 162) — Rrogo... que façaes delles [peccados] penitência, avemdo firme proposito de vos guardar de pecar daqui em diante. *Polla qual cousa* serees assoltos de culpa (ib. 161).

Os escriptores da Renascença poucas vezes empregaram *a qual cousa*, *da qual cousa* etc., e adoptaram geral-

mente *o que, do que, no que, pelo que*, maneira de exprimir mais simples, mais elegante e que continuou a usar-se até os nossos dias. Dos exemplos sem conto desta linguagem bastará mencionar os seguintes:

Estes tres irmãos ficaram moços per falecimento de seu pai, *pelo que* o Imperador seu tio os criou em sua casa (D. de Goes 574) — As quaes partes o fizeram vingar o adulterio que a Emperatriz... cometia com hum seu veador della, e a matou com o mesmo adultero na cama, *do que* depois sobcedeo fazer o conde... crua guerra aos Saxões (ib. 574) — Tomou o castello de Cule... *o que* feito se foi a Arles (ib. 574) — Ficava por saber... donde procede esta real genealogia... *no que* assi como achei pareceres e opiniões differentes, achei tambem muito trabalho pera com verdade poder dizer cousa (ib. 577) — E lhe disserão que sem falta nenhũa seu filho morreria aquella noite, *pelo que* lhe seria melhor a elle mandarme cortar a cabeça (F. M. Pinto, 2, 221) — Elrey lhes respondeo que bem via quanta razão tinham..., *pelo que* lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia de fazer (ib. 2, 222) — Passado o primeiro sono acendia candeia, *pera o que* levava aparelho de fuzil e pedermeira (Sousa, S. Dom. 198) — Acudio o prior... dizendo que seria bem tomar primeiro ordens de missa, *pera o que* logo deu traça (ib. 186) — Avia juntas mais de cem molheres... huas lavrando em suas almofadas, outras cozendo, outras fiando...; *do que* tudo resulta ajudarem em hũa grande parte a despesa commum (Sousa, Arc. 1, 202) — Ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram. *Do que* resultado declararem-no logo por Leytor de Artes do Collegio de Lisboa (ib. 1, 31) — Lembrava a elrey a obrigação que tinha... de ser S. Magestade o primeiro e mais riguroso zelador dos santos decretos... *pera o que* convinha que nem quizesse dispensação do Papa (ib. 1, 366) — Diz a mesma prophetiza que Deos para isso ha de conservar os pés dos seus santos... *O que* literalmente não só se pôde, mas deve entender dos pés de São Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 440) — Não podia mover-se por espaço de tres ou quatro horas, que durou a conversação que tiveram [as ossadas] com ella. *Pelo que*, foi força acomodar-se áquelle trabalho penosissimo (Bern. N. Flor. 2, 130) — De sejará o leitor saber alguma cousa destas mysteriosas significações das vestes sagradas. *Ao que* satisfaremos brevemente (ib. 3, 382) — Logo o verdugo lhe cortou a cabeça. *O que* vendo Sto. Epitecto, deu gloria e louvor a Deus (ib. 3, 419) — *Ao que* elle respondeo (ib. 1, 28) — *Do que* tudo redundaram grandes cumulos de gloria (ib. 1, 85) — Em confirmação *do que* referirei... (ib. 1, 90).

As expressões *o que, no que, pelo que* (ou *polo que*, como tambem se dizia) referidas a facto que se acaba de enunciar, conservam sempre o determinativo *o*; diz-se porém, geralmente *com que*, e alguns autores costumam simplificar *ao que* em *a que*. Algumas vezes encontra-se tambem *de que* por *do que*:

Os nomes... achamos tambem no pergaminho... usando delles o autor... com pouca differença do poeta... *Com que* se fica acreditando bastantemente o poeta e o pergaminho, hum ao outro (Sousa, Arc. 1, 157) — Acudiram juntamente todos os fidalgos e gente nobre da cidade: *com que* foy tanto o rumor... que não pudera ser mayor se entrara a pessoa delrey (ib. 2, 43) — Considerando que as monçoens estavam no fim e que naquelle tempo se fechavão os portos, *com que* seria obrigado a invernar alli... no meyo desta afflicção fez voto a S. Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 282) — Executou fielmente... e logó se ausentou para a sua patria. *Com que*, não houve lugar nem via por onde se soubesse... (Bern. N. Flor. 1, 489) — E assim lhe foi concedido; *com que*, chegou huma capa a cobrir toda huma cidade (ib. 2, 177) — *A que* elle replicou (F. M. Pinto 2, 235) — Qual foy a causa por que as vossas gentes... mataram os nossos tanto sem piedade...? *A que* respondemos que seria pelo successo de guerra (ib. 2, 236).

Com referencia a antecedente expresso por nome ou pronome, existe, ao lado da forma atona *que*, a forma tónica *quem*, usada porém sempre com preposição. Assim dizemos: *aquelle que* procura e *aquelle com quem* andas; *o filho que* obedece e *o pai a quem* respeita. Este depender da presença ou ausencia de preposição é caso analogo ao das formas pessoaes *mim* e *me*, *ti* e *te*, etc. Mas como, em principio, não se applicam a cousas as expressões *a quem*, *de quem*, etc., o phenomeno deixa de ter a latitude que era de esperar.

Esta direcção no sentido dos seres animados, ou, mais rigorosamente, dos entes humanos, é devida sem duvida á influencia da palavra *quem* empregada como pronome interrogativo.

De facto, o pronome *quem*, preposicionado e com antecedente expresso, reserva-se hoje para seres humanos, (de um ou outro sexo, no singular ou no plural) raramente para outros entes animados:

Abasteciam a mesa desses godos, *a quem* a desgraça e a vida dura das solidões fizora mais fero (Herc., Eur. 103) — Comparavel ao bramido de cem leões *a quem* os caçadores do Atlas houvessem... roubado os seus cachorrinhos (ib. 302) — Abandonado pelos mais nobres guerreiros, *para quem* a paz com os infieis seria incomparavel deshonra (ib. 165) — Quem fallava commigo sabe que he o anjo de Deus, como era o que S. Valeriano viu que fallava com Santa Cecilia sua esposa, *a quem* elegi por protectora do negocio que agora vos communicarei (Bern. N. Flor. 2, 344) — Convertueu-se a Deus, e lhe entrou a luz do desengano com a morte de sua mulher, *a quem*

muito amava (ib. 3, 338) — Nelle tinha já destinadas as pessoas a *quem* havia de fazer o provimento (Vieira, Serm. 2, 112).

Ao sentir da linguagem actual parece pois um tanto arrojada a prodigalidade com que nos *Lusiadas* se emprega este pronome. Deixa-nos a impressão de que o poeta quiz dar vida e personalidade ainda ás cousas mortas; e de boa vontade substituiríamos *quem* por *o qual* nas seguintes passagens:

Jaz a soberba Europa, a *quem* rodeia... o Oceano e... o mar Mediterraneo (Lus. 3, 6) — Cidade nobre e antiga, a *quem* cercando o Tejo em torno vai, suave e ledo (ib. 4, 10) — Desta vaidade a *quem* chamamos fama (ib. 4, 95) — Deixando a serra asperrima Lioa co cabo a *quem* das Palmas nome demos (ib. 5, 12) — Eu sou aquelle occulto e grande cabo a *quem* chamais vós outros Tormentorio (ib. 5, 50) — Chamam-te fama e gloria soberana, nomes *com quem* se o nescio povo engana (ib. 4, 96) — Andando, as lacteas tetas lhe tremiam *com quem* Amor brincava e não se via (ib. 2, 36).

Tambem na linguagem actual pode-se usar *o qual* em lugar de *quem* (referido a ente humano). A substituição é possível quando o antecedente vem enunciado por um nome e não por outro pronome. Assim dizemos: *um amigo a quem* (ou *ao qual*) *devo muitos favores, uma filha a quem quero muito bem, porém tu a quem obedece todo o mundo; aquelle a quem tudo está sujeito; outros em quem poder não teve a morte.*

PRONOME RELATIVO INDEFINIDO. — Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocabulo *quem* ahi suggere a noção de «homem (ou mulher) que», «alguem que» sentimo-nos propensos a ladear a questão linguistica, analysando não já o pronome tal qual em taes frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semantico. Esse methodo condemnavel, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espirito quando applicado a *quem quer que*, expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse; não faças mal a quem quer que te offenda* *).

*) Que seria forçada a decomposição em «homem que», ainda se evidencia formando frases analogas em outras linguas, v. g. em francez com *quiconque*, em latin com *quisquis, quicumque*, etc.

Sweet propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois ultimos exemplos a denominação de relativo *condensado* «por desempenhar o proprio relativo tambem funções de antecedente». Qualificativo comodo, sem duvida, mas não ditado pelo criterio historico-comparativo. Estudos mais rigorosos (Delbrück e Brugmann) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogações indirectas e ao indefinido *quem*.

O relativo indefinido gera orações de caracter substantivo; o relativo propriamente dito (com antecedente) dá origem a orações de caracter adjectivo. Comparemos *quem trabalha* (o trabalhador) e o *general que venceu* (o general victorioso).

Constituem as orações do primeiro typo um todo e se forem precedidas de preposição dependente de verbo ou nome de outra oração, esta particula regerá não a palavra *quem* sujeito, mas a frase toda como se fosse um substantivo:

O sprito deu a | *quem* lh'o tinha dado (Cam., Lus. 3, 28) — Por via irá direita | *quem* do opportuno tempo se aproveita (ib. 1, 76) — Não sabem nesta pressa | *quem* lhe valha (ib. 2, 25) — Tem cuidado de | *quem* sem ti não pode ser guardado (ib. 2, 31) — Por ter sujeito o coração a | *quem* soube vencel-a (ib. 3, 127) — Sabe tambem dar com clemencia a | *quem* para perde-la não fez erro (ib. 3, 128).

Evidentemente *quem* tambem pode servir de objecto na oração substantiva e como tal poderá ter sua preposição propria:

Não tendo Gothfredo | *a quem* resista (Cam., Lus. 3, 27) — Não tendo | *a quem* vencer na terra (ib. 4, 48) — Assi recebem junto e dão feridas como | *a quem* já não doe perder as vidas (ib. 4, 39).

Tudo quanto até aqui expuzemos a proposito de *quem* refere-se unicamente á função e emprego deste pronome. Quanto á origem do vocabulo, importa saber que o pronome *quem* nada mais é do que o accusativo latino *quem* dos pronomes relativo, interrogativo e relativo-indefinido *qui*, *quis*. O vocabulo, pronunciado differentemente do latino, accommodou-se a funções que não tinha, podendo

servir não só de complemento, mas ainda de sujeito de oração*).

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos da lingua portugueza desde os seus primeiros tempos são: *quem*, *qual*, *que*. Como equivalente de *que* (= que cousa), e em certos casos preferida, surdiu e fixou-se em portuguez hodierno a forma tónica *o que*.

Quem (do latim *quem*) é sempre pronome absoluto, invariavel, com o qual em pergunta nos referimos a pessoas desconhecidas ou indeterminadas, quer do sexo masculino, quer do sexo feminino:

Quem está ali? — *Quem* te disse tal cousa? — *Quem* é aquella mulher? — *Quem* são os filhos do Egypto senão os filhos deste mundo? (Bern. N. Flor. 3, 458) — *Quem* são teus pais? (ib. 3, 404) — O' filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior de minha alma, *quem* fora tão bemaventurada que pudera remir vossas vidas...? (F. M. Pinto 2, 304).

Tem este pronome a forma possessiva *cujos*, dando-se-lhe genero e numero da cousa possuida.

Cujas sã estas coroas tão esplandeçentes (S. Josaph. 47) — *Cuja* he esta barca que preste? (G. Vic. 1, 232) — *Cuja* he esta imagem? (Vieira, Serm. 5, 334) — E as despesas deste injusto intertenimento... por *cuja* conta correm? (ib. 2, 92) — E todos esses bens que juntaste a que chamas bens, *cujos* serão? (ib. 5, 456).

Esta forma possessiva é desusada hoje em dia nas interrogações. Em seu lugar diz-se geralmente *de quem*: *De quem* são estas coroas? *De quem* é esta barca? etc.

Que pode ser pronome absoluto ou adjunto. No primeiro caso é usado em opposição a *quem* para denotar cousa e não pessoa. No segundo caso tem o sentido de «que especie de»:

Que é isso? — *Que* te disse eu? — *Que gente* será esta?... (Cam., Lus. 1, 45) — *Que contos* poderemos ter melhores pera passar o tempo,

*) A função de accusativo que tinha a forma latina *quom* só persiste — diz Meyer-Lübke — no dialecto logudorense, ao passo que nos demais falares que se servem deste vocabulo (rumeno, campidanez, obwaldez, suizo, malhoquez, hespanhol e portuguez). é elle empregado tambem como nominativo.

que de amores? (ib. 6, 40) — *Que má tenção, que peito em nós se sente, que de tão pouca gente se arreceia?* (ib. 2, 81).

Qual com o seu plural *quaes* indica selecção entre diversas pessoas ou cousas e emprega-se em geral isoladamente, mas algumas vezes também com o nome logo depois:

Qual será o amor bastante de nympha que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Orgulho humano, *qual* és tu mais — feroz, estúpido ou ridiculo? (Herc., Eur. 25) — Em *qual* coração resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio de Hespanha? (ib. 27) — *Quaes* d'entre vós... sois neste mundo sós?... — *Quaes* de vós sois, como eu, desterrados no meio do genero humano? (ib. 185) — Em *qual* das atalaias estão os traidores? (ib. 208) — *Qual* caminho seguem os arabes? (ib. 262) — E *quaes* foram as novas dos pegureiros? (ib. 262) — Era necessario que as monjas soubessem *qual futuro* as aguardava (ib. 143).

INTERROGAÇÕES INDIRECTAS. — As perguntas não se fazem só directamente, isto é, elevando a voz no fim da proposição ou pondo um signal particular na escripta. Tornando a questão dependente de verbo que exprima ignorancia ou duvida, também denunciámos muitas vezes o desejo de uma resposta. Comparem-se estes exemplos: *Que gente é esta?* e *Não sei que gente é esta.* Sob a mesma feição indirecta (oração dependente) também podemos dar conhecimento a outrem de perguntas que na realidade se formulam directamente. Assim transformamos em *Perguntou-me quem eu era e qual o meu officio* a questão directa *Perguntou-me: quem és tu? Qual o teu officio?*

São ainda interrogações indirectas proposições como *vejamos quem elle é, e o que nos traz* correspondendo ao typo primitivo *Vejamos* (estas questões): *quem é elle? e (o) que nos traz?*

Vê-se claramente que as palavras *quem, qual, que* sendo pronomes interrogativos nas questões directas, também o são nas respectivas questões indirectas, nem podem ser outra cousa.

ORIGEM E EMPREGO DO INTERROGATIVO *o que*. — Esta forma foi a principio estranha á lingua, mesmo nas interrogações indirectas onde mais tarde se generalizou. Restam-nos provas disto em passagens como as seguintes:

Sei eu bem *que* [= o que] vus van dizer (Canc. 36, 155) — Vedes *que* [= o que] lhe rogarei (ib. 75, 105) — Vedes *que* mi aven (ib. 99, 206) — Seu coração nunca soube *que* era medo senom de pecar (Zur. Guiné, 24) — Nom sabyam *que* [= o que] era pam nem vinho (ib. 137) — Não sei *que* he nem *que* não (G. Vic. 3, 73) — A vizinhança *que* [= que cousa] dirá se meu marido aqui não 'stá e vos ouvirem cantar (ib. 3, 35) — Nunca sabe *que* [= o que] é temor (ib. 3, 112).

Em muitos casos o sentido era dubio, ou pelo menos confuso, porque a palavra *que*, alem de pronome, tambem pode ser particula (conjunção); *eu bem sei que dizem* tanto corresponderia ao inglez *I know what they say* como a *I know that they say*. D'ahi a necessidade de um expediente, e este expediente se encontrou nas expressões *a cousa que*, *aquillo que*, ou, mais simplesmente, *o que*.

O confronto de *não sei o que é* com as frases paralelas *não sei quem é*, *não sei qual é*, determinou o escurecimento da noção demonstrativa no vocabulo *o*, passando elle a funcionar, nas interrogações indirectas, como um reforço do pronome *que*.

Admittida a forma *o que* na interrogação indirecta, estava dado o primeiro passo para a sua admissão nas perguntas directas. Aqui de facto penetrou, menos pelo sentido dubio da forma primitiva do que por uma questão de ordem phonetica. *Que* tornara-se vocabulo atono ou quasi atono; *o que* possuia accentuação forte, que conservou até hoje.

Collocado no fim da frase, o interrogativo necessariamente tem de sobressahir pela intonação; por isso o antigo *que* foi suplantado por *o que* nestas frases:

Vais escrever *o que?* [por *vais escrever que?*] — Via-se descer, romper, saltar... *o que?* (Herc., Lend. e Narr. 2, 39) — Foi aqui *o que?* (Garr., Viagens 1, 72) — Mas... ella *o que?* (ib. 1, 133) — Senão *o que?* (Garr., Cam. 1, 122) — Deveis *o que?* (ib. 68) — Dizem *o que?* Devo... *o que?* Dizes *o que?* Fazer *o que?* (exemplos de A. F. Castilho).

Nenhuma alteração requer o interrogativo *que* quando regido de preposição; esta, como palavra proclitica que é, basta para reviver a tonalidade amortecida dos pronomes *): *Escreves para quê?* (ou *para que escreves?*) *Fa-*

*) O mesmo phenomeno se observa nos pronomes pessoais. Comparem-se *me e a mim*, *te e de ti*, *nos e para nós*. Em outras linguas tambem vemos factos analogos (v. g. em francez *me* e *à moi*, em allemão *er sieth nicht* e *das ist für mich*).

larás de quê? Divertiram-se com quê? Dedicou-se a quê? (ou a que se dedicou?) Em que consiste a felicidade? (ou a felicidade em que consiste?).

No principio ou no meio da oração, o simples *que* (não preposicionado) pode ser substituído por *o que*, desde que o escriptor queira pôr em relevo o interrogativo. A necessidade desse relevo no começo de pergunta não se animaram os escriptores a manifestar senão modernamente. Ao senso commum parece tão legitimo *dizes o que?* como *o que dizes?* A grammatica, reconhecendo interrogativo accentuado no primeiro caso, reconhece-o tambem no segundo*). É isto o que explica as seguintes passagens:

O que é que eu vejo? Estes gritos, que são?! (Castilho, Metam. 154) — Eu, nympha, eu, menos forte, o que podia? (ib. 264) — O que foi isto? (Castilho, Fausto 177) — Logo, se não é drama, o que é? (Castilho, Cam. prol.) — Agora por isto, que será feito de frei Timotheo? ... — O que será feito delle? (Herc., Lend. e Narr. 2, 135) — O que hade ser della e de nós? (Garr., Fr. L. de Sousa 41) — E a voz da terra, o que é? (Herc., Harpa do Cr.) — O que é o direito da propriedade? o que é o livro? (Herc., Opusc. 2, 64-65).

Posto que os supracitados exemplos de *o que* a par do simples *que* sejam de autores do seculo XIX, não se colhendo exemplos analogos em seiscentistas nem na linguagem grave dos quinhentistas, é certo entretanto que o emprego do interrogativo *o que* na linguagem falada remonta pelo menos ao seculo XVI. Houve, neste longo periodo, da parte dos escriptores o receio de afastar-se da tradição, não ousando elles admittir em suas obras uma expressão já sancionada pelo falar usual. Provam a antiguidade do emprego do interrogativo *o que* os trechos seguintes:

O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam? (Sá de Mir. 2, 98) — Riqueza ou grande poder, ou muito alta senhoria, ou bonança ou alegria, pois logo deixa de ser, quando era, o que seria? (G. Vic. 3, 344) — Ora, senhor, o que dizeis? (A. Prestes 199) — Agora o que has de fazer? (ib. 490) — O que hão botas com chinelas? (ib. 159) — Moço, isto o que quer ser? (ib. 315).

*) Tentaram alguns explicar o caso de *o que* posposto, e só esta hypothese, pela ellipse, esquecendo-se de que a elastica figura torna por identico raciocinio muitissimo legitimo tambem o caso de *o que* iniciando a oração.

Veja-se sobre este assunto o meu livro *Difficuldades da Língua Portuguesa*, cap. *Phenomenos de intonação*.

Pronomes indefinidos

Os pronomes pessoais, referindo-se, segundo vimos, ao individuo que fala e áquelle com que se fala, representam, cada vez que se empregam, pessoas certas e determinadas. O pronome da 3.^a pessoa, substituindo um nome anteriormente mencionado, lembra um ente determinado e conhecido pelo discurso. Poderíamos, pois, dizer que o pronome pessoal é um pronome *definido*.

A par destes pronomes existe um grupo de vocabulos de character pronominal que, como a palavra «elle», requerem o verbo na 3.^a pessoa, differindo todavia do pronome pessoal por indicarem um ente vagamente, como a palavra *alguem*, ou um ente qualquer, que recordará, mas não necessariamente, algum nome enunciado antes. Constituem taes vocabulos o grupo dos pronomes *indefinidos*.

Parte dos pronomes indefinidos são invariáveis, v. g. *alguem*, *outrem*, *ninguem*, e, como os pessoais, só se usam substantivamente; parte são variáveis, v. g. *algum*, *outro*. e empregam-se as mais das vezes como adjuntos, isto é, como adjectivos a delimitar os seres expressos pelos nomes a que se ajuntam. Excepcionalmente é o indefinido *cada* a um tempo adjunto e invariável.

Os pronomes indefinidos confundem-se ás vezes com os quantitativos ou numeraes. E a classificação em uma ou outra categoria na verdade só é possível pelo sentido, apurando-se se domina a noção de pessoa ou cousa vaga e indeterminada, ou se a de quantidade ou numero. Confronte-se o sentido de «muita» nestes exemplos: *muita gente não pensa assim*; *havia muita gente na praça*.

INDEFINIDOS DISTRIBUTIVOS. — Indicam distribuição, em frases coordenadas, dous ou mais pronomes differentes, como *um... outro*, ou o mesmo pronome repetido, porem reportado a seres differentes, como neste exemplo: *quem o abraça, quem o beija por um o abraça, outro o beija*.

Possuía a nossa lingua uma variedade notavel de indefinidos distributivos. Foram porem cahindo em desuso

com excepção de *um...* (*o*) *outro*, variaveis em genero e numero. O primeiro elemento «um» admittia tambem a anteposição do artigo definido, como se observa frequentemente na linguagem dos antigos chronistas e ainda nas Decadas de João de Barros:

As humas como as outras (Zur., D. P. de Men. 441) — Desculpando-se *o hum* e *o outro* (ib. 448) — *Da humma* como *da outra* parte (ib. 460) — Por duas razões: *a uma...* *a outra* (F. Lopes., D. Fern. 327) — Duas cousas: *a humma* que saqueassem a cidade primeiro; e *a outra* que cometessem o palmar (Barr., Dec. 1, 8, 8) — *Os huns* nem *os outros* (Zur., D. P. de Men. 466).

No plural tambem se usava *delles* alternando com *uns*, *outros*, ou *delles... delles* simplesmente:

Delles armados, *outros* sem armas (F. Lopes, C. F. 362) — *Huns... delles...*, *outros...* (F. Lopes, ib. 195) — *Delles* (= uns...) *delles* (= outros) (Zur., C. P. 378, 436, 532, 534, 540, etc.).

A repetição do pronome *al* tinha o sentido de «uma cousa»... «outra cousa», como o prova este adagio antigo: *all cuyda o bayo e all cuyda quem no seela*.

Nos Lusíadas não ha exemplos desses modos de dizer antiquados; mas ahi encontramos precedentes para o uso, hoje restricto, de *quem... quem*, *qual... qual...*, *este... este...*:

Quem se afoga nas ondas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente (Cam., Lus. 1, 92) — *Qual* vai dizendo: Oh filho a quem eu tinha só para refrigerio e doce amparo...; *qual* em cabello: oh doce e amado esposo... (ib. 4, 90-91) — *Qual* do cavallo voa, que não dece; *qua* co cavallo em terra dando, geme; *qual* vermelhas as armas faz de brancas; *qual* cos pennachos do elmo açouta as ancas (ib. 6, 64) — *Este* rende munidas fortalezas...; *este* a mais nobres faz fazer vilezas...; *este* corrompe virginaes purezas...; *este* deprava ás vezes as sciencias...; *este* interpreta mais que subtilmente os textos; *este* faz e desfaz leis; *este* causa os perjurios entre as gentes (ib. 8, 98-99).

OS PRONOMES *rem*, *nada*. — A vulgarissima palavra *nada* é um exemplo de adjectivo ou, antes, de participio transformado em pronome. Semanticamente, equivale a «nenhuma cousa», isto é, refere-se de modo negativo a qualquer ser inanimado.

Nada é propriamente o participio feminino do verbo «nacer», e a expressão primitiva *rem nada*, significava o mesmo que «cousa nascida» (= lat. *rem natam*). Cedo se obliteraram estas duas noções, e como para pronome um dos vocabulos fosse sufficiente, veio a desaparecer o outro. Curioso é ter o adjectivo supplantado o substantivo. *Rem* com o mesmo sentido que o francez *rien*, (em que prevaleceu o substantivo sobre o adjectivo), já de todo desconhecido no tempo do chronista Fernão Lopes, dominou no periodo mais antigo da nossa lingua e foi com predilecção usado nos Cancioneiros, onde a cada passo se topam exemplos como os seguintes:

Mas empero direi vos ãa *rem* (Canc. D. Diniz 23) — Desejen mui mais d'outra *rem* (ib. 26) — Ca são certo d'ũa *rem* (ib. 29) — Nom dou eu por tal enlanta *rem* (ib. 71) — Nunca Deus fez tal coita qual eu ei com a *rem* do mundo que mais amei (ib. 18).

«Cousa nascida» ou «rem nada» era metaphora de que a lingua se soccorria em frases negativas, para exprimir a inexistencia absoluta de qualquer cousa; processo analogo ao que se mostra posteriormente com as metaphoras *nem migalha, nem ponta, nem sombra* e outras. E o que a estes dizeres menos remotos impede de nos darem impressão perfeita de pronomes indefinidos como aquelles dois vocabulos antigos, é o não ter-se de todo apagado da memoria o sentido proprio dest'outros vocabulos.

Homem e a gente. — Tem de commum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem character pronominal quando usados, não já na accepção propria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

Quanto á epoca de seu emprego, occupam polos oppostos na historia da lingua. *Homem* era de uso commum no portuguez primitivo; menos frequente no seculo 15, perdura todavia, mórmente na linguagem popular, deixando vestigios até o seculo 16. *A gente* é usado principalmente na linguagem familiar da actualidade. Exemplos do pronome indefinido *homem*:

Em aquel tempo nom podia *homem* achar em todo o regno de logres donzel tam frezoso nem tam bem feito (S. Graal 4) — Eu te

farei taes cousas quaaes nunca *homẽ* fez a *seu* inimigo (S. Josaph. 24) — Era tam esprandecente que bem se pôria *homem* veer em ella como em espelho (Corte Imp. 6) — Logo vossa tençom seria boa se *homem* tivesse lugar aparelhado em que trabalhando sperasse receber proveito (Zur. Guiné 313) — E *homem* dá-se mais que deve muitas vezes ó cuidado (Sá de Mir. 387) — Comem trigo e nós d'avea. Eles bebem, *homem* sua, doe-lhes pouco a dor alhea (ib. 360) — Certo he grande erro não conhecer *homem* seu erro (H. Pinto 2, 480) — Platão dizem, que dizia, que os amigos eram ladrões do tempo. Bem me parece tel-o de contino, mas nanos conversar se não raramente: porque como *homem* tem seus exercicios ordinarios, dão-nos os amigos molestia, se nos visitam amiude (ib. 2, 382) — Eu perdi a mor ventura que *homem* nunca perdeo (G. Vic. 3, 293).

A linguagem literaria, principalmente a partir da era camoneana, prefere indicar o agente indeterminado por outro modo. Os recursos mais communs são: a forma reflexiva do verbo, o verbo na 3.^a pessoa do plural sem nomear sujeito algum, o verbo na 1.^a do plural.

OS INDEFINIDOS: *alguem, ninguem, algum, nenhum, um.* — Os dois primeiros denotam, um affirmativamente, outro negativamente, qualquer ente humano. Os tres ultimos, sendo pronomes adjuntos, não podem ser empregados para o mesmo effeito senão unidos a substantivo como *homem, pessoa*. No portuguez antigo porem os pronomes *alguem, nenhum* usavam-se não sómente como adjuntos, mas ainda como absolutos e, neste caso, na accepção de «*alguem*», «*ninguem*»:

Quando elle chegou aos tendilhões, catou dentro, mas nom viu *nenhuũ* fora hũa dona que jazia hi dormindo (S. Graal 122) — Nõ osabe *nenhũu* hu he (Vida S. Am. 118) — Tam grande sandice he... desprezar o estado das virtudes e escolher o estado dos pecados, como seria se *alguũ* quisesse passar *alguũ* ryo perijgoso e tormentoso (Leal Cons. 297) — Se *alguũ* que leer ou ouvir esta estoria fezera pergunta (F. Lopes, C. J. 6) — Nem era *alguũ* ousado de tall cousa dizer (ib. 6) — Disse mui escusamente ao comde de Barcellos que o nom sentio *nenhuũ* (ib. 28) — Nom que ell descobrisse a *nehũũ* tall segredo (ib. 15).

Em Camões encontramos *alguem* como pronome absoluto, no sentido acima definido e, alem disso, o mesmo vocabulo como pronome adjunto na accepção de «*muito*» (francez *maint*) no seguinte passo:

Alguem d'ali tomou perpetuo somno, e fez da vida ao fim breve intervallo; correndo *alguem cavallo* vai sem dono, e noutra parte o dono sem cavallo (Lus. 6, 65).

Exemplos de *um* na accepção de «alguem» não são raros na Nova Floresta de Bernardes. Mas como difficilmente se encontra o indefinido com tal significação em escriptores anteriores, parece antes que o seiscentista se utilisou de um estrangeirismo (cf. o uso do ital. *uno*), o qual todavia não conseguiu acclimar-se em nossa lingua:

Quanto *hum* he mais pobre, tanto tem menos parentes (N. Flor. 1, 259) — Não he por certo esta a humildade que o Padre Affonso Rodrigues chama de garavato, que he dizer *hum* males de si proprio, para que os ouvintes acudam por elle (ib. 5, 272) — Avisa o Espírito Santo que não queira *hum* ser juiz, senão sente em si virtude poderosa para contrastar iniquidades (ib. 5, 269).

CADA, QUALQUER. — Servem para individualisar os seres: *cada* applica-se a um por um dos seres de que se trata; *qualquer* e seu plural *quaesquer* referem-se a individuo ou individuos tomados indifferentemente d'entre outros da mesma especie.

Cada não occorre isoladamente, senão em certos exemplos antigos como:

Soom porem tam triste *cada* que della ouço fallar (S. Graal 87) [por *cada vez que*] — *Cada* que as ouço (ib. 84) — Dizem que devem hy pousar *cada* que hi verhem (C. d'Elvas 47).

Diz-se *cada um*, *cada qual*, ou então a palavra *cada* seguida de um substantivo: *cada anno*, *cada hora*. Ainda neste ultimo caso mantinha-se outrora frequentemente a palavra *um*, v. g. *cada um anno*, *cada uma hora*:

En dia de sam johã bautista ouverô antre sy gram batalha... e *cada huũ* anno lidam assy en aquell dia (S. Am. 510) — Ella hya em *cada huũ* anno tres vezes aaquelle moesteiro (ib. 514) Apartando logo quatro pera *cada hũa* parte (Zur. Guiné 197) Huũ grande dito e mui proveitoso, que *cada hũu* Rei e Principe deve haver em sseu comsselho (F. Lopes, D. J. 88).

Outra particularidade do port. ant. é a variabilidade de numero do vocabulo *um* na combinação pronominal:

Cada huns pera suas casas (Zur., Ined. 2, 480) — *Cada hũus* pera seu cabo (Zur. Guiné 197) — *Cada huũs* se foram pera suas terras (F. Lopes, D. J. 13) — *Cada huũas* virtudes som mereçedores de seus pregoões (ib. 56).

Na antiga legislação portugueza usa-se *cada hum* não sómente com o valor additivo de «um por um», mas ain-

da como synonymo de «qualquer». Exemplos desta segunda especie:

Nem [averá lugar a pena] em mestre ou piloto de navio que castigar *cada huũ* dos marinheiros, ou servidores do navio, em quanto estiverem sob seu mandado (Ord. D. Man. 5, 11) — Pero naquelle que for ordenado por tal crime em *cada hũ* dos sobreditos casos nom se fará execuçom atee no-lo fazerem saber (ib. 5, 18) — E se o cavallo morrer a *cada huũ* dos sobreditos, que obrigados sam de o teer, pera gozar dos ditos privilegios, ou liberdades, será obrigado dentro de seis meses, do dia que elle morrer, comprar outro cavallo, pera gozar dos ditos privilegios (ib. 2, 38). — Todo homem que com outrem viver, quer por soldada, quer a bem fazer, e casar com a filha, ou madre, ou irmã, ou prima com irmã daquelle ou daquella com que viver, quer esteem das portas adentro, quer fora de casa, sem mandado, ou licença do senhor com que viver; ou dormir com *cada hũa* das sobreditas, quer dentro em casa de senhor, quer fora... moura por ello morte natural (ib. 5, 17).

TODO e TUDO *) — O primeiro destes vocabulos, variavel em genero e numero, pertence á lingua desde os mais remotos tempos; o segundo, invariavel, data da litteratura quinhentista e substitue o antigo *todo* empregado no sentido de «toda a cousa».

Serve o singular *todo* para designar o conjunto ou inteireza, e antepõe-se ou pospõe-se a nomes previamente determinados por outro pronome adjunto, ou pelo artigo: *todo este paiz* ou *todo o paiz está arruinado*. Se se trata de nome proprio, a presença do artigo dependerá de o dito nome usar-se ou não com artigo. Assim diz-se *todo o Brasil*, *toda a India*, porem *todo Portugal*, *toda Goa* (Veja-se o capitulo sobre o artigo).

Documentam a regra do emprego de *todo* denotando inteireza os seguintes passos:

Das grandes naos do Samorim potente, que encherão *todo o mar*... fará pedaços (Cam., Lus. 10, 28) — *O mar todo* ferve (ib. 10, 29) — *O polo todo* ardia (ib. 6, 76) — *A terra toda* possuia (ib. 7, 16) — Cabeça... de *Europa toda* (ib. 3, 17) — Não tirarão *toda a India* e *Egypto* (ib. 10, 37) — *Todo Portugal* aos Mouros toma (ib. 8, 18) — Fernão Peres o seguio *hũa tarde toda* (Barros, Dec. 2, 9, 3) — Esperarão *todo hũ dia* (Castanh. 1, 50) — Com *toda hũa coxa* fora (Cam., Lus. 10, 31) — Neste mesmo exemplo vemos como Deos castiga *todo um reyno* por culpa do seu rey (Arr. Dial. 187) — Inficicção *toda*

*) Veja-se a proposito de *todo*, *tudo*, SAID ALI, *Difficuldades da Lingua Portuguesa*² pag. 169-187.

hũa republica (ib. 62) — E ás vezes de não apagar *hũa palha* se vem atear o fogo *nũa* e noutra até que vem a queymar *toda hũa casa* (H. Pinto I, 3) — Que será ver a Deus por *toda hũa eternidade* (Bern., L. e C. 339) — Abrahão dividido e por partes teve muytos semelhantes; *todo Abrahão*, e por junto, ninguem lhe foy semelhante (Vieira, Serm. 1, 414) — Segue-se que *todo Nabucodonosor* cabia dentro do dedo meminho da sua imagem (ib. 5, 342) — Se Christo está em *toda a Hostia, todo Christo* não pode estar em qualquer parte della (ib. 1, 192) — Em qual destes lugares ou tempos estava mais applicado *todo Xavier?* (ib. 8, 324) — A rainha... substituirá á severidade antiga do paço *todo o brilho* de um luxo insensato (Herc., L. e Narr. 1, 186).

A locução *todo o mundo* usa-se não sómente no sentido rigoroso de «o mundo inteiro», mas ainda em acceção translata, designando-se hyperbolicamente pelo Orbe terrestre simplesmente a collectividade humana. Neste segundo caso, a locução tem caracter fixo, ao passo que na primeira hypothese é indifferente collocar a palavra *todo* antes ou depois de *o mundo*:

Posto que em *todo o mundo*... resuscitassem (Cam., Lus. 2, 55) — A santa providencia... governa *o mundo todo* (ib. 10, 83) — Para o juízo de Deos hade ir ao valle de Josaphat *todo o mundo*; para o juizo dos homens *todo o mundo* he valle de Josaphat (Vieira, Serm. 5, 81) — Para eu não sahir condemnado, he necessario que *todo o mundo* seja innocente (ib. 5, 84) — Peccados... os quaes não só Deos, mas *todo o mundo* está conhecendo (ib. 5, 33).

Nas expressões de velocidade maxima *a toda a brida* (Herc., Eur. 212), *a todo o galope* (Herc., Lend. e Narr. 2, 91), *a toda a pressa* (Vieira, Serm. 2, 181; ib. 6, 539; Bern., L. e C. 303; Bern., N. Flor. 1, 14; 1, 125; 1, 148; 1, 210; 1, 215; 1, 273; 2, 5), usa-se o artigo como no superlativo de adjectivos e adverbios.

Com as expressões *o resto, o restante, o mais, o outro* considera-se em conjunto a parte complementar de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Como reforço a estas locuções se lhes antepõe a palavra *todo*, sendo que com *o mais* desacompanhado de substantivo e equivalendo a «as mais cousas», se usa, em port. mod., *tudo* em lugar de *todo*:

Tudo o mais eram cousas pera dar aos Reys (Barros, Dec. 1, 4, 3) — *Toda a mais* povoação era de madeira cuberta (ib. 1, 4, 7) — Destes dous generos de gente [Brammanes e Naires], sendo a mais nobre da terra, viviam nella [cidade] mui poucos: *toda a outra* povoação era de Mouros e Gentoio mecanico (ib. 1, 4, 7) — Convoça as

filhas de Nereu com *toda a mais* cerulea companhia (Cam., Lus. 2, 19) — Animaes, que elles tem em mais estima que *todo o outro* gado das manadas (ib. 5, 63) — Logo *todo o restante* se partiu de Lusitania, postos em fugida: O Miralmomini só não fugio, porque antes de fugir lhe fogue a vida (ib. 3, 82) — De *toda a mais* commodidade e alfayas que a velhice permite e as doenças desculpão estava [a cella] erma (Sousa, S. Dom. 275) — Não renderá menos lustre a *todo o resto* de Hespanha (ib. 21) — Assim passa sómente por ella a vida, e *tudo o mais* [que são os peccados] fica dentro, e nada passa (Vieira, Serm. 5, 25) — Que um homem só e desassistido de *toda a outra* companhia e poder, se atrevesse (ib. 3, 312) — O mesmo professa toda a escola cega e torpe deste infame mestre... e com seu collega Calvino *toda a outra* sentina dos hereges de nosso tempo (ib. 9, 397) — Dá conta... de todas as palavras de tua lingua e *tudo o mais* que tu sabes (ib. 5, 49) — *Tudo o mais* contrastava... com ellas (Herc., Lend. e Narr. 1, 181).

Pratica usualissima desde o port. ant. é reforçar o pronome demonstrativo *o* acompanhado do pronome relativo *que*. O port. mod. introduziu apenas a novidade de substituir *todo* por *tudo* nos dizeres onde *o que* equivale a *aquillo que*:

Cesse *tudo o que* a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta (Cam., Lus. 1, 3) — Que os mouros cautelosos se guardaram de lhe mostrarem *tudo o que* pediam (ib. 2, 9) — Desbaratareis *tudo o que* quizerdes, quanto mais a quem já desbaratastes (ib. 4, 18) — Porem disto que o Mouro aqui notou, de *tudo o que* vio com olho atento, hum odio certo na alma lhe ficou (ib. 1, 69) — *Tudo o que* nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira, Serm., 5, 455) — *Tudo o que* se move neste mundo... será sogeito a teo imperio (ib. 5, 476) — O que succede depois he *tudo o que* dissestes antes (ib. 5, 108) — Já vi *tudo o que* havia de ver nesta vida (ib. 5, 139) — No Ceo ha *tudo o que* quizerdes (ib. 5, 447) — E' *tudo o que* pode contra mim dizer (Herc., M. de C. 2, 267) — Seria impossivel dizer-te agora *tudo o que* está aqui dentro (ib. 2, 210).

Aos adjectivos substantivados *o necessario*, *o possivel*, *o util*, *o superfluo*, etc., significando o conjunto das cousas necessarias, possiveis, uteis, etc., antepõe-se hoje em dia a forma *todo* como em port. ant. Os seiscentistas usavam com estes dizeres ora *todo*, ora *tudo*:

He necessario desbastar-me de *todo o superfluo* e descartar-me de mim mesmo (H. Pinto 2, 386) — Tereis *tudo o necessario* para o sustento da vida (Vieira, Serm. 8, 179) — Em *todo o necessario* á vida temporal (ib. 8, 293) — Recuperar... *tudo o perdido* (ib. 5, 221) — Tendo depositado *tudo o precioso e lustroso* de seus thesouros (ib. 2, 14) — Ver junto *todo o raro e curioso* do mundo (ib. 5, 437) — Despreza *tudo o ameno e frondoso* das felicidades e glorias do seculo

(Bern., L. e C. 498) — *Tudo o bom e tudo o feroso* que Christo fez, he o Divinissimo Sacramento (Vieira, Serm. 9, 294) — *Tudo o raro e admiravel* das regioens novamente sogeitas (ib. 5, 21) — *Tudo o precioso* que havia em seu palacio (Bern., N. Flor. 1, 133).

A pluralidade dos seres enuncia-se por meio de nomes appellativos na competente forma do plural. Ajuntando-se *todos, todas* a estes nomes alludir-se-á expressamente á totalidade numerica: *todas as palavras; todas as lagrimas*. Muitas vezes porem — e em especial se as unidades se acham dispersas no espaço ou no tempo, não se formando então no espirito a imagem de individuos reunidos — representam-se todos os seres congeneres por um ser typico, nomeia-se o individuo pela especie inteira, usa-se o singular em vez do plural, como quando dizemos: *o leão é animal feroz, a manga é fruta saborosa*, por *os leões são animaes ferozes, as mangas são frutas saborosas*.

Nestas condições, a *todos os leões, todas as mangas, todas as palavras* correspondem logicamente os dizeres *todo o leão, toda a manga, toda a palavra* no singular. Succede porem que, tomando-se o individuo pela especie, confunde-se o conceito do numero singular com o de qualquer individuo, e o vocabulo *todo* se nos afigura como synonymo do vocabulo *qualquer*. E como este ultimo exclue a presença do artigo, somos levados a dizer tambem sem artigo *todo leão, toda manga*, etc.

Exemplos desta confusão se topam em port. mod., não porem em tão larga escala como na era pre-camoneana, na qual se chegava a omittir o artigo ainda quando *todo* tinha sentido bastante arredado de *qualquer*, como em Corte Imp. 71: *obrando Deos obra toda a bondade e toda grandeza e toda eternidade*, e nestes passos da lenda dos Santos Baarlão e Josaphate: *era-lhe obediente... e toda subjeição e toda humildade trabalhando em toda virtude; abraçou-o cõ todo amor; livre de todo error*.

Qual seja a tendencia da linguagem a partir do seculo XVI, pode-se ver pela maneira por que se tem tratado os dizeres *em toda a parte, por toda a parte, de toda a parte* usados em vez de *em todas as partes, por todas as partes, de todas as partes*. Camões emprega estas locuções no singular ora com artigo, ora sem elle:

Cantando espalharei *por toda parte* (Lus. 1, 2) — *Por toda a parte* andava accessa a guerra (ib. 3, 51) — Tudo provê com animo e prudencia, que *em toda a parte* ha esforço e resistencia (ib. 3, 79). — Si t'o tem dito já aquella ventura que *em toda a parte* sempre anda comigo, ó não ha creias, porque eu quando a cria, mil vezes cada hora me mentia (ib. 9, 77) — Com Joanne, Rei forte *em toda parte*, que escurecendo o preço vai de Marte (ib. 4, 25) — Porque a gente maritima e a de Marte estão pera seguir-me *a toda parte* (ib. 4, 84) — Vovendo, ora se abaxe, agora se erga, nunca se ergue ou se abaxa, e hum mesmo rosto *por toda a parte* tem, e *em toda a parte* começa e acaba, em fim, por divina arte (ib. 10, 78). — Voar co pensamento *a toda parte* (ib. 8, 89).

A incerteza de que dão testemunho os trechos citados desaparece entre os escriptores do seculo seguinte, passando-se a usar desde então até o seculo XIX as ditas locuções adverbias sómente com o artigo. Nos diversos volumes de Vieira, Bernardes, F. M. de Mello e Herculano, em que pacientemente procurei tudo quanto se referisse ao caso, não conseguí achar senão exemplos deste genero:

Andando a morte com a fouce ensanguentada *por toda a parte* entre gentios e christãos (Vieira, Serm. 8, 354) — *Em toda a parte* ou ardião, ou servião em odoriferos licores todos os aromas da India (ib. 8, 359) — Notai a palavra *ubicunque, em toda a parte. Em toda a parte*, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias (ib. 5, 250) — Assim devemos nós multiplicar as nossas [presenças] para assistir ao divinissimo Sacramento *em toda a parte* (ib. 5, 250) — Todos os males do genero humano carregavam *de toda a parte* sobre o coração de Paulo (ib. 5, 465) — Se estes dous espiritos são os que vos levam *a toda a parte* (ib. 1, 505) — Assi o faz a Virgem Piedosissima a todos os que a invocarem *em todas as partes* do mundo. Christo presente *em toda a parte* pelas palavras, com que o Sacerdote consagra a Hostia, Maria presente *em toda a parte* pelas palavras com que o necessitado a invoca (ib. 1, 747) — Soando temerosamente ao longe *por toda a parte* (ib. 8, 54) — O Ceo cerrado *por toda a parte* (Bern., N. Flor. 1, 86) — Concorrendo *de toda a parte* muitos mancebos (ib. 1, 292) — A presença de Deos, que hum christão *em toda a parte* deve trazer diante dos olhos (ib. 1, 404) — Perigos e defeytos *em toda a parte* os ha (ib., L. e C. 51) — *Por toda a parte* não via... senão um crime (Herc., Lendas e Narr. 1, 161) — *Em toda a parte* deixara agentes e amigos fieis (ib. 1, 45) — Vassallos, que *de toda a parte* haviam corrido (ib. 1, 188) — *Por toda a parte* se verteu sangue (ib. 1, 263) — Alongava os olhos *por toda a parte* em busca de Theodemiro (Herc., Eur. 120) — A traição... está *por toda a parte* (ib. 69).

Este alvitre de não empregar senão a forma com artigo não se decidiram os seiscentistas a tomar ante os

dizeres *todo o genero* e *todo genero*. Lançavam mão do segundo, se queriam enunciar o conceito de modo mais vago, e utilisavam-se do primeiro se lhes importava expressar-se com mais emphase:

E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer *todo o genero* de lagrimas (Vieira, Serm. 5, 448) — Então conheceo que a vontade de Deos era que admitisse ao gremio da Igreja *todo o genero* de Gentios e tratasse da sua conversão (ib. 8, 23) — Quando S. Roque estava na sua prizão, concorrião ao carcere os enfermos de *todo genero*, os cegos, os mancos, os aloijados (ib. 2, 163) — Bastavão só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, e os outros enfermos de *todo o genero* (ib. 8, 360) — Só se acharam no arsenal de Malaca sete fustas...; boa parelha contra huma Armada de sessenta velas... fornecidas de tudo o necessario para a navegação e para a guerra; e sobretudo de muyta artilharia de *todo genero* (ib. 8, 205) — Aprendam a jugar as armas maritimas de *todo genero*: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia (ib. 8, 262) — Pollutos com *todo o genero* de vicios e enormidades (Bern., L. e C. 446) — Florido em *todo o genero* de virtudes e dons (ib. 454).

A. Herculano opta pelo emprego de *todo o genero* nestes e outros passos:

No several havia *todo o genero* de caça (Lend. e Narr. 2, 20) — Accusações de *todo o genero* (ib. 2, 189) — Prohibindo em sua casa *todo o genero* de divertimento (ib. 2, 301) — Tu evangelisavas a liberdade e condemnavas *todo o genero* de tyrannia (ib., Eur. 34) — Dos godos restam-nos... monumentos escriptos de *todo o genero* (ib. 308).

Em escriptores quinhentistas encontramos muitas vezes *todo o homem* (= *todos os homens*) e outros dizeres. Estes exemplos se multiplicam do seculo XVII em diante. Dignos de nota são os seguintes passos:

Todo ho gentio, assi homê como molher (Castanh. 3, 80) — Fará que *todo o Naire* se mova (Cam., Lus. 10, 14) — Em *toda a cousa viva* a gente irada provando os fios vai da dura espada (ib. 3, 64) — *Todo o homem* neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira, Serm. 5, 194) — *Toda a Republica* em *todo o tempo* ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz (ib. 2, 203) — *Todo o homem* que acaba a vida pendurado de hum pao he maldito (ib. 2, 420) — *Todo o lugar* mais alto que outros está sempre ameaçando ruina (ib. 5, 211) — *Todo o ministro* enquanto não cae é grande (Herc., M. de C. 2, 230) — *Todo o Regras* tem um Bugalho (ib. 2, 232).

O adjectivo substantivado, tendo caracterisada esta função pela presença do artigo, não pode perder este ar-

tigo, quando se lhe antepõe a palavra *todo*, ainda que se tenha em mente a noção de «qualquer».

Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros... receberão de *todo o illustre* os ossos (Cam., Lus. 5, 83) — *Todo o cativo* que levava punha consigo á mesa (Sousa, D. J. III, 146) — Recorra *todo o cahido* ou tentado ao deparador das almas perdidas (Vieira, Serm. 3, 234) — *Todo o proximo* tem direito (Bern., L. e C. 267) — *Todo o rico* de repente ou he ladrão ou herdeiro de ladrão (ib., N. Flor. 2, 214).

Achando-se a totalidade numerica dos seres rigorosamente definida por um numeral cardinal, a anteposição reforçativa de *todos* exigirá a supressão do artigo sómente quando esteja subentendido o substantivo:

As Dorçadas passamos, povoadas das Irmaãs... que de vista total sendo privadas *todas tres* dhum só olho se servião (Cam. Lus. 5, 11) — Por *todos os quatro* lados (Vieira, Serm. 8, 36) — Subissem *todos tres* ao monte (ib. 8, 315) — Os criados... eram tres; *todos tres* tiveram cabedal (ib. 2, 22) — *Todos os quatro* Doutores da Igreja (ib. 2, 421) — A *todos os doze* Apostolos disse Christo (Bern., N. Flor. 1, 390) — Andou tanto... que pudera supprir o caminho de *todos doze* (ib. 1, 390).

O Artigo

Procede o artigo definido do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud*. Da primitiva forma, que seria *ello, ella*, dão testemunho *el*, usado unicamente em *elrei*, e, por outra parte, *lo*, evidente nas contracções dos pluraes *todos, ambos* e *pello, pollo*, ainda usadas no seculo XVI e outras da linguagem popular, como *ullo* (u = onde), *mailo* (= mais o). Excluidos estes casos, apparece por toda a parte, desde a mais remota phase da lingua portugueza, o vocabulo já sem vestigios do radical, inteiramente gasto, e reduzido á terminação atona *o, a* (escripto ás vezes *ho, ha*).

A função demonstrativa pode perceber-se ainda em dizeres nos quaes, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou em costume o antepôr, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocabulo *o, a*,

tornando-o seu companheiro quasi inseparavel. Desde então passou o demonstrativo a ser artigo.

É condição essencial do artigo o ter apoz si claro o nome de que depende, o qual será um substantivo ou outro vocabulo usado como tal. É por isso que a palavra *o*, originariamente a mesma, é artigo em *o bom livro*, *o escrever*, ao passo que continua na categoria de pronome demonstrativo em *livro melhor que o de Pedro*, *o que Pedro possui*.

A anteposição do artigo ao nome tem por fim avivar a attenção da pessoa a quem nos dirigimos. Lembra-lhe que o de que falamos lhe é conhecido, servindo o artigo para apontar mentalmente o dito objecto, como em *o sol*, *a lua*, *o mundo*, *o ar*, *a terra*, *o mar*. Aponta igualmente para cousas e individuos de que se tem conhecimento pela educação religiosa, litteraria ou outra, como *o ceu*, *o inferno*, *o paraíso*, *o demonio*; mas não se ajunta á palavra *Deus*, salvo se vem acompanhada de expressão que lhe restringe o sentido.

Nomes de virtudes e vicios, e noções abstractas em geral, dizem-se com o artigo. Têm tambem artigo o appellativo concreto no singular, não sómente quando o appellativo se refere a um individuo determinado, mas ainda quando, figuradamente, se toma o individuo pela especie inteira: *o cão me mordeu*; *o cão é util ao homem*. No plural o artigo assignala a totalidade tanto dos individuos em geral, como dos comprehendidos em certo espaço ou tempo. A ausencia do artigo, pelo contrario, dará a entender que se fala apenas de individuos de numero incerto.

Apesar da incerteza numerica, o substantivo levará artigo se já houver sido mencionado anteriormente. Este emprego anaphorico pode ver-se em: *a casa foi assaltada por ladrões*; *mas, sendo presentidos, os ladrões fugiram*.

Nas enumerações, a repetição do artigo, chamando a attenção para cada um dos substantivos, mostra que se consideram os respectivos seres como distintos entre si, ou separados pelo espaço ou pelo tempo:

O vento e o oceano são as duas unicas expressões sublimes (Herc., Eur. 28) — Depois é que surgiu *o homem e a podridão*, *a arvore e o verme*, *a bonina e o emmurcheçar* (ib.) — *A generosidade, o esforço e o amor* — sinaste-os tu em toda a sua simplicidade (ib. 34)

— *Os frankos e os vasconios* talam as provincias do norte (ib. 36) — *O entusiasmo e o amor* tinham resurgido naquelle coração (ib. 12).

A não repetição do artigo indica que se consideram as cousas como estreitamente associadas, que os termos são *synonymos* ou quasi *synonymos*, que os seres, embora diferentes, coexistem ou a acção se passa com elles simultaneamente:

Se a tanto me ajudar *o engenho e arte* (Cam., Lus. 1, 2) — *Do capitão e gente* se apartou com mostras de devida cortezia (ib. 1, 56) — Vestindo a *forma e gesto humano* (ib. 1, 77) — Pelo *affecto e enthusiasmo* nos impelle a quanto ha bom e generoso (Herc., Eur. VII) — Regulava *os direitos e deveres communs* (ib. 3) — Cederam por fim... á *fortuna e ousadia* do ambicioso soldado (ib. 4) — A luz ia... estampar nelles [muros] as sombras *das columnas e arcos* enredados das naves (ib. 9) — As idéas grosseiras do culto de Odin não se tem apagado de todo *nos filhos e netos* dos barbaros, convertidos ha tres seculos á crença do Crucificado (ib. 9) — Era por uma destas noites... em que a soledade *das praias e ribas* fragosas do oceano é absoluta e tetrica (ib. 23).

A suppressão total do artigo nas enumerações equivale a reunir ou associar rapidamente, tumultuariamente ás vezes, cousas diversas em um mesmo quadro:

Ao pôr do sol, *gepidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados com outros*, tinham mordido a terra catalaunica (Herc., Eur. 26).

A ausencia do artigo nas enumerações pode comtudo ser devida á circumstancia de se tratar de um numero indeterminado de seres:

Vem arnezes e peitos reluzentes, malhas finas e tammas seguras; escudos de pinturas diferentes, pelouros, espingardas de aço puras, arcos e sagittiferas aljavas, parlisanas agudas, chuças bravas (Cam., Lus. 1, 67).

É de notar que em seguida a este trecho o poeta, querendo chamar a attenção, escreve: *as bombas vem de fogo e juntamente as panellas sulfureas, tão danosas; porem aos de Vulcano não consente que dem fogo ás bombardas temerosas.*

Quando se usam os distributivos *um... outro...* com referencia a palavras mencionadas antes, a linguagem hodierna só permite antepor-se o artigo ao segundo termo.

Data esta regra da era dos seiscentistas. Na linguagem antiga dizia-se *o um... o outro...* (como ainda hoje em francez *l'un... l'autre*):

Desculpando-se *o hum* e *o outro* (Zur., Ined. 4, 293); *As humas* como *as outras* (ib. 441) — Tomaste dous principios ambos falsos... — *O hum* he o que disseste dos effeitos... *O outro* principio falso he... (H. Pinto I, 435) — E como a elle chegasse o Portuguez, e visse que falavam ambos a lingua italiana, *o hũ* por ser sua natural, *o outro* pola ter adquirida... saudou cortesmente (ib. 1, 305).

Este mesmo uso do artigo se fazia quando os distributivos eram expressos por numeræes definidos:

Mil mouros... de que *os quinhentos* eram espingardeiros, e *os cento* bombardeiros... e *os outros* se chamaram servidores (Castanh. 4, 7) — Sete frades..., e *os cinco* tinha cada hũ sua cruz levantada, e *os dous* senhos retavolos de Nossa Senhora (ib. 5, 26).

Por outra parte, certas locuções, nas quaes hoje nos parece indispensavel o artigo, como *aos milhares*, *aos gritos*, etc., eram usadas outrora, e ainda no seculo XVII, sem tal determinação:

Os... que se bautizaram e fizeram christãos, não só se contaram *a milhares*, senão *a milhões* (Vieira, Serm. 8, 395) — Para que o sangue... dissesse *a gritos* quão verdadeiramente amava (ib. 2, 395) — Os vão contando *a pares* e nomeando de dous em dous (ib. 2, 356) — Guardas e escuitas, *a longe* e *a preto* [= perto] (F. Lopes, D. J. 219; porem em Vieira já: nem se doam *ao longe*... nem *ao perto*, Serm. 8, 464) — Lá hão de estalar *a pedaços* (Vieira, Serm. 2, 128) — Se no altar dera pão *a moyos* (ib. 5, 423).

Em portuguez antigo usava-se a locução *em outro dia* como equivalente do moderno *no outro dia*, *no dia seguinte*:

Em outro dia pella menhã veo Barlaão ao infante Josaphate (S. Josaph. 16) — E mandou dizer a Zardã que *em outro dia* o queria ir veer (ib. 19) — *Em outro dia* foi fama polla terra que Barlaão era preso (ib. 22) — *Em outro dia* pella manhã foi elrei veer seu filho (ib. 34).

Em principio, os nomes proprios de pessoas não levam artigo, porque aquelle a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem litteraria e o falar culto; 'alguns autores todavia abrem ás vezes excepção para os nomes de individuos de que já tinham feito menção anteriormente:

Dos dous primeiros seus filhos Cain e Abel, o *Cain* foi reprovado, e o *Abel* escolhido (H. Pinto, 1, 344) — Foi muito ter o Imperador Vespasiano dous filhos Tito e Domiciano tão differentes, que do *Tito* não se contam senão cousas boas, e do *Domiciano* senão muito más (ib. 1, 156) — Os galeões de Nuno Alvares Pereira, e de João da Silva, e de Gonsalo Pereira de Castro escaparam por novos, que puderam melhor soffrer os mares: das galeotas a *do Ferreira* desapareceu, Diogo Nunes Pedroso e o *Tavares*, em vendo os signaes da tormenta, se acolheram onde melhor puderam: o *Tavares* entrou pela barra de Baçain sem saber por onde hia; Diogo Nunes Pedroso atinou com a barra de Dio (Couto, Dec. 8, 11).

Na linguagem de intimidade, e no falar do povo, antepõe-se com frequencia o artigo a nomes de pessoas conhecidas daquelles com quem conversamos.

Às vezes, a necessidade de distinguir um individuo de outro obriga a indical-os por meio da palavra *o*:

Hú Joseph foy o que sonhou, e outro Joseph foi o sonhado. *O Joseph* que sonhou foi Joseph o filho de Jacob, o *Joseph* sonhado foi Joseph o esposo de Maria (Vieira, Sér. 7, 496) — *O Joseph* filho de Jacob sonhou sómente... Segue-se logo que o *Joseph* verdadeiramente sonhado foi o esposo de Maria (ib. 7, 496).

Nomes de rios, montes, e de certos mares usam-se com o artigo, não se referindo comtudo este ao nome proprio, mas ao appellativo (rio, monte, mar) que se tem em mente: o *Parahyba*, o *Vesuvio*, o *Baltico*, o *Adriatico*, o *Atlantico*, o *Danubio*, etc.

Analogamente, por subentender-se o termo «ilhas» se diz *as Hebridas*, *as Cycladas*, *as Berlengas*, *as Antilhas* *as Bermudas*, *as Canarias*. Dizemos todavia no masculino os *Abrolhos*, os *Açores* (*ilhas dos Abrolhos*, *ilhas dos Açores*) por influencia do genero destes nomes considerados como appellativos.

Raras vezes se permite a ellipse, tratando-se de ilha no singular, como a *Trindade* por a *ilha da Trindade*. Em geral, enuncia-se sómente o nome proprio, diz-se: *Sardanha*, *Corsega*, *Malta*, *Madagascar*, *Chypre*, *Santa Helena*, *Cuba*, *Jamaica*, etc.

Sem artigo se dizem os nomes de cidades, exceptuando o *Cairo* (em que outros idiomas tambem empregam o artigo, por influencia do arabe *el-Kahira*, «a Victorious»), assim como a *Bahia*, o *Porto*, o *Rio de Janeiro*, o *Rio*

Grande por effeito da sua origem appellativa. Do francez tomou-se o *Havre*, a *Haya* (*la Haye*, traducção abreviada do hollandez *s'Gravenhaag*). O uso actual, eliminando o artigo neste ultimo nome, contraria a linguagem de Vieira, Serm. 11, 500: *da Haya passou a Lisboa*.

Como o emprego do artigo não tem que ver com a maior ou menor extensão do territorio, deveriam usar-se sem elle não sómente as denominações de cidades, mas ainda as de provincias e paizes. Vê-se, de facto, applicada esta regra aos antigos nomes *Portugal*, *Castella*, *Aragão*, *Leão*, *Murcia*, *Valencia*, *Granada*, *Marrocos*, *Navarra*, *Borgonha*, aos modernos *Bengala*, *Sofala*, *Angola*, *Benguela*, *Moçambique*, *Cambaia*, *Malaca*, *Colombia*, *Honduras*, *Venezuela*, *Guatemala*, *Nicaragua* e outros.

Mas a maior parte dos nomes em *-a* atono, de origem latina, ou creados segundo o typo latino, e referentes a paizes e grandes regiões, apparecem em port. mod., principalmente a partir do seculo XVII, com a faculdade de admittirem o artigo feminino. Teria influido aqui a noção latente de «terra».

Exemplos camoneanos por si sós não são decisivos, attendendo á circumstancia de que o poeta mais de uma vez se referiria aos paizes como a cousas personificadas. Levando-se porem em conta a linguagem dos prosadores daquelle tempo, conclue-se que *de Africa*, *de Asia*, *em Africa*, *de Turquia*, *de França* etc., era ainda linguagem predominante. Já o padre Vieira admittre francamente o artigo em: *pela Africa*, *pela Asia* e *pela America* (Serm. 5, 38); *pelas terras da Africa*, *da Asia* (ib. 5, 322); *na Asia* e *na America* (ib. 5, 321); *santuarios da Europa* (ib. 5, 343). Nem tem duvida em escrever *para a Grecia* (ib. 5, 18); *nas cidades da Grecia* (ib. 3, 199); *com a Turquia da Turquia* (ib. 5, 19); *na Scithia* (ib. 5, 494); *nos desertos da Arabia* (ib. 3, 200); posto que se revele ainda bastante conservador ao tratar de outros paizes: *em Hespanha...* *em França...* *em Allemanha...* (ib. 5, 374). Algumas vezes o artigo pode ser ditado pela necessidade de clareza: *deixa a João a Asia*, *a André a Grecia*, *a Felippi a Sythia*, *a Bartolomeu a Arménia*, *a Matheus a Ethiopi* (ib. 5, 200).

A anteposição do artigo aos referidos nomes tornou-s

cada vez mais commum e parece generalisada hoje em dia.

Em *a India, a China, a Indo-China* o emprego da palavra *a* foi sempre obrigatorio, assim como o masculino *o* em *o Japão, o Industão, o Tibet, o Pamir, o Montenegro*. Fixou-se tambem o emprego do artigo em *o Egypto*. (Em Vieira ha bastantes exemplos, posto que de vez em quando occorra tambem *Egypto* sem artigo). A forma masculina nestes nomes deve-se parte ás terminações, parte á circumstancia de subentender-se o termo «paiz».

Em *o Brasil* antepoz-se ao nome o artigo no tempo em que o vocabulo ainda era appellativo, mas decisivo para a sua conservação no nome proprio foi a noção «paiz».

O primitivo conceito de «rio» determinou o uso do artigo em *o Amazonas* (provincia, estado), *o Maranhão, o Amapá, o Paraná, o Pará, o Ceará, o Piauhy*. Perdeu, pelo contrario, o termo appellativo toda a sua influencia em *Matto-Grosso, Alagoas e Minas Geraes*, desapparecendo nestes dous ultimos, com o artigo, o conceito de pluralidade (diz-se p. ex. *Minas Geraes produz muito; Alagoas é um estado maritimo*).

Deve-se provavelmente á ellipse o uso do feminino em *a* (capitania) *Parahyba*.

Em *o Peru, o Chile, o Mexico, o Canadá, o Panamá*, o artigo pode ser attribuido á noção latente de «paiz», assim como á circumstancia de serem geralmente masculinos os substantivos communs com taes terminações. Podê tambem ser imitação do estrangeiro.

Portugal não toma artigo; mas diz-se *a Beira, o Minho, a Galliza, o Alemtejo*, e, superfetadamente, *o Algarve* (*al Garb* em arabe quer dizer *o Occidente*).

Verbos:

especies, formas e significação

Verbo é a criação linguística destinada a expressar a noção predicativa. Denota acção ou estado e nas linguas do grupo aryano possui suffixos proprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo numero (singular ou plural; em alguns idiomas tambem o dual), o tempo (actual, vindouro ou preterito) e o modo da acção (real, possível, etc.).

> O desaparecimento de certos suffixos pessoais determinou em varias linguas modernas a necessidade de antepôr ao verbo o pronome pessoal da 1.^a e 2.^a pessoa e o da 3.^a quando não vem enunciado o substantivo sujeito. > Em portuguez o uso do pronome pessoal não é obrigatorio senão na 1.^a e 3.^a pessoa do singular de certas formas verbaes identicas quando assim o exigir a clareza do pensamento. Nos demais casos o pronome serve apenas de reforço emphatico.

> Chamam-se formas *finitas* do verbo todas aquellas que vêm sempre referidas a uma das tres pessoas do discurso e têm ou tiveram a respectiva desinencia, como *escrevo*, *escreve* (lat. *scribi-t*), *amava* (lat. *amaba-m*) e *amava* (lat. *amaba-t*).

> A par destas, gera-se em todos os verbos um pequeno grupo de formas com apparencia e função de substantivo (infinitivo), adjectivo (participio) e adverbio (gerundio). São estas as formas *infinitas* do verbo, assim chamadas por constituirem vocabulos sem referencia especial a qualquer das pessoas do discurso.

Uma destas formas infinitas, o infinitivo, admite (no idioma portuguez) uma formação secundaria com as diversas desinencias de pessoa; havendo portanto, alem

do infinitivo proprio ou impessoal, o infinitivo pessoal ou flexionado.

Os tempos do verbo são: para a acção que se passa no momento em que se fala, o *presente*; para a acção que já se passou o *preterito*, subdividido em *imperfecto*, *perfecto* e *mais-que-perfecto*; e para o facto vindouro o *futuro*, o qual pode ser em relação ao presente, isto é, *futuro do presente*, ou em relação ao passado, isto é, *futuro do preterito*. A este ultimo tem-se dado impropriamente o nome de modo condicional.

De muitas maneiras se pode imaginar uma acção ou estado; mas as formas verbaes simples de que a nossa lingua dispõe não nos permitem considerar mais de tres modos verbaes: o *indicativo* para a acção real, o *conjuntivo*, tambem chamado subjuntivo, para o facto duvidoso, provavel, potencial, optativo, etc., e o *imperativo*, por meio do qual se expressa a ordem, o pedido, o convite, a supplica, etc.

A exposição systematica de todas as formas de um verbo, finitas e infinitas, constitue a conjugação do verbo. São tres os typos de conjugação: na 1.^a o verbo tem o infinitivo terminado em *-ar*, na 2.^a em *-er*, e na 3.^a em *-ir*.

O verbo *pôr*, comquanto pareça constituir um quarto typo, não é mais que a contracção de *poer*, e devemos consideral-o como verbo irregular da 2.^a conjugação.

Desinencias pessoais

Das desinencias pessoais latinas não vieram ao portuguez nem *-m* da 1.^a do singular (excepto o vestigio na forma *som* < lat. *sum*, usada nos primeiros seculos do port. ant.), nem *-t* da 3.^a do singular. A forma latina *est* reduziu-se a *é*. O suffixo *-nt* da 3.^a do plural entrou para a linguagem depois de reduzido a *-n*, resultando d'ahi a nasalção da vogal precedente em *-un*, *-om*, *-am* ou *-ũ*, *-õ*, *-ã* (que por fim se fundiram no ditongo nasal *-ão*) e *-em* ou *-ẽ*.

Na 1.^a do plural todos os verbos conservam *-mos* < lat. *-mus*. Intacto ficou *-s* da 2.^a do singular; *-sti* e *-stis* latinos tornaram-se *-ste*, *-stes*.

As desinencias *-tes*, *-te* da 2.^a do plural continuaram a usar-se, abrandada a dental, sob a forma *-des*, *-de* ainda na linguagem do seculo XIV, estendendo-se este uso a *sondes*, criação analogica por influencia de *som* (port. mod. *sou*), *somos*. Desta época em diante *sondes* simplifica-se primeiro em *sodes*, depois em *sois*, a dental do suffixo desapparece por toda a parte, excepto no futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado (nos quaes se manteve, apesar da vacillação havida ainda entre seiscentistas), nas formas *vades* (pres. do conj. de *ir*), *sedē* (imperativo de *ser*), e no presente do indicativo e imperativo dos verbos monosyllabicos (e compostos) da 2.^a e 3.^a conjugação *ver*, *crer*, *ler*, *ir* (que tambem tem a forma *is*: *porque is aventurar* Cam., Lus. 4, 91), *rir* (*rides* a par de *ris*: *Senhores, lhes disse elle, de que vos ris?* Barros, Clar. 2, 209), *pôr*, *ter* e *ver*. Estes tres ultimos fazem *pondes*, *ponde*, *tendes*, *tende*, *vindes*, *vinde*, com o vestigio da consoante nasal das radicaes primitivas; os restantes verbos fazem *vedes*, *vede*, *credes*, *crede*, *ides*, *rides*, etc.

A tendencia, que a reacção conservadora não deixou ir por diante, de omittir a dental no fut. do conj. e inf. pess., é attestada por exemplos muitos entre os quaes estes passos dos sermões de Vieira: *para [vós] seres bem julgados* (5, 83); a par de *julgardes* (5, 85); *depois de vos pores em estado de penitencia* (5, 135); *se vos não converteres* (duas vezes) (5, 151); *se morreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós?* (5, 152); *que vos ouça quando o chamares* (5, 154); a par de *se chamardes a Deos de todo o coração* (5, 155), etc. A manutenção definitiva da dental deve-se naturalmente á necessidade ou conveniencia, no tratamento ceremonioso, de diversificar a 2.^a do plural da 2.^a do singular.

Alternancia vocalica

Damos este nome á mudança soffrida pela vogal thematica em certas formas rhizotonicas. Está neste caso a troca das vogaes puras fechadas *e*, *o* respectivamente nas vogaes puras abertas *ε*, *ο*.

Conservam-se alheias a esta alternância todas as formas rhizotonicas de *chegar*, *ensebar*, *amancebar*, dos verbos em *-oar* (*vóas*, *coróas*, etc.), em *-ear* (*ceio*, *passeias*, etc.), em *-elhar* (*emparelhas*, *aconselha*, etc.), em *-ejar* (*almeja*, *deseja*, etc., exceptuando *inveja*, *inveja*, *invejam*), a forma *foi*, e actua finalmente como obstaculo á alternancia, em falar brasileiro, a consoante nasal posta immediatamente depois da vogal: *gema*, *tema*, *ordenha*, *comes*, *tomam*, etc.

NOTA. — No falar lusitano a tónica *o* soa como vogal aberta, em *come*, *tomas*, etc.

Exceptuados estes casos, verifica-se a alternancia regularmente na 2.^a e 3.^a do singular e 3.^a do plural do presente do indicativo, bem como na 2.^a do singular do imperativo de qualquer verbo com uma das mencionadas tónicas puras, desde que esta venha seguida de outro phone-ma: *queres*, *quer*, *choras*, *chora*, *adorna*, *rolas*, *chove*, *escreve*, *bebe*, *percebe*, *recebem*, *alegra*, *espera*, *fornece*, *resolve*, *fenece*, *cresce*, *descem*, *apoia*, *roes*, *doe*, *moe*, *tornas*, *tornam*, *jorras*, *olhas*, *olham*, *desfolham*, *rogas*, *jogas*, *rega*, *leva*, *sega*, *pegas*, *negas*, *despreza*, *perdes*, *governa*, *verte*, *fere*, *merece*, *adocece*, *veste*, *conserva*, *processa*, *refrescam*, *cessa*, *cede*, *gosas*, *afoga*, *escolhes*, *empregas*, *alterna*, *altera*, *berras*, *afivela*, *nivela*, *começas*, *protegem*, *mexem*, *forma*, *dorme*, *morre*, *torras*, *torce*, *despoja*, *arrojas*, etc.

A alternancia estende-se á 1.^a pessoa do presente nos verbos da 1.^a conjugação: *adorno*, *corto*, *afogo*, *pego*, *nego*, *meço*, *levo*, *toco*, *noto*, *jogo*, *erro*, *socego*, *esfrego*, *prego*, *choro*, *adorno*, *renovo*, *consolo*, *olho*, *molho*, *esboço*, *atravesso*, *cesso*, *alegro*, *espero*, *opero*, *altero*, *alterno*, *emprego*, etc.; e tambem a *peço*, *impeço*, *despeço* e *meço* dos verbos em *-ir*. Nos verbos em *-er*, porem, exceptuando a forma *quero*, a 1.^a pessoa resiste a qualquer mudança, ficando em contradicção com as demais formas rhizotonicas: *bebo*, *escrevo*, *movo*, *cedo*, *concedo*, *corro*, *esqueço*, *mereço*, *escolho*, *colho*, *devo*, *resolvo*, *mordo*, *estabeleço*, *protejo*, *desço*, *cresço*, *mereço*, *appareço*, *forneço*, *rejo*, *estabeleço*, *torço*, *aborreço*, *mexo*, *verto*, etc.

O presente do conjuntivo, calcado todo, como é, no thema da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo,

necessariamente não terá senão vogal fechada nos verbos da conjugação em *-er*: *deva, resolva, escrevas, mereça, mereças, appareça, escolham*, etc.; ao passo que com alternancia se hão de usar *peça, peças, peçam, meça, meças, meçam*, assim como as formas conjuntivas da 1.^a conjugação: *comece, console, alegre, olhe, orne, cesses, espere, esperem, empregue, logre, negues, pegue, peguem, peque, chore, adore*, etc.

O verbo *dormir* tem as formas *dormes, dorme, dormem* com vogal tónica aberta, mas transforma em *u* a rhizotónica de 1.^a pessoa: *durmo* (phenomeno este de que trataremos d'aqui a pouco).

Inversamente, os verbos *bulir, consumir, cubrir* (ou *covrir*, mais usada na graphia moderna), *cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir* e *tussir*, por analogia das formas *dormes, dorme, dormem* e imperativo *dorme* acabaram por transformar *u* em *o* aberto nos mesmos casos, dizendo-se, por exemplo, no indicativo: *subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem* e no imperativo: *sobe, subi*, etc. Na linguagem brasileira pronuncia-se *o* fechado nas formas alteradas de *sumir* e *consumir*.

A principio estes verbos em nada differiam dos demais verbos regulares (exceptuada apenas a forma *coverto* ou *coberto*, participio de *cubrir*). Assim no portuguez antigo:

Quando fores em tal perigo.. entam o *descubre* e dize (S. Graal 37) — *Sube* [imperat.] em cima de mim (Livro de Esopo 11) — Porque *fuges* de my? (S. Mar. Eg. na Rev. Lus. 20, 189) — *Fugem* ao mundo (ib. 200); Os sentimentos *acudem* (Virt. Bemf. 104) — *Acudem* (Ined. 5, 591).

Vestigios desta antiga linguagem são ainda:

Nunca o rio o *cubre* (Lam. Ined. 5, 564) — Primeiro que entrem no mar se *sumem* por baixo no veram (Barros, Dec. 2, 8, 1) — *Sube* já este sobrado (G. Vic. 3, 262) — Outra addição nos *acude* (ib. 3, 287) — *Encubres* (ib. 1, 333) — *Sumem-se* (Arr. 449) — *Descubre-me* [imperat.] sempre seus segredos (A. Ferr. 2, 344) — E tu Coimbra, *cubre-te* de tristeza (ib. 2, 236).

A adopção de *o* em vez de *u*, mais pronunciada a partir do seculo XVI, fez-se comtudo de modo desigual para os diversos verbos. Assim, ao passo que *foges, foge, fogem, acodes, acode, acodem* são formas do indicativo per-

feitamente estabelecidas na linguagem de Camões e A. Ferreira, o imperativo na mesma linguagem continua a ser invariavelmente *fuge, acude*; por exemplo:

Acude cedo... *acude* e corre (Lus. 3, 105) — *Acode* o sangue (ib. 4, 29; 4, 37) — *Fuge, fuge*, lusitano, *fuge* das gentes perdidas (ib. 2, 61; 2, 62) — A luz clara *foge* (ib. 4, 67) — Lhe *foge* a vida (ib. 3, 82) — *Fuge* antes que o mau vulgo te profane (A. Ferr. 2, 282).

Durante todo o seculo XVI persistem *destrues, destrue, destruem* (assim como a forma *estruie*, etc.); no seculo seguinte entram a fazer-lhes concorrência *destroes, destroe, destroem*, Vieira Serm. 9, 250 e 9, 252 (a par de *destruem*, Serm. 5, 17) para se tornarem finalmente a linguagem usada no portuguez hodierno. *Consume, consumes, consumem*, desusados hoje, foram empregados por A. Ferreira (2, 146; 1, 61), Camões (Lus. 5, 2), Arrais (58), Vieira (Serm. 1, 258), G. Vicente (2, 144) e Filinto Elysio (20, 92; 20, 211; ao lado de *consome* 20, 275). *Entupe, entupes, entupem* occorrem em todos os quinhentistas e seiscentistas e, até, em A. F. de Castilho: *entupem-se-lhe* as ventas (Georg. 289).

Outro caso de alternancia é o da transformação das vogaes fechadas *o, e* respectivamente em *u, i*.

Mudança de *o* em *u* verifica-se em *durmo* e *durma, durmas* etc. do verbo *dormir* e nas formas de 1.^a pessoa *puz, pode* (lat. *posui, potui*) ao lado das de 3.^a pessoa *poz, poude*

Mudança de *e* para *i* dá-se na 1.^a do singular do presente do indicativo (e todo o presente do conjuntivo) de alguns verbos pertencentes á conjugação em *ir*: *firo* (< port. ant. **fero* < *feiro*); *sigo, sinto* (e compostos destes tres verbos); *dispo, visto, minto* e *advirto*. A alternancia estendeu-se a principio ás demais rhizotonicas do indicativo e a outros verbos da mesma conjugação. Vestigios disto são, no portuguez antigo, os imperativos *pidi* (por *pide*) (S. Josaph. 16), e *viste-te* (ib. 13); e no portuguez mod., os imperativos *minte-lhe* (G. Vic. 1, 303), *prosigue tu* (ib. 1, 319), *viste-te da sua lam* (H. Pinto 1, 176), *dá e fire quanto quiseres* (ib. 1, 45), *sigue-me firme e forte* (Cam., Lus. 10, 76), e o singularissimo indicativo *prosigue* em port. mod. (Castro, Ulys. 10, 49).

Importa notar que na linguagem de Camões e outros escriptores da mesma epoca, e tambem em documentos de eras anteriores lê-se sómente *sigo*, *segues*, *segue*, *seguem* para as formas rhizotonicas do indicativo de *seguir*.

Quanto ás rhizotonicas de *servir*, *sentir* (e compostos) *vestir* e *advertir* houve hesitações no port. ant. e ainda nos autores de seculo XVI se nos deparam alguns exemplos discordantes do falar hodierno:

Vestam (S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198) — *Servo*, *servamos*, *servo* (S. Josaph. 26, 30; S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198; Ined. 3, 487; F. Lopes, J. 23) — *Sento* (S. Graal 33; G. Vic. 3, 314; Arr. 464) — *Consento* (G. Vic. 2, 60) — *Sintem* e *sentem* (Ined. 5, 566; Leal Cons.) — *Synto* (Leal Cons. 63) a par de *consente* (Leal Cons. 14) — *Sintem*, *sinte* (Fern. d'Ol., Gram. 38, 39) — *Consintem* (Fern. d'Ol. 45) — *Advirtem* (Arr. 105).

Mudança de *e* para *i* soffreu tambem a 1.^a pessoa do singular de *impedir* e *despedir*, fazendo *impido*, *despido* (d'ahi o conjuntivo *impida*, *despida*) e a alteração se estendeu ao imperativo. Perdurou muito tempo esta linguagem, sendo ainda usada por escriptores seiscentistas:

Despide essa tu'alma (Ferr. 2, 263) — Com esta ultima advertencia vos *despido*, ou me *despido* de vós (Vieira, Serm. 2, 343) — Não havendo violencia que as [aguas] *impida*, se unem debaixo de huma superficie planissima (Bern. N. Flor. 4, 419) — Nem os [pobres] *despidamos* de todo vasio, nem a vida dos necessitados se converta em despojos de embusteiros (ib. 4, 405).

Em Mello (Ap. Dial. 141 e 33) occorrem já *despeço*, *despeça*, que com *impeço*, *impeça* acabaram por desalojar de todo as dicções antigas. Crearam-se estas novas formas por analogia de *peço*; modelou-se pelo verbo *pedir* a conjugação de *impedir*, *despedir* por dominar o sentimento de serem estes dous verbos oriundos daquelle. Na realidade, porém, filiam-se ao lat. *impedire*, *expedire*, ao passo que *pedir* procede do lat. *peto* (> **petio*), *petii*, *petitum petere* *).

*) Do verbo *petere* occorrem na Ibero-Romania duas formas para a 1.^a pessoa do presente do indicativo: *peço* (de **petio*), usado em Portugal e fixado na linguagem literaria deste paiz desde os mais antigos tempos; e *pidó* (de *peto*), proprio do hespanhol e de alguns falares regionaes de Portugal. Observo

Da alternancia vocalica resultaram ainda *fiz* < port. ant. *fize* < lat. *feci*, em contraste com *fez* < port. ant. *feze* < lat. *fecit*, e *quiz* < port. ant. *quise* < lat. *quaesii* e *quaesit*.

Do verbo *remir* são desusadas as rhizotonicas, suprimindo-se a sua falta com o emprego do erudito *redimir*. Em escriptores de outrora occorrem exemplos do emprego das formas rhizotonicas:

Onde as culpas se encobrem, ou escusam facilmente, e se *rimem* mais levemente as penas (Luc. 1, 271) — Não só os *rimem* e livra da cadea (Vieira, Serm. 2, 196) — Almas e corpos se *rimem*, almas e corpos se resgatam (ib. 2, 201).

Para os verbos *ferir* (e *conferir*, *referir*, *proferir*, *inferir*, etc.), *seguir* (e *conseguir*, *perseguir*, *proseguir*), *despir*, *servir*, *advertir*, *digerir*, *ingerir*, *divergir*, *competir*, *discernir*, *adherir*, *inserir*, *repetir*, *reflectir*, *suggerir*, *repellir*, *divertir* fixou-se o uso da dupla alternancia nas rhizotonicas do indicativo e imperativo a saber: vogal *i* na 1.^a pessoa, e *e* aberto na 2.^a e 3.^a: *firo*, *feres*, *feres*, *ferem*, *repito repetes*, etc.

Em *mentir* e *sentir* dá-se a modificação na rhizotonica de 1.^a pessoa, não se tolerando, em port. moderno, modificação alguma nas outras rhizotonicas, por não o permitir a vogal nasal.

Em *aggređir*, *progredir*, *transgredir* e *prevenir* usa-se a alternancia em *i* em todas as rhizotonicas: *aggrido*, *aggrides*, *aggride*, etc.; *previno*, *prevines*, etc.

Presente do indicativo

Desapparecida a desinencia *-t*, e simplificada a forma latina *est* em *é*, todos os verbos necessariamente tive-

a este proposito que laboraram em equivoco os que affirmam se usasse antigamente em port. literario *pido*, *pida*, *pidas* etc., em vez de ou a par de *peço*, *peça*, *peças*, etc. Tal maneira de dizer era tida por plebeismo. *Peço* é a forma sempre usada nos textos antigos: *peçote que tu a çercassos* (S. Am. 514); *eu mais bem te peço que nom tenho merccido* (D. Duarte, Leal Cons. 320); *Senhores peço-vos hãu dom: que me outorguedes o que vos quero pedir* (L. de Linhagens f. XVI); *ora vos peço que me talhedes a cabeça com esta spada* (S. Graal 31); *peçovos por merço que me leixades hir em vossa companhia* (ib. 45); *eu vos peço tanto que sejades meus ospedes* (ib. 51); *porem vos peço por merço que me perdoes* (F. Lopes, D. J. 27); *desto vos peço eu perdão e nom doutra cousa* (ib.).

ram de terminar em vogal na 3.^a do singular. Todavia em *val*, *quer*, *faz*, *jaz*, *praz*, *traz*, *diz*, *luz* e compostos de *-duz* (*produz*, *conduz*) não conseguiu a final *-e* sustentar-se como nos demais verbos de 2.^a e 3.^a conjugação. Da existencia de antigas formas dissyllabicas dão testemunho os seguintes passos:

Dizede que escudo *traze* (S. Graal 62) — *Traze* hũ escudo (ib.) — Que armas *trage?* (ib. 86) — A vontade do padre *traze* a nossa alma a perigo (S. Josaph. 26) — *Traze* (ib. 13) mas *praz* (ib. 14) — E que esto assy que fosse compydo *dize-o* o livro dos Rex em muytos logares (Leal Cons. 136) — Tira-lhes o boo e virtuoso prazer e *faze-os* desconhecidos (ib. 35) [porem na mesma pagina: *fal*-los tornar ao primeiro cuydado]; *Faze-o* antrepor (ib. 56).

(*Elle*) *faze* e (*elle*) *traze*, *dize*, occorrem na linguagem de D. Duarte occasionalmente e já como concessão ao falar archaico. Regular era naquelle tempo o uso da terminal *-e* nos verbos em *-uzir*, como *enduze*, *produze*, pratica de que ainda ficaram exemplos na linguagem quincentista:

Vam per meia agua per que *transluze* a cor (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Ali natura *produze* diferentes (Cam., Lus. 9, 58) — Qual *reluze* nas faces da donzella (ib. 9, 61) — Todos os effeitos tem hũa só causa propria que os *produze* (Arr. 56) — Todas as vezes que os *reduze* á memoria, doe-se de si (ib. 80) — Nas quaes [embarcações] se vendião todas as cousas quantas a terra *produze* (F. M. Pinto, 2, 333).

A forma *requere* (de *requerer* com a 1.^a pess. do singular *requero*), foi sempre corrente, tanto no port. ant. como entre quincentistas e seiscentistas; mas, facto interessante, para a 3.^a do singular do frequentissimo verbo *querer*, seiscentistas como quincentistas não empregaram senão a forma simplificada *quer*. A forma dissyllabica que a precedeu, e que ultimamente se tentou restabelecer em Portugal, não foi, que me conste, documentada sequer em portuguez antigo. Infundada é a allegação da inexistencia da dicção *quel-o*, encontravel, pelo contrario, em:

E naquillo tambem comeo muito, *quello* metter em dieta (Sã de Mir., Vilh. 2, 218) — Pois ha tanto tempo que os leixou e *quellos* inda fazer mais saudoso (Barros, Clar. 2, 485) — *Quelo* a torto e a direito (Jer. Rib. Fis. 35) — Mas *quelo* a morte jantar (A. Prestes,

281) — Está severo: *quelo* assi? (ib. 31) — Ella não perde quilate na linha, e *quela* lavrada? (ib. 451) — Crece a cubiça como a dita, *quella* elle seguir emquanto lhe respondem tambem as cartas (Luc. 1, 385) — Quer achar o menino Jesus... *quello* achar pëndente dos braços e peitos da mãy (Vieira, Serm. 11, 262) — Quer ver-vos;... sim quer ver-vos; *quel-o* e deseja-o (Fil. Elysio 20, 173) — Cede á força: os teus vassallos o querem; *quello* o teu povo (Herc., Lend. e Narr. 1, 83) — *Quel-o* sondar (Castilho, Tart. 82) — Ama ao senhor Tartufo e *quel-o* (Castilho, Tart. 59).

De *quere-o* é que não se sabe precedente algum em linguagem literaria. A fundar-se a reforma do idioma escripto e falado hodiernamente no uso pre-classico, os argumentos aproveitariam antes á restauração dos supra-mencionados, *praze, traze, faze*, etc. para a 3.^a pessoa e, até á restauração do preterito *quise*, apesar da dicção *quil-o*, á semelhança de *quel-o* nestes passos:

Este commettimento *quillo* tambem fazer com este ardil (Couto, Dec. 8, 22) — Receando o Biscainho que se lhe fossem poucos e poucos, *quillos* atemorizar com mandar lançar pregões (ib. 8, 25) — *Quillo* ter junto a sy na corte (Vieira, Serm. 2, 41) — Bem pudera Agustinho retratar-se verbalmente... mas *quillo* fazer e publicar por escripto (ib. 3, 122).

Por effeito do phonema *j* (iota) passou o radical da 1.^a pessoa do singular a divergir das formas restantes em *faço* (< facio), *jaço* (< jaceo), *valho* (< valio < valeo), *meço* (< metio (r)), *peço* (< *petio < peto), *ouço*, (< *autio < audio), *ouso* (< audeo), *vejo* (< *vedio < video).

NOTA. — A 1.^a pessoa do singular do verbo *jazer* não se usa no falar hodierno, tendo-a supplantado a locução *estou deitado*. Encontra-se porem *jaço* em quinhentistas (Sá de Mir. 1, 5), e sobretudo no portuguez antigo.

Mouro, a que no seculo XVI começa a fazer concorrência *morro*, por analogia das demais formas do verbo *morrer*, é a variante de *moiro*, metathese de *morio* (r).

Trago deve referir-se a *traco < traho; para as outras pessoas se dizia *trajes* ou *trazes*, *traje* ou *traze*, *traz*, etc., prevalecendo finalmente as formas com a consoante *z*.

Posso, podes, pode, etc., e *digo, dizes, dizemos, dizeis, dizem* explicam-se facilmente pela evolução phonetica.

Obscura é a questão da mudança do latim *perdo* em *perco*; ao passo que o port. ant. *perço* (pres. do conj. *perça perças, etc.*) resulta naturalmente de **percio* **perdeo*.

Arço, usado ainda por quinhentistas, ao lado de *ardes, arde, etc.*, e devido, como *perço*, ao parasitario phonema *j* (iota), provem de **artio* < **ardeo* por *ardo*.

A presença de *iota* e *i* depois da consoante *n* nos verbos latinos *tenere, venire* e *ponere* determinou a acção regressiva da nasalização da propria vogal radical, resultando d'ahi *tēio* (*tenho*), *tēes* (*tens*), *tēe* (*tem*), *tēm* (*têm*), e semelhantemente *vēio* (*venho*), *vēes* (*vens*), *vēe* (*vem*), e *vēm* (*vêm*). Em *tē(e)mos* (*temos*), *tē(i)des* (*tendes*) de uma parte, e *vī(i)mos* (*vimos*), *vī(i)des* (*vindes*) da outra fez-se sentir o typo de conjugação a que cada um destes verbos pertence. Posto que *pōer* pudesse desnasalar-se na forma infinitiva, em todo o caso não o fez no presente indicativo nem em outras formas com o mesmo thema. Vieram assim ao idioma *pōio* (*ponho*), *pōes*, *pōe*, *pō(e)mos* (*ponemos*), *pōdes* (*pondes*) e *pōem*.

Dos verbos romanicos *cader(e), seder(e), creder(e)* e *leger(e)* resultaram *caer, creer, seer* e *leer* em portuguez antigo, annullando-se a pronuncia de *d* e *g*. Dissyllabicos foram a principio estes verbos tanto no infinitivo como nas rhizotonicas *crees, cree, etc.*, do que dão testemunho varios exemplos da poesia antiga. Na 1.^a do singular evitou-se o ditongo que proviria do accrescimento directo de *-o* aos radicaes acabados em vogal, inserindo o phonema *i* (*iota*) *caio, creio, seio* (e *sejo*) e *leio*.

Caer mudou-se em *cair* (*cahir*), dando portanto *caimos* (*cahimos*), *cais* (*cahis*). *Creer* e *leer* abreviaram-se em monosyllabos, com as formas correspondentes; *crês, cré, cremos, lês, lé, lemos*. A tendencia para o monosyllabismo verifica-se tambem na graphia *crêm, lêm* por *crêem, lêem*. *Seer* succumbiu pela forte concorrência que lhe fez a locução *estar sentado*, è só atravez de algum velho anexam consegue apparecer no scenario da moderna linguagem literaria.

Sair (*sahir*) de *salir(e)* é notavel pela 3.^a do singular do port. ant. *sal*, depois mudado em *sae* (*sai*).

única forma em que se reflecte intacta a radical latina. Nas outras pessoas temos *saio*, *saes* (sais), *sahimos*, *sahis*, *saem*.

Em *caibo* e *paio* patenteia-se a metathese de *capiro* e *pario*. *Saber* é regular em *sabes*, *sabe*, *sabemos*, *sabeis*, *sabem*. A forma *sei* da 1.^a pessoa do singular teria resultado de **savio* < **sabio* < *sapio* analogamente a *hei*, que proveio de **haveo* < *habeo*.

Aver (ou *haver*, segundo graphia adoptada mais tarde), perdendo a consoante *v* no presente, produziu as formas contractas *ei*, *ás*, *á*, *emos* (ao lado de *avemos*), *eis* (ao lado de *avedes*, port. mod. *aveis*), *ão*.

Dar e *estar* formam respectivamente *dou*, *dás*, *dá*, *damos*, *dais* (port. ant. *dades*), *dão*; *estou*, *estás*, *está*, *estamos*, *estais* (port. ant. *estades*), *estão*.

Sobre-estar conjuga-se como *estar*, ao passo que o contracto *sustar* e os compostos *prestar*, *restar*, *obstar*, *constar* (impes.), assim como *circumdar* seguem o typo geral dos verbos da 1.^a conjugação.

O verbo defectivo **var* ou **vaer* (lat. *vadere*) tem o presente do indicativo *vou*, *vais* (port. ant. *vás*), *vai*, *vamos*, *vão*, faltando a 2.^a do plural. As tres primeiras formas e a ultima supprem as formas pessoas de que ficou privado o verbo *ir*. *Vamos* concorre com *imos* e é linguagem geralmente mais aceita.

De *es*, *est*, *estis* do verbo latino *esse* ficaram em portuguez *és*, *é*, desaparecendo a 2.^a do plural. *Sum* alterou-se em *som*, *são* e port. mod. *sou*; *sumus* em *somos*, *sunt* em *som*, *são*. Para a 2.^a do plural creou-se, por analogia, *sondes*, *sodes*, *sois*.

Verbos em *-ear* e *-iar*

Todos os verbos em *-ear* fazem as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo respectivamente em *-eio*, *-eias*, *-eia*, *-eiam*, (ou *-eo*, *-eas*, *-ea*, *-eam*, segundo a antiga graphia continuada por quinhentistas e seiscentistas).

Estas formas tem-nas todo*o verbo a par do qual exista substantivo ou adjectivo da mesma raiz, terminado em *é* tónico, em *-eio*, *-eia*, ou *-éa*: *cear* (subst. *ceia*), *assear* (subst. *asseio*), *ratear*, *recrear* (subst. *recreio*), *re-ccear*, *arear*, *arrear* (subst. *arreio*), *soffrear*, *enfrear*, (subst. *freio*), *sopcar*, *apcar* (subst. *pé*), *pear* (subst. *peia*), *afcar* (adj. *feio*), *alhear*, *enlecar*, *permear*, *mear* (de *meio*), *bloquear*, *passcar*, *prear* (subst. *preia*), *menear*, *manear*, *estcar* (de *esteio*) *idear*, *bolecar* (de *boléa*), etc.

As mesmas formas do presente são próprias dos innumerables verbos em *-ear* derivados de substantivos e adjectivos que terminam em consoante, ou em vogal atona *a*, *e* ou *o* precedida de consoante (exceptuando-se com tudo *breve*, *amplo* e *lume* que deram *abreviar*, *ampliar*, e *alumiar*): *marear*, *senhorear*, *vozear*, *florear*, *grangear* (de *granja*), *folhear*, *gorgear*, (de *gorja*), *branquear*, *arquear*, *tartamudear*, *prantear*, *hastear*, *enxamear*, *sortear*, *nortear*, *banquetear*, *patentear*, *presentear*, *serpear*, *serpentear*, *afogear*, *enlamear*, *bronzear*, *esfaquear*, *boquear*, *cabeccar*, *mimosear*, *falsear*, *saquear*, *tornear*, *nomear*, *espo-rear*, *escoucccar*, *guerrear*, *macaquear*, *tutear*, *lourear*, *som-brear*, *saltear*, *pratear*, *rodear*, *regatear*, *relancear*, *pleitear*, *desfeitear*, *rastear*, etc.

Seguem o mesmo typo de conjugação: *vadear* («*passar a vau*», der. de *vadum*) *semear*, *atear*, *bruxolear*, *bambolear*, *derrear*, *cecccar* (pronunciar *ce*), *favonear*, *pavonear*.

Aos verbos em *-iar* pertencem as terminações *-io*, *-ias*, *-ia*, *-iam* (accento tónico em *i*) para as tres pessoas do singular e a 3.^a do plural do presente do indicativo. Indicam estes verbos em geral a coexistencia de substantivos e adjectivos em *-io*, *-ia*, dos quaes em grande parte se originaram: *esfriar*, os derivados de *via* (*aviar*, *desviar*, *enviar*, *obviar*, *transviar*), de *lia* (por *liga*: *liar*, *al-liar*, *desliar*), *enfiar* e *fiar*, *afiar*, *desfiar*, *expiar*, *vi-car*, *iniciar*, *officiar*, *copiar*, *enfastiar*, *basofiar*, *calumniar*, *bugiar*, *cambiar*, *ataviar*, *embaciar*, *arrepicar*, *propiciar*, *noti-car*, *exvasiar*, *auxiliar*, *conciliar*, *domiciliar*, *elogiar*, *vi-giar*, *principiar*, *fantasiar*, *demasiar*, *policiar*, *seviciar*, *de-liciar*, *beneficiar*, *prefaci-car*, *inebriar*, *ludibriar*, *industrialiar*, *suppliciar*, *cariciar*, *divorciar*, *preludiar*, *repudiar*, *tripu-diar*, *contagiar*, *privilegiar*, *presagiar*, *refugiar*, *plagiar*, *va-*

riar, contrariar, salariar, secretariar, gloriar, inventariar, estriar, amnistiar, injuriar, expatriar, repatriar, pronunciar, annunciar, renunciar, denunciar, alliviar, guiar, tosquiár, assobiar, insidiar, vadiar (de vadio); os onomatopaicos ciciar, piar, miar, chiar; os verbos sitiar, radiar, associar, etc.

São ainda verbos regulares em *-iar*: *alumiár, abreviar e ampliar*, acima mencionados; *fiar* (rad. *fid-*), *confiar, annuviar, saciar, extasiar, agraciar, apreciar, depreciar*.

Com o verbo *crear* deu-se a singularidade da alteração das formas latinas *creo, creas, creat, creant* em *crio, crias, cria, criam*, que se conservaram na literatura portugueza. Nas formações e derivados, em que o accento tónico passava para a terminação, o ouvido não distinguiria a vogal *e*; de sorte que sómente á lembrança do etymo latino em conflicto com a consciencia da pronuncia se deve attribuir a vacillação entre *creador* e *criador* (falando de Deus), *creação* e *criação* (do mundo); etc., observavel ainda em escriptores seiscentistas. Desta incerteza tira partido o falar hodierno, sobretudo no Brasil, para definir dous conceitos distintos com dous verbos differentes: *crear* (com formas proprias dos verbos em *-ear*), dar existencia, tirar do nada, e *criar*, educar, cultivar, promover o desenvolvimento, crescimento ou cultura de cousa existente. Consequentemente diz-se: *Creador do mundo, criação do mundo, creador da lei, criação dos filhos, criador e criação de gado, de gallinhas, de flores, de hortaliças*, etc. São distincções exigidas pelas condições modernas da vida.

Alumiár conjuga-se como derivado regular do substantivo *lume* em Sá de Mir. 227, onde a forma *alumea* rima com *vea* e *chea*, e ainda no mesmo autor pag. 396. Heitor Pinto não conjuga o verbo senão *allumio, allumias, allumia*, etc. e o emprega muitissimas vezes. A duvida porem continuou a existir ainda em tempo de Vieira:

Deos a allumea (Serm. 5, 254) — *Deos que allumea* (ib.) — *Allumia* (repetidamente em Serm. 1, 264 e 1, 272) — *Allumea* (ib. 2, 260).

Vingou por fim a forma em *-ia* de que occorrem abundantes exemplos em Manoel Bernardes.

Notoria é a circumstancia de certos verbos em *-iar* invadirem, com exito variavel, o dominio da conjugação em *-ear*. *Odiar* e *anciar*, apesar dos substantivos *odio* *ancia*, fazem *odeio*, *odeias*, *odeia*, *odeiam*, *anceio*, *anceias*, *anceia*, *anceiam*. Do mesmo modo *incendiar*, *mediar*, *remediar*. Conjugação analoga aconselha-se (Dicc. de Aulete) para *premiar*; mas ainda que se aponte um ou outro exemplo antigo neste sentido, vem isso contrariado pela formação normal cinco vezes usada em Vieira, (Serm. 2, 425): *Deus sempre premia misericordia*, etc., e em este *Senhor premia com bemaventurança* (Bern., L. e C. 336); *Deos premia* (ib. 392). *Negocêo*, *negocêa* occorrem em Sá de Mir. (215, 226, 199), Vieira (Serm. 3, 332, 7, 327, 7, 419), e em Bern. (L. e C. 109); *commercêam* em Vieira (Cartas 1, 37); *agencêa* em Bern. (L. e C. 2, 50) e Fil. Elysio (3, 54); *reverenceão* em Vieira (Serm. 3, 195, 3, 473, 5, 293, 14, 143). No Brasil o falar vulgar é propenso a não abrir excepção para estes ultimos verbos, dizendo *negocias*, *negocia*, *agenciam*, *commerciam*, *reverenciam*, do mesmo modo que *associas*, *influencias*, *evidenciam*, *silenciam*, *providenciam*, *estipendiam*, *vilipendiam*, *compendiam*, *diligenciam*, *distanciam*. Posto que parte destes verbos em *-enciar* e *-endiar* se conjuguem em Portugal amaneiradamente como se pertencessem ao typo *-ear*, parece que, tratando-se de creações modernas, sem apoio no uso tradicional, a analogia pediria se usassem as terminações *-io*, *-ias*, etc., a par dos substantivos em *-io*, *-ia* de que os verbos se derivam.

Gloriar-se conjugado segundo o typo dos verbos em *-ear* pertence talvez á linguagem popular de Portugal. Em linguagem escripta não teve boa aceitação. Occorre em Josaph. II: *ẽ que te glorieas*, e em J. Ferr. (Eufr. 352): *que se gloriea*. Estes exemplos solitarios nada provam; podem ser devidos a erro de copia. Filinto Elysio escreveu conscientemente: *de imitar meu nome te glorieias* (rimando com *alheias*) (2, 121), e *della se glorieia* (2, 158). Porem o que representa a tradição literaria, e se nos depara em geral em linguagem antiga e moderna, é o verbo conjugado *glorio-me*, *glorias-te*, *gloria-se*, etc.:

E quem se quizer gloriar, em el *se glorij* (D. Duarte, Leal Cons. 48) — E *se gloriã* em esta voontade carnal (Ib. L. de Ensin. 80)

+ Como *te glorias* (Sá de Mir. 428) — *Glorie-se* (P. A. Cam., apud. Sá de Mir. 664) — Que *se gloriam* em haver muitas [mulheres] (Barros, Dec. 3 Prol.) — S. Paulo diz que *se gloria* nas tribulações (H. Pinto 2, 557) — Os verdadeiros religiosos *gloriam-se* de ser bem obedientes (ib. 1, 133) — E *se gloriam* nas tribulações sofridas (ib. 1, 271) — *Gloriam-se* tanto das galas os perdidos por esta vaidade (Vieira, Serm. 7, 398) — He possível que... não estime e *se glorie* muito (ib. 7, 400) — Hum engano de que a tua piedade muito *se gloria* (ib. 11, 462) — Quem *se gloria* na feitura da obra (ib. 11, 572) — Mais tem a inclita Lisboa de que *se glorie* por este só filho Antonio (Bern. N. Flor. 4, 368).

Imperfeito do indicativo

Forma-se o imperfeito do indicativo acrescentando *-ava* ao radical dos verbos em *-ar*, e *-ia* ao radical dos verbos da 2.^a e 3.^a conjugação: *louvava, louvavas, louvava, louvavamos, louvaveis* (de *louvavades*), *louvavam; recebia, recebias, recebia, etc.; punia, punias, punia, etc.*

O complexo verbo *ser* tem o imperfeito *era, eras, era, etc.* filiado ao radical *es-* (verbo *esse*), cujo estudo compete á grammatica da lingua latina.

Do modelo em *-ia* afastam-se, aparentemente, as formas do portuguez mod. *tinha*, imperfeito de *ter*, *punha* de *pôr* e *vinha* de *vir*. Estes imperfeitos conservaram todavia até nossos dias, ainda que larvada, a nasal dos radicaes latinos *ten-*, *pon-* e *ven-*, para os quaes se transplantou o accento tonico proprio da terminação. Originaram-se as formas actuaes de *vãia, fãia, pãia*.

Preterito perfeito do indicativo

Os verbos em *-ar* formam o pret. perfeito do indicativo acrescentando ao radical *-ei, -aste, -ou, -ámos, -astes, -aram*: *cantei, cantaste, cantou, etc.* Excluem-se *estar* com o preterito perfeito modelado segundo o de certos verbos da 2.^a conjugação, e *dar*, com a 1.^a do sing. *dei*, mas as outras pessoas como se fora verbo da 2.^a conjugação (*dêste, deu, etc.*). Nos verbos em *-ir* estas terminações se substituem por *-i, -iste, -iu, -imos, -istes, -iram*: *senti, sentiste, sentiu, sentimos, etc.* Exceptua-se o irregular *vir* com algumas terminações do typo geral da 2.^a conjugação.

Este typo geral dos verbos em *-er* forma o preterito perfeito com as terminações *-i*, *-este*, *-eu*, *-emos*, *-estes*, *-eram*: *nasci*, *nasceste*, *nasceu*, etc.

Vir faz *vim*, retendo a nasalisação antiga, *vieste*, *veo*, *viemos*, *viestes*, *vieram*. Em port. ant. havia *vêeste vëo*, *vëeron*, de que se encontram exemplos em Nunes, Chrest. Arch. 43, 63, 64, 68 e passim.

Os verbos *teer* (port. mod. *ter*) e *seer* (extinto, de *sedere*) produziram *teve* (desnasalisação de *tēui*) e *seve* (de *se(d)ui*); *estar* deu *esteve* de *ste(t)ui* por *steti*. Para a 1.^a do singular ocorre em port. ant. *seve* e *sive*, *tive*, *estive*; as demais pessoas eram *teveste*, *teve*, *tevements*, etc., *esteveste*, *estevemos*, etc., *seveste*, *seve*, etc. Hoje diz-se e escreve-se com *i*: *estiveste*, *tiveste*, *estivemos*, *tiveram*, etc.)*

A formação latina em *-ui* é responsável não sómente pela existencia do preterito perfeito excepcional destes tres verbos, mas ainda pela producção de *houve*, *soube*, *coube*, *jouve*, *prouve* e *prougue*, *trouve*, *trougue* e *trouxe*, para os verbos *haver*, *saber*, *jazer*, *prazer*** e *trazer*. O ditongo *ou* resulta de *au* por metathese: *habui* > **haubi* > *houve*; *sapui* > **sabui* > **saubi* > *soube* e analogamente *capui* deu *coube*, *placui*, *prougue*. *Trouxe* proviria de **traucsi* por *tracsi* e *trougue* de **traugue*. *Trouve* e *jouve* parecem resultar de *tra(g)ui* e *ja(c)ui*. Talvez se filiem directamente a **trar* e **jar*, donde procederam as formas do futuro *trarei* e *jarei*.

O preterito latino *potui* deu *pude* para a 1.^a do singular e *poudeste*, *poude*, *poudeemos* (ou *podeste*, *pode*, *podemos*), etc. para as outras pessoas. Hoje costuma-se pronunciar e escrever *pude*, *pudeste*, *poude*, *poudeemos*, *pudestes*, *puderam*.

Posui e *posuit* deram *puse* e *pose* e semelhantemente os compostos *propuse*, *dispuse*, etc. para a 1.^a pessoa e *propose*, *dispose*, etc. para a 3.^a. Já no port. ant. se

*) Os compostos *prestar*, *obstar*, *restar*, *constar*, enquadram-se perfeitamente na categoria dos verbos regulares da 1.^a conjugação.

**) *Comprazer* forma regularmente *comprazi*, *comprazesie*, *comprazeu*, etc.: *Valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi* (Herc. M. C. 2, 235). Encontra-se todavia *comprouve* em Castilho, Out. 71. O preterito *jouve* é desusado em port. hodierno, sendo substituído pela formação regular: *Aqui jazeu oriança* (Castilho, Fausto 216). Consequentemente dizemos *jazera*, *jazesse* por *jowvera*, *jowvesse*: *Tinha-se atirado para cima da enxada monastica e ahi... jazera insensível* (Herc. M. de C. 2, 222).

manifesta tendencia para reduzir estas formas a *puz*, *poz*, etc.:

Pose-a [graphia *posseã*] (S. Graal 31) — *Pos*-se em oração (S. Josaph 18) — *Pose*-o (ib. 38) — *Pose*-lhe (ib. 40) — *Pos*-se de gíolhos (ib. 41) — *Pose* o pee (Livro de Esopo 27) — *Pose*-os (F. Lopes, D. J. 150) — *Pose*-se (ib. 234) — E *poz* na villa (ib. 238) — *Pos* os pees (ib. 246) — *Pose*-lhe nome (ib. 293) — *Propose* aquelle doutor (ib. 360) — Eu *propuse* (ib. 363) — Me *despuse* a padecer (ib. 307).

A linguagem litteraria moderna desde os quinhentistas aboliu, definitivamente em todos estes casos, o uso da vogal terminal.

Triumphou da mesma maneira a tendencia simplificador na luta entre *fize* (ou *fíje*) e *fiz*, entre *feze* e *fez*, e entre *quise* (ou *quíje*) e *quiz*:

Esto *fige* eu (S. Josaph. 7) — Aquello que nom *quise* pera elles (ib. 17) — *Fize*-o [graphia *fizio*] (ib. 27) — *Feze*-o (ib. 10 e 15) — *Feze*-lhe (ib. 10) — *Fez*-lhe (ib. 30) — Eu te *fiz* (Livro de Esopo 50) — *Feze*-o (F. Lopes, D. J. 150).

Em alguns documentos antigos (Cancioneiros) occorre tambem a forma *fezo* por *feze*.

Os compostos de *fazer* conjugam-se como o verbo simples: *refiz*, *refizeste*, *refez*, *refizemos*, *refizestes*, *refizeram*. *Requerer* segue a conjugação regular: *requeri*, *requereste* *requereu*, *requeremos*, *requerestes*, *requereram*; ao passo que *querer* faz *quiz*, *quizeste*, *quiz*, *quizemos*, *quizes*, *quizeram*.

O pret. perf. *fui*, que em portuguez tanto serve para o verbo *ser* como para o verbo *ir*, faz *fui*, *foste*, *foi*, *fomos*, *fostes*, *foram*. Em port. ant. usou-se *foi* para a 1.^a pessoa e *fuste* para a 2.^a:

Eu soom natural de gualiléa e *foy* pagão (S. Graal 85) — Ey nome juam o bastardo e *foy* filho de rei briam (ib. 108) — Tanto [eu] *foy* peccador, uelho e mancebo, que todos meus dias tenho perdidos (ib. 135) — Entom *fuste* prasmado (F. Lopes, D. J. 231) — Porque *fuste* revatada (S. Mar. Egypt., Rev. Lus. 20, 189).

Ver forma o pret. perf. como se se tratasse de verbo da 3.^a conjugação: *vi*, *viste*, *viu*, *vimos*, *vistes*, *viram*.

Derivações do preterito perfeito

Com o accrescimento de *-ra* ao thema do preterito perfeito, obtem-se o mais-que-perfeito; ajuntando *-sse* ao dito thema, forma-se o imperfeito do conjuntivo, e, finalmente, com a junção de *-r* ter-se-á o futuro do conjuntivo. O thema puro, que dá lugar a estas derivações, pode achar-se obscurecido na 1.^a e 3.^a do singular, mas revela-se bem nas demais formas pessoaes. Exemplos: *houve, houvera, houvesse, houver*; *tiveste, tivera, tivesses, tiver*; *viemos, viera, viesse, vier*; *vimos, vira, visse, vir*; *quizeamos, quizera, quizesse, quizer*; *fomos, fora, fosse, for*; *pudeste, pudera, pudesse, puder*; *puzemos, puzera, puzesse, puzer*; *cantaste, cantara, cantasse, cantar*; *merecemos, merecera, merecesse, merecer*; *servi, servira, servisse, servir*; *soube, soubera, soubesse, souber*; *fizemos, fizera, fizesse, fazer*, etc.

Futuro

As linguas románicas ficaram privadas das formas de futuro do indicativo que possuía o idioma latino. Suppriu-se a falta, unindo ao infinitivo o presente de *haver* para o futuro do presente e creando analogamente o futuro do preterito pela junção do imperfeito *havia* (contrahido em *hia*) ao infinitivo. Deu este processo em portuguez *cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantaredes* (port. mod. *cantareis*), *cantarão*; *cantaria, cantarias, cantaria, cantariamos, cantariades* (port. mod. *cantarieis*), *cantariam*. E assim para os demais verbos.

De *fazer, trazer, dizer, jazer* não podiam proceder senão formas regulares como as dos seguintes passos:

Dizel-o ei logo ao infante (S. Josaph. 8) — *Fazel-o emos* de manhã (Livro de Esopo 45) — *E ostras, trazerei dellas?* (G. Vic. 3, 34) *Ali onde seo corpo jazerá* (Jos. Arim., Nunes, Chrest. Port. 62).

Porem, além destas, usavam-se já no port. ant., e com mais frequencia, est'outras formas: *direi, diria, farei, faria, trarei, traria*, assim como o hoje quasi desconhecido futuro *jarei, jaria*:

E *jará* ainda hi tres annos (S. Graal 136) — E a tua alma... *jará* i ataa o dia que os mortos hã de resurgir (S. Josaph. 11) — Se dormires *jarás* é grã folgança (ib.) — *Jarei* (Zur., Ined. 307) — *Jariam* (Zur. Guiné 188) — Até quando *jaremos* neste somno (Sá de Mir. 28, 2).

Durante bastante tempo se attribuiu a existencia destas formas mais breves á syncopação das formas mais extensas, sem no emtanto dar a razão do curioso desaparecimento da syllaba em tão poucos casos. Hoje explica-se o phenomeno referindo os futuros *direi*, *farei*, *trarei* directamente aos infinitivos *dir(e)*, *far(e)*, *trar(e)*, já existentes em latim vulgar. Para *jarei*, caso não se trate de uma forma analogica, haveria o infinitivo *jar*.

Imperativo

As formas proprias do imperativo, 2.^a pessoa do singular e 2.^a do plural, em geral não differem das respectivas formas pessoaes do presente do indicativo senão pela eliminação do *s* final: *canta*, *cantai*; *traze*, *trazei*; *faze*, *fazei*, etc.

O verbo *ser*, port. ant. *seer* (lat. *esse*) faz todavia *sê* (port. ant. *sei*), *sede*, formas identicas ás do extinto *seer* (lat. *sedere*).

Para a 2.^a do singular de *dizer* usava-se em port. ant. ora *dize* ora *di*, forma esta semelhante ao imperativo de *dicere* em outras linguas romanicas:

Padre, *di-me*... todas as cousas (S. Josaph. 16) — *Dize-me* [graphia *dizi-me*], padre, donde ouveste esta vistidura (ib. 13) — *Dy* ao abbade (Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 188).

Na linguagem popular registrada por Gil Vicente:

Di, rogo-te... (2, 32). — *Dize*... (2, 161).

O imperativo latino *habe* deu em portuguez (*h*)*ave*, que se usou em todo o periodo do falar antigo:

Ave ssois e farás tua proll (Livro de Esopo 22) — *Ave* grã prazer (S. Josaph. 46) — *Ave* misericordia e piedade de mim (Santa Pelag., Nunes, Chrest. 104).

No seculo XVI o falar popular ainda dizia:

Have tua gaita á mão (G. Vic. 2, 309).

A linguagem literaria neste mesmo seculo filia por-
rem o imperativo directamente ao presente do indicativo
do verbo portuguez:

Ha dó desta velhice (Ferr. Poem. Lus. 2, 195) — *Ha* piedade
e mágoa dos seus fermosos olhos (ib. 2, 211) — *Ha* piedade e mágoa
de tanta fermosura (ib. 2, 213).

O verbo *ir* tem *ide* e *i* para a 2.^a do plural corres-
pondentes ás duas formas pessoas do presente do indi-
cativo. Exemplos de *i*:

Por mercee *hii* la, ante que comecem e nom lho leixees fazer
(F. Lopes, D. J. 30) — *I* lá tomar cuidado de filhos alheios (Sá de
Mir. 2, 77) — *I*-vos apparellhar (Ferr., Poem. Lus. 2, 195).

Os imperativos *tira* e *guarda* seguidos de pronome
reflexivo reduziram-se a *tir-te* e *guar-te*:

Mas *guar-te* de fazeres peor (Jos. Arim., Nunes, Chrest. 59)
— *Guar-te* de arrependimentos sem cura (A. Ferr. Obras 2, 292) —
Tir-te lá, que não hei hoje lá d'ir (ib. 2, 308).

A linguagem literaria moderna, exceptuando a frase
sem tir-te nem guar-te, restabeleceu as formas comple-
tas destes verbos. Filinto Elysio 13, 292 ainda escreveu
guar-te; *não m'as enxotes*, tendo o cuidado de dar em
nota a explicação de *guar-te*.

A 2.^a pessoa do singular do imperativo de certos
verbos distingue-se da respectiva forma pessoal do pres.
do ind. não sómente pela falta da desinencia, mas ainda
pela diversidade da vogal tonica durante certo periodo
da linguagem. Assim, sendo correntes as formas *pedes*,
vestes, *mentes*, *segues*, *feres* dizia-se:

Pide a teu padre (S. Josaph. 16) — *Viste-te* (ib. 13) — *Minte-*
lhe (G. Vic. 1, 309) — Essa licença *pide* tu á justiça (Ferr. 2, 317)
— Isso lhe *pide* em tuas orações (Ferr. Bristo 2, 362) — *Sigue* minha
razão, minha vontade (ib. 2, 220) — *Sigue-me* firme e forte (Cam.,
Lus. 10, 76) — E diz [S. Paulo] na primeira a Timotheo: Homem
de Deus, *sigue* a justiça (H. Pinto 1, 152) — *Viste-te* de sua lam,
(ib. 1, 176) — *Dá* e *fire* quanto quizeres, o vaso de Anaxoras, que a
Anaxoras nunca o ferirás (ib. 1, 45). — *Pide-me* quanto quizeres, que
eu to darei (ib. 2, 734) — *Vai* e vende quanto tens, e dá-o aos pobres,

sigue-me (Vieira, Serm. 7; 172) — Se me queres lograr, *sigue-me* (ib. 4, 165).

Os quinhentistas, usando embora já invariavelmente *acodes, foges, cobres*, conservaram comtudo a vogal *u* no imperativo:

Fuge minha ira (Ferr. 2, 225) — *Fuge*, coitada, *fuge* (ib. 2, 253) — *Acude* e corre, pai (Cam. Lus. 3, 105) — *Fuge, fuge*, lusitano (ib. 2, 61) — *Fuge* das gentes perfidas e feras (ib. 2, 62) — E tu, Coimbra, *cubre-te* de tristeza pera sempre (Ferr. 2, 281) [Vide supra Alternancia] — *Fuge* dos muytos, *fuge* dos poucos, *fuge* ainda dhum só (H. Pinto 1, 318).

O imperativo *fuge* occorre ainda em Vieira:

Fuge delles [aduladores] como de inimigos (Serm. 4, 228) — *Fuge* daqui e vayte para a tua patria (ib. 4, 241).

Poder e *querer*, dada a sua significação, difficilmente se dizem no imperativo. Não se usa a 2.^a do singular. Do plural registram-se:

Queredede vos de mim doer (Canc. Din. 40) — *Queredede* vos doer do meu mal (ib.) — *Querei* ora a quem vos quer, dai ó demo a opinião (G. Vic. 3, 151) — Estimai quem vos estima; se vos quizerem, *querei* (Prestes, 333) — Amay a quem vos ama, e aborrecey a quem vos aborrece; isto he, *querey* bem a quem vos quer bem, e *querey* mal a quem vos quer mal (Vieira, Serm. 4, 77) — *Querey* tudo o que podeis (ib. 8, 80) — *Podey* e *querey* (ib. 6, 309-10).

Conjuntivo

Substituindo a terminação *-o* da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo por *-e* nos verbos da 1.^a conjugação e por *-a* nos da 2.^a e 3.^a conjugação, obtem-se o thema do presente do conjuntivo: *cante, escreva, sirva, durma, sinta, faça, perca, jaça, meça, peça, acuda, veja, saiba, caiba, venhá, tenha, ponha, possa, ouça, diga, siga*, etc.

Tão regular é esta formação que as rhizotonicas estão sujeitas ás mesmas regras de alternancia relativas a 1.^a do singular do pres. do indicativo. Confrontem-se *adores, adore, adorem* e *adoro*; *escreva, escrevas, escrevam* e *escrevo*; *durma, durmas* e *durmo*; *sinta, sintas, sintam* e *sinto*, etc.

Excepções: *haver* faz *haja*; *ser* faz *seja*; ao indi-

cativo *vou* corresponde *vá, vás, vá, vão* em contradicção com *dou* e conj. *dê, dê, dê, etc.* De *estar, estou*, usou-se em port. ant. e entre os quinhentistas a formação regular: *estê, estês, estê, estemos, esteis, estêm (estêem)*. Por influencia de *seja* alterou-se depois *estê* em *esteja*, que suplantou de todo a antiga forma.

Querer, quero faz *queira*; *saber* faz *saiba*.

A modelação do presente do conjuntivo pela 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo, levadas em conta as excepções que acabámos de mencionar, é regra resultante de condições phoneticas similares (v. g. *facio* e *facia-m*, *vides* e *videa-m*) completadas pela analogia.

Gerundio

Como as demais linguas romanicas, o idioma portuguez não herdou do gerundio latino senão a forma ablativa. Termina o nosso gerundio em *-ando, -endo* ou *-indo*, conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem applicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do participio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjectivo e substantivo.

Participio do presente

O participio do presente latino deu em portuguez formas em *-ante, -ente, -inte*. Usadas porem em geral como substantivos e adjectivos propriamente ditos, poucos vestigios deixaram da antiga função verbal. Diz-se ainda hoje *homem temente a Deus*, e os quinhentistas ainda podiam escrever:

Rei e senhor natural, não *reconhecente* superior em o temporal (Barros, Dec. 4, 7, 1) — Cousas *tocantes* a piedade natural (Arr. 511) — Ilheos de Ires e Meitarana, *circumstantes* a Ternate (Barros, Dec. 4, 7, 9) — Perlas ricas e *imitantes* a cor da Aurora (Cam., Lus. 10, 102).

Mas estes dizeres dos quinhentistas devem-se levar antes á conta de latinismos do que á da linguagem

espontanea e natural propria da epoca. A mesma cousa se hade entender dos profusos exemplos de participio do presente existentes na Regra de S. Bento e dos que se encontram nos documentos officiaes e legislação da idade media. Se fosse proprio do falar usual, o participio do presente não escassearia, como escasseia, nas narrações, descrições e chronicas que possuímos do mesmo periodo.

Participio do futuro

O participio do futuro latino, de voz activa, apparece em portuguez apenas em alguns verbos intransitivos, com o mesmo conceito de acção ainda não realisada: *vindouro* (lat. *venturus*), *morredouro* (lat. *moriturus*), *futuro*.

O participio do futuro, de voz passiva, criação puramente erudita, em port., usa-se em *execrando* (= que deve ser execrado), *venerando*, *doutorando*, *examinando* e poucos casos mais. Uns empregam-se como substantivos, outros como adjectivos.

Participio do preterito

Regra geral para formar o participio do preterito: mudar a terminação *-ar* do infinitivo em *-ado*, e *-er* ou *-ir* em *-ido*. Para os verbos da 2.^a conjugação possuía o port. ant. tambem a forma *-udo*. *Leer*, *creer*, *teer* (e compostos) faziam constantemente *leudo*, *creudo*, *teudo*, *reteudo*, *conteudo*, *manteudo* (de que ainda hoje se conservam alguns vestigios). Quanto aos outros verbos vacillava-se entre *-udo* e *-ido*:

Sabudo (F. Lopes, C. J. 146, 227, 151) e *sabido* — *metudo* (ib. 170) e *metido* (ib. 245) — *conheçudo* e *conhecido* (ib. 197) — *atrevidudo* (ib. 226) e *atrevido* (ib. 197) — *avudo* (ib. 204) e *avido* — *rreçebududo* (ib. 238) e *rreçebido* (ib. 263) — *proveududo* (ib. 293) e *providudo* — *vem-dududo* (ib. 337) e *vemdido* — *devududo* (ib. 343) e *devidudo* — *movududo* (ib. 12) e *movido* (ib. 32) — *convertududo* (S. Graal 42) e *convertidudo* — *confundududo* (ib. 43) e *confundududo* (ib. 44) — *comprehendudo* (ib. 27) e *comprehendido* — *ascondududo* (S. Josaph. 29) e *ascondido* (ib. 36 e 37) — *veñçududo* (ib. 34) e *veñçudo* (ib. 45) — *perduddudo* (ib. 38) e *perdidudo* — *estendududo* (ib. 44) e *estendidudo*, etc.

Livres do processo nivelador ficaram desde os começos do idioma portuguez até os nossos dias *feito*, *dito*, *escripto*, *cuberto*, *aberto*, *posto* respeitando-se a formação latina, e *visto* correspondendo ao lat. *visum*. O participio de *vir*, *vindo*, não resulta directamente do lat. *ventum*, e sim do port. ant. *v̄ir*, do mesmo modo que *findo* procede do port. ant. *f̄ir*.

Alguns verbos têm, ou tiveram, dous participios: um regular em *-ido* ou *-ado*, e outro irregular, proveniente do latim ou creado no proprio idioma portuguez. A historia destes participios varia de verbo para verbo. Para obviar ao embaraço da superfluidade, procura-se em geral ou eliminar uma das formas, ou dar-lhe applicação differente:

Acceitado e *aceito*: Participio de *aceitar* é *acceitado* conforme a linguagem de quinhentistas e seiscentistas, que o empregavam junto a *ter*, junto a *ser*, nas construcções de participio absoluto e tambem como adjectivo:

Acceitada esta obediencia per elrey de Lião (Barros, 2, 6, 1) — Começava de denunciar a secta que *tinha acceitada* (ib. 1, 9, 3) — Que a fé de Jesus Christo Nosso Redemptor *fosse per elles acceitada* (ib. 1, 9, 5) — *Acceitadas* estas pazes (Santos, Eth. 1, 104) — A rainha, *acceitado* o governo... começou com muita severidade a tratar os negocios (B. Cruz, D. Seb. 1, 29) — Publicada esta sentença, *foi acceitada* de ambas as partes com grande contentamento (F. M. Pinto 3, 165) — Entrava em novo escrupulo de *ter acceitado* (Sousa, Arc. 1, 64) — No anno seguinte... no qual *foi acceitado* o convento polla Provincia (ib. 1, 155) — O credito de Antonio Rodrigues de Moraes *está acceitado* (Vieira, Cartas, 1, 71) — Renunciando-a depois de *acceitada* (Vieira, Serm. 2, 11) — Pois se as espadas *erão* duas e ambas *acceitadas* e aprovadas por Christo, como necessarias, porque prohibic o Senhor a segunda...? (ib. 1, 804) — Dizendo-se que os thesouros *forão acceitados*, ou não (ib. 4, 530) — Morte de cruz, escolhida e *aceytada* livremente (Bern. L. e C. 318) — *Tinha aceytado* o principio de morrer (ib. 468).

Conjuntamente com o participio *acceitado*, andava em uso o vocabulo *aceito*, servindo este de adjectivo e tendo o sentido de «agradavel»:

Foi eleito, e *acceitado* com muita conformidade, e alegria d todos os Religiosos... Aos padres mais graves da provincia foy en especial *aceita* a eleyção, entre os quaes o Mestre frey Luis de Granada (Sousa, Arc. 1, 37) — E por ser mais *accepta* [esta inferna

doutrina], tomavam-lhe as filhas por molheres (Barros, Dec. 1, 9, 3) — Pera offerecer oblação *accepta* a Deos (Vieira, Serm. 9, 291) — As outras taes razões a todos fôrão *aceitas* (Barros, Dec. 2, 3, 7).

Referindo-se a pessoas, o vocabulo *aceito* podia tomar a accepção « favorito », « preferido »:

Dadivas... que deo aos seus *acceptos* (Barros, Dec. 1, 9, 6) — Transtornavam o animo dos *acceitos* delrey (ib. 3, 2, 2) — Gastava... em grossas peytas aos *acceitos* a elrey (ib. 2, 2, 9).

Em port. hodierno dá-se a *aceito* a função de participio em competencia com *aceitado*, privando o vocabulo da significação que outrora tinha; e já como concessão á tendencia da linguagem popular nota-se um ou outro trecho em Vieira:

Mas que faria o Divino Assegurador, *tendo* já recebido, ou *aceita* em promessa a parte do cabedal? (Serm. 8, 283) — A mesma lançada que recebeo depois de morto, já a *tinha* antevisto e *aceito*, estando vivo (ib. 7, 351).

Comesto, comido: A forma herdada do latim foi cedo supplantada pelo uso do participio em *-ido*. Occorrem todavia exemplos de *comesto* em port. antigo e na linguagem quinhentista a par da forma regular:

Depois que o Conde e ho Meestre ouverom *comido* (F. Lopes, D. J. 26) — Nuno Alvarez se deceo do cavallo... nom avendo ainda *comido* nenhũa cousa (ib. 159) — E seendo já delle muito *comesto* [pelos cãaes] soterrarom-no (ib. 26) — Que veção os Mouros se temos nós os cavallos *comestos* (Zur., Ined. 3, 128) — Tres dedos de taboa às vezes *comesto* do busano (Barros, Dec. 2, 7, 1) — [As tapiocas] querem-se *comidas* quentes (G. Soares, 155) — Ha uma casta de mandioca que se quer *comesta* de anno e meio por diante (ib. 153).

Cinto, cingido: Recebeu do latim o port. ant. o participio *cinto*, e delle fez largo uso:

Espada que tiinha *çinta* (F. Lopes, D. J. 47) — Com cotas e braçaaes e espadas *cintas* (ib. 362), etc.

Mas *cingir* não escapou á tendencia de formar o participio dos verbos em *-ir* segundo um só typo:

[Vio levar] *cingida* a espada (F. Lopes, D. J. 320).

Generalisando-se em port. mod. o emprego da forma nova, desapareceu de todo o vocabulo *cinto* como par-

ticipio. Deste modo, em lugar da obscura linguagem *cintos de cintas ou de cordas* (Nunes, Chrest. Arch. 29) passou-se a dizer: *tirada a cinta com que andava cingido* (Barros, Dec. 3, 2, 1).

Situado e *sito*: Do substantivo *situs* derivou o lat. escolast. o verbo *situare* com o part. *situatum*. Além daquelle substantivo usava o lat. classico o part. *situs*, do verbo *sinere*, com a accepção de «situado». O verbo portuguez *situar* tem o seu participio naturalmente em *-ado*. Raras vezes dão os escriptores preferencia ao latinismo:

Gurupi, que é outra capitania *sita* entre o Maranhão e o Pará (Vieira, Cartas 1, 135) — Era o monte Horeb, *sito* no mais interior daquelle deserto (Vieira, Serm. 3, 197).

Em Arraes, Dial. 255, ha *sita* e *situada*. Conhecida é ainda a formula: *predio sito á rua tal*.

Pagado e *pago*: O port. ant. offerece-nos innumerables exemplos das duas formas usadas indiscriminadamente:

Se a divida he já *pagada* (Foros de Beja, Ined. 5, 470) — Queremos e mandamos que sejam *pagos* pelos nossos almuxariffes (Livro Verm., Ined. 3, 394) — E já sabes como teu serviço ha de ser *pagado* (Zur., Ined. 3, 267) — E foi-lhe logo *pagado* o soldo dhuñmes (F. Lopes, D. J. 148), etc.

A mesma pratica foi continuada em port. mod. tornando-se todavia mais frequente o uso de *pago*:

Os quaes damnos se os não pagou com a fazenda, foram *pagos* com sua morte (Barros, Dec. 1, 6, 8) — Foram *pagos* de seus soldos e mantimentos (Castanh. 3, 112) — Tu, de quem ficou tão mal *pagado* hũ tal vassalo (Cam., Lus. 10, 25) — O proprio povo tinha *pagado* uma parte das arrhas do seu casamento (Herc., Lend. e Narr. 1, 185) — De sobejo tens *pago* o erro de um coração inexperto (M. de C. 2, 180), etc.

O port. hodierno dá em geral preferencia ao participio *pago* omitindo de todo a linguagem *ser pagado*.

A origem de *pago* participio parece devida a uma nova adaptação semantica do substantivo deverbal *pago* (como mais tarde succedeu a *gasto*, *ganho*) em frases deste genero: *este dinheiro é pago* (=pagamento) *para tal serviço*. Inaceitavel é a hypothese da contracção ou syn-

copação da vogal tónica (e mais a consoante seguinte) no vocabulo portuguez *pagado*. Nem se percebe a que proposito viria tão singular redução de esforço, uma vez que perdurava o uso de *pagado* para os mesmos effeitos a que servia o participio *pago*.

O sentido primitivo de «pacificar» que teve o verbo *pagar* (lat. *pacare* derivado de *pax, pacis*) manteve-se na expressão *irado e pagado* usada na formula estabelecida, com que os vassallos juravam fidelidade ao rei:

Eu Joam vos faço preito e menagem pelo vosso Castelo e Fortaleza... e vos acolherei e receberei no alto e no baixo della, de noute e de dia, e a quaesquer oras e tempos que seja, *irado e pagado*, com muitos e com poucos... (Ord. D. Man. 1, tit. 55).

Gastado e gasto: O verbo *gastar* nunca teve outro participio do preterito senão *gastado* no port. ant. e no port. mod. até o seculo XVIII, epoca em que se começa a introduzir na linguagem litteraria o substantivo verbal *gasto* com função participial. Tem tomado tal incremento o seu uso, que já agora se evitaria o antigo participio em frases como as seguintes:

Munições *gastadas* (Castanh. 2, 79) — Tanta fazenda quanta tinha *gastada* (ib. 2, 10, 1) — Uns as armas alimpam e renovam que a ferrugem da paz *gastadas* tinha (Cam. Lus. 4, 22) — O tempo se resgata dando... tempo bem *gastado* por tempo mal *gastado* (Vieira, Serm. 9, 928) — Se foy mal *gastado* está cativo (Vieira, ib.).

Ganhado e ganho: Participio sempre usado em port. ant. e port. mod. é *ganhado*. Igual attribuição se deu ao vocabulo *ganho* no seculo XIX, e na incerteza entre as duas maneiras de dizer, vai-se manifestando hoje predilecção pelo participio intruso. Cotejem-se com o falar hodierno:

Vintem poupado, vintem *ganhado* (Prov.) — Sustentaremos a honra que temos *ganhada* (Castanh., 1, 83) — Estas cousas estão *ganhadas* (Barros, Dec. 1, 1, 11) — Foram perdendo o que tinham *ganhado* (Vieira, Serm. 8, 267) — Adornos... *ganhados* pelo trabalho (Mello, G. Cas. 117) — Tinham *ganhado* a immobillidade (Herc., Lend. e Narr. 2, 90).

Morto e morrido: A forma regular *morrido* só teve aceitação em linguagem litteraria de port. hodierno. Não registrei exemplo anterior á epoca de Filinto Elysio:

O que porem é certo é não *ter morrido* o Duprez em casa do Marquez de S. Jorge (Fil. Elysio, Obr. 20, 243).

Infinitas vezes se emprega o verbo *morrer* nas descrições antigas, nos escriptos de quinhentistas e seiscentistas, mas sempre com o participio *morto* conjugado naturalmente com o auxiliar *ser*, como nestes exemplos:

Nos tres dias que cometeo o vao, *eram mortos* vinte Portugueses (Barros, Dec. 1, 6, 5) — *Eram já mortos* trinta e sete homens [da doença] (ib. 3, 5, 10).

Morto e matado: É singular a aversão que sempre manifestaram os escriptores portuguezes pelo participio derivado naturalmente do verbo *matar*. Existia todavia o vocabulo *matado*, sobretudo em boca de judeus, do que dão testemunho os tres exemplos que occorrem em Gil Vicente, 1,350-351. Empregou-o frequentemente Samuel Usque; porem a gente letrada christan, quinhentista e seiscentista, conservou-se fiel á tradição de pedir o participio emprestado ao verbo *morrer*, dando-lhe significação activa. São innumerous nas chronicas e outros escriptos os exemplos semelhantes aos seguintes:

Por elle Soldão neste tempo *ter morto* tres grandes capitães (Barros, Dec. 2, 8, 3) — Dous trabucos nossos que lhe *tinham morta* alguma gente (ib. 2, 5, 7) — *Tendo* hum Domonio, chamado Asmodeo *morto* até sete maridos a Sara (Vieira, Ser. 2, 318) — Respondeo elle que já *tinha morto* hum urso e hum leão (ib. 9, 417).

Excepcionalmente, encontramos em M. Polo 45, v: *Muytos* [homens] *forom ally matados*.

Actualmente já não ha prevenção contra *matado*, quer com o verbo *ter*, quer o auxiliar *ser*.

Defeso e defendido: A forma regular não era desconhecida do port. ant.:

Esta ley seera *defendida* sotilmente per tantas provas e argumentos (C. Imp. 242).

Mas os escriptores preferiam o participio alatinado:

Eram bem *defesos* dos que estavam em cima do muro (F. Lopes, D. J. 314) — O reino de Portugal foi por elle *deffeso* (ib. 88).

O verbo *defender* tinha tambem o sentido de «verdar», «prohibir», e assim o empregaram ainda escriptores do seculo XVI com o participio *defeso*:

Tinha o governador *defeso* a ele e aos outros que não passassem (Castanh. 3, 59) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso*... que nenhum homem de armas fosse em companhia dos mareantes (Barros, Dec. 2, 3, 4).

Hoje, *defeso* só se usa como adjectivo predicativo.

Despeso e *despendido*: Extremamente raro é o emprego de *despendido* na linguagem antiga. Na Chronica de D. João de Fernão Lopes occorre este exemplo:

Vissem como o que elle avia era *dispendido* (2, 145).

Em compensação, era de uso frequente o participio alatinado:

Os quaes contos... havia *despesas* na guerra (F. Lopes, D. J. 2, 181) — Tantas razões como... foram *despesas* (ib. 2, 190) — Foi todo aquell trabalho *despeso* em vaão (ib. 185).

João de Barros continuou a usar o mesmo participio:

Tinham já *despesa* toda a polvora (Dec. 2, 9, 5) — Ter *despeso* todo o cabedal (ib. 1, 1, 12).

Dos seiscentistas para cá não se conhece senão o participio *despendido*.

Resoluto e *resolvido*: Em portuguez hodierno o verbo *resolver* não tem outro participio do preterito alem de *resolvido*. O seu antecessor *resoluto*, rebaixado hoje á categoria de simples adjectivo, serviu largamente á conjugação no periodo dos escriptores seiscentistas. Vieira não emprega outra forma:

Ambas estas cousas sahirão hoje *resolutas* de hum conselho — Tenho *resoluto* de lhes tirar a vida e a coroa — Tem *resoluto* ou permittido (Serm. 2, 215, 218).

Filinto Elysio ainda usa *resoluto*, mas já admitte tambem a forma regular:

Ficou *resolvido* que d'ali a dous dias partiriamos (Obr. 20, 163).

Assolto, *aussoluto* (*absolto*, *absoluto*) e *absolvido*: As duas primeiras formas são peculiares ao port. ant.;

em seu lugar usaram-se mais tarde as parenthesisas como restituções eruditas :

Aquell que legasse e assolvesse na terra, seria legado e *assolto* nos ceos (F. Lopes, D. J. 301) — *Absoltos* de seus peccados (Sá de Mir. 1, 212) — Dom Lourenço se achou sem culpa e foy *ausoluto* (Castanh. 2, 35).

O port. hodierno reconhece por participio sómente *absolvido*, já empregado por Bernardes em :

Foi *absolvido* [o corvo da excommunhão] e recuperou a saude (N. Flor. 1, 274).

F. J. Freire serviu-se da forma antiga em :

Quem morre fica livre de toda a obrigação e *absoluto* de toda a divida (Sec. Port. 94).

Vieira ainda usava o participio alatinado :

Do cativoiro do peccado... ficamos *absolutos* e livres (Serm. 7, 190) — Lá huns não de ser *absolutos*, outros condenados; cá todos saem *absolutos* (ib. 7, 191) — Quando os dous havião de ficar *absolutos*, todos tres forão condenados (ib. 7, 208).

Elegido e *eleito*: Os escriptores do port. ant. não tiveram escrupulo em adoptar o participio em *-ido*. Assim Fernão Lopes :

Pode seer *emllegido* — Pessoa que ha de ser *emllegida* — Elles aviam *emllegido*, etc.

Porem a reacção erudita em port. mod. tanto insistiu no emprego de *eleito*, que hoje é a forma geralmente aceita. Vieira, no sermão para o dia de S. Bartholomeu (2, 346-370) só se utiliza do participio *eleito*. Mas os seiscentistas nem por isso desprezavam o participio regular :

Doze apostolos *elegidos* por Christo (Bern., N. Flor. 5, 523) — Forão *elegidos* (ib. 1, 333) — Tem *elegido* o meyo (Bern., L. e C. 32).

Entregue e *entregado*: O vocabulo antigo *entregue*, provavelmente do lat. *integer*, com alteração semantica, serviu de etymo ao verbo *entregar*, cujo participio normal é *entregado*. Identificados porem os conceitos expressos pelos dous vocabulos, adjectivo e participio, pas-

sou o antigo termo *entregue* a servir de participio e a ser usado mais frequentemente ainda do que a forma *entregado*: O trecho *e já entregado espera pelo golpe* (Cam., Lus. 3, 40) e alguns passos de F. M. de Mello indicam que *entregado* pode usar-se tambem com o sentido especial de «confiado», «resignado». Note-se ainda, na linguagem de outrora, o uso de *ser*, *estar* ou *ficar entregue de alguma cousa* e *entregar-se de alguma cousa*:

Fazendo por esto guerra a ell... ataa que *fosse entregue dos ditos cem mill marcos douro* (F. Lopes, C. D. J. 350) — Jorge d'Albuquerque tanto que *foi entregue da fortaleza de Malaca*, quiz logo entender nas cousas d'Elrey de Bintam (Barros, Dec. 3, 5, 4) — A toda conta e manciira queria elle *ser entregue de tudo* (Itin. 151) — Em me darem terlado de todo este processo, e hũa fee de como o consul *fycaua entregue de tudo* (ib. 260) — E por esta razão ficou o coja beirão por testamenteiro e absoluto senhor de tudo, e logo tomou e *se entregou* de toda a fazenda e dinheiro (ib. 141) — E logo lhescreveo a tripoly... e que... *fosse laa entregarse daquella fazenda* (ib. 260).

Nado e nascido: Do participio primitivo ficou em portuguez até hoje o vocabulo *nada* (=nenhuma cousa), proveniente do lat. *rem natam*. Com função participial conservou-se *nado* apenas na locução *sol nado*. Em linguagem medieval ocorre com frequencia o participio de filiação latina sem comtudo desprezar-se a formação popular *nascido*, e esta ultima vem a prevalecer do periodo quinhentista em diante.

Tolheito, tolhido: Da forma antiga são exemplos:

(Canc. Din. 94) vol-o tem louqu'e *tolheito*, e (Duarte, Ensin. 19): como se acertar em outra sella sera meo *tolheito*.

Coseito, cosido: O antigo participio foi ainda usado por João de Barros:

Zambucos *coseitos* com cairo (Dec. 7, 8, 4) — Meteo a nao ao fundo com os Mouros que a navegavam, todos *coseitos* em huma veela por não haver memoria delles (ib. 2, 14) — E Diego Pires com a galé grande e Payo de Sousa com a pequena fossem demandar as dos imigos *coseitas* em terra (ib. 2, 2, 7) — Hiam diante *coseitos* com a terra por descubridores (ib. 2, 1, 4).

Colheito, colhido e compostos: Registra-se o participio *colheito* em Sá de Mir. 500: *antes que este fruto fosse colheito*. Vingou o participio regular, continuando

comtudo a usar-se sempre até hoje o termo *colheita* como substantivo. Para os demais verbos formados de *colher*, oscillava-se no seculo XVI entre as duas formas participiaes, o que prova que já então estava condemnada a desaparecer a forma mais antiga:

Como... esteve *recolheito* em as naos... *Recolhido* Affonso d'Albuquerque ás naos (Barros, Dec. 2, 6, 5) — Convinha ser *recolhido* (ib. 1, 8, 10) — O qual achou já desafrontado dos mouros por serem *acolheitos* ao palmar (ib. 1, 8, 8) — Souberam ser elle *acolhido* pera o palmar (ib.) — Está *recolheita* na maior fortaleza (Barros, Clar. 1, 9) — Era *escolheito* antre todollos os outros (ib. 1, 327).

Salvo, salvado: O verbo *salvar* tem varias accepções. Significando «saudar», seu participio é *salvado*: Tem o mesmo participio se é tomado no sentido de «saltar». Significando porem «livrar de perigo», e conjugado com o verbo *ter*, diz-se ora *salvo* ora *salvado*. Desta forma regular são exemplos:

De lhe haveres *salvado* o redil (Fil. El. 13, 356) — O ter-me *salvado* de pretensões (ib. 20, 105) — Elle Nunalvares tinha em cem combates *salvado* a patria do dominio estranho (Herc., Lend. e Narr. 1, 278) — Dez como elle haveriam *salvado* o imperio de Theodemiuro (Herc., Eur. 185) — Por terem... a elle... *salvado* infante (Castilho, Georg. 243).

Diz-se tambem *os salvados do incendio*, falando de objectos. Em outros casos é mais geral o uso do participio *salvo*.

Salvo (e não *salvado*) tambem se usa, desde o port. ant., com o valor de preposição, significando o mesmo que «excepto»:

Salvo clerigos e homens (F. Lopes, D. J. 4, 310) — *Salvo* a tomada (ib. 4, 325) — *Salvo* aquella que fogira (ib. 4, 402) — Nom sayo ha peleja com mays armas, nem mays homens, *salvo* estes cynquo (Doc. T. T. 93) — Nam possa aver outras rendas nem direitos, *salvo os dizimos* (ib. 59) — Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo as mãos* (Arr. 31) — Acordarão... que os medicos não entendessem em curar *salvo os doentes* das breves e remediaveis [enfermidades] (ib. 65) — Lazaro, que ha de dar, *salvo* as suas *chagas*, a lamber aos cães? (Bern. N. Flor. 2, 168) — Foram todos pelo rio arriba, *salvo as galés* (D. de Góes, D. M. 203) — Já ninguem ahí estava, *salvo* os dous cavalleiros (Herc., Lend. e Narr. 1, 70).

Infinitivo

Alem dos verbos com o infinitivo em *-ar*, *-er* e *-ir*, possui o port. mod. o verbo *pô-r*, o qual, tendo por terminação sómente a consoante *r*, parece, á primeira vista, constituir uma conjugação áparte. Procede contudo este vocabulo do port. ant. *po-er* > *pō-er* (lat. *po-nerē*). É portanto um verbo contracto da 2.^a conjugação e explicavel pela deslocação do accento tonico para o radical. Deu-se este phenomeno, ao que parece, por fins do seculo XV. Provas evidentes do accento tonico na terminação se encontram na antiga poesia dos Cancioneiros, já pela contagem das syllabas, já pela rima de *poer* com outros vocabulos em *-er*.

No infinitivo *vir* é costume considerar *-ir* como terminação, ficando *v-* para radical. Fazendo-se a analyse á luz da historia, chega-se a outra conclusão. Trata-se aqui de um verbo contracto. O lat. *venire* deu em port. **vē-ir* > *vī-ir*. Deslocando-se depois o accento para o radical, ficou *vī-ir* e finalmente *vī-r*. O emprego deste infinitivo com vogal nasalizada era corrente em port. ant. como se vê a cada passo nos documentos daquella epoca (graphado *vinr* e *vijnr*). Dos quinhentistas para cá usa-se *vir* com a vogal pura.

Outros infinitivos contractos são *rir* de *riir*, *ter* de *teer* < *tē-er*, assim como *ver*, *ler*, *crer*, *ser* que procedem respectivamente de *veer*, *leer*, *creer*, *seer*.

Dos verbos de origem latina pertencentes á 2.^a e á 3.^a conjugação naquella lingua, só uma parte se ficou usando com a terminação *-er*, passando-se os restantes para a conjugação do typo *-ir*. Estão no segundo caso *prohibir*, *cumprir*, *fugir*, *pedir*, *fallir*, *consumir* (e compostos), *repellir* (e demais compostos do lat. *pellere*), *aspergir*, *persuadir*, *evadir*, *invadir*, *trahir*, *espargir*, *applaudir*, *submergir*, *discernir*, *dividir*, *residir*, *affligir*, *dirigir*, *exigir*, *opprimir*, *supprimir*, *comprimir*, *exprimir*, *extinguir*, *assistir*, *resistir*, *desistir*, *existir*, *consistir*, *abolir*, *attribuir*, *distribuir*, *arguir*, *annuir*, *delinquir*, *restituir*, *instituir*, *instruir*, *estruir*, *construir*, *incumbir*, *succumbir*, *ungir* e outros.

Muitos destes verbos não occorrem em port. ant.

senão como verbos da conjugação *-ir*, não se podendo apurar a época da transformação; outros, por sua vez, usaram-se, sem a menor duvida ainda por bastante tempo na linguagem literaria com os caracteristicos da 2.^a conjugação como se vê pelas seguintes formas:

Cingeo-a (S. Graal 13) — *Confondeo* (ib. 90) — *Confonderom* (ib. 92) — *Fingeo* (F. Lopes, D. J. 15, 45, 155) — *Enfinger, enfingede* (Din. Can. 71) — *Rreduzer* (F. Lopes, D. J. 297) — *Produzellas* (ib. 272).

Com alguns verbos vacillava-se sobre a conjugação. Assim:

Requerir-vos (F. Lopes, D. J. 151) — *Requerer* (ib. 85) — *Requerer* (ib. 28) — *Requerir* (ib. 28) — *Requerisse* (ib. 148 e 250) — *Requerirom* (ib. 370) — *Requerio* (ib. 114) — *Requeresse* (ib. 17) — *Requeressem* (ib. 53) — *Requerissem* (D. D. Duarte, Leal Cons. 65).

E semelhantemente *querer*, de que usamos *requerer*, ao passo que se diz *inquirir*, *adquirir*; *verter*, *converter*, *perverter* e *advertir*, *divertir*; *eleger*, *colher* e *colligir*.

As formas *rreçebiste* (F. Lopes, 367), *offereçiste* (ib. 231), *perdiste* (Nunes, Chrest. Arch. 143), *prendiste* (S. Graal, 37 e Nunes, Chrest. Arch. 145), *mitiste* (S. Josaph., 27), *moviste* (Nunes, l. c. 148) indicam tambem tendencia para transportar os respectivos verbos para a 3.^a conjugação, posto que se conservasse o infinitivo em *-er*.

É de notar o lat. *mittere* que deu *metter*, com os compostos *prometter*, *arremetter*, *acometter*, *remetter*, *submetter*, *entremetter*, e por outra parte os compostos *admittir*, *permitter*, *demittir*, *omittir*, *transmittir*.

Verbos defectivos

Verbos que se desviam da conjugação normal por lhes faltarem formas pessoaes, temporaes ou modaes, chamam-se *defectivos*. Taes são: *precauer*, *aguerrir*, *empeder-nir*, *fallir*, *florir*, *fornir*, *adir*, *buir*, *condir*, *poir*, *embair*, *cernir*, *renhir*, desusados nas formas em que o accento tonico deveria cahir no radical (as tres pess. do sing. e a 3.^a do plur. do pres. do ind., assim como a 2.^a do sing. do imperativo) e em todo o pres. do conjuntivo (o qual se re-

gula pela 1.^a do sing. do pres. do indicativo), mas empregado em todas as formas que têm o accento na terminação: *precavemos, precaveis, precavia; embaimos, embais, embaindo; delinquimos* etc.

Dos verbos *demolir* e *abolir* não se usa a 1.^a do sing. do pres. do indicativo, nem o pres. do conjuntivo.

Preenchem-se os claros dos citados verbos defectivos por meio de circumloquios ou outros verbos de significação equivalente.

A esquivança em completal-os com os proprios recursos de *precaver, fallir, condir*, etc., deve-se ora ao receio de proferir expressões desagradaveis, por obscuras ou lembrarem outros verbos, ora á duvida relativa á applicação da alternancia vocalica. Esta ultima causa faz-se sentir nos verbos defectivos em *-ir*, cuja lista, outrora bastante longa, o tempo se tem incumbido de ir reduzindo. *Digerir* por exemplo faz hoje *digiro, digira*; F. Heitor Pinto não se conformaria com tal decisão e diria antes: *não ha ferro, por duro que seja, que não digistam* (1, 266) — *(a galinha) crua não ha quem a digista* (1, 107). B. J. de Oliveira (1879) incluia entre os defectivos: *compellir, discernir, expellir, submergir*. Mas hoje é usualissimo *discerne, expelle, submerge* e parece não haver repugnancia pelas formas *discirno, expillo, submirjo*.

Verbos que designam gritos de animaes são por alguns considerados defectivos, isto é, falhos da 1.^a pessoa, por inapplicaveis ao homem que fala. Contesta-se esse argumento pela linguagem das fabulas, em que imaginamos os animaes falantes, e, referindo-se a si proprios, usarão o verbo na 1.^a pessoa. Alem disso, em linguagem metaphorica pode-se attribuir ao homem o que é proprio das chamadas creaturas irracionaes.

Verbo defectivo que em forma finita não tem senão 3.^a pessoa chama-se verbo *impessoal* ou tambem *uni-pessoal*, como *chover, nevar, acontecer, constar* etc.

Conjugação mixta ou symbiotica

Alguns verbos, de si defectivos, preenchem os claros de sua conjugação com o auxilio de restos de antigos verbos existentes na lingua sem forma infinitiva

e exprimindo o mesmo conceito que o verbo principal. Esta associação íntima de verbos fragmentarios, oriundos de raízes diversas e incapazes de vida própria e independente, constitue a conjugação mixta ou symbiotica.

Como exemplos typicos de symbiose temos a conjugação de *ser* e a de *ir*.

O lat. *esse*, constituido pelas raízes *es* e *bhu* (*fui*, *fuisti* etc.), e portanto já symbiotico antes de constituidos os idiomas romanicos, forma em port. o pres. do conj. tomando ao verbo *seer* (lat. *sedere*) as formas *seja*, *sejas*, *seja*, etc.

Do não menos interessante verbo *ir*, desaparece a deficiência, graças á associação de alguns restos que ficaram ao portuguez do lat. *vadere* e ás formas de preterito *fui*, *foste* etc. e respectivos derivados, tomadas de empréstimo ao verbo *ser*.

➤ Verbos nocionaes e relacionaes

Ao verbo accrescenta-se muitas vezes um adjectivo ou substantivo que indica o estado ou condição do sujeito durante a acção verbal, como nestes exemplos:

Partiu doente e voltou são — Partiu criança e regressou homem — Vive feliz — Alçado lhe disse eu (Cam., Lus. 5, 49) — *Cahiu morto — Chegam cansados — Nasceram mudos — Chegou rico á patria* (Vieira, Serm. 8, 249) — *As flores anoitecem murchas e quasi seccas, mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas e resuscitadas* (ib. 1, 882).

➤ O adjectivo ou substantivo nestas condições é o anexo predicativo referido ao sujeito *).

Em construcções deste genero singularisam-se alguns verbos, como *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar*, ou, ainda, *andar*, *vir* e *ir* usados em lugar de *estar*, por não se attribuir a taes verbos a significação concreta

*). Nada mais claro nem mais conciso do que esses dizeres em que dous vocabulos valem, associados, por duas proposições distintas. *Partiu doente* resulta dos pensamentos *partiu* e *estava doente quando partiu*. D'aqui o uso, em latim e outros idiomas, do caso nominativo para o anexo em taes frases. A' analyse do grammatico ou linguista não compete, claro é, volver a essa operação psychologica nem decompôr em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dous vocabulos.

que a principio tiveram ou ainda tem em outras construcções. *Ficar triste* não designa a permanencia, e sim a transformação do estado de alegria no de tristeza. O sentido existencial de *ser*, cujos vestigios ainda se conservam em frases como *era uma vez um rei* (cf. o latim *adhuc sumus e omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt* Cic.) e em outros dizeres, obliterou-se completamente, e de longa data, nas combinações com adjectivo ou substantivo. Mais evidente é o esquecimento da noção concreta do verbo *estar*, o qual necessita de arrinar-se á locução *em pé* para que se lhe perceba a accepção propria do latim *stare*, e é usado, alem disso, em *estar sentado*, *estar deitado* sem que se repare na cacahrese de semelhantes construcções.

Compete ao verbo expressar o predicado, termo essencial a toda a proposição; e se esta prerogativa desaparece ou se diminue em *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar*, etc. acompanhados de outro termo predicativo, compensa-se a perda, por assumir est'outro vocabulo, a principio usado como annexo, funções proprias do verbo. Em *F. está ou ficou doente*, *F. parece medico*, etc. é o segundo termo (*doente*, *medico*), e não o verbo, que nos dá a informação precipua acerca do sujeito. E se este segundo termo aqui já não figura como simples annexo ou elemento accessorio da oração, mas antes como o verdadeiro predicado, o verbo, por sua vez, degradado a servir de expressão subsidiaria, é um vocabulo de significação extinta (*ser*, *estar*), ou de significação incompleta (*parecer*, *ficar*), ou de sentido latente (*andar*, *ir*, *vir*).

Ser e *estar* continuam a ser usados junto a adjectivo ou substantivo não sómente pela tradição da linguagem, mas ainda em razão de seus elementos flexionaes. Um adjectivo, posto como predicado immediatamente depois do sujeito, nenhum esclarecimento daria acerca das relações de tempo e modo. Por superfluo o omittem o latim e outros idiomas em proposições como *vita brevis*, *ars longa*, que exprimem verdades geraes ou factos que se presumem verdadeiros em todos os tempos e em todas as circumstancias. Em portuguez, a tradição da linguagem não permite essa pratica.

catarse: *pinos de compasso*, *braco de rio*, *embancor em*
carrazem, *martelar com o dedo*.

a) *Figura que consiste no emprego de um palavrão em sentido transitivo para designar acção ou estado, que não tem de praeo proprii: girar de compasso, folha de livro, obo bague, & outros.*

O annexo predicativo pode vir referido ao objecto ou complemento do verbo:

Deixei-o menino encontrei-o homem — Conheci-o soldado — As frutas comeu-as elle verdes — Deu [a setada] a hũa das cafras e derribou-a morta (Castanh., 2, 6) — [Insulas] que possui soberanas (Cam., Lus. 9, 21) — Conserva-os [i. e. os homens] vivos... e tel-os ociosos (Vieira, Cartas 2, 383) — Creou-as Deus fracas (Mello, Guia 118) — Abriu-se a terra e engoliu-os o inferno vivos (Vieira, Serm. 1, 1049).

>Com alguns verbos o annexo predicativo referido ao objecto representa, não o estado simultaneo, mas a consequencia ou resultado do acto expresso pelo verbo:

Nomeou-o director — Elegeram-no deputado — Acclamaram-no presidente — Fizeram-no socio — Tornaram-no invejoso.

Os verbos *fazer* e *tornar* perdem aqui o primitivo sentido material para simplesmente denotar o produzir a mudança de condição ou estado. *Nomear*, *eleger*, *acclamar* conservam a significação concreta.

>De um modo geral chamaremos verbos de função nominal ou, simplesmente, verbos *nocionaes* áquelles que não soffrem a influencia do annexo predicativo, e vem usados com o mesmo sentido e o mesmo officio de predicado como se tal annexo não existisse. Verbos de função relational, ou verbos *relacionaes* são, pelo contrario, aquelles cuja accepção propria se apaga ou modifica por virem combinados com outro termo, originariamente annexo, ao qual transferem, ou com o qual dividem, o officio de predicado da oração.

Como annexo predicativo pode usar-se o participio do preterito em vez do adjectivo propriamente dito, com a differença que o participio, estando ainda viva a consciencia da sua origem verbal, exprimirá não uma qualidade, mas o estado resultante de um acto anterior. Comparem-se estes exemplos:

Tinha os olhos grandes e os labios grossos — Tinha os olhos vendados e a boca ferida — Conservou-os vivos — Trouxe-os presos.

O participio passa a servir de predicado e o verbo a que vem junto torna-se relational em proposições como as seguintes:

A cadeira *está quebrada* — O seu nome *vem mencionado* na lista — As rosas *andam espalhadas* pelo jardim — Doações que *andam registradas* na Torre do Tombo (D. de Goes, D. Man. 1, 6) — O animal *parece ferido* — O leite *ficou estragado* — O escriptor *tornou-se conhecido*.

Nas construcções com *fazer, tornar, ter* e *haver* usou-se o participio passado a principio como annexo predicativo referido ao objecto. D'aqui a concordancia do participio com este objecto, conservada até principio do seculo XVII, em frases onde *ter* funcionava já como verbo relational.

Nos seguintes passos não ha duvida que o participio continua a exercer função de annexo predicativo referido ao objecto, e o verbo *ter* conserva ainda a accepção concreta do latim *tenere*:

As *aguias* nas bandeiras *tem pintadas* (Cam., Lus. 8, 5) — *Someliã* Bizancio *tem* a seu serviço *indino* (ib. 3, 12) — *Tinha* nelle *postos os olhos* (Bern., L. e C. 2, 235) — Por muitos dias *tive perdido o juizã* e *mui arriscada a vida* (Vieira, Cartas 2, 255) — Não acabam de *sahir* as resoluções que *têm suspensa a espectação* do mundo (ib. 2, 110).

Não menos evidente é a função primitiva do participio na frase *ter preso a alguém*, significando «conservar a alguém preso», como ainda a usaram, e com frequencia, os antigos escriptores, v. g. em:

Diego Lopez foi tragido a ElRei de Castella, e *tinha-o preso* no arreal, avendo dell *mui grande queixume* (F. Lopes, D. J. 200) — Elle *tinha oitenta homens* do arraial *presos* (ib. 2, 26).

Interpretação analoga tem est'outro passo:

ElRey per dezoito ou vinte dias continuos *teve os nossos cercados* (Barros, Dec. 3, 3, 2).

Desta concepção primitiva de dous actos differentes, expressados um pelo verbo *ter* e o outro pelo annexo predicativo participial, originou-se uma forma verbal composta pelo esquecimento ou apagamento da noção concreta de *ter* ao mesmo tempo que vinha avultando o adjunto como conceito precipuo. Passou-se assim da juxtaposição de formas verbaes simples, independentes e de igual valia, á subordinação de um elemento ao ou-

tro, considerando-se como verbo principal o particípio e *ter* como simples auxiliar. Esta combinação naturalmente só era possível quando um e outro acto procediam do mesmo autor, isto é, quando o agente da acção expressa pelo particípio não differia do sujeito do verbo, *ter*.

O mesmo papel de auxiliar cabe também ao verbo *ser* nos exemplos seguintes e outros da mesma especie, devendo-se comtudo entender que o particípio passado nestas combinações resulta de um annexo referido, não ao objecto, mas ao sujeito da oração:

Lopo Soares *era chegado* (Barros, Dec. 1, 10, 2) — *Era fallecido* El Rey Bolife (ib. 3, 6, 7) — *Era ido* o capitão (ib. 3, 1, 5) — Quasi dous annos que *eram corridos* depois de aberto o Concílio (Sousa, Arc. 1, 349) — Melhor lhe fora a tal homem nunca *ser nascido* (Vieira, Serm. 3, 238) — *Sou vindo* a Portugal com pretensão de hũa commenda (Arr. Dial. 257).

Da junção de *ser* com o particípio de verbo intransitivo resultam, como vemos, dizeres de sentido similar a *ter chegado, ter fallecido, ter corrido, ter nascido, ter vindo* etc., cujo uso prevalece no falar hodierno. Unindo-se porem *ser* ao particípio de verbo transitivo, dará a voz passiva deste segundo verbo.

Do contacto ou contiguidade de certos verbos com outras formas infinitas que não o particípio do preterito podem originar-se também combinações semanticas, em que a forma infinita representa a acção principal e o outro verbo lhe serve de auxiliar, como nestes exemplos:

Está correndo — *Está escrevendo* — *Vou ler* este livro — *Vou pensar* — *Andar lendo* — O gosto de escrever que *vou perdendo* (Cam.) — Por seguirem o alcance aos que *andavam nadando* (D. de Goes, D. Man. 2, 33) — Abrirão de par em par as portas á malicia sameando enganos e hypocresias de que *andão* mays *inçadas* as escolas que de manteos de festa (R. Lobo, C. na Ald. 160) — Não só se *vão diminuindo* os alimentos (Vieira) — A tempestade *foi crescendo* — Destruem tudo quanto *imos dizendo* (ib.) — O reino dos ceus... *vem chegando* (ib.) — *Tornou a falar*, etc.

Se, em qualquer destas frases, estivessem os verbos ainda no primitivo estado de independencia, o gerundio, como adverbio, expressaria um acto secundario, posto que simultaneo ao do primeiro verbo; e o infinitivo denotaria um acto ulterior e accessorio ao do verbo

ir. Nas citadas frases vemos, pelo contrario, invertidos os papeis por effeito da combinação semantica. Gerundio e infinitivo de facto representam aqui os verbos principaes; *está* faz de auxiliar, dando o character de actualidade ás acções de correr, escrever, etc.; em *vou, imos, vem* apaga-se o conceito da locomoção, servindo taes vocabulos de elemento subsidiario, junto a gerundio, para pôr em evidencia a actualidade e continuidade do acto expresso pelo dito gerundio, e, junto a infinitivo, para denotar, a respeito dest'outro verbo, a intenção, vontade ou futuridade. Do mesmo modo, quem diz *torno a falar* não tem em mente a idéa de «retroceder» a um ponto, a um fim, mas a de «repetir» o acto de falar.

Posto que estes exemplos, e muitos outros do mesmo genero, não deixem a minima duvida sobre a função auxiliar de *ir, andar, vir e tornar*, é preciso comtudo advertir que estes mesmos verbos trazem muitas vezes a par de si outro verbo sob a forma infinita sem todavia operar-se a fusão semantica. Nesta hypothese, os dous verbos juxtapostos enunciarão cada qual um acto concreto. Será o caso de dous verbos simples pertencentes a orações differentes.

Sendo assim, devem naturalmente occorrer tambem casos intermediarios, em que será difficil decidir se se dá fusão perfeita ou se ha mera juxtaposição de verbos concretos.

Conjugação composta

Da combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerundio ou participio do preterito de um verbo nocional (v. principal), resulta a conjugação composta. *Anda, andou, andara* são formas do verbo *andar* na conjugação simples; *tem andado, terá andado, tivesse andado* pertencem ao mesmo verbo, porem na conjugação composta *ter andado*; *está andando, estava andando, esteja andando* fazem parte do mesmo verbo na conjugação composta *estar andando*.

Segundo praxe antiga dos grammaticos, consideram-se «tempos compostos» e conjugação perifrastica como cou-

sas distintas. Não o faremos aqui, depois de explicar, como nas paginas precedentes explicámos, que *ter andado* e *estar andando* nasceram de processos analogos. A primeira destas duas formas é linguagem antiga e commum a outros idiomas, e deve á circumstancia de ser desconhecida dos primeiros grammaticos a verdadeira historia das formas analyticas o ter sido encaixada como um «tempo composto» especial no systema de conjugação do verbo simples. Nasceu d'ahi a terminologia confusa (perfeito composto, *passé indéfini* etc.) e a dificuldade enorme de perceber o sentido exacto, nas diversas linguas, de *tenho visto*, *j'ai vu*, *I have seen*, *ich habe gesehen* etc.

Ver e *ter visto* (ou *haver visto*) são dous aspectos do mesmo verbo *ver*. No primeiro caso exprime-se a acção vagamente; no segundo define-se a acção como perfeitamente consummada. Em outro lugar (Difficuldades da Lingua Portugueza, 2 pag. 205) propuz as denominações de *aspecto imperfectivo* e *perfectivo* respectivamente para as duas especies de acção. Parallelamente ao aspecto imperfectivo *vejo*, *via*, *viu*, *verei* etc. conjuga-se no aspecto perfectivo *tenho visto*, *tinha visto*, *tive visto* (port. ant.), *tereí visto*, etc.

Desta conjugação composta emprega-se o tempo presente em portuguez para denotar acto de realisação perfeita, porem durativo ou iterativo, abrangendo o momento em que se fala e podendo excedel-o, e raras vezes para exprimir com emphase um acto que durou sómente até este mesmo momento; nos demais tempos, não tem o aspecto perfectivo outro fim senão assignalar o acto perfeitamente executado no passado ou no futuro.

No preterito perfeito, o verbo desta conjugação composta significava a mesma cousa que na conjugação simples. *Teve visto* e *viu* eram cousas identicas. O uso baniu por superflua a forma mais longa. Esquecida hoje, attestam o seu emprego, entre outros, os seguintes passos:

Depois que el Rei *teve determinado* de pelear... mandou duas gallees (F. Lopes, D. J. 26) — E como *teve feito* nella o que quiz foi cercar D. João no forte em que esteve (Couto, Dec. 4, 10, 6).

O preterito imperfeito *tinha visto* de *ter visto*, cuja significação em virtude do aspecto perfectivo é mui próxima á do preterito mais-que-perfeito *vira* de *ver*, manteve a sua vitalidade e substitue muitas vezes, sobretudo na linguagem familiar, o dito mais-que-perfeito.

Nas conjugações compostas em que o verbo principal se usa sob a forma de particípio passado, servem de auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e, por vezes, outros verbos, segundo vimos no capitulo precedente.

Nas combinações em que se emprega o verbo principal no infinitivo, o elemento auxiliar é *haver de*, ou *ter de* ou algum outro verbo que, de nocional, passa a funcionar como relacional. *Haver de partir* é linguagem antiga, e caracteriza o aspecto necessitativo. Do seculo XVIII para cá usa-se, a par desta forma, *ter de partir*, com sentido especializado, indicando que a acção a praticar não depende da vontade do sujeito.

Com o gerundio por verbo principal combina-se *estar* como auxiliar, ou tambem *ir*, *vir* ou outros, apagando-se nestes a significação concreta de locomoção. Na conjugação composta assim formada enuncia-se a acção como passando-se rigorosamente no momento em que se fala (presente) ou do qual se fala (preterito ou futuro).

No seguinte quadro, pondo de parte a forma do imperativo, que é desusada em algumas das conjugações compostas, e o particípio, que é privativo da conjugação simples, se demonstra que as diversas formas da flexão verbal se encontram tanto num como noutro typo conjugativo. E o que é verdade para os quatro exemplos de conjugação composta aqui figurados, tambem o é para os demais casos a que acima alludimos.

CONJUGAÇÃO COMPOSTA					
	Conjugação simples	Aspecto perfectivo	Aspecto passivo (ou voz passiva)	Aspecto necessitativo	Aspecto do momento rigoroso.
	Aspecto Imperfectivo				
INFINITIVO	ver	ter visto	ser visto	ter de ver	estar vendo
PARTICÍPIO DO PRETER	visto	tendo visto	sendo visto	tendo de ver	estando vendo
GERÚNDIO	vendo				
INDICATIVO :					
Presente	vejo	tenho visto	sou visto	tenho de ver	estou vendo
Pret. imperfecto	via	tinha visto	era visto	tinha de ver	estava vendo
Pret. perfeito	vi	tive visto (popl. antl.)	fui visto	tive de ver	estive vendo
Pret. mais-que-perf.	vira	tivera visto	fora visto	tivera de ver	estivera vendo
Futuro	verei	terei visto	serei visto	terei de ver	estarei vendo
Futuro do pret.	veria	teria visto	seria visto	teria de ver	estaria vendo
IMPERATIVO	vê				
CONJUNTIVO :					
Presente	veja	tenha visto	seja visto	tenha de ver	esteja vendo
Pret. imperf	visse	tivesse visto	fosse visto	tivesse de ver	estivesse vendo
Futuro	vir	tiver visto	for visto	tiver de ver	estiver vendo

Verbos transitivos e intransitivos

Definido o verbo como palavra que exprime acção ou estado, não se conclue dahi que esta significação se deva conter toda sómente no verbo. Para que isto fosse possível, seria necessario possuir nosso idioma uma textura morphologica extremamente complexa. Muitos verbos requerem o accrescimento de um termo que lhes complete o sentido.

Chama-se *transitivo* o verbo cujo sentido se completa com um substantivo usado sem preposição ou occasionalmente com a preposição *a*, como nestes exemplos:

Amar o estudo — Amar a Deus — Feriu o pé — Antonio feriu a Pedro — Deus creou o mundo — O ourives fez um anel — A terra produz trigo.

O termo que integra o sentido do verbo transitivo tem o nome de *objecto directo* ou *accusativo* e toma a particula *a* quando denote ente animado e convenha por essa forma tornar bem clara a função objectiva do substantivo.

Examinando o papel semantico do objecto directo nos citados exemplos, notaremos que *a Pedro*, *o pé* postos em seguimento a *feriu* exprimem a pessoa ou cousa que recebe a acção; porem *o mundo*, *um anel*, *trigo*, que completam o sentido de *creou*, *fez* e *produz*, denotam o producto da acção. Num caso o accusativo significa um ser cuja existencia é anterior á da acção verbal; no outro caso, o ser apparece ulteriormente como resultado do acto que se pratica. Differente destas duas hypotheses é a significação do accusativo ou objecto directo de *amar*. Denota o ponto para onde se dirige um sentimento, sem que o objecto seja forçosamente affectado pelo dito sentimento. Exemplo typico:

Othello ama a Iago, e Iago odeia a Othello.

Certos verbos transitivos, taes como *dar*, *entregar*, *pedir*, *mostrar*, *dedicar*, *ceder*, *transferir*, *restituir* e outros, posto que se lhes accrescente o objecto directo,

continuam todavia com o sentido incompleto. Requerem ainda outro substantivo que designe o ente a quem a acção se destina. Este segundo termo, precedido sempre da preposição *a*, denomina-se *objecto indirecto* ou particularizando, *objecto dativo*; e com elle não pode concorrer o accusativo senão desprovido de particula. Assim diz-se:

Entregar o prisioneiro ao general — Mostrar o escravo ao rei
— Restituir o filho á mãe, etc.

Substituido o substantivo pelo pronome pessoal da 3.^a pessoa, caracteriza-se o accusativo pelas formas *o*, *a*, *os*, *as*, e o dativo pelas formas *lhe*, *lhes*.

>O dativo tambem pode ser usado para designar o ente a quem a acção aproveita ou desaproveita. Será então um termo necessario para alguns verbos, porem accessorio para outros. Algumas vezes, confunde-se com as nocões de lugar, posse, etc.

>Verbos que não admittem accusativo chamam-se *intransitivos*. Aquelles que, como *viver*, *morrer*, não necessitam de complemento algum são os intransitivos puros ou absolutos. Os que não se usam senão com um termo complementar preposicionado, como *depende de alguma cousa*, *precisar de alguma pessoa* ou *de alguma cousa*, *concordar com uma opinião*, são os intransitivos relativos.

>A este termo regido de preposição, com que se completa o sentido de verbos intransitivos, dá-se de ordinario o nome de *objecto indirecto*. Por ter alguma semelhança com as circumstancias expressas pelos adverbios, poderemos denominal-o *objecto indirecto circumstancial*.

A expressão preposicionada que, sem ser exigida pelo verbo, se lhe acrescenta como explicação accessoria — e este é o caso em *viver do ganhado*, *morrer de fome* — classifica-se como locução adverbial.

Posto que em geral não se confunda o verbo transitivo com o intransitivo, a linha de demarcação nem sempre pode ser rigorosa. Assim, se transitivos são os verbos *comer* e *beber* em *comer carne*, *beber vinho*, não ha duvida que estes mesmos verbos vem empregados intransitivamente em expressões como *o doente não come*

nem ~~hebe~~, ou quando se usa o verbo *beber* sem objecto algum no sentido de «entregar-se á embriaguez». *Ouvir*, significando «não ser surdo», *engulir*, *sonhar*, *ver* ou *enxergar*, na accepção de «não ser cego», *mastigar*, *pensar*, *meditar* e outros, quando usados sem objecto algum para denotar apenas o funcionamento ou privação de um acto physiologico ou psychologico, tornam-se verbos tão intransitivos como *dormir*, *andar*, *manquejar*, *endoudecer*, *tossir* e *expectorar*. O proprio verbo *falar*, um dos que mais frequentemente occorrem na linguagem quotidiana, não pode gabar-se de pertencer a um typo definido. Transitivo em *falar uma linguagem*, *ouvir o que alguém fala*, *falar verdade*, *sem falar outra palavra*, emprega-se comtudo as mais das vezès como verbo intransitivo.

Casos ha tambem de serio embaraço para a classificação e analyse determinado pelo facto de considerar-se como instrumento da acção o que se devera ter como objecto directo. Assim em vez de *atirou-lhe a pedra*, — caso em que é clarissima a analyse e o sentido — pode-se dizer *atirou-lhe com a pedra*, desabonando, nesta segunda hypothese, os complementos instrumental e locativo a transitividade de *atirar*. É maneira de exprimir usada não sómente na linguagem familiar, mas tambem na literaria:

Atirou este homem a um pobre com hum pão d'esmola (Bern., N. Flor. 1, 410) — *E atirou violentamente com o livro* que tinha na mão para dentro da arca (Herc. M. de C. 2, 39).

Verbos que significam «extrahir», «tirar para fora» empregam-se como verdadeiros transitivos em *tirar o joio*, *tirar* ou *sacar proveito*, *arrancar arvores* ou *cabellos* e outras frases similares, em que é inadmissivel o uso de qualquer preposição antes do nome integrador do sentido verbal. Tratando-se, porém, de objecto que alguém traz guardado no bolso, no seio, na manga, na cinta ou na bainha (no caso de espada, punhal etc.) e que tira de todo para fora, é de uso enunciar com a preposição *de* o nome que serve de complemento a *tirar*, *puxar*, *arrancar*, *levar* *):

*) *Tirar*, *puxar*, dizem-se de qualquer objecto; *arrancar*, *levar* não se usam senão com referencia a arma branca. *Levar da espada* não é a mesma cousa que *levar mão da espada*. Com esta segunda maneira de dizer exprime-se apenas o acto de pôr a mão na espada, ao passo que *levar da espada*,

Logo *arrancou da espada* e se pos á porta a defender-lhe a entrada (Castanh. 8, 39) — *Arrancão das espadas* de aço fino os que por bom tal feito ali apregoão (Cam. Lus. 3, 130) — Do que se indignou tanto o capitão que *arrancou da espada* e remetteo a Francisco Gomes Leitão para o matar (Couto, Dec. 8, 3) — E *levando da espada* derrubou outro (ib. 8, 38) — E *levando da adaga* lhe foi dando huma e outra (ib. 8, 26) — *Levey de hũa grande faca* que trazia cingida para o matar, e elle *de hũa adaga* (Itin. 173) — *Levou o soltão baiazit dũ punhal* e matou-o (ib. 195) — Respondeo o arcebispo com muyta mansidão... e logo *tirou do caderno* que trazia no seio, e mostrou-lhe nelle seu nome escrito (Sousa, Arc. 1, 101) — Não teve o arcebispo mais saborosa iguaria... e cheyo de alegria, *tirou de hũa faca* da cinta, e abriu hum pão (ib. 1, 189) — Por partes contrarias da praça ameaçaram a apontar duas companhias de soldados... os quaes vindo-se a encontrar no meyo da praça *levaram das espadas* e acometendo-se furiosamente, começaram a brigar com muyta destreza (ib. 2, 354) — Elle, não *puzando da sua espada*, senão *da* de seu amo morto, brigou com o matador e o matou (Bern., N. Flor. 1, 447) — Quando já estava a cavallo, *puzando do papel*, lia: Primeiramente, o frade... — (ib. 2, 28) — E logo, *tirando de huma faca*... foi descobrindo terra (ib. 2, 272) — *Levou da espada* para defender-se (ib. 1, 443) — O amouco... *puzando de huma grande navalha* vai cortando de seu corpo postas de carne (ib. 3, 182).

Exemplos ha, embora menos frequentes, de *arrancar espada*, *tirar espada*, sem preposição:

Gonsalo Pereira, sem *tirar espada*, se meteo em meio (Couto, Dec. 8, 16) — Assi se não *arrancou espada* (Sousa, Arc. 2, 415) — Entra outro representando a Neró, e *tirando a espada* manda que cortem cabeças (Vieira, Serm. 5, 90) — Cinge a espada... e logo, *arrancando a espada*, esgrime com ella, ferindo a terra e o ar tres vezes (Bern. N. Flor. 1, 444) — Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e *arrancaram as espadas* (Herc. Lend. e Narr. 1, 9).

Não tem cabimento a particula *de* quando a arma não se *tira* senão parcialmente da bainha ou cinta:

Eu só com meus vassalos e com esta (e dizendo isto, *arranca meia-espada*, defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Cavalleiros polacos, que costumam... *arrancar meia-espada*, como em protestação do animo pronto (Bern. 1, 438) — Dizendo estas palavras, levei a mão á cinta e *arranquei meio-punhal* (Herc. M. C. 1, 47).

A presença da preposição *de* com os verbos *arrancar*, *tirar*, etc., é devida provavelmente ao duplo contagio das

como claramente se vê pelos exemplos que apontamos, equivale a «arrancar da espada». *Levar* aqui tem o sentido de «levantar», «puxar fora e para cima», que ainda occorre em *levar ancora*, *levar ferro*, (Castanh. 5, 19; Vieira, Serm. 8, 271 e passim). *Leva da espada* quem desembainha a arma e a levanta para o ar.

noções de lugar donde a acção procede e instrumento com que o acto se pratica. Posto que não seja commum usar-se a particula *de* nesta ultima accepção, ha entretanto, provas evidentes desta possibilidade, como se vê em exemplos com outros verbos:

Hiam-lhe *dando das esporas* chãas muy grandes feridas (S. Graal, 119) — Feriram todos os cavallos *das esporas* (Zur. em In. 3, 22) — Dei rijamente *da vara* ao palafrem (Barros, Clar. 1, 97).

Puxar, quando seguido de nome que denote instrumento ou arma, pode construir-se não sómente com *de*, mas ainda com a preposição *por*, devido a novo contagio qual o do conceito de lugar por onde: *Todos puxam pelas armas* (Vieira, Serm. 11, 182). *Tirar*, empregado na accepção de «puxar», pode ser verbo transitivo, ou intransitivo seguido da particula *por*:

E *tirando pela campainha*, acudiu a porteira (Barros. Clar. 1, 19) — *Tira pela espada* (Vieira, Serm. 2, 164) — *Tirando a espada* (ib. 5, 90) — Os que *tiram por esta carroça* (ib. 9, 176) — Hũa carroça dourada *pela qual tiravam* hũa ovelha e hũ leão (ib. 9, 175) — Moysès com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, *tirá pela espada* e matou naquelle mesmo dia vinte tres mil homens (ib. 11, 136).

Pegar, verbo transitivo em *pegar o ladrão, o inimigo*, etc., tornando-se intransitivo, tem o luxo da construcção com as particulas *de, em, por*:

Pegou da tesoura (Bern., N. Flor. 1, 328) — *Pegando-lhe das redeas* (ib. 403) — *Pegou de hum pão* e lhe atirou com elle (ib. 408) — *Pegando-lhe por outros cabellos* (ib. 405) — O anjo lhe disse que *pegasse no peixe pela barbatana* (Vieira, Serm. 2, 318) — *Pegou na taça* (Herc., M. de C. 179) — *Pegando em huma escudela* (Her., L. e N. 1, 293) — *Pegando numa lanterna* (ib. 2, 136) — O senhor de Biscaya *pegou então de um osso* com sua carne e medula (ib. 2, 12).

Quando não concorram os conceitos de instrumento ou lugar, *pegar* é verbo transitivo, como no citado *pegar o ladrão*, etc., ou intransitivo com a particula *em*, como *pegar no somno*. Este uso hodierno differê da antiga linguagem, que se valia da preposição *de em*:

Querendo *pegar do somno* (Bern., N. Flor. 3, 492) — E *pegando delle* [mancebo] o procurava mergulhar como por zombaria (ib. 1, 404) — Ainda o Senhor não quiz que tão depressa *pegassem delle* [Jesus], mas com toda a brandura falou aos principes dos Fariseos

(Th. de Jes., Trab. 2, 30) — O qual [Malcos] querendo-se desman-
dar *pera pegar primeiro do Senhor* (ib. 2, 31).

O verbo *obedecer*, seguido de seu termo integrante, era tratado, na linguagem dos seculos XVI e XVII, não sómente como intransitivo, mas ainda como transitivo:

Lhe havia de obedecer (Barros, Dec. 2, 5, 11) — *Obedecer-lhe* (Arr., 357) — Não só offendiam a Antonio, mas *o obedeciam* e reverenciavam (Vieira, Serm. 3, 193) — [Os animaes] todos por instinto natural e sogeição inviolavel *o obedecião* (ib. 5, 451) — Lançou bando que todos os subditos do seu imperio... *lhe viessem offerecer sacrificio publico, sob pena da vida e da sua indignação aos que assim o não obedecessem* (ib. 11, 14) — Excusaes de vos cançar com quem teve a ventura de ver a Mafoma e de *obedecer-lhe* (Bern. N. Flor. 3, 11) — Todos a *obedecer-lhe* concorriam (Castro, Ulys. 5, 22).

Resistir usou-se amplamente como verbo transitivo a par da construcção com o nome preposicionado, servindo neste caso ora a particula *a*, ora *contra*:

Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão se os *resistira* (Cam., Lus. 5, 72) — Eu vi que *contra os Minyas...* todos *resistiram* (ib. 6, 31).

É de notar como Antonio Vieira, naquelles sermões onde repete o verbo frequentemente, varia a construcção utilizando-se das tres maneiras de dizer:

Para esperar e *resistir os assaltos* de tão bravo... inimigo (Serm. 8, 118) Não *resisto estes unguentos* da Madalena (ib. 8, 125) — *Resistiu contra o peccado* (ib. 8, 117) — *Resistiu contra a morte e contra a honra* (ib. 8, 127) — E comtudo *resistir-lhe* com tanta violencia (ib. 8, 127) — Dá nas velas hum vento tão forte em popa para Japão, que não o podendo *resistir* nem o navio, nem o piloto, nem o demonio, foi tomar terra e dar fundo em Congoxima (ib. 8, 308) — [Deus] não consentirá jamais que sejas tentado sobre o que podeis *resistir* (ib. 9, 22) — Como pode ser que *lhe* pudesse *resistir* (ib. 9, 33), etc.

Comprazer, agradar e desagradar apparecem pela mesma epoca, ora como verbos transitivos, ora como intransitivos:

Por *lhe comprazer* (B. Cruz, Seb. 1, 156) — Querendo alguns fidalgos *comprazel-o* e contental-o (ib. 2, 67) — Tal era o amor de todos de desejarem servir el rei e o gosto de o *agradarem*, que não havia quem sentisse gastos e custos *pera este fim* (ib. 2, 23) — Por *lhe parecer* que como vassallos o queriam *comprazer* com esta offerta

(ib. 2, 188) — Chorem vossos olhos diante de seus pais, e *agradalloeis* (M. Pinto, 3, 29) — [Estas impurezas] tanto offendem a Deus e *o desagradam* (Vieira, Serm. 9, 357) — Deve... procurar *agradallo* em tudo (Bern. N. Flor. 4, 358).

Mui numerosos são os exemplos da dupla construção *soccorrel-o* e *soccorrer-lhe* em escriptores quinhentistas. Vieira construe o verbo em geral com accusativo. Mencionaremos os seguintes passos de uma e outra epoca :

O vento não servia pera *lhes* poder *soccorrer* a tempo (Barros, Dec. 3, 3, 6) — A nao *lhe* podia *soccorrer* (ib.) — Este, que *soccorrer-lhe* não queria, por não causar discordias intestinas, *lhe* diz... (Cam., Lus. 6, 48) — Viestes logo a *soccorrel-o* em tempo que elle disso tinha necessidade (H. Pinto, 2, 234) — Sem terem conta com a ley d'amizade que he fazer bem ao amigo que lho fez, e *soccorrer-lhe* em sua necessidade, podendo-o fazer (ib. 2, 270) — Amoesta a seu amigo, e *soccorre-lhe* no tempo da necessidade (ib. 2, 314) — Pedindo-lhe o *soccorresse* naquella perplexidade (Vieira, Serm. 7, 406) — Assim o *soccorreo* Deos (ib. 7, 406) — Não tinha outra cousa com que os *soccorrer* (ib. 7, 444) — Pois se os ia *soccorrer* (ib. 3, 531) — Foi o divino Mestre desde a praya a *soccorrel-os* (ib. 3, 531) — Nem com as migalhas que *lhe* cahiam da mesa o *soccorria* (ib. 7, 329).

O verbo *tocar* pode ser transitivo ou intransitivo (*tocar em*). Repare-se nos seguintes passos, em que Heitor Pinto exprime o mesmo pensamento, construindo este verbo ora com accusativo, ora com o objecto preposicionado :

Antre as cerimonias que goardava hũa era que não podia *tocar hera nem fava*. Blondo... diz que não podia elle *tocar em hera*; mas da fava não faz menção; e pelo contrayro Gaudencio Merula... diz que não podia *tocar na fava*, mas não faz menção da hera. (2, 543) — O que agora desejo saber he porque causa era vedado aquelles sacerdotes *tocar hera e favas* (ib.) — Quem quiser vida tranquilla não *toque favas* (ib. 2, 545) — Mandavam que os sacerdotes diaes não *tocassem hera nem favas* (ib. 2, 547) — Vedes aqui a causa porque os sacerdotes diaes não *tocavam hera nem fava* (ib. 2, 549).

Igualar occorre nos Lusíadas já como verbo transitivo, já como intransitivo:

Tal ha de ser quem quer co dom de Marte imitar os illustres e *igualal-os* (Lus. 8, 89) — A terra de Bengala, fertil de sorte que outra não *lhe iguala* (ib. 7, 20).

Em Vieira encontram-se estes passos:

Lucifer... não aquietou naquelle lugar, e quiz *igualar o seu* com o do mesmo Deus (Serm. 5, 194) — Que podem os homens fazer açoens tão heroicas e levantadas que comparadas com as suas, *as igualem*, e ainda as excedão (Serm. 8, 124) — A grandeza do Pantheon de Roma não *igualava os maiores templos* da Christandade (ib. 8, 438) — A fortuna nunca *igualava os desejos* dos homens; mas se houvesse hũa fortuna tão grande, que não só *igualasse*, mas *vencesse e excedesse os desejos*; esta seria a mayor fortuna que se pode imaginar (ib. 2, 16).

É certo que o verbo *igualar* pode ter mais de uma accepção; mas, como se vê pelos exemplos precedentes, nenhuma das construcções corresponde a uma cambiante de sentido definida. Ha, alem disso, a forma pronominal *igualar-se* com uma variedade de complementos:

A branca areia as lagrimas banhavam, que em multidão *com ellas se igualavam* (Cam., Lus. 4, 92) — Nũa camilha jaz, que não *se iguala de outra algũa* no preço e no lavor (ib. 7, 57) — Nenhum gentio... *se lhe igualava* nesta idolatria (Vieira, Serm. 8, 273 etc.).

Aos verbos *investir* (na accepção de «acometter», «atacar»), *encontrar*, *topar* e *cumprir* ajunta-se o termo integrante ou directamente ou mediante a preposição *com*. Exemplos com o verbo *investir*:

Investio hum [navio inimigo] (Couto, Dec. 8, 37) — Tornou a *investir o inimigo* (ib.). *Investio com elle* (ib.) — *Investiu os inimigos* e começou a cortar orelhas (Vieira, Serm. 5, 479) — Eis que o [i. e. Tobias] *investe hum grande peixe com a boca aberta*, em acção de que o queria tragar (ib. 2, 318) — [Aristeu] *com grão clamar o investe* e algema-o sem dar azo a que se possa erguer (Castilho, Georg. 279) — Como has de *co'os polos investir* (Castilho, Metam. 69).

Quanto ao segundo destes verbos construíveis com a particula *com*, ha manifesta identidade de sentido em *hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montez* (Es. 16), e *hũu dia aquelle asno o encontrou no caminho* (ib. 29). O termo integrante preposicionado empregou-o Vieira em *e tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri e o primeiro passo com que encontrei, foy este* (Serm. 8, 3). Hoje dizemos *encontrar alguem* ou *alguma cousa*, e *encontrar com alguem*, ou, antes, *encontrar-se com alguem*, forma reflexa tambem usada, a par das outras, na linguagem archaica. Desconhece a forma reflexa o synonymo *to-*

par, o qual no falar hodierno continua a ser empregado com a mesma indecisão de outrora:

Toparam naquelle golfam *hũa nau grande* (Castanh. 2, 83) — *Toparam dous milaneses* (ib. 2, 24) — *Toparam com Lucas dafonseca* (ib. 2, 31) — *Topou com hũa nau pequena* (ib. 2, 15) — *Se ho topasse* (ib.) — *Ho topou* (ib.) — *Topou com a caravela* de Alvaro Gonçalves (Barros, Dec. 1, 1, 11) — *Topou hũa nau mui grossa* (ib. 1, 5, 9) — *Vá logo topar com a peor enfermidade* (Vieira, Serm. 2, 170).

Data de longe a dicção *cumprir com* e são innumerous os passos em que ella occorre, alternando com frases onde o mesmo verbo apparece sem a particula. Basta attentar nos seguintes exemplos, entre os quaes se acham expressões familiares ao nosso falar quotidiano:

São tão verdadeiros que *cumprem com sua palavra* (Barros., Dec. 1, 10, 1) — *Mas tu me dá que cumpra*, ó gram rainha das musas, *co que quero à nação minha* (Cam., Lus. 10, 9) — *Cumprissem com sua palavra* (Barros, Dec. 1, 8, 7) — *Não cumpria sua palavra* (ib. 1, 5, 9) — *Por cumprir sua palavra* (ib. 2, 3, 8) — *Pera ser dignamente eleyto e cumprir com sua obrigação* (H. Pinto, 1, 189) — *Quanto tenho que fazer pera cumprir com a obrigação* de quem sou (ib. 1, 300) — *Cumpriam com o que tinham prometido* (D. de Goes, D. M. 256) — *Pera que... podessem mais facilmente cumprir com sua obrigação* (Luc. 1, 172) — *O que fez cumprindo com as obrigações* que tinha (ib. 1, 261) — *Por onde se diga que não cumpres com o que juraste* (F. M. Pinto, 3, 92) — *Não deixeis de cumprir co que deveis* (ib. 1, 75) — *Queria cumprir inteiramente com a obrigação* do officio (ib. 1, 81) — *Hade ser forçado cumprir eu co que devo* (ib. 2, 234) — *Cumpriram como deviam as obrigações* de seu sangue, não só *com a obrigação* de valerosos capitães, mas ainda *com a* de esforçados e valerosos soldados (Couto, Dec. 8, 38) — *Quão mal cumpria a promessa* (Castanh. 1, 38) — *Cumprir com minha obrigação* (Herc., L. e N. 1, 116) — *Costumo cumprir as minhas promessas* (ib. 1, 125) — *Cumprir com o seu dever* (ib. 2, 188) — *Como quem tinha cumprido com seu officio* (Vieira, Serm. 8, 357) — *Encommendou aos colossenses que dissessem a Archippo... que cumprisse com as obrigações* do ministerio (Bern. N. Flor. 3, 107) — *Não via o modo de cumprir com essa obrigação* (ib. 1, 465) — *Alguns confesores cumprem com esta obrigação* (ib. 3, 303).

A linguagem *cumprir com* é applicavel, tanto como *cumprir* simplesmente, quando o termo integrante exprime cousa intima ou propria do sujeito do verbo, como dever, obrigação, palavra, promessa. Tratando-se de cousa exterior ao individuo, costuma-se hoje omittir a preposição, apesar de exemplos em contrario na linguagem quinhentista:

Cumprir ao pé da letra o que elrey seu senhor mandasse (Castanh., 2, 92) — *Cumprir o mandado* (ib. 2, 93) — Jurou Meliquiaz de *cumprir as condições da paz* (ib. 2, 101) — *Cumprir com o regimento* (Barros, Dec. 1, Prol.) — *Cumprir com o regimen'o* (ib. 1, 1, 6) — *O qual regimento elle cumpriu* (ib. 1, 7, 2) — *Cumprir degredos* (ib. 2, 1, 1) — Ambos *cumpriram o precepto* de seu capitão (ib. 1, 10, 3) — Duas cousas lhe convinha fazer para *cumprir com a instrucção* que lhe elrey... mandava (ib. 3, 4, 3) — Donde se causou querer elle *cumprir* ante com a vontade da gente de armas (ib. 3, 4, 6) — Muy desejoso de *cumprir* em tudo com o serviço delrey (Luc. 1, 272).

O verbo *apontar*, significando «mostrar com o dedo», usa-se acompanhado de nome, algumas vezes directamente, mas em geral mediante a preposição *para*:

Está-nos Deos mostrando todos os Reynos desse novo mundo... E *apontando para* a Africa, *para* a Asia, *para* a America, nos está dizendo... Reyno de Portugal, eu te prometo a restituição de todos os Reynos (Vieira, Serm. 2, 84) — O servo de Deos, *apontando para* os enfermos, disse (Bern. N. Flor. 3, 16) — Perguntando-lhe o estribeiro-mór que cavallo mandava Sua Alteza sellar, *apontou* el-rei um que era rebellão (ib. 2, 238) — Isto se entende da especificação notavel, que *aponta* como com o dedo alguma pessoa em individuo (ib. 3, 91) — E logo, *apontando para* este ou aquelle servo..., lhe mandava que proseguisse ou emendasse ao certo (ib. 2, 232) — *Apontaria* o ministro *para* a espada da justiça (Herc. M. C. 2, 41) — Aquelle fez mais do que isso... E *apontava para* o crucifixo (ib. 1, 57) — Judeu! replicou D. Leonor, *apontando para* um cofre pequeno (Herc. Lend. e Narr. 1, 122) — Ao lusco-fusco ainda se viu sahir da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que *apontava para* as bandas de Cordova (ib. 1, 11).

Tomado o verbo na accepção de «fazer pontaria» assim como na de «dirigir-se alguma cousa em certo sentido ou para um ponto determinado» diz-se *apontar para*:

Tirou a espingarda... e a poz no rosto e *apontou para* hũa larrangeyra que estava defronte, e pondo-lhe fogo... arrebentou por tres partes (F. M. Pinto 2, 217) — Está *apontando* o agudo cipariso *para* onde é posto o eterco paraiso (Cam. Lus. 9, 57).

Com a significação de «mencionar, citar, referir», ou «assignalar, marcar», emprega-se *apontar* sem preposição:

Se bem não *aponto* o autor, passou [o caso] assim na verdade (Bern. N. Flor. 3, 480) — Não *apontei* a duvida senão para saber mais fundamentalmente a resposta (ib. 2, 53) — Para lhes *apontar* o direito caminho do céu (Herc. Lend. e Narr. 1, 257) — Seria fazer injuria aos que antes de nós escreveram, se deixassemos de *apontar os casos* (Sousa, S. Dom. 115).

Facilmente podemos distinguir, segundo o exposto á pag. 183 e seg. as noções de objecto directo, ou accusativo, e indirecto, ou dativo, quando se trate dos termos necessarios para completar o sentido de *trazer*, *dar*, *dizer* e muitos outros verbos do mesmo genero. Outro tanto não succede se nos acharmos em presença do verbo *ensinar* e, ainda, de mais alguns daquelles que em latim se construem com duplo accusativo. O nome da creatura a quem se ensina vem representado pelo accusativo, se se calar o nome da cousa ensinada, como em *ensinar os animaes*, *havemos de ensinál-os*; converter-se-á pelo contrario, em dativo, desde que se mencione o nome da cousa ensinada por meio de um substantivo, ou pronome, ou um termo substantivado ou oração substantiva, dizendo-se:

Ensinei-lhe o alphabeto, a musica — Ensinei-lhe isso — Ensinar o Padre Nosso ao vigario — Christo principalmente nos ensinou... o fazer a sua vontade (Vieira, Serm. 9, 65) — *Ensinou-lhe que havia Deus* (ib. 9, 56).

Sendo porém o nome da cousa ensinada expresso por um infinitivo regido da preposição *a*, o nome da pessoa se dirá indifferentemente no dativo ou no accusativo. Exemplos de diversas epochas:

Ensinaste-o a servir ao Deos altheo (S. Josaph. 27) — Quando o [sabujo] primeiro começam *a ensinar a achar* (L. de Mont. 88) — O andar ao monte *lhe ensina a teer* bõ tento na terra (ib. 28) — Quando *o ensinam a andar* na treela (ib. 68) — E nesta reputação *os mandam ensinar a ler* e escrever (Mend., Jorn. 2, 100) — A boa sabedoria *lhe ensina a passar* avante (H. Pinto, 1, 270) — *Ensinou os homens a fugirem* da sensualidade (ib. 1, 171) — Quasi sempre estava calado, *ensinando elle a falar os outros* (ib. 2, 589) — O sábedor calando *ensina os outros a falar* (ib.) — Hã Deos que *lhe ensina a desprezal-os* (ib. 2, 66) — A necessidade inventora dos remedios *lhe ensinou a favorecer* as boas letras (ib. 2, 234) — *Ensinou-o [a Aristoteles] Platão a nadar* (ib. 2, 486) — *Ensinando-lhe a distinguir* o conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude (Vieira, Serm. 14, 126) — E que pudessem [os meninos] estar no palacio do rei, para que elle *os ensinasse a escrever e a fallar* a lingua dos caldeus (Fig. Dan. 1, 4) — E *os ensinaste a santificar* o teu sabbado (Fig. II Esdr. 9, 14) — Alumiaсте os povos e *a ser reis os ensinaste* (Fil. Elysio 3, 142) — *Ensinando-lhes a pedir* beijos a todas as mulheres (Camillo, Boh. do Esp. 434).

Enuncia-se hoje como dativo o nome do individuo a quem se faz pergunta, quando se empregue o verbo

perguntar, e explicito venha, como accusativo, aquillo que se deseja saber. Não era geral esta pratica no portuguez da idade media, em que tambem se usava, e a principio com muita frequencia, o nome da pessoa como accusativo, sendo portanto o verbo susceptivel de dous objectos directos. Exemplos de uma e de outra construcção :

Perguntaram-na que demandava (S. Graal, 1) — *perguntou-o* se era chagado (ib. 35) — *Perguntou-o* que homẽ era (ib. 37) — *Perguntou-lhe* que faria (ib. 50) — *Perguntou-lhe* quem matara aquel cavaleiro (ib.) — O padre *o perguntou* que eyxeco ouvera (ib. 53) — *Perguntou-lhe* se virom a besta desasemelhada (ib. 68) — *Perguntava-o* se lhe fazia mester algũa cousa (S. Am. 514) — *Perguntou-lha* como avia nome (ib. 518) — *Perguntou-o* como avia nome (S. Graal 45).

Este mesmo hesitar entre a applicação do accusativo duplo e differenciação deste em accusativo de cousa e dativo de pessoa, apparece tambem nas construcções com *rogar*; mas com este verbo teve sempre vida mais longa o uso do accusativo de pessoa, de que se encontram até exemplos na lingua da Renascença :

Rogaram-no por deos que lhe dissesse daquelle sonho (S. Graal 109) — *Rogou-lhe* que lhe perdoasse (ib. 127) — *Rogou-o* mui aficadamente que lhe mostrasse o santo (S. Josaph. 43) — *Rogou-lhe* amaro por deos que o benzesse (S. Am. 511) — E este rrouxinol *ho rrogava*, quanto podia, que lhe dêsse o seu filho (L. de Es. 31) — *Rrogaram-no* que lhe dêsse hũu senhor (ib. 46) — Vendo [quem o não conhece] que vós Senhora, sendo quem sois, *o rogais* [i. e. a Christo], assim como atégora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o Divino (Vieira, Serm. 9, 86) — Emquanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque *a roga* (ib. 9, 87) — Se forçado da fraqueza do espirito *a rogardes*, descobris amor pera azo de maior sojeição (Ulyss. 55).

São transitivos os verbos *fazer*, *ver* e *ouvir*, e, completando-se-lhes o sentido por um nome ou pronome, será este vocabulo sempre um objecto directo. Nem o enunciaremos por outra forma naquellas frases mais complexas em que este mesmo termo sirva, por sua vez, de sujeito ao infinitivo de um verbo intransitivo ou de verbo usado intransitivamente :

Quando as outras *os vissem andar*, neste cuidado (Zur. P. M. 275) — *Viam ir os barcos* pera ella (ib. 312) — *Fizeram-nos encalhar*

(F. Lopes, D. J. 308) — No desejo de *o ouvir* (H. Pinto 1, 311) — Por vezes *o ouviram falar* aos demonios (ib. 3, 237) — *Os deuses faz descer* ao vil terreno, e os humanos subir ao ceo sereno (Cam., Lus. 9, 20) — A cubiça do proveito... *o faz obedecer* e ter respeito ao capitão (ib. 8, 77) — *Ouve mugir os bois* (Castilho, Georg. 125) — *Euro as fez cahir* naquelle mar tão vasto (ib. 227) — Nem isto *as fez calar* (Castilho, Mis. 103) — Cartas de Magdalena! Era quasi *ouvir-a falar*, prazer a que já tinha renunciado (Din. Morg. 2, 246).

Achando-se pelo contrario os verbos *fazer* e *ouvir* combinados com o infinitivo de um verbo transitivo acompanhado de seu proprio objecto directo, enunciar-se-á então o agente deste infinitivo sob a forma de objecto indirecto:

Lhe fez perder o sem e *lhe fez perder todo o coração* (S. Graal, 99) — O homem boom quando *lhe ouvio dizer*, que todavia queria poer mão em tall feito, foi tam ledo, que mais ser nam pode (F. Lopes, D. J. 12) — E quando *lhe tall rrazom ouvio dizer*, ficou hũu pouco como torvado (ib. 60) — *Fez a afeicom eseprever a algũs* em favor del Rey de Castella da guisa que nom aconteceram (ib. 250) — *Fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem* a mão como a seo senhor (ib. 199) — *Lhe fizeram erer* que as cousas... *eram* hem diferentes (Barros, Dec. 1, 6, 2) — *Lhe fazia saber que* (ib. 1, 6, 4 bis) — Para *o fazerem saber ao Çamorim* (ib. 1, 7, 9) — *Lhes fazia perder a vista* (ib. 1, 8, 5) — *Fazem-lhe a lei tomar* com fervor tanto, que presuppoz de nella morrer santo (Cam., Lus. 7, 33) — A mi lembra... que *lhe ouvi eu louvar* hũa vez aquella sentença de Thales (H. Pinto 1, 410) — E fazendo oração... *lhe ouviram dizer* com hũ grande suspiro: ó Jesu Christo, amores de my anima, põe, Senhor meu, os olhos em ti (F. M. Pinto, 3, 208) — *Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade*, e até a *conciencia* *lhe fizeram perder* (Vieira, Serm. 1, 825) — Muitas vezes *ouvi ao confessor* da Rainha nossa Senhora *estas palavras* formaes (ib. 13, 17) — Ao que devia cem cantaros de azeite *fazia-lhe escrever oitenta* (ib. 2, 232) — Pode ser que esteja neste auditorio quem *lho ouvio* (ib. 8, 151) — Mais de uma vez *lhe ouvira citar passagens* de autores romanos (Herc. M. de C. 1, 178) — *Ouvi-lhe rosnar não sei o que* de Zilla de Restello (ib. 2, 103) — O espanto de D. Dorothea, quando *lhe ouviu dizer* que as ceias não *entravam* nos seus habitos, foi tal que *lhe tirou* o animo de rejeitar (Din. Morg. 1, 31).

Se se usar *ver* como verbo regente da combinação com infinitivo transitivo, o vocabulo denotador do individuo que é visto praticar a acção virá expresso de ordinario pelo accusativo se for substantivo, e pelo dativo se for pronome pessoal:

E como *lhe vira matar* patrides (S. Graal, 99) — Persival foy todo espantado do que *lhe vio fazer* aaquel tempo e aquella ora (ib.

134) — *Vio-lhe ter huũa espada* muito limpa e bem corregida (F. Lopes, D. J. 63) — Quando *lhes viram apanhar os mortos* (Zur. P. M. 275) — *Verão os cañres... tirar á linda dama seus vestidos* (Cam., Lus. 5, 47) — *Vê na agua salgada ter o Tigres e o Euphrates uma entrada* (ib. 10, 102) — *A mesma sorte viu ter a muitas suas vizinhas* (ib. 3, 89) — *E vereis ir cortando o salso argento os vossos Argonautas* (ib. 1, 18) — *Cousas... de alto espanto ver as nuvens do mar, em largo cano, sorver as altas aguas do Oceano* (ib. 5, 18).

O verbo *deixar*, acompanhado de infinitivo de verbo transitivo com o competente objecto directo, e, tendo a accepção de «permittir», construe-se como est'outro verbo com o dativo de pessoa *lhe*:

Mandamos aos Alcaldes que *lhe deixem ver as cousas* sobreditas (Ord. Man. 1, tit. 39) — *Davam graças a Deus pela mercê que lhes fezera em lhes deixar ver gente* daquella calidade (D. de Gocs, D. Man. 1, 55) — No outro [dia] *entretinha os curiosos da sua terra deixando-lhes entrever os thesouros* da experiencia adquirida á custa de mmitos annos de fadiga (Din. Morg. 1, 106).

Com um infinitivo intransitivo dir-se-á:

Que *a deixem morrer* e ao desamparo (Din. Morg. 3, 263).

Serve tambem a forma pronominal *lhe* para denotar a pessoa a quem se ordena que faça alguma coisa nas construcções do verbo *mandar* com infinitivo transitivo, tendo este seu complemento expresso:

Qualquer coisa que *lhes mandar fazer* o moço (L. da Mont. 233) — E com esto nom devem a atender que seu senhor *lho mande fazer* [i. e. servir em todallas outras cousas] (ib. 47) — *Deshi que aquellas cousas que lhes mandarem fazer*, que as nom errein de as fazerem como *lhes elle mandar* (ib. 204) — *Appareceu Deus na çarça a Moyses e mandou-lhe descalçar os çapatos*. Solve calceamenta de pedibus tuis (Vieira, Serm. 2, 380).

> Causa primordial de se substituir, em certos casos, o dativo ao accusativo foi a necessidade da clareza. Exprimindo-se pela mesma forma pronominal tanto a pessoa como a coisa, teriamos, a permanecer rigorosa a construcção dos dous accusativos, a duplicação confusa do pronome em *perguntou-o-o* por *perguntou-lh'o*, *ensinou-o-os* por *ensinou-lh'os*, etc., e pouco lucidas deveriam parecer aos antigos portuguezes dicções como *fel-o crel-o*, pela circumstancia de attrahir o verbo regente

muitas vezes o objecto do verbo regido. Sem duvida que nos exemplos *lhes fazia perder a vista, lhe fizeram crer que...*, quando *lhes viram apanhar os mortos, quando lhe ouviu dizer que...*, pode ser que esteja neste auditorio quem *lh'o ouviu*, ha outro phenomeno a considerar alem da mudança da forma pronominal. Nas orações assim constituidas, *lhe, lhes* não se referem a um vocabulo isolado, mas ao conjunto da expressão predicativa. E desta mesma maneira se entende o objecto indirecto nos seguintes passos:

Aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despesa (F. Lopes, D. J. 129) — Não cumpria o que *ElRey... lhe mandava fazer sobre isto* (Barros; D. 1, 6, 3).

Pronunciada ao acaso, e sem ligação com outros pensamentos, uma frase como *mandei-lhe escrever a carta* deixa por certo duvida sobre o verbo a que se ha de referir o termo *lhe*; mas isto não succede no discurso, em que pelo contexto, pela situação, se esclarece sempre a referencia.

> Posto que a integração de sentido, em grande parte dos verbos que a exigem, não seja possivel ou usual senão por meio do substantivo (ou vocabulo substantivado) e do pronome, casos ha comtudo em que pode igualmente ser expressa por um infinitivo. Sómente não se deve ter por tão seguro aqui o criterio da ausencia ou presença da preposição para decidir se o infinitivo funciona, ou não, como objecto directo.

Complemento de verbo intransitivo é por certo todo o infinitivo preposicionado que fizer as vezes de um nome igualmente preposicionado, como em *desiste de combater* e *desiste do combate*. Complemento é, alem disso, o infinitivo expresso com particula e dependente de verbo intransitivo cujo sentido não se integre por outro vocabulo senão pelo infinitivo preposicionado. Tratando-se porém de verbo que pede objecto directo, i. é. de um verbo regente transitivo, deveria esperar-se que as frases se construíssem sempre parallelamente: o infinitivo, posto em lugar do nome, ou do pronome *o*, havia de apparecer por toda a parte sem particula alguma. Entretanto tem restricções este principio. Assim é que, sen-

do regente um dos verbos *desejar, prometter, propôr, jurar, determinar, esperar, procurar, pretender, merecer, resolver*, vemos como factó não raro, mas usual, em portuguez antigo e quinhentista e, até, seiscentista, a preposição *de* anteposta ao infinitivo-objecto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da particula, sem prejuizo do sentido:

Depois que eu conheçi Jesus Christo e *merçi de seer* seu servo (S. Josaph. 39) — En tal guisa que *mereçamos seer* contados (ib. 49) — Tethys... *deseja de comprar-vos* pera genro (Cam., Lus. 1, 16) — Qualquer dos cortezãos aventureiro *deseja ser* com fervida vontade (ib. 6, 61) — Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas (ib. 6, 54) — *Procuramos*, como proprios da terra, *de habital-a* (ib. 1, 54) — Se *pretendes*, rei alto, *de vingar-te* (ib. 3, 38) — *Só de seguir-o* o exercito *procura* (ib. 3, 67) — Ellas *prometem... de ser* no Olympo estrellas (ib. 4, 85) — *Determinei de* assi nos *embarcarmos* (ib. 4, 93) — *Tirar* Ignez ao mundo *determina* (ib. 3, 123) — *Determinei* por armas *de tomal-a* (ib. 5, 53) — A que novos desastres *determinas de levar* estes reinos (ib. 4, 97) — *Determinam* *matal-o* em fim de tudo (ib. 10, 116) — *Prometiam de* o *fazer* (Vieira, Serm., 8, 407) — Nova ley que elrey não só promulgasse, mas *jurasse de a cumprir* (ib. 8, 232) — Eu vos *prometo de* vos *compor* um cantico novo (ib. 9, 427) — *Resolveu de acabar* com o homem e *tiral-o* da face da terra (ib. 9, 239) — *Tinha resolutu de* não *tratar* mais daquelle convento (ib. 9, 191) — Nem [sei] que conta *esperam de dar* a Deus (ib. 9, 471) — Eu te *prometto de* te *favorecer* toda a vida (Bern., N. Flor. 3, 8) — *Jurou de* nunca mais *vestir* armas (ib. 3, 196) — Has de *jurar de* não *descobrir* isso a pessoa alguma (ib. 1, 410) — Eu *proponho de* a *guardar*, ajudando-me vós cõ vossa opportuna graça, e *de fazer* quanto em mi for, porque todos os homens a guardemos (Bern., I. e C. 432).

> Reconhecendo-se a inutilidade da particula entre o verbo transitivo e o infinitivo-objecto, foi esta desaparecendo do uso, nuns casos mais cedo, noutros mais tarde, até que por fim se fixou a linguagem hodierna, a qual, depois de qualquer dos mencionados verbos, só emprega o infinitivo puro como equivalente do objecto expresso por substantivo ou pronome.

Com o verbo *começar*, igualmente transitivo, prevaleceu, pelo contrario, a pratica das construcções discordantes, dizendo-se *começo o trabalho* e *começo a* (ou *de*) *trabalhar*, sem haver alteração semantica no verbo commum ás duas frases. Que á linguagem de outrora já deveria parecer dispensavel a particula, verifica-se por

vários exemplos do portuguez antigo e pelos muitissimos passos de João de Barros:

Começa singlar esta noyte (S. Amaro, 510) — *Começou fazer* suas orações (S. Josaph. 31) — *Começou fazer* vida solitaria (ib. 37) — *Começou servir* Nosso Senhor (ib. 48) — *Começou tirar e dar* com ssua espada grandes golpes (L. de Es. 54) — *Começando descobrir* (Barros, Dec. 1, 1, 13) — *Começaram lograr* as novidades (ib. 1, 1, 7) — *Começou todo correr* (ib. 1, 1, 11) — A gente *começou entrar* (ib. 1, 7, 5) — *Começam ventar* os ponentes (ib. 1, 7, 4) — *Começaram despende* sua palavra (ib. 1, 7, 11) — Já *começavamos chegar* ás portas do mar Roxo (ib. 1, 8, 1), etc.

Sem duvida que a par destes exemplos occorrem outros, em numero muito maior, de *começar de* e *começar a*.

Vozes activa, passiva e medial

O sujeito de verbo transitivo pode ser considerado não sómente como ponto donde parte a acção, mas ainda como o ponto para o qual a acção se dirige; e neste segundo caso se empregará o verbo no participio do preterito combinado com o auxiliar *ser*. Diz-se então que o verbo denotador da acção está na voz passiva, e que o sujeito é paciente, como nesta frase — *a ave foi ferida pelo caçador*; e chama-se, pelo contrario, voz activa, com sujeito agente, á conjugação simples, como em — *o caçador feriu a ave*. Por extensão, diz-se que está na voz activa, ou que tem forma activa, todo o verbo usado nos diversos tempos e modos da conjugação simples. Esta classificação facilita o estudo das formas, mas nem por isso se harmonisa sempre com a significação do verbo. *Andar, fugir, ir, voar* e outros intransitivos representam actividade em que o sujeito é, como nos transitivos activos, verdadeiro agente; porem em *padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar*, não se revela nenhuma actividade da parte do sujeito. São actos que nelle se consummam, estados pelos quaes passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Est'outros intransitivos, ainda que tenham forma activa, aproximam-se pois, quanto á signi-

ficação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos activos.

Resta a considerar a terceira forma typica, sob a qual se apresenta ou pode apresentar o verbo. É aquella em que o conjugamos com o pronome reflexivo. É a forma intermediaria entre a voz activa e a passiva. Cabe-lhe por isso a denominação de voz media ou medial, que abrange as funções de reflexividade, reciprocidade e outras que vamos examinar.

Occorrem a cada passo em portuguez, como em outros idiomas, verbos acompanhados do pronome reflexivo. Servindo occasionalmente aos verbos transitivos, e usualmente a alguns dos intransitivos, o pronome vem a exercer funções differentes. Verifica-se aqui mais uma vez a deficiencia da linguagem, a desproporção entre os limitados meios de expressão e a variedade de conceitos e cambiantes de conceitos que nos importa exprimir.

A mais palpavel confusão que a linguagem faz, mas a intelligencia desfaz pelo encadeamento das idéas, consiste em utilizar-se ella das mesmissimas formas pronominaes *nos, vos, se* tanto para a reflexividade como para a reciprocidade. Não raro temos por de bom aviso accrescentar termos esclarecedores, como em *honramo-nos a nós mesmos* e *honramo-nos uns aos outros*.

Pondo de parte a hypothese da reciprocidade, nota-se facilmente que o verbo transitivo accrescido do pronome *se* pode exprimir situações differentes. Se dissermos por exemplo *Pedro, querendo matar-se, só conseguiu ferir-se*, significarão ambos os infinitivos actos rigorosamente reflexos, actos que, em lugar de se dirigirem para algum ser exterior, seguiram sentido contrario, praticando-os o sujeito sobre si mesmo. Mas nest'outro pensamento *Pedro, atravessando o jardim, feriu-se nos espinhos das roseiras*, já o acto de ferir não emana do sujeito, e queremos significar apenas que elle ficou ferido.

Usam-se para um e outro fim, alem de *ferir-se*, os verbos *arranhar-se, molhar-se, sujar-se, machucar-se, afoagar-se* e varios outros.

Muitos verbos porem têm significação de tal especie que, conjugados pronominalmente, não se prestam a

ser interpretados como se executasse o sujeito algum acto reversivamente sobre a propria individualidade. *Espantei-me, enganei-me, convenci-me, enfadei-me, aborreci-me, zanguei-me*, só podem equivaler a «fiquei espantado, enganado, convencido, enfadado, zangado, aborrecido». A forma reflexa vem aqui dizer que o mesmo effeito que o sujeito, como agente, produz em outros individuos, se produziu inversamente nelle por uma causa qualquer do mundo exterior. Estes verbos conjugados pronominalmente têm de commum com uma serie de verbos intransitivos essencialmente pronominaes, o significarem sentimento. Por outras palavras para expressar o sentir zanga, medo, vergonha, piedade, arrependimento, etc. soccorre-se a linguagem de verbos pronominaes, ora de um typo, ora do outro: *angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se, amedrontar-se, espantar-se, passar-se, enthusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, amercear-se, condoer-se, commiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se* etc.

O estado d'alma pode despertar impulsos, e assim o sentimento virá a manifestar-se exteriormente por alguma actividade. Verbos pronominaes, neste caso, têm significação activa, denotando o pronome reflexivo a pessoa vivamente affectada. Taes são: *gloriar-se, vangloriar-se, jactar-se, ufanar-se, gabar-se, atrever-se, lamentar-se, queixar-se, obstinar-se, lastimar-se, desabafar-se* etc.

Não é comtudo verdadeira a reciproca desta regra. A linguagem tem caprichos. Dizemos *atrever-se*, ao passo que o seu synonymo *ousar* se usa sempre na forma activa.

Actos materiaes, em geral movimentos, que o sujeito executa em sua propria pessoa iguaes aos que executa em cousas ou em outras pessoas, ou de que resulta effeito identico ao dest'outros actos, dizem-se dando aos respectivos verbos transitivos a forma reflexa: *levantar-se, sentar-se, deitar-se, atirar-se, arremessar-se, dirigir-se, encaminhar-se, acolher-se, arredar-se, vestir-se, despir-se, ajoelhar-se, alçar-se, erguer-se, coçar-se, pentear-se, abaixar-se, preparar-se, afastar-se, apartar-se* etc.

Verbos desta especie dispensam por vezes o pro-

nome, como *mudar* ou *mudar-se* (para outro lugar), *ajoelhar* ou *ajoelhar-se*. Dos seguintes exemplos colligimos que, em dialogos, certos verbos podem repetir-se omitindo emtanto o pronome reflexivo:

VILHALP. I: Não tẽ queres calar; *recolhamo-nos*. PAJE: *Recolhamos*, que enfim sempre ouvi dizer que melhor era o meu que o nosso. (Sã de Mir., 2, 266) — Disse o peregrino: *assentemo-nos* ao longo desta fresca ribeira... *Assentemos*, disse o religioso (H. Pinto, I, 86) — *Ergamo-nos* e caminemos [disse o peregrino] ...*Ergamos*, disse o religioso, e caminemos. (ib. 1, 140) — E porque isto he noite, *recolhamo-nos* para o lugar que daqui está parecendo logo alem desta ribeira (disse o portuguez). *Recolhamos*, disse o italiano, pois se nos encubriu de todo a clara luz do sol (ib. 1, 398) — Como (disse Antonio) nam *se chama* v. m. Joam d'Eyro? Si *chamo* (respondeo elle...) (Luc. 1, 363) — Ou nós não entendemos que cousa he justiça, ou nesta sentença *se encerra* algum mysterio? Sim, *encerra*, e muito grande (Bern. N. Flor. 3, 200).

Os actos expressos pelos verbos na forma reflexa referem-se, uns unicamente a pessoas, outros a pessoas ou a animaes, outros a entes animados ou inanimados, outros, finalmente, só a entes inanimados. Merece, alem disso, attenção a linguagem figurada, em que nos referimos a plantas e a seres inertes como se fossem dotados de vida animal e executassem movimentos proprios de homens e animaes. Neste exemplo de Herculano *o rio cobre-se com o seu manto de nevoas*, o sujeito *rio* está personificado, e o verbo tem rigorosamente o mesmo sentido que teria se falassemos de um rei que se cobre com o seu manto de arminho. Nem menos audaciosa se revela a imaginação nest'outra frase *a palmeira ergue-se activa*, onde se troca um verbo de situação vulgar por outro de movimento para produzir a impressão de altura grandiosa.

Nas frases seguintes e em outras do mesmo genero, em que o verbo, tomado na accepção propria, tem para sujeito um nome de cousa, a voz medial significa que a acção se executa por si mesma no objecto de que se fala:

O predio incendiou-se, a vida extinguiu-se, a luz apagou-se, a agua congelou-se, o gelo derreteu-se, o leite estragou-se, a arvore desfolhou-se, o veu rasgou-se, o vestido descoseu-se, a nuven desfez-se, a parede fendeu-se, a epidemia alastrou-se, a taboa despregou-se, o ro-

chedo despenhou-se, o galho bifurca-se, a flor abriu-se, o tronco partiu-se, a agua sumiu-se, o navio perdeu-se, a retina descolou-se, a pupilla dilatou-se, a ferida abriu-se.

E' como se dissessemos *ficou incendiado, ficou extinta, apagada, congelada, etc.*

Nestas frases os verbos na forma medial denotam actos espontaneos, sem agente ou causa apparente. A linguagem, aproveitando-se desta facilidade, torna o mesmo processo extensivo a casos de outra especie e trata como se espontaneos fossem actos emanados de agente que não se quer ou não se sabe mencionar. Tal é a origem de *vendem-se casas, alugam-se quartos, alarga-se a rua, desbarata-se a fortuna, etc.* Mas aqui, sendo latente a noção do agente humano, costuma-se collocar o substantivo no lugar que compete ao objecto directo, isto é, depois do verbo. Algumas vezes basta trocar a ordem das palavras para alterar o sentido, como em *estraga-se a roupa e a roupa estraga-se*. E vai-se mais longe. Como se tem em mente o conceito de alguém como agente, como sujeito psychologico, não se põe dúvida em dar ao substantivo caracteres proprios de objecto e se usa o pronome *se* até com verbos intransitivos:

1. Um paço onde *se serve a Deus* he um deserto edificado (Vieira, Serm. 5, 538) — Olhos com que *se vê a Deus* (ib. 5, 372) — *Louva-se ao Deus Termino* (Castilho, Fast. 1, 149) — Por tudo isto *se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se* (Castilho, Excerptos de Bern. 2, 285).

2. E' fraquza *desistir-se da cousa* começada (Cam., Lus. 1, 40) — *Não se procede* mais na demanda (Barr., Dec. 1, 10, 2) — Na cruz *morre-se* huma só vez, no Sacramento *morre-se* cada dia (Vieira, Serm. 5, 560) — *Andava-se* de porta a porta não menos que em tres dias de caminho (ib. 5, 13) — *Creia-se* em cousas (Castilho, Fast. 1, 157) — *Acode-se* em tropel (ib. 1, 49) — *Trata-se* de salvar o imperio (Herc., Eur. 74) — *Vive-se* á luz da esperanza (ib. 135).

➤ Dos verbos intransitivos usados de ordinario na forma activa, admittem alguns occasionalmente a forma medial, accrescentando o pronome reflexivo algum conceito novo ao verbo ou exprimindo elle a acção mais energeticamente. *Elle ficou-se com a fortuna* significa que o sujeito ficou com a fortuna definitivamente para si, ou que a tomou a outrem sem intenção de a restituir; ao passo que em *elle ficou com a fortuna* o verbo tem

sentido mais vago, equivalendo por ventura simplesmente a «coube-lhe em sorte a fortuna». Ao verbo *ir*, que na forma activa denota locomoção no sentido geral, damos a forma *ir-se* quando o acto é definitivo, ou violento ou equivale a desaparecimento. Assim distinguimos *Antonio foi para o mato*, *Antonio foi-se para o mato* e *o dinheiro foi-se*.

Por estes exemplos vê-se que, sendo o sujeito um ente animado, o pronome reflexivo mostra que elle é vivamente interessado no acto que executa. O interesse consiste ás vezes na satisfação de um impulso, mostrando-se o sujeito despreocupado do mundo exterior. Tal é a causa do emprêgo do verbo medial nestes passos:

E assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, *estou-me* na minha cella (Vieira, Cartas 2, 158) — Porem Elias... *Estava-se* no seu paraíso, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade (Vieira, Serm. 1, 1112) — Eu *me vou* passando as ferias em Villa Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias toda a nossa universidade (Vieira, Cartas 1, 229) — Os peixes pelo contrario lá *se vivem* nos seus mares e rios, lá *se mergulham* nas suas grutas, e não ha nenhũ tão grande que se fie do homem (Vieira, Serm. 2, 315).

As formas *partir-se*, *subir-se* e *descer-se*, de uso frequente em portuguez antigo e na linguagem da Renascença, differiam de *partir*, *subir* e *descer* em alliaem ao conceito de locomoção o de resolução firme ou de movimento brusco. *Partir-se* emprega-se, alem disso, tambem como synonymo de «apartar-se, separar-se»:

Fazem que se atreva Fernão Velloso a hir ver da terra o trato e *partir-se* co elles pelo mato (Cam., Lus. 5, 30) — Já da real presença veneranda *se parte* o capitão pera onde peça... embarcação (ib. 8, 78) — Co elle *parte* ao caes (ib. 8, 79) — Diz que lho daria embarcação bastante em que *partisse* (ib. 8, 80) — Não *parte* o Gama em fim, que lho defende o regedor (ib. 8, 84) — Do porto amado *nos partimos* (ib. 5, 1) — Começa a embandeirar-se toda a armada... por receber com festas e alegria o regedor das ilhas que *partia*. *Partia*, alegremente navegando, a ver as naos ligeiras lusitanas (ib. 1, 60) — Isto disse, e nas aguas se escondia o filho de Latona; e o mensageiro co'a embaxada alegre *se partia* pera a frota no seu batel ligeiro (ib. 2, 89) — Antes de *me partir* para o Brasil (Vieira, Cartas 2, 221) — Estes navios *se partem* tão arrebatadamente como quem vai fugindo á morte (Vieira, Serm. 2, 277) — Põe-se a cavallo, *parte-se*

para sua casa (ib. 5, 520) — Na terra cautamente apparelhavam armas e munições, que, como vissem que no rio as naos ancoravam, nellas ousadamente se subissem (Cam., Lus. 2, 17) — Começou a chover o diluvio de Noé... *subiram-se* os homens aos quartos altos... *subiram-se* aos telhados... *subiram-se* ás torres... *subiram-se* aos montes... Postos neste estado, os homens já não tinham para onde *subir* (Vieira, Serm. 3, 293) — *Dece-se* [o rey] do trono real em que se assentavam sempre os reys, conforme o costume daquelles tempos: rasga a purpura, veste-se de hum aspero cilicio (ib. 5, 145) — A mayor fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desenganar e remedio do reyno, foy *decer-se* da magestade á alteza (ib. 13, 57).

De *rir* e *sorrir*, na forma activa, diversificam *rir-se* e *sorrir-se* em vir o riso ou sorriso acompanhado de um sentimento intimo de zombaria, gracejo, contradição, descaso ou descrença. A frase *nesta casa tudo ri* significa a pura manifestação da alegria. Troque-se *ri* em *ri-se*, e entenderemos que a alegria vem com malicia. Empregase, comtudo, ás vezes a forma activa onde conviria a forma medial. Cotejem-se os exemplos:

Disse então a Velloso hum companheiro — começando-se todos a *sorrir*: «Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro he melhor de *decer* que de *subir*». (Cam., Lus. 5, 35) — Que tarantula tomou a esse doudarraz de Minos, que *ri* ás gargalhadas? (Fil. Elysio, 19, 247) — Tam bem são nella [tragedia Astrate] manejadas as paixões que os espectadores ás gargalhadas *riem* desde o principio da tragedia até ao fim (ib. 19, 265) — E *ria-se* com a mesma alma e a mesma intelligencia, da galhofa de Gil Vicente que os herejes como Erasmo admiravam e applaudiam (C. Castello Branco, Boh. do Esp. 283) — E a cõrte de D. João 3.º, o Inquisidor, a *rir* ás escancaras (ib. 284) — Mas onde está a thaumaturga, que fez o milagre de converter este celibatario emerito, que eu conheci em Lisboa a *rir-se* do casamento? (Din. Morg. 2, 200) — Com grande espanto meu, ella olhava-me de longe *sorrindo* e na apparencia decidida a dirigir-me a palavra (Din. Ser. da Prov. 138) — *Rindo-se* das suas proprias fanhanhas (ib. 150) — *Sorri-me* á observação e continuei (ib. 156) — Se, pelo contrario, alguma cousa acontecia, que fizesse *sorrir* o filho — se as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vel-o *sorrir* tambem (ib. 168) — Dei a entender isto mesmo a Thomaz, elle *sorriu* (ib. 188) — Com o tempo falaremos [disse]. E *riu-se* (ib. 194) — *Sorri-me* da ingenuidade da confissão (ib. 196) — Apresentou-me logo á mão, que, ao cumprimentar-me, *sorriu* e me fez signal de não falar a Thomaz na carta que eu recebera della (ib. 198) — Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade; *ri-se*, diverte-se com a leitura (ib. 226).

Lembrar (a alguém alguma cousa) é verbo causativo. Diz o mesmo que «fazer alguém lembrar-se»,

«suggerir a lembrança», como em *lembrei-lhe a promessa que me fizera*. Nem sempre a causa determinante é, como neste exemplo, um agente pessoal; a memoria tambem pode ser despertada por uma cousa, um facto qualquer. Às vezes as imagens do passado acodem ao espirito como que espontaneas, sem causa apparente. Para todos estes casos costumam os escriptores portuguezes, sobretudo os modernos, utilizar-se do verbo *lembrar* na forma activa, reservando a forma medial *lembrar-se* de preferencia para o despertar de idéas resultante do esforço proprio de meditar e em harmonia com elle. No Brasil não é uso distinguir tanto. Dizemos *lembrar* quando o agente é pessoal, como no exemplo acima, e para o mais serve-nos perfeitamente *lembrar-se* «de alguma cousa» ou «de alguém». Trechos de autores lusitanos:

Lembra-me acerca do entranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos Mouros (Mend., Journ. de Afr. 2, 10) — *Lembra-me* que fui um dia a um carcere destes visitar um cativo, onde vi hum judeu mui bem disposto e membrudo (ib. 2, 12) — Comtudo lhe pediram que *se lembrasse* do que os soldados daqui pretendiam (F. M. Pinto, 3, 160) — E passando eu no caminho pela porta Appia... vendo muytos pedaços de edificios antigos... *me lembrou* que lera em Fulvio... que aquelle era o lugar... E tambem *me lembrou* que lera isto em S. Augustinho (H. Pinto, 1, 282) — Mas quando pensava que seria padre, *lembravam-lhe* aquelles que tantas vezes vira em casa da Sra. Marqueza (E. de Queiroz, Padre Am. 29) — Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar o Breviario, mas estava fatigado, vinham-lhe distrações, *lembravam-lhe* as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur, sobretudo o perfil de Amelia (ib. 69) — Diante della, ao pé della, quando a via, não *lhe lembrava* que elle era — o padre Amaro, parcho da Sé (ib. 98) — Adeus, mãe, adeus. Pense em mim e *lembre-se de...* Paulina (Din. Ser. 181) — E qual é a mãe que *se não lembra* de seus filhos? (ib.).

O contrario de *lembrar-se* é naturalmente *esquecer-se*. A par desta forma medial possuímos, para casos especiaes, a forma activa *esquecer*, usada ora como verbo pessoal, ora como verbo impessoal com o dativo do nome da pessoa a quem a memoria falha. Com esta ultima linguagem se assignala que alguma lembrança não acode de pronto ou no momento opportuno; ao passo que *esquecer* uma pessoa a outrem, esquecer cousas, actos ou sentimentos que occupavam a attenção, é cessar de

pensar, de dirigir a atenção em tal sentido, e pode equivaler a «desprezar», «não fazer caso».

Postas estas diferenças geraes como pontos culminantes, cumpre todavia advertir que na pratica podem apparecer apagadas as fronteiras entre as tres maneiras de dizer. Assim, falando de algum objecto que, por desatenção e contrariamente ao desejo, se deixa de levar a outro sitio, emprega Din. Ser. da Prov. 155 o verbo na activa: *Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa*, o que é differente de *esquecer estudos*. Outras vezes, onde podia estar *esquecer alguma coisa a alguém*, escreve-se de preferencia *esquecer-se alguém de alguma coisa*. Esta linguagem é a mais usada no Brasil.

Exemplos portuguezes com os tres typos de linguagem:

Aquella sombra, ou antes aquelle corpo... afastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janelas com escrupulosa atenção; porem *esquecendo-se* neste exame exactamente da unica que o havia trahido (Din. Serm. da Prov. 133) — E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscencia das passadas scenas, que tão profundamente me fazia *esquecer* tristezas e alegrias presentes (ib. 136) — Talvez que essa idéa *esquecesse* (ib. 144) — Respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta que por insignificante *me esqueceu* (ib. 157) — O medico e o abbade *esqueceram* por um pouco a reciproca antipathia (ib. 163) — *Esquecer Thomaz!* (ib. 176) — *la-me esquecendo* participar-lhe que me formei em medicina (ib. 186) — E *esquecendo* toda a etiqueta, levantou-o ao ar como lhe fazia em criança (ib. 190) — E *esquecendo* até o habitual laconismo (ib. 193) — Agostinho *esquecera-se* de comer (ib. 235) — Ao ouvir estas palavras, Augusto *esqueceu* toda a hesitação (Din. Morg. 2, 256) — Não *lhe* podiam *esquecer* as claras eiras (E. de Queiroz, Am. 32) — Ás vezes mesmo *esquecia-se* de marcar (ib. 68) — Se ás vezes ao deitar *lhe esquecia* uma Salve Rainha, fazia penitencia no outro dia (ib. 74) — E não podia *esquecer* aquelles beijos de noite no pinheiral serrado (ib. 85) — Resolvia então *esquecel-a* (ib. 104) — Veja lá, não *lhe esqueça* alguma coisa, sr. parochó (ib. 137) — *Tel-a-ia esquecido?* (ib. 146) — Desejou *esquecel-o* [ao padre Amaro] (ib.).

Adverbios:

especies, formas e significação

O adverbio é um vocabulo determinativo do verbo, do adjectivo ou de outro adverbio. Acrescenta a estas outras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem comtudo exercer, como o accusativo, o dativo e o objecto indirecto circumstantial (veja pag. 184), função puramente complementar.

Dos adverbios latinos, originados, na maior parte, de nomes ou pronomes, poucos passaram ás linguas romanicas. Enriqueceram-se estas todavia com algumas formações desconhecidas do latim literario, com varias creações novas e, em especial, com os adverbios em *-mente* que se tiram de adjectivos. Esta terminação nada mais é do que o ablativo do lat. *mens*, v. g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste typo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um suffixo derivativo.

Innumeraveis são as locuções adverbias resultantes da combinação de preposições com substantivos. Diferem dos adverbios propriamente ditos apenas por serem frases mais ou menos longas. Na pratica muitas vezes se lhes applica, por commodidade, o nome de adverbios. *Com prudencia, com energia, com brandura*, etc. equivalem a *prudentemente, energicamente, brandamente*, etc.

Por este processo de combinar preposições com substantivos se crearam *acima, em cima, por cima, em baixo, debaixo, para baixo, á força, por força, de pressa, com pressa, de dia, de noite, de manhan, á manhan, apenas, a gran-*

des penas (port. ant.), *de coração, de maravilha, de graça, a fio, sem duvida, por um triz, ás rebatinhas, em silencio, de corrida, no mesmo ponto, de vagar, com effeito, em verdade, a caso* (port. hod. *por acaso*), *de nenhum modo, de proposito, de industria, de caso pensado, dest' arte, desta maneira, por ventura, emfim, por fim, a giros, etc.* Escreve-se hoje ligado *arriba* (em vez de *a riba*), *acima, debaixo, emfim.*

Em algumas locuções fica subentendido o substantivo (*maneiras, maneira, moda, modo, etc.*): *ás occultas, á ingleza, á franceza, ás direitas, ás boas, ás claras, ás cegas, ao natural, etc.*

Algumas vezes, por analogia de outros adverbios, antepoz-se preposição a adverbio preexistente: *de subito* (a par de *subito*), *de repente, de certo.*

Da combinação, em periodo romanico, de preposições com outras preposições ou com adverbios procedem: *depois* < *de pos* (*de post*), *de ante, de tras* (*de trans*), *ácerca, dentro* (*de intro*), *então* (*intunc*), *assaz* (*ad satis*).

Dividem-se os adverbios segundo a sua significação em adverbios de tempo, de lugar, de modo, de negação, affirmação, de duvida, de quantidade, de ordem. Muitos dentre elles exprimem condições e circumstancias de character determinado; outros denotam conceitos capazes de augmento ou diminuição. Estes ultimos são, como os adjectivos, susceptiveis de graus de comparação.

Faremos em seguida o historico de alguns adverbios.

Adverbios pronominaes — Originaram-se os nossos adverbios *aqui, cá e lá* das formas ablativas *hic, hac* do pronome demonstrativo latino agglutinadas a outras palavras (*eccu(m), ill(e)*). *Ahi*, outrora *hi* ou *i* ainda que pareça filiar-se a *ibi*, é provavelmente o proprio vocabulo *hi(e)* com função adverbial. *Ali* procede de *illic*. Poderíamos, pois, attendendo á etymologia, classificar as formas portuguezas como adverbios pronominaes.

Alem das formas *cá e lá*, occorrem em port. ant. *acá e allá* com a variante *allóy* e, como estas têm sentido directivo, deve-se concluir que se trata aqui da junção da preposição *a* áquellas antigas formas:

Nunca ouvemos tal tempo pera fazer a vontade de aquelle que nos *aqua* enviou (S. Josaph. 32) — Temerõ-se de nõ ir elrei *allo*

aaquella festa (ib. 30) — Pois di-me, filho muito amado, como veste *acá* e que se fez de ti depois que me de ti parti (ib. 44) — El-rei Barachias foi-se logo *alla* cõ muita gente (ib. 48) — Logo foy *alla* apos elles (S. Graal, 7) — A menos de el Rei *allo* hir com seu poder (F. Lopes, D. J. 130) — Foi Nun Alvarez *alla* por fallar ao Meestre (ib. 362) — Foi *alla* muita gente pera esto (ib. 316).

O moderno *ahi* adquiriu a inicial *a* por influencia de *aqui* e *ali*. Em escriptores quinhentistas ainda se encontra a cada passo o adverbio sem a vogal prothetica. Por esta mesma epoca vogava o emprego do dito adverbio na expressão *hi aver* com significação identica ao francez *y avoir*, não sendo porem obrigatorio em portuguez o emprego da particula. Assim, a par de frases com o verbo existencial simples, apparecem exemplos como os que se seguem:

Elles movem-se com dizerem que he verdade que não *ha i* verdade. Se *hi* não *ha* verdade, logo elles nã na dizem (H. Pinto, 2, 62) — [Alexandre] ouvindo dizer a Anaxarcho que *avia hi* muytos mundos, se pos a chorar (ib. 2, 68) — *Averá hi* sinaes no sol, e na lua, e nas estrellas (ib. 2, 169) — Onde *ha i* sol, *ha i* sombra (ib. 2, 592) — Onde *ha i* muyto beber, não *ha i* segredo (ib. 2, 613).

U (*hu*), *onde*, *donde*, *aonde* — Para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedencia, serviram á linguagem antiga os adverbios *u* (lat. *ubi*), tambem graphado *hu*, e *onde* (lat. *unde*), podendo ambos fazer as vezes de pronome relativo:

Perguntou... que lhe dissesse, *hu* era o escudo, *onde* [=de que] tanto fallavam pella terra (S. Graal 33) — Soo aquella aruor sta ho muymento, *honde* saae a voz (ib. 41) — Aquel cavalleiro *honde* [=de quem] me vos fallastes (ib. 83) — E perguntou-os *honde* [=de que lugar] eram (ib. 84) — O lugar *u* pousava (S. Josaph. 15) — *U* he aquel enganador (ib. 20) — Mostra-nos a casa *u* mora (ib.).

Como porem a noção de procedencia se indicava em geral pela preposição *de*, creou a analogia o pleonasmio *donde*, o qual já em bem antigos documentos occorre ao lado da forma primitiva e com a mesma accepção. No Santo Graal lê-se:

Ataa que sayba *donde* saae estas vozes [a par de: quem soubesse *honde* estas vozes saae (59); contou-lhe *donde* era (36); *donde* veeo ho scudo (35)].

A vulgarisação de *donde*, tão expressivo para denotar procedencia, deu lugar a crer-se que o mesmo vocabulo, desprovido da característica particula *de*, era tão sómente o synonymo do adverbio *u*. A esta modificação semantica precedeu naturalmente um periodo de confusão, de que dão eloquente testemunho estes passos do Livro de Êsopo:

Pol-a [a linha] darredor da arvor *domde* a aguya tijha sseus filhos (19) — Chegou a rraposa ao pee da arvor *omde* a aguya tijha sseus filhos (18) — Levou-hos a hñu ninho *hu* estavam sseus filhos (18).

Superfluo pareceu afinal o adverbio *u*, e fadado a desaparecer. Na segunda phase do port. ant. vai escasseando o seu emprego, até tornar-se raridade na linguagem quinhentista e seiscentista, onde se nos depara combinado com o artigo sob a forma interrogativa *ulo* (significando «onde é o», «onde está o») e, até, *adullo* por influencia do superfetado *adonde*, de que adiante falaremos:

E *ulas* cavallarias que tendes para me levar (G. Vic. 3, 46) — Onde está o entendimento? *Ulo* ser e autoridade de fidalgo? (Sousa, Arceb. 1, 433) — *Adullo* o teu malvaisco, Britez filha, e o solimão? (Mello, Fid. Apr. 25) — Pois *adullos* mariolas? (ib. 52).

Ulo podia vir seguido de um demonstrativo como em G. Vic., 3, 67: *Hulos esses namorados?*

Cedido o posto do antigo adverbio ao vocabulo *onde*, nem por isso se mostram d'ahi por diante convencidos os escriptores de que o termo sem algum reforço preposicional basta sempre para indicar o que o lat. *ubi* indicava; e assim *aonde* e *donde*, só ou augmentado em *adonde*, passam a usar-se tambem como synonymos de *onde*.

Exemplos quinhentistas:

Poderia passar a gente nos bateis das naos a outra banda do rio, *donde* a fortaleza está situada (Mend., Jorn. de Afr. 1, 40) — Na casa *donde* estes homens estavam com o capitão (ib. 1, 98) — Tornando ás tendas *donde* passámos a noite (ib. 1, 99) — *Donde* estará ella agora? (J. Ferr., Ulys. 357) — Verás a ultima terra *adonde* viviam tres irmãs (Castr., Ul. 7, 71) — Num aposento *adonde* repousando em alto

sono a Gorgoris achava (ib. 8, 13) — Undoso leito, *donde* repousava o mar (ib. 1, 30).

Exemplos seiscentistas :

Nem o será nunca *aonde* a ley e a religião não for a mesma (Vieira, Serm. 8, 486) — Isto acontece *aonde* falta a resolução (ib. 8, 486) — E logo me ausentey daquelle lugar para este *aonde* agora me vedes (Bern., N. Flor. 2, 75).

Abundantes exemplos de *aonde* por *onde* encontram-se em Vieira, Serm. 14, 130-131 :

Roma, *aonde* os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos... em outras cidades e côrtes do seculo, *aonde* o costume dos vicios se fez ley — No inferno, *aonde* todos são maus, nenhum se envergonha dos outros — Porque ha de envergonhar-se hum demônio, *aonde* todos são demônios, e hum condemnado *aonde* todos são condemnados? — *Aonde* a cobiça... se tem por fortuna, e se inveja, quem se envergonhará de ser aváro? — *Aonde* a maior arte he o engano... quem se envergonhará de mentir?

Exemplos setecentistas :

Por saber *donde* habite, ou quem seja ella, seguiu, voando, os passos da donzella (Durão, Caram. 4, 7) — Nem cuidio que outro [terreno] visses mais ameno, nem *donde* com mais gosto a gente viva (ib. 6, 176) — E na escura caverna, *adonde* Jove [outro espirito] espalha a luz tremenda (ib. 1, 10).

Donde e *adonde* foram usados tambem com significação directiva :

Leva-me *adonde* reynas (Bern., L. C. 500) — Levanta o coração *adonde* és chamado para a eternidade (Bern., N. Flor. 2, 75) — Sobee até *donde* quer (Mello, Ap. Dial. 272) — São como mercadorias, que segundo a parte *donde* [= para onde] se encaminhão, valem ou não valem (ib. 272).

Muito dignos de ser notados são estes passos de Mello, Ap. Dial. :

FONTE V. Emfim, *donde* [= para onde] o levão agora?

SOLD. A deytallo no mar como cisco, ao que suspeito (272) — *Donde* [= onde] os não houve? (279) — AUTH. *Aonde* [= onde] forza ha, direito se perde. — BOCALINO. E ás vezes *onde* não ha forza (299).

Do dialogo á pag. 8 do Fidalgo Aprendiz, do mesmo autor, conclue-se que *donde* são? equivale a *unde sunt* e *donde* estão? a *ubi sunt*.

Apesar de todos estes exemplos e outros que deixamos de mencionar, prevaleceu a doutrina de considerar taes casos como applicação secundaria ou impropria dos adverbios *onde*, *donde* e *aonde*, cabendo-lhes expressar respectivamente a noção locativa, a de procedencia e a directiva. O port. literario hodierno cinge-se a esta regra e não toma para modelo exemplo classico que, por ventura, della se afaste.

Porende, porém — Filiados ao adverbio latino *proinde* e respectiva forma abreviada *proin*, usam-se na antiga lingua portugueza, *porende* e *porém*, tendo ambos o sentido de «por isso»:

E vay-se tam toste que o nom poderedes já oje acalçar. E *porende* vos louvaria de ficardes (S. Graal, 116) — Comendo do fruito que lhe elle defendera, e *porẽ* foi tirado e lançado do paraiso terreal (S. Josaph. 10) — Quando elrei esto ouviu, sospeitou que algũa sanha ouvera delle o infante, e que *porẽ* se partira delle (ib. 18) — Destruio pois *porende* o castello (S. Graal, 90) — Me parecem poucos; *por emde* tornei pera me dardes mais vassalos (F. Lopes, D. J. 17) — [O Meestre disse] que nom compria a seu serviço de se desavirem a tall tempo: e que *porem* lhe rrogava que em tall sazom nom ouvesse com eilles desaveemça (ib. 361).

Deu o uso geral a preferencia ao termo mais curto, de modo que *porende*, cada vez mais raro, acabou por extinguir-se, ficando desconhecido do port. mod. Mas a palavra *porém* não penetrou na linguagem da Renascença sem uma notavel transformação semantica. Em vez de significar «por isso», «por essa razão», passa a dizer o mesmo que «mas», «apesar disso», «comtudo». Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo acto, para denotar opposição de idéas ou pen-samentos. O primitivo adverbio transmuda-se em conjunção adversativa.

Ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por ellas que principiou a transição semantica. Cotejem-se com a linguagem antiga certos passos do falar moderno, nos quaes, sem prejudicar o sentido, se poderia substituir *não porém* por *não por isso*, ou *nem por isso*:

Forom feridos... *nom porem* de perigosas feridas (Zur. Guiné, 452) — E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, *não*

desfalleceu *porem* em sua firmeza, mas foi hum natural pejo (Mend. Journ. de Afr. 2, 129) — A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas *não* quebraram *porem* os duros animos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra (ib. 2, 122).

A origem adverbial de *porem* dá a razão da possibilidade de collocar-se esta palavra no meio e, até, no fim da oração, lugar improprio das conjunções:

O forte Baçaim se lhe dará, não sem sangue *porem* (Cam., Lus. 10, 61) — Dizem. Eu não o creio *porem* (Garr., Viag. 1, 68) — O floreo nome não te engane *porem* (Castilho, Fast. I, 93).

Operada a alteração semantica, só pela lei de inercia se explica o continuarem os quinhentistas a empregar as linguagens e *porem*, mas *porem* nas orações adversativas. Leitores modernos dos Lusíadas attribuiram a segunda expressão a liberdade poetica, deslize ou cousa que o valha. Sem razão; ella occorre mui frequentemente em João de Barros e outros e, até, em Fernão d'Oliveira. São deste grammatico os exemplos seguintes:

Desta letra *q* parece Quintiliano duvidar... a quem segue Diomedes, *mas porem* Marçiano diz outra cousa, e comtudo os latinos aperfiem comsigo (40) — *Mas porem* para saber todas estas cousas require-se ler e ver muyto (66) — *Mas porem* podemos saber (70) — *Mas porem* se achassemos hũa cousa nova (83) — *Mas porem* dos nossos e tirados ha hi alghũs que não seguem a regra que demos (98) — *Mas porem* dos verbaes... tiraremos isto (ib.).

Posto que a differença de significação do vocabulo *porem* seja um dos caracteristicos entre a linguagem antiga e a moderna, cumpre notar que no antigo falar já podiam occorrer, de quando em quando, frases em que *porem* teria o sentido que se lhe dá hoje, como nestes exemplos:

Nom embargando esto que assi he dito... algũs *porem* teem oppenion que amballas cousas que dissemos... neeste feito concorrerom (F. Lopes, D. J. 330) — Era hũu homem pequeno de corpo, de boas feições *poremde* (ib. 314).

Pois, depois — Da particula lãtina *post* procede a forma portugueza *pois*, usada a principio como adverbio e logo como conjunção. Ao adverbio simples não tardou a preferir-se a forma reforçada *depois* e tambem *despois*.

Existem comtudo na linguagem antiga exemplos da forma simples empregada com função adverbial e tendo o sentido de « mais tarde »:

Quando el esto ouvjo, sayo e foy-sse ao paaço. E *pois* achou eu filho com gram companhia de cavaleiros que vjnham com elle do orneo (S. Graal 52) — E fez logo hũa promessa que em toda aquella lemanda nom comesse senam pam e agooa; e teve *pois* esta promessa muy bem (ib. 119) — Em tam foy a seu cavallo e cavalgou: leixou o cavaleyro e a donzella que bem fizeram *pois* quanto pro- neterom (ib. 121) — Daquel cavaleyro e daquella donzella sayo *pois* icanor o grande, boo cavaleyro, que matou meragis (ib. 121).

Talvez — Antigamente, quando não havia plena certeza da veracidade de um facto, era costume inserir a ressalva *por ventura* na informação que a outrem se dava. Hoje damos preferencia a *talvez*, tendo-se perdido de todo o sentimento da accepção primitiva deste dizer. Não reparamos, sequer, na juxtaposição *tal vez*, com que se lenotaria, não a duvida por parte do individuo informante, mas um conceito de tempo referido ao verbo da oração.

Tal vez foi a principio, de facto, nada mais que um adverbio de tempo, significando « certa vez » « alguma vez », « uma vez por outra »:

Deus nosso Senhor no Testamento Velho commummente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac e a outros. E *tal vez* fallou de hũa çarça, como a Moyses; *tal vez* de hũa tempestade como a Job (Vieira, Serm. 12, 75) — Daqui naceu o ditado los marcantes, que *tal vez* basta hum pão para fazer cem leguas, e *tal vez* para fazer huma legua não bastam cem pães (ib. 8, 176) — Muitas vezes passava os tres e os quatro dias, e *tal vez* a semana inteira, sem comer bocado (ib. 8, 184) — *Tal vez* convem a afabilidade com o amigo... e *tal vez* convem... mostrar-se austero ainda ao igual (Mello, Ap. Dial. 148) — *Tal vez* succede que a mãe ama com maior excesso o filho de que teve peyor parto (ib. 405) — Agora nos parecem altos montes, agora soberbos edificios; *tal vez* rios caudalosos, e *tal vez* fresquissimos arvoredos (ib.) — Algumas [testemunhas le vista] juraram que *tal vez*, dizendo-se missa, succedeu florecer a casula e o calix, com que o sacerdote a dizia (Bern. N. Flor. 2, 321) — Hião amontoados [os cadaveres] em grandes carroças... e pendurados braços, pés e cabeças, que *tal vez* se despedaçavão entre as rodas. Não havia mortalha bastante, e andavão estas ás rebatinhas. *Tal vez* se vio hũa criança ainda viva puxar pela teta da mãe já morta (ib. 3, 74).

Nos Sermões de Antonio Vieira ha muitos exemplos como os precedentes, mas tambem já apparecem

outros em que a expressão adverbial pode ser interpretada no sentido que se lhe dá hoje. Isto quer dizer que já então se vinha operando a evolução semantica. *Tal vez* referido, a principio, sómente á incerteza da epoca dos successos, passava a applicar-se á incerteza da realidade dos mesmos successos. Sem embargo desta evolução, perduraram ainda longo tempo reminiscencias do antigo uso.

No Caramuru de Santa Rita Durão (1781) depararam-se-nos os exemplos seguintes:

A lingua aprendem, recebendo alimentos commutados pelas especies que ao gentio vendem; *talvez* os tem co'a cithara encantados, *talvez* com cascaveis todos suspendem; mas o objecto que a vista mais lhe assombra é ver dentro do espelho a propria sombra (6, 67) — De ouro fino os cabellos pareciam... e uns dos outros *talvez* se dividiam, e outra vez um com outro se enredava (10, 3).

Embora — Posto que a instituição dos oraculos e agouros estivesse morta desde muito tempo, perdurou na era medieval, e ainda na idade moderna, a crença de que o exito dos actos humanos dependia da hora em que eram apprehendidos. D'ahi o costume de se accrescentar a frases optativas ou imperativas, por sinceridade, ou mera cortezia; a locução *em boa hora*. Se dominava a má vontade para com outrem, e convinha manifestal-a, recorria-se, pelo contrario, ao agouro *em hora má*.

Entre gente menos educada a necessidade de desabafar o malquerer era tão imperiosa como a de expressar desejos bons; e o frequente uso de *em hora má* na boca do povo teve por effeito não sómente conglumar-se a locução em um só vocabulo, mas ainda ficar este alterado e desbastado em *eramá*, *ieramá*, *aramá*, e transformado, até, em *amará*. Comedias e farças do seculo XVI consignam estes plebeismos. *Amara* (leia-se *amará*) occorre em Gil Vicente 3, 73 (2 vezes) e 3, 74.

O agouro benevolente enunciado pela formula *em boa hora* entende-se claramente de passos como os seguintes:

Vamos *em boa hora* nosso caminho (Zur., Guiné 337) — Que dissesse *em boa hora* o que lhe aprouvesse (ib. 186 — Venhaes *em boa hora*... e nam perdocas a minhas orelhas, porque já entendo ao que vindes; avezado sou a ouvir cousas que me dão pena (Arr. 555).

Fundiu o uso as tres palavras em uma só, *embora*, sendo adoptada sem o minimo escrupulo pela linguagem literaria. Deixando em silencio, por desnecessarios, outros muitos exemplos de escriptores antigos e modernos, mencionarei apenas isto de Vieira: *Vay-te embora, ou na má hora* (Serm. 1, 208).

Tornou-se usual acompanhar a forma imperativa de *ir* e *vir* dos votos de bom exito. Esta noção, comprehendida no adverbio *embora*, desluziu-se da consciencia hodierna, que confusamente descarrega nelle o conceito de «afastamento», como se os verbos não dissessem já a mesma cousa. Com este criterio, e desconhecendo-se o sentido que outrora teve o adverbio *embora*, torna-se intelligivel o seu emprego junto a verbos que denotam repouso, v. g. em Vieira, Serm. 11, 422:

Queria Christo introduzir o Sacramento, e lançar fora o cordeiro da Ley, e para isso permittio que o cordeiro estivesse *embora* na mesma mesa com o Sacramento: que desta maneira se desterram com suavidade as sombras das leys velhas... Estejão agora juntos o Sacramento e o Cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o Sacramento.

Não se usou este adverbio sómente para augurar bem ou desejar hora propicia ás empresas humanas. Introduziu-se tambem em orações optativas e outras para denotar que se concede a possibilidade do facto, ou que o individuo que fala não se oppõe ao seu cumprimento. Da alteração semantica dão testemunho os seguintes passos:

Ria *embora* quem quizer, que eu em meu siso estou (G. Vic.)
 — Respondeu por vezes que morressem *muito embora*, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, Cart. 1, 118) — O que está mais longe perca-se *embora* (ib. 1, 463)
 — As promessas do premio dilatem-se *embora* (Vieira, Serm. 2, 395)
 — Honrem-se *embora* com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação (ib. 5, 360) —
 Mate-me *embora*, contanto que seja imperador (ib. 5, 466) — Mas Francisco Xavier, venha-lhe *embora* a tentação dormindo, que dormindo e acordado, sempre está seguro (ib. 8, 104).

Desta pratica veio o transformar-se, em port. hod., o adverbio *embora* em conjunção concessiva, mudando-se naturalmente a contextura das orações. A principal pas-

sou a servir de subordinada, e a correlata despe-se da particula *que*, convertendo-se em principal, dizendo-se v. g.: *embora honrem essas arvores os seus montes, os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação.* Em Filinto Elysio 14, XIX já se encontra: *embora cumpra o traductor com esses tres deveres.*

Adverbios extintos

Alguns adverbios do falar antigo cahiram em desuso, acabando por ficarem de todo esquecidos, em virtude da concorrência triumphadora de outros dizeres de significação equivalente.

Suso, a suso; a juso*) — Correspondiam os dous primeiros ás modernas dicções *acima, para cima*, ao passo que o terceiro exprimia a noção opposta de *abaixo*:

De X maravedis *a ssuso* dem 1 maravedi, e de X maravedis a *iuso*, dem meio maravedi. (Foros de Santarem 1179, ap. Port. Mon. Hist. L. et Cons. 404) — Aquel de que *suso* falamos (S. Josaph. 40). — Depártiam todas aquestas decimas e todas aquestas outras cousas, assi como *suso* é nomeado. (Tesiam. de Aff. II, 1. c. 16).

Estas expressões eram geralmente usadas na primeira phase do port. ant., mas ao mesmo tempo já se iam insinuando na linguagem *a cima* e *em fundo* para supplantal-as de todo mais tarde:

De dez maravedis *a cima* dem huum maravedi, e de dez maravedis *a iuso* meyo maravedi. (Foros de Beja, ap. 1. c. 641) — Pagem os direitos reaes... como *em fundo* som scritos (ib. 610).

A fundo, em fundo — O periodo aureo do dominio das locuções adverbias formadas com o substantivo *fundo* estende-se do seculo XIV ao seculo XV:

O lobo da parte cima, e o cordeyro... da parte de *fundo* (L. de Esopo 10) — A rrã tirava *pera fundo*... e ho rrato tirava *pera cima* (ib. 11) — Vjrom vyr huũ cavalleiro *por fundo* da ribeyra (S. Graal 15) — Deçeo *afundo* e cavallgou (F. Lopes, D. J. 23) — Como o Bispo de Lixboa e outros forõ mortos e lançados da torre da See

*) De *juso* conservamos ainda o derivado *jusante*, que significa «baixa-mar».

afumdo (ib. 23) — Que tardada he essa que vos Ia fazees, que nõ deitaees esse treedor *afumdo*? (ib. 25) — Sahiu Nun Alvarez a folgar pela praya *afumdo* (ib. 63).

Posto que andasse em uso a palavra *baixo* e o seu derivado *abaixar* (*encobrirom-se os de cavallo e os de pec em luũ baixo*, F. Lopes, D. J. 170; *abaixarom as lamças*, ib. 159), as locuções *em baixo*, *para baixo*, servindo de adverbios eram em todo o caso no seculo XV ainda metaphoras arrojadas que vinham apparecendo rara e furtivamente.

Entre numerosos exemplos de *a fundo* do Livro Vermelho de D. Affonso V (Coll. de Ined.), depara-se-nos um de *abaixo* a pag. 477. Fernão Lopes, D. João, pag. 16, arrisca o adverbio *embaixo*, voltando porem logo ao *em fundo*:

E corremdo assi com grande prazer, descoseo o vento os sinaes de Portugall que hiam *em baixo* e ficaram pendurados... E disserom a ElRei que nom era bem de os sinaes de Portugall andarem assi *em fundo*.

Dos quinhentistas em diante, em vez de *em fundo*, *a fundo*, etc., não se diz senão *embaixo*, *abaixo*, etc.

Acima, em cima — Se consideramos sómente o conceito de lugar superior, que ainda hoje denotam, evidentemente não devem figurar estes adverbios na lista das dicções cahidas em desuso. Mas o substantivo *cima* se usou, durante algum tempo, para significar a parte terminal de alguma cousa não sómente no sentido da altura, mas ainda no sentido do comprimento, designava fim, termo em geral. Assim *dar cima* ou *cimar* = *dar fim*, *pôr termo*: *E lhe fezesse dar boa cima ao que começara* (S. Josaph., 18); *este he o que ha de dar cima aas aventuras* (S. Graal, 11); *e jará ainda hi tres annos, ante que cime sua pendenza* (ib. 136). Daqui veio a applicação secundaria, hoje desconhecida, do adverbio e locuções prepositivas, em que *cima* equivale a *fim*:

E por esto soffeo tanto que *aa cima* foi vencido (S. Graal, 103) — Depois que se conhecerom, forom muy ledos e *aa cima* acordarom-se que se nom partissom (ib. 88) — Matou Meragis... assi como este conto devisará (= explicará) *em cima* do nosso livro (ib. 121).

Toste — Chegado ao francez *tôt*, pelo seu aspecto phonetico, usou-se todavia com accepção differente. *Toste* em nosso idioma queria dizer *de pressa*:

Quando virom hir tristam assi fazendo tam gram doo e hir tam *toste*, como se corresse em pos elle (S. Graal, 72) — Entam caeu el rei em terra, er levantou-se o mais *toste* que pode (ib. 81) — Começou-se de hir tam *toste* que nom ha beesta no mundo que a alcançar podesse (ib. 83).

Asinha — De mais vitalidade que o termo precedente, que desapareceu da linguagem no proprio port. ant., est'outro synonymo de *de pressa* occorre com grande frequencia ainda na linguagem dos quinhentistas:

Nunca me pareceo quando vos tinha que vos visse mudadas tão *asinha* em tão compridos annos de tormento (Cam., Son.) — Começou ho governador de fazer a fortaleza de pedra e barro pola acabar mais *asinha* (Castanh., 4, 43) — Quam *asinha* elles e ellas fenezem (H. Pinto, 2, 240).

Estomce — Não se generalizou o uso deste adverbio no port. ant. Occorre frequentemente em concomitancia com *entom* em F. Lopes:

Entrarom *estomce* quantos quizerom (F. Lopes, D. J. 24) — Per ventura *estomce* ou depois (ib. 16) — E falladas *estomce* muitas rrazões (ib. 368) — Contra este nom seemdo ingrata, o promoveo *estomce* a alteza de grande e homroso officio (ib. 373).

Samicas (= talvez), **cajuso** (= por acaso), **a fôr** (= á moda) e outras dicções de que temos noticia pelas obras de Gil Vicente, pertencem á linguagem plebéa ou provincial, e como taes não tiveram entrada na linguagem culta dos escriptores.

Deshi — Como synonymo de *depois* e alternando com este termo, se usou em port. ant. o adverbio *desi* (graphado tambem *deshi* e *dessi*), resultante da combinação da preposição *des* com o adverbio *i* (*hi* ou *ahi*). Encontra-se ainda com frequencia em João de Barros e Heitor Pinto.

E ferio aquel meo filho... E depois ao outro, *dessi* ao terceyro. *dessi* ao quarto, *dessi* ao quinto (S. Graal, 67) — Elle partio pera Estremoz, e *desi* pera Evora, e depois pera Monte Moor (F. Lopes, D. J. 162) — Mandou lançar em cada huã seu harpeo e *deshi* começou de ferir nos Gigantes (Barros, Clar. 2, 26).

Inde, ende, en — A forma mais antiga, identica ao lat. *inde*, occorre em uma noticia de torto do tempo de D. Sancho I, publicada por Leite de Vasconcellos em *Textos Archaicos* 14, 15. A sua significação é «disso», «delles», «dahi»: *filarū-li illos inde VI casaes* (= tiraram-lhes disso seis casaes); *que desfructarū e que li nunqua inde derū quinnōs* (= lhes nunca disso deram quinhões).

Em documentos posteriores apparece o mesmo adverbio alterado em *ende*, usando-se raramente a respectiva forma contracta *en*, a qual se assignala emtanto na linguagem dos Cancioneiros:

Maravilha-s'en (Canc. Aj.) — Ei noj'e pesar *em* (ib. apud Vasc. Text. Arch. 20 e 24) — Aja *ende* a meiadade (Nunes, Chr. Arch. 14) — Assi começamos nos hir apos ella e nom nos partiremos *hende* (S. Graal, 83) — Elrey, quee era *ende* mui ledo (ib. 1) — Que mal vos *hende* verra (ib. 84) — Maravilhou-se *emde* muito (F. Lopes, D. J. 139).

Este adverbio cahiu em desuso no seculo XVI. Em algumas obras anteriores á Chronica de D. João nota-se a sua ausencia ou, pelo menos, já a extrema raridade deste vocabulo. Fernão Lopes o empregaria como archaismo por espirito conservador.

Tamalavez — Encontravel uma ou outra vez em algum autor quinhentista ou seiscentista, o adverbio *tamalavez* entra no rol dos vocabulos de emprego raro. Não se pode affirmar que é reliquia de uso anterior mais generalizado, porque faltam as provas. Com a significação de «um pouco», «um tanto», «alguma cousa» foi empregado este adverbio por Francisco Manuel de Mello:

Hora que livro bem encadernado e melhor impresso he essoutro, que está ali diante roido dos ratos *tamalavez*? (Ap. Dial. 336). — Se houver lugar podeis aqui *tamalavez* detervos com dous manuscriptos encadernados, que não parecem senão livros (ib. 388).

E do mesmo modo se interpreta o sentido do adverbio nestes passos de Gil Vicente:

Má nova he essa pera mi. Se assi for como dizes, digo qu'e-ramá cá vim. Porem esperae-me assi, fallarei *tamalavez* (1, 269) — Ide antre as nove e as dez; assoviaes vós bem, meu rei? Ou tossi *tamalavez*, que logo vos entenderei (ib. 2, 157) — S'eu trouguera mais vagar, sorrira-me eu *tamalavez* (ib. 1, 247).

Na Chronica dos Frades Menores (ed. Nunes) occorre o adverbio *malaves*, que parece relacionar-se com *tamalavez*. Nos dous exemplos apontados pelo commettador, o sentido é porem diverso. *Malaves* equivale a « apenas », « difficilmente » :

E vio aquelle fraire levantar-se e estava ferventemente em oraçom e foy levantado em no aar aquella noite tres vezes ataa altura do paço e fazia em no aar tam grande chamto e choro por alma de aquelle senhor que *malaves* foy visto alguum que a tam amargosamente chorasse por seus parentes e amigos finados (1, 57) — E o poboo dava vozes, dizendo comtra os fraires que esto era feito por arte diabolica... E aa çima [= finalmente] *malaves* amansado o poboo, [o diabo], ouvindo todos, ameaçava a frey Antonio (2, 208).

Adverbios pleonasticos

Os adverbios *logo*, *agora*, e *hoje*, occorrem ás vezes accrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo este reforço por fim dar ao adverbio mais vigor e emphase. Para o primeiro destes vocabulos permite o, falar hodierno a repetição *logo logo* e tambem certos dizeres como *logo no mesmo instante*, *logo no mesmo dia*, etc. Em port. ant. e ainda na linguaem popular do seculo XVI se dizia *logo essora* e *logo nessora*:

Mando que *logo nessora* se cumpra o que tens pedido (G. Vic., 1, 377) — Como o rato sente o gato, me sentira *logo essora* (ib. 1, 363) — Já t'eu dera hũa tamanha, que tu foras *logo essora* (ib. 3, 226) — Eu virei *logo nessora*, se m'eu la não detiver (ib. 3, 38) — Ellas [companhias] virão *logo essora* (ib. 2, 45) — I buscar asinha *logo nessora* hũa honrada lavradora de leite pera criar (ib. 3, 25).

Ao adverbio *agora* ajuntava-se pleonasticamente *est' hora*, tornando-se porem o sentido igual ao que hoje se diz por *agora mesmo*, *ha bocadoinho*:

Não falleis em Deus agora, porque está aqui Pedreanes, que chegou *agora est' hora* (G. Vic., 3, 250) — Caroto: Ha muito? [subtendente-se: que passou o rasto do ladrão?]. Draguinho: *Agora est' hora* passou por estes penedos. Eil-o aqui fresco d'agora não ha meia hora, nem creio que ha dous credos (ib. 2, 18).

O sentido de *hoje* avivava-se pelo accrescimo de *em este dia* ou *este dia*. Bastantes exemplos se colhem em Vida de S. Amaro, texto publicado por O. Klob:

O meu senhor deus que me tanta graça fez que me *oje* *é este dia* mostrou a cousa deste mudo que eu mais desejava de veer (511) — Eu cy desejos muy grandes de meus cõpanheiros de que party *oje este dia* (513) — *Oje em este dia* averedes huñ boõ ospede e de muy sancta vida (514) — E *oje em este dia* veeredes quanto *é este mudo* desejastes (515) — Que *oje é este dia* eu vejo quanto bem em este mudo cobijcey (516) — *Oje em este dia* aa hora de terça (517).

Desta antiga locução pleonastica conservou o port. mod. a dicção *hoje em dia*, a qual porem já desde o seculo XVI apparece com o sentido alterado. Em lugar de se referir sómente a um dia, passa a significar vagamente a epoca actual. Pouco usada como synonymo de *hoje em dia* é o *dia de hoje*:

Inda que a terra Santa e os lugares della estem ao presente quasi de todo destruidos, tem-se o *dia de hoje* tão particular memoria das cousas que a Escritura Sagrada a faz, que parece de fé o que contam os da terra (Arrais, 317) — Esta amizade... ha *hoje em dia* entre os varões justos (H. Pinto, 2, 288) — Muytos ha *hoje em dia*, que com verdade se podem chamar sal da terra e luz do mundo (ib. 2, 558).

Adverbios accrescidos da terminação -s

E' do dominio do falar plebeu, e não da linguagem culta, o uso de varios adverbios com accrescentamento de -s, como se se tratasse da formação de plural. Gil Vicente nas Comedias e Farças registra varios casos; entre elles figura *quiçais* e sua metathese *sicais*, não se tendo comtudo creado a metathese correspondente á forma simples *quiçá*:

Entonces vos abrirei de muito boa vontade (G. Vic., 3, 31) — E *siquaes* sereis vós minha, *entonces* veremos nós (ib. 3, 131) — Ella [a Virgem Maria] lhe promettia de lhe dar um bom castigo, que horas nunca lhe rezou, nem della *soes* se acordou (ib. 1, 140) — Nem tam *soes* para o barqueiro, não me deixaram nem tanto (ib. 1, 351) — *Quiçais* era o Sancto este Jesu Christo (ib. 1, 348) — E eu feri-me por esse chão... sem *soes* motrete de pão (ib. 1, 257) — E *sicais* andou com ella (ib. 1, 125) — Depois que a eu usar *entonces* poderá ser (ib. 3, 151).

Um unico adverbio com augmento de *-s*, *antes* por *ante*, conseguiu implantar-se na linguagem literaria atacando por cercear o dominio da forma primitiva. Deve-se a innovação, ao que parece, á influencia de alguns adverbios (*depois*, *atrás*) de significação correlata terminados em consoante sibilante. De notar é todavia que, funcionando como preposição, *ante* jamais soffreu mudança. Igualmente sem accrescimo consonantal se disse sempre o adverbio *deante*, *diante*, com sentido local, resultante de *de* + *ante*, ao passo que esta mesma combinação com sentido temporal produziu *de ante*, *de antes* e *dantes*, fixando-se estas formas augmentadas da sibilante definitivamente em port. mod. A duvida que na linguagem antiga reinava entre *ante que* e *antes que*, decidiu-a o falar moderno em favor desta ultima forma. Do antigo uso de *ante* differente do actual dão testemunho estes passos:

Os outros nom aviam ende pesar; *ante* eram mui ledos (S. Graal, 12) — Nom he direito que o outrem saiba *ante* que vos (ib. 36) — *Ante* de hora de prima (ib. 45). — *Ante* de hora de terça (ib. 54) — *Ante* ora de terça (ib. 102).

Locuções adverbias

Para os effeitos da analyse lexeologica costuma-se distinguir a locução adverbial do adverbio simples. Este é um só vocabulo, aquella é uma combinação de vocabulos, a qual tem a mesma função que o adverbio simples.

A locução adverbial é formada de preposição + substantivo, ou tambem de preposição + substantivo + adjectivo. Ha contudo certos dizeres em que se deixa de mencionar um dos termos principaes da locução.

1.º OMISSÃO DO SUBSTANTIVO:

Por se usarem frequentemente e parecerem dicções assaz intelligiveis sem a constante repetição do mesmo substantivo, dispensou-se, por economia de linguagem, a palavra *modo* em *de ordinario*, *de pronto*, *de leve*, *de li-*

geiro (*perto está de se arrepende quem julga de ligeiro*, Vieira, Serm. 2, 716) e outras semelhantes.

Em *á primeira*, da *primeira* subentende-se ora o termo *vez*, ora o termo *vista*, adequando-se este mais ao port. mod.:

Dona Enes, quando *aa primeira* veu pera a corte. (F. Lopes, D. J. 264) — Hia... desacompanhado dos senhores fidalgos que *aa primeira* consigo trouvera (ib. 292) — Husavom de seu livre poder, desdenhando quem *aa primeira* tomavõ por capitaães (ib. 79) — E foram logo *aa primeira* muito dacordo (ib. 113) — Mal fizemos! Que milhor viviamos da *primeyra* que agora (L. de Esopo 46) — O cavalleiro *á primeira* mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso (Barros, Clar. 1, 226) — Um capa em collo, que *á primeira* parecia algũa cousa, já agora não terá que despender, e parece que cahiu da forca (Sá de Mir. 2, 110).

Completa a palavra *hora* o sentido de *á derradeira*, na *derradeira* nestes exemplos:

Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, *á derradeira*, hão de ficar (G. Vic. 1, 194) — Eu não digo nada. Eu lhes fallarei lá *na derradeira* (ib. 1, 312) — E dei-t'eu a roca, Catalina, e subi em cima da pereira, e tu agora *á derradeira* jogas começo almolina (G. Vic. 1, 131) — A cristaleira e o almotacel pequeno bailarão *á derradeira* (ib. 1, 128).

Na locução *de primeiro*, equivalendo a *principio*, o substantivo que falta pode ser *momento* ou outro com o mesmo sentido:

E quando tornou, quise achegar aas reliquias, como *de primeiro* (Frad. Mend. 1, 32) — E logo, orando Santo Antonio, os cabellos hordenados foram restituídos a cabeça daquela molher asy como *de primeiro* (ib. 1, 237) — E me mandou outra vez chamar, e me fez a mesma pergunta de novo e tornala a escrever ao que respondi como *de pymeiro* (Itin. 59) — *De primeiro* tivemos o tempo tão quente e calmoso, que andavam os homens a bordo comõ na Ribeira de Lisboa. (Hist. Frag. Mar. 3, 16) — Os doentes iam melhorando, e os mais convalescendo, e já não recahiam tantos como *de primeiro*, do que parece era a causa a carne salgada assada e muito roim que comiam (ib. 3, 19) — Não teve todo o gaudio que esperou *de primeiro* (F. El. 13, 42) — Sahu mal *de primeiro*, depois menos, logo melhor; por cabo ás maravilhas (ib. 13, 278) — Segredo é *de primeiro*; depois conquistas são (ib. 13, 280) — Essas bizarras damas que *de primeiro* me tinham deslumbrado (ib. 19, 82).

2.º AUSENCIA DA PREPOSIÇÃO:

Certas locuções adverbias de tempo como *esta noite*, *outro dia*, *um dia*, *este mez*, *este anno*, *todo o dia*, *todos*

os dias, toda a noite e outras, em que o analysta dá por falta da preposição *em*, estão consagradas pelo uso e têm sentido tão definido, que este se altera, em algumas dellas, em se empregando a particula.

Não seria caso aqui de restabelecer a preposição, porque não houve desaparecimento. Em portuguez sempre assim se disseram estas locuções sem o vocabulo *em*. Facto analogo se dá em outras linguas romanicas. Vê-se bem que se trata da continuação do emprego de um caso obliquo sem preposição usado em latim e, em especial no latim vulgar, para certas expressões quotidianas.

Os escriptores quinhentistas e seiscentistas estendem esta pratica de não mencionar a particula a outras locuções de tempo, notadamente referindo-se a datas, anno, dias da semana ou do mez, ou dias de denominação particular segundo o calendario christão:

Partio-se Vasco da Gama hũa *quinta feyra* pela menhã que forão dezaseis de novembro (Castanh., 1, 3) — Partio-se hũa *sexta feira oyto dias de dezembro* (ib. 1, 3) — A qual [alma] deo a Deus a cinco horas *hum domingo* pela manhã dezesseis de dezembro (Barros, Dec. 2, 10, 8) — E partio da ilha o *primeiro de Agosto* de onze (ib. 2, 7, 2) — A primeira terra que tomaram foi a barra de Goa *dia da Assumpção de N. Senhora*, que he a quinze dias de Agosto (ib. 2, 7, 3) — A maior parte dellas partiram deste porto de Lisboa *dia de N. Senhora da Annunciação* (ib. 2, 7, 2) — Determinou-se de sahir em terra em amanhecendo *sabbado vespera* de Pascoa (ib. 2, 7, 9) — A esta lembrança nos excita a igreja catholica, quando *dia de cinza* nol-a põe na cabeça (H. Pinto, 2, 630) — Chegou a Lisboa *ho primeiro de Setembro* do mesmo anno (Castanh., 1, 48) — Não folgou nada, porque se não fiava deles pola deslealdade que tinham cometida *ho anno passado* (ib. 2, 74) — Tendo dito que *dia das Candeias de S. Pedro* se havia de desatar a sua alma do corpo (Vieira, Serm. 8, 270) — Succedeu esta batalha *dia de Pascoa da Resurreição onze de abril* de mil e quinhentos e doze (Bern., N. Flor. 1, 150).

Não tem preposição *uma vez, duas vezes, tres vezes*, etc. e sem ella podem-se dizer as expressões em que *vez* é precedido de numeral ordinal:

Perdeu *uma vez* a bolsa — E a *primeyra vez* que o embaixador foy ver ho governador, lhe deu hũas manilhas douro (Castanh., 3, 118) — Julgaram que ou a *primeira vez* que passou a linha... ou a *segunda*... lhe refervera o juízo (Vieira, Serm. 8, 298).

Valem por adverbios *rumo, via, caminho, rota batida* e outros dizeres, que, desprezada a preposição, se accre-

scentam a verbos intransitivos, como *ir*, *partir*, etc., afim de denotar direcção:

Com a qual presa *rota batida* se fez *via* do Reino (Barros, Dec. 1, 1, 10).

Da antiga locução *outra hora* formou-se o nosso adverbio *outrora*, equivalente a «em tempo passado». Esta especialização de sentido é moderna. *Outra hora* tinha significação mais literal e podia referir-se a uma hora futura:

A qual astucia foi mandar a todos seus capitães... que *outra hora* não fizessem tal cousa, senão que os castigaria (Barros, Dec. 2, 1).

Com a preposição *a* occorre esta locução em Zurara (Ined. Port. 3, 300):

Quando *a outra hora* ouverdes mester.

A negação

Com a palavra *não* enunciamos em geral o conceito negativo. Alem deste vocabulo livre, existe tambem a negativa incorporada em certas expressões pronominaes, adverbias e conjuncionaes: *nem* (do lat. *nec*, *neque* e *não*); *nenhum* (do latim *nec unus*); *nunca* (do lat. *nunquam*, *ne unquam*); *ninguem* equivalente a *não alguma*; e *nada*, que significa exactamente *não alguma cousa* por evolução semantica de um antigo particípio do verbo «nacer». O adverbio *jamaiz* usa-se em sentido negativo como synonymo de *nunca*.

Aos adverbios compete, por principal função, modificarem a idéa expressa por verbo, adjectivo ou outro adverbio. Que se usam tambem para alterar o sentido de outras palavras: alem destas, depreheende-se não sómente da criação de *nem*, *nenhum*, *ninguem*, mas ainda da collocação da negativa em frases como *não os antigos habitantes, mas os invasores são os donos da terra*. Redistribuir, em attenção á analyse, as palavras de orações deste genero, de modo que a negativa venha a ficar junto

do verbo, dá lugar a fazer-se esta objecção: E porque se recorre, em certas occasiões, á «desordem» oracional?

Quanto á presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos alem da palavra *não*, é facil de ver que não anda o raciocinio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o accumulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrario, que negar o negado equivale a afirmar; mas abre excepção — admittindo, pois, que se suspenda este raciocinio — desde que o novo termo negativo não anteceda o adverbio *não*. Segundo esta doutrina, aceita na linguagem litteraria do port. mod., é licito dizer:

Na feitoria *não* avia *nem hum* só prego, ...*nem* outra cousa *nenhũa* das que erão necessarias (F. M. Pinto, 3, 203) — *Não* tinham cousa *nenhũa* pera comerem (ib. 3, 214) — *Não* aparecia cousa *nenhũa* (ib. 3, 276) — *Não* falou mais palavra *nenhũa* (ib. 7, 277):

Differentemente de nós, e de accordo com a linguagem vulgar, os escriptores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restricções a negação dupla, e até triplice, com effeito reforçativo:

Nem eu *nom* vos faço prazer (Canc. Aj. 6) — *Nem* doo *nom* avedes de mi (ib. 218) — Posto que *nada nom* vissem (Zur. C. P. 237) — *Nenhum nom* lhe soube dizer (ib. 372) — *Nem... nom* estavam (ib. 445) — *Nenhuma não* sahisse (ib. 571) — *Nõ* digas a *nenhũu nẽhũa* cousa de teu feito (S. Am. 111) — *Nũqua* hy *morya nẽgũu* de *nẽhũa* door (ib. 111) — As gallees de Castella *nom* poderom alcançar as de Portugall, *nem* ellas *nom* quizerom aferrar com ellas (F. Lop., D. J. 231) — Que todos tivessem olho na bandeira real pera *nenhum* não tomar terra senão depois que a elle tomasse (Barr., Dec. 2, 3, 4).

Ao contrario da pratica moderna, a oração dependente dos verbos *escapar de* e *defender*, significando «proibir», ou expressão analogá, dizia-se antigamente sob a forma negativa:

Nom guardando aquel consselho de sancto agostynho em que *defende* que jamais *nom* se acoste acerca dalgũa molher. (D. Duarte, Leal Cons. 105) — E assi *escapou* o comde Joham Fernandez de *nom* seer morto (F. Lop., D. J. 7) — E por decreto publico foi *defeso* que *ninguem* navegasse (Barr., Dec. 1, 3, 11) — E quasi *escapou de* o não matarem os seus escravos (ib. 2, 6, 7) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso* ... que *nenhũu* homem de armas fosse em companhia dos mareantes (ib. 2, 3, 4) — E quasi milagrosamente *escapou de* não ser morto com toda a gente que levava (ib. 3, 7, 3).

Defender seguido de negação é linguagem usual nas Ordenações de D. Manuel:

Defendemos geralmente em todos Nossos Reynos, que pessoa algũa *nom* mate, *nem* cace perdizes, *nem* lebres (5, tit. 84) — E bem assi *defendemos...* pessoa algũa *num* mate, *nem* cace coelhos (ib.) — *Defendemos*, que *ninhũa* pessoa *nom* tenha manceba theuda em mancebia (5, tit. 30).

Com o verbo *prohibir* usou-se tambem a negativa na oração complementar:

Prohibido tinha Deos a nossos padres sob pena de morte *que nam comessem* fruita de certa arvore plantada em o Paraiso terreal (Arr. 591) — Havia outro novo e segundo decreto seu, em que *prohibia* que *nenhum* homem *nem* mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida (Serm. 11, 24).

Desusada no falar culto de hoje é a expressão negativa *até não* para significar «emquanto não». Topam-se bastantes exemplos desta linguagem em escriptores quincentistas e alguns nos Sermões de Vieira:

Mas o malvado Saul *não* descansava *até o não* matar (H. Pinto, 1, 251) — E lhes disse que elle tinha feito voto solenne e jurado... de *não* deixar aquelle cerco *até não* pôr a cidade por terra (F. M. Pinto 3, 59) — Tentou logo tornar a proseguir seu intento e effectuar o que tinha determinado, que era *não* levantar aquelle cerco *até não* ser senhor da cidade (ib. 3, 119) — Não se quiz desembarcar *nem* sabir em terra *até elle não* vir (B. Cruz, Seb. 1, 57) — Não haviam de afrouxar dos combates *até não* arrasar os muros (ib. 1, 77) — Não querem cessar estes barbaros, *até não* beberem o nosso [sangue] (ib. 1, 133) — Não hão de desistir do que começaram *até não* levarem a obra ao cabo (Vieira, Serm. 7, 124) — Nas Ilhas Baleares para costumarem as muchachas a acertar ao alvo, *não* lhe dão de almoçar *até o não* acertarem (Bern. N. Flor. 4, 11).

A negativa reforçada *nunca jamais* aceita-se hoje por boa, sendo menos conhecida a inversão *jamais nunca* (Canc. Aj. 52). Em port. ant. occorrem tambem *jamais não* e *já nunca*:

Ay terra minha madre porque te *nõ* abres e colhe-me dẽtro que *jamai nõ* viva *ẽ* este mundo? (S. Amaro 512) — *Nunca jamais* aqui venha outro semelhante (Zur. Guiné, 143) — Reynava gozando daquelle Oriente... onde *nunca já mais* anoitece (Sousa, Arceb. 2, 380) — Que... *nunca jamais* se pudesse alcançar delle que para os taes provimentos, mayores *nem* menores intercedesse por pessoa alguma (Vieira, Serm. 8, 235).

Uma das maneiras de produzir bem a impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento actual, consiste em accrescentar á expressão superlativa uma oração adjectiva em que introduzimos o adverbio *jamais*. Escriptores antigos assim como quinhentistas e seiscentistas, e, entre estes, principalmente Antonio Vieira, empregavam para o mesmo fim de preferencia a palavra *nunca*:

A melhor dona que eu *nunca* vi (Canc. Aj. 118) — Cantavã mi-lhor, que *nunca* foy homẽ que ovisses (S. Am. 122) — Ho mais rico presente que te *nunca* foy dado (Castanh. 1, 50) — Foy o melhor gen-tilho que *nunca* ouve naquella terra (F. M. Pinto, 3, 94) — A honra mais cruel que *nunca* vio o mundo (Vieira, Serm. 8, 351) — A maior e mais poderosa armada que *nunca* partio da India (ib. 8, 382) — A frota deste anno é a mais rica que *nunca* partio do Brasil, porque vai nella embarcado o Sr. D. João de Lencastre (Vieira, Cartas 2, 344) — Era o zelador mais verdadeiro que *nunca* teve a sua patria (Vieira, Serm. 2, 159) — O mais formoso theatro que *nunca* vio o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que *nunca* ouviram as academias (ib. 3, 254).

O mesmo effeito que nos exemplos precedentes se consegue dando á oração adjectiva forma positiva, mas additando-lhe outra com a conjunção *nem* e o verbo em tempo differente:

O mais perfeito amor que *ha nem* pôde haver, he o das tres Pessoas Divinas (Vieira, Serm. 3, 505) — Quero referir dous breves exemplos dos dous melhores filhos que houve, *nem* hade haver, que são Jesus e Maria (Bern. L. e C. 304).

Frequente em quinhentistas e seiscentistas, e sobretudo no vigoroso estilo de Antonio Vieira, é a inserção de *nunca*, *nem*, ou *ninguém* em frases interrogativas, como para anticipar que a resposta só poderá ser negativa:

Quem se contentou *nunca* com o primeiro desejo? (H. Pinto, 2, 67) — Quem vio *nunca* tal? Quem ouviu *nunca* dizer d'outro tal amor? (ib. 2, 185) — Viste-me *nunca* andar em demanda com ninguém, senão hũa em Santarem? (G. Vic. 3, 172) — O sal está carregado com a divida da Hollanda, e, se carregarem mais e o tabaco excessivamente, quem irá comprar um *nem* outro? (Vieira, Cartas 2, 122) — Quem poderá bastantemente considerar *nem* comprehender as infellicidades... que em si contém a desgraça geral de hũa peste? (Vieira, Serm. 2, 174) — Que poder se viu *nunca* no mundo que fizesse hũa risca no ar, e puzesse limites ao de hũa parte, para que não passasse á outra? (ib. 2, 182) — Pode haver tesouro *nem* mais precioso, *nem* mais barato? (Bern., N. Flor. 1, 209).

As alternativas negativas enunciam-se usualmente por *nem... nem...* Mas antes de nomes ou pronomes cala-se às vezes o primeiro *nem*, produzindo o segundo *nem* a surpresa de que o termo anterior também se ha de tomar em sentido negativo:

Peroo um *nem* outro nom recebeo morte *nem* ferida (Zur., D. P. 550) — Creendo que el Rei Dom Hemrrique *nem* o Principe nom aviam poder de passar (F. Lopes, D. J. 132) — Elrey meu senhor *nem* eu nom vos poderemos acorrer (ib.) — Os astrologos tratam do porvir, de que *elles nem ninguem* sabe pouco *nem* muito (S. de Mir., 2, 117) — Também vos cabe aqui ficardes *mãi* do perturbador, do falsario que *vós nem elles* creis, *nem* sois (Th. de Jes. 2, 59) — Tu *nem* algum dos homens não me podeis dar mais (Bern., L. e C. 384).

Curiosa é a presença de *nem* no seguinte passo, em que não se nega cousa alguma:

Peroo estes, *nem* outros muitos que feridas ouverom neste cerco, per graça do Senhor todos cobraram saude (Zur., P. P. 446).

A negativa aqui provem de certo de ter o autor em mente este pensamento:

Peroo estes, *nem* outros muitos nom morreram.

Caso parecido com este é o passo de Barros, Clar. 2, 194:

[Clarinda] tornou-se como num leão bravo, dizendo mil injurias a Arfila, pois tivera o atrevimento de falar a *ninguem* pela janella de sua camera.

Este *ninguem* provem de anterior prohibição de falar com pessoa alguma.

Em lugar da conjunção *ou* vem às vezes *nem* para expressar com mais vivacidade a não-existencia de alguma cousa em certa epoca:

Os convidados para o banquete da Gloria antes de viram os apóstolos, *nem* os profetas, já estavam convidados (Vieira, Serm. 3, 433) — Já estavam convidados antes de haver apóstolos *nem* profetas (ib.).

Nunca significa o contrario de «sempre». Refere-se a toda e qualquer epoca sem outra demarcação senão o ponto desde quando, se o verbo estiver no futuro; ou o

ponto até quando, se o verbo estiver no preterito. Assim em *nunca irá* equivale a «em qualquer tempo a partir do momento presente», e em *nunca foi* diz o mesmo que «em qualquer tempo até o momento presente». Por hyperbole applica-se este adverbio a um facto de duração curta e bem delimitada, para negal-o de um modo absoluto, significando *nunca* o mesmo que «nenhum só instante», «nenhuma só vez».

E sayo-se da caravella tam passamente, que *nunca* dos nossos pode seer sentido (Zur. Guiné 143) — E como quer que os moços da camara... soubessem nadar, *nunca* quiserom desamparar seu capitam (ib. 145) — O qual [Dinis Dyaz] partido com sua companhia, *nunca* quis amaynar, ataa que passou a terra dos Mouros, e chegou aa terra dos negros (ib. 158) — Pretendendo... entrar na Igreja... *nunca* poude meter o pé dentro da porta: porque quantas vezes a isso aco-mettia com toda a sua força, tantas era rebatida (Bern., N. Flor. 2. 331)

Preposições: especies, formas e significação

Ha pontos de contacto entre os adverbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente adverbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjectivo ou tambem a adverbio e modifical-os, desempenham as preposições papel analogo ao dos suffixos dos antigos casos obliquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e tambem ao infinitivo como forma nominal) para lhes accrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtem mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos obliquos da declinação latina.

A preposição pode ser representada por um vocabulo ou por uma combinação de vocabulos: *sobre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o dominio, debaixo do dominio*, etc. Havendo necessidade ou conveniencia, differencamos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo typo o nome de locuções prepositivas.

Vieram-nos as preposições parte do idioma latino que conhecemos atravez da literatura, parte do romanico; outras foram tiradas de adverbios portuguezes accrescentando-se-lhes a palavra *de*: *depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc.

Grande numero das particulas usadas na lingua mãe desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao portuguez: 1) sem modificação de forma, *ante, contra, de, per*; 2) alteradas, *ad > a; post >*

pos; *cum* > *com*; *inter* > *antre*, *entre*; *sine* > *sem*; *tran* > *tras*; *pro* > *por*; *secundum* > *segundo*; *in* > *em*, *em*; *sub* > *sob*, *so*. De *tenuis viria*, segundo alguns, *ataa*, *até*; *ti* segundo outros, *filiar-se-ia* esta particula ao arabe *hatta*. De *super* resultou *sobre*, forma esta que, em port. ant., ocorre com syncope de *r* quando seguida do artigo *lo*, *la*: *sobelo*, *sobolo* por *sobre lo*. Camões ainda se utilisou da antiga maneira de dizer em: *Ali a cabeça a flor Cefisia inclina sobolo tanque lucido e sereno* (Lus. 9, 60).

Algumas destas particulas continuaram a usar-se como em latim; outras tiveram novas applicações alem das antigas; em *tras* alterou-se completamente o sentido primitivo. Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéas tornou possível o alargamento do dominio semantico de algumas a ponto de invadirem umas o dominio das outras e se confundirem por vezes as particulas na applicação pratica. É o que passaremos a estudar.

De — *De* é a preposição empregada com mais frequencia e para fins os mais diversos. Exprimia em latim a principio afastamento no sentido «de cima para baixo», differindo de *ab* que significava afastamento no sentido horizontal. Executando-se porem na pratica os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se o sentimento rigoroso das noções «vertical» e «horizontal» e *de* se confundia com *ab*. Sacrificada foi afinal esta ultima. Não estava fadada a perpetuar-se a distincção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de movimento de dentro para fora e a separação partida dum ponto da superficie. *De* torna-se equivalente a *ex*, e est'outra preposição desaparece por superflua.

Muito antes de annexado por completo o dominio semantico das duas outras particulas, para o que correu principalmente o latim vulgar, se diferenciara do sentido de afastamento e procedencia contido em *de* o conceito de «referente», «a proposito de» usado em *de aliquo loqui*. Compete a latinistas examinar como se operou a transição para está applicação secundaria.

A tendencia para conquistar mais terreno acabou

por tazer que *de* se tornasse «la préposition favorite de la latinité postérieure», como a caracterizou Goelzer.

A combinação *de* + substantivo pareceu então apta não sómente para substituir com mais largueza o ablativo, mas ainda para tomar o posto do genitivo, nos diferentes conceitos que a este caso competia exprimir na declinação latina. Assim reconhecemos o chamado g. subjectivo em *amor de mãe* (amor matris), o g. objectivo em *amor da patria* (amor patriae), o g. possessivo em *casa do rei* (domus regis), o g. especificativo em *vício da embriaguez, virtude da abstinencia* (virtus abstinentiae), o g. de qualidade em *homem de grande talento* (homo magni ingenii), o g. partitivo em *muitas das casas*, e os de quantidade, peso, medida e grandeza em *multidão de homens, libra de carne, valla de quinze pés* (fossa quindecim pedum). A forma equivalente ao g. de idade (puer decem annorum) empregou-se em portuguez não sómente em dizeres como *menino de dez annos*, mas ainda depois de certos verbos: *sendo de dez annos e vendo um religioso... acodio* (Bern., N. Flor. 1, 378); *morrendo de vinte e seis annos* (ib. 2, 335); *morreu Joseph de idade de cento e dez annos* (Vieira, Serm. 2, 419).

Da significação mais antiga e principal de «lugar donde» procede o emprego da preposição *de* para denotar causa.

Buscar retrospectivamente o motivo ou causa determinante de alguma acção é de facto um processo que, projectado no espaço, equivale a remontar ao *lugar donde* alguma cousa toma origem e tem seguimento. Nesta analogia se funda o emprego da preposição *de* com sentido causal:

Passamos a grande ilha da Madeira, que *do muito arvoredo* assi se chama (Cam., Lus. 5, 5).

O motivo de que resulta o acto não é necessariamente extrinseco; pode residir no individuo de que se fala, ser uma qualidade, estado ou attributo proprio delle, usando-se então da palavra *de* não sómente antes de substantivos (*de medo, de nojo, de raiva, de susto*, etc.), mas tambem antes de um simples adjectivo:

Saltaram embaixo apos os inimigos que já *de quebrados* se retiravam (Castanh. 5, 63) — E nisto, *de mimosa*, o rosto banha em lagrimas (Camões, Lus. 2, 40) — He Velloso no braço confiado e *ae arrogante* crê que vai seguro (ib. 5, 31) — Vereis este, que agora pressuroso por tantos medos o Indó vai buscando, tremer d'elle Neptuno *de medroso* sem ventos suas agoas encrespando (ib. 2, 47) — Com huma benção que lhes lançava ás redes, as não podiam arrastar *de muyto cheas* (Vieira, Serm. 8, 236).

> Estando o verbo na passiva, o nome do agente se dizia, quer em port. ant., *quēr* em linguagem da Renascença, de ordinario com a preposição *de*, por ser o agente o ponto de procedencia do acto dirigido sobre o sujeito paciente. Devia entretanto confundir-se este conceito com os de causa e meio ou instrumento. Mas a tradição, em todo aquelle periodo, poude mais que esta tendencia, sendo relativamente poucas as vezes em que se deu preferencia á preposição *por*. No falar hodierno apparece invertida a situação: predomina *por*, ao passo que *de* ou é de uso occasional, ou se reserva para certos e determinados verbos.

Exemplos do seculo XVI:

Não consente que em terra tam remota se perca a gente *della* tanto *amada* (Cam., Lus. 1, 100) — Foi *delle* alegremente *agasalhado* (ib. 1, 95) — O cabo Arsinario o nome perde, *chamando-se dos nossos* Cabo Verde (ib. 5, 7) — Já descoberto tinhamos... nova estrella, não *vista de* outra gente (ib. 5, 14) — O Zaire passa claro e longo, rio *pelos antigos* nunca *visto* (ib. 5, 13) — Os mares nunca *d'outrem navegados* (ib. 5, 37) — [Vi] levantar-se no ar hum vaporzinho e subtil fumo, e *do vento trazido*, rodear-se (ib. 5, 19) — Fortalezas, cidades e altos muros, *por elles* vereis, filha, *edificados*; os Turcos, *bellacissimos e duros, delles* sempre vereis *desbaratados* (ib. 2, 46).

Certos verbos transitivos como *encher, adornar, guardar, rodear, cercar, cobrir* e outros são susceptiveis de duas construcções: uma, em que lhes basta o sujeito e o objecto directo, v. g. em *flores adornam a sala*; outra em que, sendo sujeito um ente animado, se requer, alem do accusativo, um termo denotador daquillo com que se preenche ou põe em effeito a acção, como em *as crianças adornam a sala de flores*. Prevaleceria a principio a intuição de lugar ou cousa *donde* se tira o material para a execução do acto, explicando-se assim o emprego habitual da preposição *de* para o segundo complemento.

Ocorrendo todavia casos em que tal intuição se confundia com a de meio ou instrumento, ou est'outra se impunha nitida ao espirito, necessariamente surgiu a concorrência de *com*.

Diz-se *cobrir a mesa de flores*, porem *cobrir a mesa com um panno*, *cobrir o rosto com as mãos*, o que mostra que o emprego de *com* vem a proposito quando uma cousa unica ou duas ou mais cousas unidas tem por fim tapar ou encobrir por completo; ao passo que *cobrir de* se diz de cousas esparzidas ou accumuladas sobre outra. Assim se explicam os passos:

Sentaram-se ambos em suas *cadeiras, que estavam cubertas com pannos* de borcadinho (Barros, Dec., 1, 9, 4) — *Hum elefante cuberto de pannos* de seda e arraiado de borlas (ib. 1, 9, 5) — [A outra terra da ilha] *cuberta de arvoredos* (ib. 1, 10, 1) — O corpo ficou sobre o presbyterio *cuberto com hum panno* de brocado (Sousa, Arceb. 2, 380) — Não era menos de ver a praya *cuberta de povo* sem numero (ib. 2, 352) — Armou-se hũa *mesa, cobrio-se com hum panno* de brocado (ib. 2, 381) — [Os altares todos estavam] *cubertos de flores* (ib. 2, 341) — Em Jerusalem havia hum *monte* mais alto, *cuberto de oliveiras*, que era o Olivete, e outro *outeiro*, ou monte mais baixo, *cuberto de caveiras*, que era o Calvario (Vieira, Serm. 2, 404) — Bellos e veneraveis eram os dois platanos. O adro, *cubriam-no todo com as suas sombras fechadas* (Herc. Lend. e Narr. 2, 122).

Diferença analoga existe entre *coroar de* e *coroar com*:

Pagaram parias em perolas o Indo e o Ganges, não *coroados de juncos e espadanas*, como o padre Tibre, mas *com grinaldas* de rubis e diamantes (Vieira, Serm. 2, 20) — Misericordias *coroadas* ou *com a coroa* sacerdotal, como era a de Judas, ou *com a coroa* de Faraó (ib. 2, 408).

Sem embargo da usualissima linguagem *vestir de* (*todos vestiam de pelles*, Vieira, Serm. 5, 4, *veste-se de hum aspero cilicio*, ib. 5, 145, *o soldado... se vestiu de hũa habito religioso*, ib. 8, 304), serviram-se os escriptores tambem de *vestir com*, *estar vestido com* ou *em*:

Hia *vestido com huma opa* de brocado (Barros, Dec. 1, 5, 5) — Mas quando o viram pelas ruas em corpo, sem capa,... *vestido com huma roupeta* tão pobre... julgaram que... lhe refervera o juizo (Vieira, Serm. 8, 298) — Vedes por ventura entre esses Gentios hum homem de melhor cor que elles, mal *vestido em huma roupeta preta* (ib. 8, 394) — Vindo o Anjo *vestido em hum pelote* (ib. 5, 92) — Via-

se... hum homem *vestido em sobrepelliz* que... parecia ser clérigo (Sousa, Arceb. 2, 346).

Falando de vestes de cerimonia, diz-se *vestir* ou *revestir com* ou *em*:

Depois da morte... o *revestir com* esta nova *estolla* (Vieira, Serm. 8, 392) — O bispo de Fez *revestido em pontifical* (Sousa, Arceb. 2, 391).

O conceito instrumental que se acrescenta a *dar* (significando «bater», «dar pancadas») e *ferir*, era enunciado em port. ant., e ainda em linguagem quinhentista e seiscentista, já pela preposição *de*, já pela preposição *em*:

Deo das palmas e dos geolhos em terra (S. Graal, 81) — *Lhe* hiam-lhe *dando das espadas* chaãs muy grandes feridas (ib. 119) — *Ferio* o cavallo *das sporas* e *ferio-o* [a Boorz] *dos peitos* do cavallo (ib. 128) — Saibha bem *ferir das sporas* (D. Duarte, L. de Ens. 13 e semelhantemente 59 e 103) — Continuavam sempre *de dar cõ as sporas* ao cavallo (ib. 70) — Deve-sse *de dar com as sporas* poucas vezes (ib.) — Estimulando minha propria carne, se rebella contra mim, e *me dá de bofetadas* (Vieira, Serm. 8, 115) — Seu corpo estimulado pelo demonio, *lhe deu de bofetadas* (ib. 8, 116) — *Dando-lhe de punhaladas* (Mello, Apol. Dial. 78).

Denotadora de separação e afastamento em geral, *de* tambem serve para exprimir o desvio da imminencia do perigo e assim se emprega depois de certos verbos como *defender*, *guardar* e adjectivos de significação cognata; mas a taes actos se pode associar a resistencia e *de* poderá equivaler a *contra*:

Não se souberam *goardar das* correntes (Castanh., 2, 22) — Vão *seguros de* ladrões (ib. 2, 16) — Por isso só vos guia e vos *defende dos* immigos, *do mar, do vento* irado (Cam., Lus. 7, 31) — Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós *defendem da* contraria banda o seu rei (ib. 7, 39).

Serve a preposição *de* não sómente para assignalar o ponto no espaço donde alguma cousa começa e se estende para outro ponto, mas tambem para marcar a epoca ou o instante desde quando algum acontecimento perdura. Torna-se então synonyma de *des, desde* com sentido temporal:

Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara *de moças* (Zur., Ined. Port. 3, 277) — Como se *de longo tempo* ho ouvessem por senhor (F. Lopes, D. J. 152) — Assi foy desbaratada a frota dos imigos *de horas* dalmorço até toda aquella noyte (Castanh. 2, 26) — Durou *de pola manhaã* até tarde (ib. 2, 51) — Sempre os guia já *de longos annos* (Cam., Lus. 9, 18) — A noite se passou na lassa frota com estranha alegria e não cuidada, por acharem da terra remota nova *de tanto tempo* desejada (ib. 1, 57) — A mesma Senhora achou a seu filho, perdido *de tres dias* (Vieira, Serm. 3, 25) — Arvorezinhas plantadas *de pouco* (Bern., N. Flor. 1, 167) — Nunca, *de memoria* de homens, mercador Judeu... recusara aceitar (Herc., M de C. 1, 98).

O conceito de procedencia dá á locução *de si* o sentido «sem causa exterior», «sem influencia vinda de fóra», «espontaneamente» e pode algumas vezes interpretar-se como «pessoalmente»:

Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e *de si* Elrey a entregou a Pedralvares Cabral (Barros, Dec. 1, 5, 1) — Emquanto o negocio *de si* não dava outro conselho (ib.) — Sentindo Vasco da Gama a torvação delles, mandou fazer sinal com que cessou aquelle tom, que os assombrava, e *de si* chegou-se ao zambuco del Rey, o qual o recebeo como homem, em cujo peito não havia má tenção (ib. 1, 4, 6).

Des, desde — Explicar o vocabulo *des* como proveniente da combinação *de ex* é lançar mão de uma etymologia commoda e, á primeira vista, razoavel. É comtudo tal origem posta em duvida por bons investigadores. Não sei se devemos aceitar o etymo *de ipso*, proposto por Meyer-Lübke, mas descreio da possibilidade de se haver fixado em latim vulgar e no romanico o uso de *ex* para uma combinação á parte e pleonastica quando esta preposição já vinha sendo suplantada por *de* e tinha a vitalidade antiga prestes a extinguir-se.

Como quer que seja, *des* se emprega durante todo o periodo do portuguez medieval, significando ponto de partida e referindo-se tanto a lugar como a tempo. A forma *desde*, empregada na linguagem da Renascença, nada mais é que o artigo *des* accrescido da preposição *de*, por analogia de *antes de*, *depois de*, etc. O port. ant. utilisou-se da forma primitiva:

Des dia de pinticoste (S. Graal, 58) — *Des* entom nom vivo eu (S. Josaph., 11) — *Des* omde o mar mais longe espraya, ataa terra

junto com a cidade (F. Lopes, D. J. 197) — *Dês a porta de Santa Catherina ataa torre d'Alvoro Paez* (ib.).

Da coincidência do valor desta preposição com uma das applicações de *de* é excellento exemplo este passo de Vieira:

Conheciam *de mais tempo* a Joseph porque o conheciam *desde* menino (Serm. 2, 151).

Com — Esta preposição exprime companhia, instrumento, causa, maneira. Das duas primeiras relações dimanam as demais, havendo companhia quando a um ente se associa outro para pôr em effeito ou soffrer a mesma acção; ao passo que é instrumento o ente, igualmente ligado a outro e para o mesmo fim, mas de si inerte, ou considerado como tal:

Eu só *com* meus *vassallos*, o *com esta* [espada]... defenderei da força dura e infesta a terra nunca de outrem sojugada (Cam., Lus. 4, 19) — Partir-se *co elles* pelo mato (ib. 5, 30) — Porem eu *cos pilotos*, na arenosa praia, por vermos em que parte estou, me detenho em tomar do sol a altura (ib. 5, 26) — Um dia a vi *co'as filhas* de Nereo (ib. 5, 52) — Perseguem-no *co'as lanças* (ib. 4, 34) — Gedeão *com panellas* de barro desbaratou os Madianitas (Arrais, 307) — Cortando vão *co rudo arado* os campos lioneses (Cam., Lus. 4, 8) — A verdura tinge *co sangue* alheio (ib. 4, 35).

Ao termo « instrumento » costuma-se preferir o termo « meio » quando aquillo com que se põe em effeito algum acto, é cousa abstracta. Assim diz-se que a preposição *com* denota o meio nos seguintes passos:

Com mercês sumptuosas me agradece, e *com razões* me louva esta vontade (Cam., Lus. 4, 81) — Foram de Emanceol remunerados... e *com palavras* altas animados (ib. 4, 83) — As cousas arduas e lustrosas se alcançam *com trabalho* e *com fadiga* (ib. 4, 78) — Se queres *com pactos* e *lanças* de paz e de amizade sacra e nua, commercio consentir das abundanças das fazendas (ib. 7, 62). — Huns pelejam *com esforço* e *valentia*, outros *com ardis* e *artifícios* (Arrais, 318).

A transição do conceito de instrumento ou meio para o de maneira observa-se em certos dizeres referentes a partes do corpo, ou actos proprios dellas, podendo-se ás vezes substituir taes expressões por algum verbo acompanhado de adverbio de modo:

Mas ella, *c'um* fermoso riso honesto, respondeu: Qual será o amor bastante de nimpha, que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Assi contava, e *c'um* medonho choro subito d'ante os olhos se apartou; desfez-se a nuvem negra, e *c'um* sonoro bramido muito longe o mar soou (ib. 5, 60) — *Com* torva vista os vê (ib. 4, 35).

Locuções formadas com substantivos abstractos, ainda que se possam transformar em adverbios terminados em *-mente*, nem por isso perdem o character de instrumentalidade ou meio:

E sopesando a lança quatro vezes, *com* força tira (Cam., Lus. 4, 38) — E os inimigos que domarom *com* violencia, trataram e conservaram *com* humanidade (Arrais, 311) — Notam *com* diligencia o curso das estrellas (ib. 318) — Usam de cavallos armados e arreados *com* muyta elegancia (ib.).

Posto que ao conceito de companhia se associe em geral o de conformidade de acção, pois se costuma ajuntar um ente a outro como participante da mesma situação ou para o ajudar ou acompanhar em algum acto, todavia pode ás vezes o ajuntamento significar luta e antagonismo entre os seres, como em *pelejar com*, *estar em guerra com*, *combater com*, onde a linguagem se limita a assignalar o conceito de companhia, da acção praticada em commum, deixando ao bom senso o cuidado de acrescentar o resto: opposição, contrariedade, acção reciproca, etc.

Nos exemplos seguintes, em que se usa *pelejar com*, significa o complemento ora instrumento, e portanto conformidade de acção, ora o individuo contrario, e portanto acção antagonica:

Tanto que chegaram á vista dellas, logo lhe fallecem as forças *com* que dantes *pelejarom* (Cam., Lus. 6, 88) — Não ha peito tão alto e tão quente que de desconfiança não se afronte, em quanto não conheça e claro veja que *co* braço dos seus Christo *peleja* (ib. 3, 109) — Ao capitão pedia que lhe dê mostras das fortes armas *de* que usavam quando *cos* inimigos *pelejavam* (ib. 1, 63) — Que tornará [o Mourro] a vez septima, cantava, *pelejar co* invicto e forte Luso (ib. 10, 18).

A preposição *com* pode tambem denotar facto simultaneo ou paralelo a outro:

Já na cidade Beja vai* tomar vingança [de Trancoso destruída] Affonso que não sabe sossegar, por *estender co'a fama a curta vida* (Cam., Lus. 3, 64) — Não *perde a presteza co'a idade* (ib. 3, 80) — *Co este o reino prospero florece* (ib. 3, 96) — O claro estreito aonde Hele *deixou co nome a vida* (ib. 3, 12) — *Crescendo cos successos bons primeiros no peito as ousadias* (ib. 8, 72) — Se é certo que *co rei se muda o povo* (ib. 4, 17).

O factio simultaneo, ou que acompanha a alguem, pode actuar sobre este individuo e manifestar-se como causa determinante da sua acção ou situação:

As molheres pejadas *moviam co estrepito* horrendo da artilharia (Arrais, 307) — Não ponde *cos temporaes* chegar á cidade de Gidda (ib. 307) — Os animos altivos *co'a prospera fortuna* da guerra (ib.) — E estando nesta afronta chega a maré que *se não via com a grande revolta* (Castanh. 1, 75).

Outras vezes, pelo contrario, cabe ao sujeito exercer acção sobre a pessoa ou cousa que se acha junta a elle ou se suppõe estar em face d'elle e á sua mercê:

Nas brutas feras... e nas aves agrestes... *com pequenas crianças* viu a gente *terem tum piadoso sentimento*, como *co'a mãe* de Nino já *mostraram*, e *cos irmãos* que Roma edificaram (Cam., Lus. 3, 126) — Mas vendo Mafamede que muytos o tinham em pouco..., buscou *invenção efficaz com gente do povo*, para se segurar deste desprezo, dizendo que era profeta e nuncio de Deos (Arrais, 315) — A Ley de que Christo *usa com os seus* (ib. 340) — Juntamente a cobiça do proveito que espera do contrato lusitano, o faz obedecer e *ter respeito co capitão*, e não *co mauro engano* (Cam., Lus. 8, 77) — Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,... *cos seus* hũa ira insana *não refreia*, põe na fama alva nota negra e feia (ib. 10, 47).

Contra — Usou-se esta preposição a principio com o sentido de «face a face», «frente a frente», e conforme a esta accepção se dizia em port. ant.:

Tu es *boo* homẽ *contra deos* (S. Graal, 134) — E elrei tendeo as mãos *contra o ceo* e disse: Jesu Christo... beento sejam tu (ib. 10) — E leixou de colher suas verças e foe *contra elles* e salvou-os. E elles se humildarom muyto *contra elle*, e salvarom-no (ib. 109) — E *disse* estomce o Meestre *contra elles*: Que he isto, amigos? (F. Lopes, D. J. 30).

Da era camoneana para cá substitue-se sempre em taes frases a preposição por outra (*para, a*), entendendo-se que *contra* denotaria sentimentos de inimizade ou actos de ameaço e resistencia.

Em linguagem quinhentista usava-se frequentemente *contra* nas referencias a pontos geographicos a que se dirige algum movimento, ou para onde alguma cousa se estende; casos estes em que o falar hodierno dá preferencia á preposição *para*:

Fez armadas que *correram* as prayas de Africa, e os mares *contra o mar Austral* (Arrais, 296) — [Sagres] dista hũa legua do cabo de S. Vicente, donde partiam as frotas a *abrir caminho contra as regiões Orientaes* (ib. 296) — Os Chinas que *habitam contra o Meio Dia* são morenos (ib. 318) — Viu *correr a gente contra a praia* (Barros, Dec. 1, 3, 2).

Empregamos porem *contra*, hoje como em outros tempos, quando se trata de movimento contrario a outro movimento, ou esforço opposto a outro (*remar contra a maré*), ou ir de encontro a algum obstaculo (*bater contra a parede; ir contra a lei*), ou dirigir um movimento perpendicularmente a uma superficie (*collocar as pedras contra o muro*).

A — A particula *ad* começou a usar-se em latim para enunciar o conceito de direcção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma cousa a outra. Este mesmo sentido vive ainda em nossa preposição *a*, apesar da concorrência de *para*, que lhe cerceia por vezes o emprego.

Serve a preposição, alem disso, para exprimir noções decorrentes do conceito primitivo. Com o sentido de lugar onde, isto é, denotando, não a direcção em que se encaminha o movimento, e sim o ponto terminal, já se usava *ad* no latim vulgar e occorrem, até, alguns exemplos deste genero em Varro e Tito Livio. O emprego em francez de *à* com os nomes de cidades filia-se a esta pratica antiga. Em portuguez não podemos dizer senão com a preposição *a*: *ir com a trouxa ás costas, trazer o collar ao pescoço, estar alguém á cabeceira, á mesa*, etc. Com outra qualquer particula se alteraria aqui o conceito da situação. Nas locuções *á direita, á esquerda*, posto que se trate de lugar onde, a palavra *a* indica que este lugar fica na direcção de uma ou outra das nossas mãos.

A imagem que temos na mente de um ponto de

afferencia, que serve dè norma, ou segundo o qual alguma cousa se faz, devemos o uso de *a* nestes dizeres: *a meu ver; vestir-se á ingleza* (i. e. segundo a moda ingleza); *estar á vontade, formado á imagem do primeiro Adam* (Arrais, 450); *a gosto de alguém; a jeito*.

Notavel é o emprego de *a* para significar instrumento e meio: *a ferro e a fogo; á força; á viva força; salvar-se a nado; a remo surdo; á voga arrancada; a troco de trabalho; a toda a pressa, viver á custa alheia, matar a tiro, á traição, etc.*

A conexão entre o sentido instrumental e a primitiva accepção directiva não é nada transparente; mas em todo o caso só ella explicará o haver-se fixado o uso de *a* nestes dizeres, quando a linguagem podia dispor -- e a cada momento dispunha -- de outras preposições mais aptas para expressar o meio e a instrumentalidade. Parece que a transição de sentido se teria feito, ao menos em alguns casos, atravez do conceito de afferencia. *Fazer alguma cousa á força* ou *á pressa* significaria a principio fazel-a segundo, ou á maneira de força ou pressa.

Serve-nos ainda a preposição em certas locuções de «tempo em que» alguma cousa se passa, como sejam: *a esta hora; ao outro dia* (a par de *no outro dia*); *ao tempo que; ás tres horas* (differente de *em tres horas*); *a 22 de julho, etc.*

Em — Esta particula exprime interioridade com referencia tanto a lugar como a tempo. Mas não se limita a isto o seu emprego. Pode denotar mera superposição (*pôr pé em terra*), estado de alguma cousa (*arvore em flor, ouro em pó*), divisão, distribuição (*obra em dous tomos*), etc.

Occorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as cousas se passam. Menos conspicuo é o emprego de *em* com accepção directiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberíamos explicar a presença de *em* em bom numero de locuções.

Dizeres que signifiquem «lugar para onde», se construem em portuguez geralmente com *a* ou *para* e, ás

vezes, *contra*. Usa-se todavia *em* com evidente sentido directivo junto aos verbos *lançar, metter, pôr, deitar, admittir, sahir, saltar, sahir em terra, passar e passar-se em* (para algum paiz) e outros:

Assi fogem os Mouros, e o piloto, que ao perigo grande os guiara, crendo que seu engano estava notó, tambem foge *saltando na agua* amara (Cam., Lus. 2, 28) — Depois, *lançando arpeos* ousadamente *na capitania* imiga, dentro *nella saltando*, a fará só com lança e espada de quatrocentos Mouros despejada (ib. 10, 28) — Da alma *transborda em o corpo* e vestidos a verdadeira fermosura (Arr. 740) — Do ceu o *precipitou no Inferno*, e do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abismos (Vieira, Serm. 5, 229) — Por tres cousas, como todo o mundo sabe, se moveu elrei a *passar em Africa* (Mend., Jorn. de Afr. 1, 25).

Podem-se, sem duvida, imaginar com varios destes verbos situações de «lugar onde», isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a acção se effectua, e não aquelle para o qual ella se encaminha ou destina.

Nas dicções *crer em, pensar em, meditar em, reflectir em* e outras congeneres, a preposição evidentemente significa a direcção da crença, do pensamento, da meditação, etc.

As locuções, *em honra de, em premio de, em castigo de, em favor de, em pena de, em pago de, em recompensa de, em louvor de* são formações analogicas creadas segundo o typo latino *in honorem alicujus*, em que a preposição denota o fim que se tem em vista, o objectivo a que algum acto se destina, o effeito que delle deve resultar. Vem pois a preposição *em* usada aqui com sentido directivo.

Verbos que significam «passar de um estado a outro», como *transformar, converter, etc.*, tem, alem do objecto directo, um complemento formado com a preposição *em*. A construcção latina a que este complemento se filia é *in* com accusativo, usando-se este caso, por significarem taes verbos movimentos encaminhados em determinado sentido. Em portuguez não pode ser outra a interpretação e a razão do emprego de *em* nos exemplos seguintes:

Converte-se-me a carne em terra dura, em penedos os ossos se fizeram (Cam., Lus. 5, 59) — *Iam-se as sombras lentas desfazendo*

sobre as flores da terra *em frio orvalho* (ib. 2, 92) — Mas Affonso... em nossa Hesperia, que a soberba do barbaro fronteiro *tornou em baxa e humillima miseria*, fora por certo invicto cavalleiro (ib. 4, 54) — Nem temais, Herculano, que *se transformem* os Portuguezes animosos *em mercadores* cubiçosos (Arrais, 312) — Com outro « eu sou no Egypto » *se trocaram* aos Irmãos de Joseph as tristezas *em festas*, os temores *em parabens*, e as prisoes *em abraços* (Vieira, Serm. 2, 165).

Nas frases *em comprimento, em largura, em altura, em profundidade* tem a preposição a mesma explicação que nas frases latinas *in longitudinem, in latitudinem*, as quaes se usaram com accusativo de accordo com o sentimento de « lugar para onde » seguem as linhas de medição.

Trás, atrás (de), detrás (de) — Filia-se a preposição *trás* ao latim *trans*, tendo havido perda da consoante nasal e notavel alteração de sentido. Com a anteposição de *ad* e *de* formaram-se os advérbios *atrás, detrás*, dos quaes por sua vez se geraram as locuções prepositivas *atrás de* e *detrás de*.

Trás emprega-se com verbos de movimento e significa « após », « em seguimento de », « em busca de »:

E assi corremos *tras elle*, como *tras* quem nos leva enganados e roubados os desejos (H. Pinto, 1, 409) — Não vas *tras* tuas concupiscencias (ib. 1, 112) — Tres cousas diz aqui Christo aos que quiserem ir *tras elle* (ib. 1, 113).

Pode-lhe fazer as vezes a preposição *após*:

Será bom irmos com o padre, que com suas palavras e doutrinas nos levará *tras si*, assi como homem que leva *após si* cachorros soltos com lhe ir lançando pedaços de pão, que vão comendo (H. Pinto, 1, 84) — Vai *após* as pegadas das manadas de teus gados (ib. 1, 48).

Atrás (de) e *detrás (de)* usaram-se por muito tempo indiscriminadamente, e com mais frequencia a segunda forma, o que se deve attribuir á influencia de *de fronte, diante (de ante)*, etc. Semelhante ao falar hodierno é o emprego de *tornar atrás*, significando « reconsiderar um acto » neste passo de João de Barros:

Algumas pessoas notaveis... o faziam *tornar atras* do que estava assentado (Dec. 2, 10, 1).

Todavia, quer neste sentido metaphorico, quer na accepção material de volver em direcção contraria a caminho já percorrido, empregou Camões ora os adverbios *atrás* e *pera trás*, ora *por detrás* e *pera detrás*:

Da determinação que tens tomada não *tornes por detrás*, pois é fraqueza desistir-se da cousa começada (Lus. 1, 40) — Põe no madeiro duro o brando peito, *pera detrás* a forte nao *forçando* (ib. 2, 22) — *Torna pera detrás* a nao *forçada* (ib. 2, 24) — Era maior a força em demasia, segundo *pera trás* nos *obrigava*, do mar que contra nós ali corria, que por nós a do vento que *assoprava* (ib. 5, 67) — Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana *atrás* tornou as ondas de medroso (ib. 4, 28).

Outros exemplos do emprego da forma *detrás* (*de*), discordantes em parte do falar corrente de hoje:

Da besta nom podemos seer derribados senõ *pera hã* de quatro partes, *pera deante*, e *pera detrás*, ou *pera cada hã* das ilhargas (D. Duarte, Ensin. 20) — Os que me deviam alguma cousa, já ficam *detrás de* mim (Barros, Dec. 2, 3, 9) — Os nossos per *detrás* lhe *escalavam* as carnes de morte (ib. 2, 5, 9) — Chegaram estouros que ficaram *detrás* (ib. 2, 7, 3) — Foi esperar o impeto dos nossos *detrás dos* muros e não fora delles (ib. 2, 7, 9) — Per *detrás* lhe deo com o cris pelas costas (ib. 2, 9, 3) — Os que hiam diante, e os que hiam *detrás* (Vieira, Serm. 3, 57 e 58).

Raros exemplos de *tras* empregado junto a preposição alem das citadas se nos deparam em port. ant.:

Os cães corriam *em tras* ell (Livro de Esopo 41) — E lançar-se cõ o pee da outra parte aa maneira de desvyo mais derriba *contra tras* (D. Duarte, Ens. 106).

Pós, após, em pós, de pós — O latim *post*, perdida a consoante final, deu ao portuguez as formas *pós* e *pois*, servindo uma de preposição, a outra de adverbio e conjunção.

Cedo se generalisou a pratica de usar a preposição reforçada com a anteposição de *a*, *de* ou *em*. Da forma simples primitiva encontram-se todavia alguns exemplos em port. ant.:

Cavalgou em seu cavallo e foy-se *pos* elle (S. Graal, 115) — Veemos *pos* vos atee aqui (ib. 5) — Quando boorz esto ouvio, nom foy bem seguro, ca *pos* morte de Calagrenac matal-o ya seu jrmaão, se o *desarmado* achasse (ib. 130) — Começou-se a hir muj de rrixo *pos* elle (ib. 59).

Servia-se o port. ant. indiscriminadamente de *em pos*, *a pos* e *de pos*, com os mesmos verbos de movimento, sem attender a que as particulas de reforço consideradas em si exprimiam relações diversas:

E dom Juam o bastardo foi atras a besta ladrador, e galaaz *depos* o çervo... e dom dinac *depos* dom tristam (S. Graal, 60-61) — E nom andou muyto e scoytou e vjo vyr *em pos* elle tam rijamente huñ cavaleyro sobre huñ cavallo (ib. 61) — Quando a vio, começou de hir *apos* ella (ib. 69) — Começou hir *em pos* ella (ib.) — Vi vyr tristam *em pos* mim (ib. 72) — Amdando *em pós* ell com huñm paao na mão (Esopo 18).

Com referencia a tempo ou a um successo ulterior, usava-se de preferencia *de pós*. Talvez tambem *após*:

Depos esto envjou el rei pella rainha e pellas donzellas e donas (S. Graal, 23) — *Depos* elle chegou ho ermjtam (ib. 11) — Nem que amedes outro *depos* minha morte (ib. 57) — *Depos* vespervas... aveeo que acharom huñ castello (ib. 73) — Logo se rrecearom de o Iffante poder reinar *depos* sua morte (F. Lopes, D. J. 93).

Tambem se usou, ainda que menos frequentemente, *empós de* em lugar do simples *empós*:

E queremdo seguir *empós de* aquelle que o avia roubado... foy aa praça pera alquiaar huña mula (Frad. Men. 1, 358) — Ouciosas fabulas que seguem *em pós do* vento e careçem de toda verdade (D. Fern. 2).

Hoje em dia estas diversas formas são desusadas, exceptuando unicamente *após*, que equivale tanto a «depois de», como a «atraz de» com verbos de movimento.

Per, por, pera, para — Do emprego outrora florecente de *per* preposição não conserva a linguagem moderna mais que os vestigios *de per si*, *de per meio*, *perante* e *pelo* < *pello* (contração de *per + lo*), forma esta que, usada a par de *polo* < *pollo* (contração de *por + lo*) e com ella confundida, acabou por supplantal-a definitivamente.

Tinha *per*, como em latim, o valor de «atravez de», «por meio de», e podia significar «lugar por onde» alguma cousa se estende e duração «de algum acontecimento»:

Nom devemos cōstramger nenhũa perssoa que digua nenhũa cousa *per força* nem *per* medo (L. de Esopo, 53) — Depois *per dias*

começarõ de sse assenhorar delles (F. Lopes, D. J. 123) — Quando elle *per hi* passara (ib. 124) — Sahirom hũu dia *per mandado* do Meestre (ib. 126) — *Per aquestes avysamentos* que screvo se pode veer como convem guardar tempo (D. Duarte, Ens. 112) — Se *per graça* special do senhor deos nõ for ajudado (ib. 115) — Correrem *per mato* espesso... *per lama*, augua ou ervaçal (ib. 118).

Em alguns dizeres parecia apagar-se a fronteira entre o sentido proprio desta particula e o dominio semantico de *por* do lat. *pro*. Esta confusão occasional não seria todavia o bastante para determinar o desaparecimento de uma das preposições. Atribuïremos o phenomeno antes á pronuncia mui parecida dos dous vocabulos atonos, prevalecendo a particula que, pelas oportunidades de sua applicação, se usava com mais frequencia.

Entre as funções de *por*, alem das que competiam a *per*, destacaremos em primeiro lugar o sentido de «em favor de»:

De nove desembargadores que eram, teve Sua Alteza quatro *por si*, e todos os outros seguiram o voto contrario, que foy em favor do capitão (Arrais, 33).

Deste sentido originou-se — já em latim com a preposição *pro* — a significação de «em lugar de», da qual por sua vez decorre a de «em troca de» e «equivalencia». Estes valores conservaram-se em portuguez:

Na cabeça *por gorra* tinha posta ãa mui grande casca de lagosta (Cam., Lus. 6, 17) — Têm *por mestra* a longa experiencia (ib. 5, 17) — *Polos doze Pares* dar-vos quero os doze de Inglaterra e o seu Magriço (ib. 1, 12) — *Por cobre* teriam ouro (Arr., 311).

Mais facil e mais pronta foi, por outra parte, a transição do conceito de «em favor de» para o de «fim», «intenção». Mas em port. ant. e ainda em linguagem camoneana se usou a preposição confusamente, tanto denotar o fim propriamente dito, como para significar a causa:

1) FIM — E *por saberem* o esmo em que logar eram, traziam dous traadores (F. Lopes, D. J. 325) — E com hum delles furavõ a terra *per cima por veerem* o certo onde já chegavam (ib. 325). — Foi *por cobrar* Villa Viçosa (ib. 321) — *Por vos servir*, a tudo apparelhados (Cam., Lus. 10, 143) — Deixas criar ás portas o inimigo *por*

ires buscar outro de tão longe (ib. 4, 101) — Cos principaes senhores se aconselha mas só *por ver* das gentes a sentença (ib. 4, 12). — *Por nos não magoarmos* ou mudarmos do proposito firme começado determinei de assi nos embarcarmos sem o despedimento costumado (ib. 4, 93) — Queimou o sagrado templo de Diana... Herostrato, *por ser* aa gente humana *conhecido* no mundo e nomeado (ib. 2, 113).

2) CAUSA — Cuidou *por a gram festa* e prazer em que seriam postos em aquell dia,... que de salto e cupitamente podia tomar o logar (F. Lopes, D. J. 331) — Deu muitas graças a Deos, que *por sua grande misericordia* o quisera guardar (ib. 333).

Persiste até os nossos dias o emprego de *por* para denotar a causa; porem quanto a significar effeito a attingir, cahiu esta preposição em desuso, sendo suplantada por *para*. A delimitação de sentido trouxe a vantagem de evitar ambiguidades que só pelo contexto, e ás vezes nem assim, se podiam resolver. Empregava-se tambem *porque* como equivalente de *para que*; mas o sentido aqui se percebia logo pelo verbo no conjuntivo.

A forma *pera* usou-se em todo o periodo do port. ant. e ainda no port. mod. do seculo XVI e principios do seculo XVII. Nos Lusiadas ocorre a forma *para* sómente com pronomes e com o artigo definido (v. as notas á edição de Epiph. Dias); Frei Luis de Sousa ainda continua a utilizar-se de *pera*; Vieira e Bernardes não escrevem senão *para*.

O aspecto e a significação do vocabulo induzem a crer que *pera* se teria originado de *per* + *ad*. Podia çomtudo ter resultado, e esta etymologia parece mais correcta, da combinação de *pro* + *ad*.

Empregada com o valor de «destinação» e «lugar para onde», rivalisa fortemente com a particula *a*, sendo a differença tão difficil de perceber que os casos de regencia fixa, em que certos verbos e adjectivos se constroem uns sempre com *a* e outros sempre com *para*, não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao dictionario, e não á grammatica, particularisal-os. Evidentemente, apresentam-se tambem casos em que o uso vacilla. Assim, ao mesmo tempo que se diz *partir para algum lugar*, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a *ir*, *caminhar*, *fugir*, synonymos de *partir*, é licito optar entre *a* e *para*. Cito alguns passos

de Antonio Vieira, nos quaes varia a particula sem apparente alteração de sentido:

Só Christo *caminhou* voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada (Serm. 2, 390) — Abraham [*caminhava*] ao sacrificio sabido, Isaac ao sacrificio ignorado (ib.) — *Caminhou* animosamente a ella (ib.) — Desde este ponto começava Christo a *caminhar para a morte* (ib. 391) — Despido por despido não he melhor *hir* com o bom ladrão ao *Paraíso*, que com o mau ao *Inferno?* (ib. 3, 354) — Ou são ábsoltos, e *vão para o Ceo*, ou condenados, e *vão para o Inferno* (ib. 2, 435) — *Fugio para* o Egypto (ib. 3, 179) — *Foge para o monte* (ib.) — *Fugir* com Christo ao monte (ib. 3, 199) — Para *hir ao Ceo*, não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos (ib. 9, 361) — Vejo que nos *imos ao Inferno* sem remedio (ib. 2, 307) — [Dia] em que os bons hão de *hir para o Ceu*, e os maos *para o Inferno* (ib. 2, 435).

Não é entretanto provavel que o padre Vieira repetisse, na mesma pagina, o complemento com outra preposição sem o levar a isso o intuito de estabelecer differença, ainda que subtil. Com *a* significaria o escriptor, ao que parece, simplesmente o movimento directo; *para* denotaria o movimento mais demorado.

Mais palpavel é a differença entre as particulas quando a um verbo expresso em qualquer das suas formas se accrescenta outro verbo, porem no infinitivo, que indique o resultado ou fim a que visa a acção. Sendo este fim um successo futuro, mais ou menos remoto, e contingente, emprega-se geralmente *para*, como preposição mais apropriada. Algumas vezes, porem, o resultado a alcançar parece prender-se mais intimamente ao acto determinante, vindo logo apoz elle ou entrando em via de execução desde o momento em que o acto determinante se inicia. Parece aqui vir mais a proposito a preposição *a*, e seria este sentimento o que dictou o seu emprego nos trechos seguintes:

Quando Christo redemptor nosso entrou no horto *a orar* a seu Padre, apartou comsigo os tres mais favorecidos discipulos (Vieira, Serm. 8, 102) — Decião tambem a terra *a adoral-o* (ib. 8, 104) — Partiram em hum catur *a encontrar* o sagrado hospede (ib. 8, 357) — Eu me parto *para* o cabo de Comorim... *a soccorrer* aquelles pobres Christãos (ib. 8, 188) — Tirou hũa cruz que trazia sobre o peito, deu-a a hũm menino, dizendo que *a dèsse a beijar* ao endemoninhado (ib. 8, 165).

Depois do verbo *ser* dizemos a noção de destino com a preposição *para*: *é para elle, para todos; é para ver*, etc. Depois de *estar* usa-se *para* com verbo no infinitivo para significar acto de realisação futura: *está para casar, para mudar-se*, etc. *Estar* seguido de *a* + infinitivo denota a acção mais proxima ou immediata, e tambem se usa, principalmente em Portugal, para exprimir o tempo presente (*estar a dizer* = *estar dizendo*).

Conjunções: especies, formas e significação

A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariavel que serve para ligar as orações. O qualificativo «invariavel» vem aqui como reminiscencia do antigo *systema grammatical* que dividia as palavras em flexivas e inflexivas. Fora disso, não tem valor; nem poderíamos imaginar sequer que um vocabulo destinado a uncionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos fosse susceptivel de genero, numero e caso. Com quem haveria de concordar? Se é para distinguir a conjunção do pronome relativo que se nantem aquella característica, importa não esquecer que o pronome relativo, representando sujeito ou objecto, é termo essencial á oração, ao passo que a conjunção, como quer a referida maneira de definir, é elemento estranho.

Discutivel é a serventia de ligar orações. Elemento novo interposto entre dous *systemas* homogeneos tanto pode cimentar como desunir; e para ligar palavras a palavras, frases a frases, orações a orações, basta pronuncial-as seguidamente sem pausa. Que a linguagem creasse vocabulos expressamente para este effeito, por não poder encadear os enunciados dos pensamentos sem tal recurso, não é cousa crível. Ahi estão as construcções asyndeticas, tão intelligiveis para os povos atrazados, e tão claras e elegantes para os homens de cultura superior. E até aquella particula a que damos o nome de «integrante» e raras vezes omittimos em portuguez, em certos dize-

res communs do inglez ou do allemão mais vale desapparecida que ostentando-se, v. g. em *I think he is here* por *I think that he is here*; *ich glaube, er kommt* por *ich glaube, dass er kommt*.

Do ponto de vista phonetico, a presença ou ausencia da particula não accelera nem retarda o ligamento entre duas orações. A pausa, imperceptivel entre a oração principal e a subordinada substantiva, é e continua a ser a mesma entre a principal e outras subordinadas, ou entre coordenadas, podendo-se marcar por virgula, ponto e virgula, dous pontos e, até, por meio de ponto final.

De que natureza será pois o valor da conjunção? Consideremos dous trechos do Monge de Cister (1, 18 e 1, 94): a) *Elle percebeu que tornara a mim: pos-se em pé: eu estendi para elle as mãos: deu-me uma das suas: apertei-a entre as minhas e levei-a á boca e beijei-a.* b) *Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados.*

No exemplo a) narram-se factos que se passam successivamente e a particula e anteposta sómente aos dous ultimos verbos, poderia vir iniciando tambem cada uma das demais orações que se seguem a *Elle percebeu que tornara a mim*, caso o autor quizesse reduzir as pausas e sacrificar a vivacidade do estilo.

No exemplo b) a construcção é toda asyndetica. O segundo facto *ninguem reparou em mim* contradiz a expectativa que acompanhava a acção de entrar. Querendo significar explicitamente esta contradicção, o autor poria no rosto da segunda sentença a adversativa *mas*. É esclarecendo afinal a causa do inesperado acontecimento, servir-se-ia da particula *porque* como introduccção a *todos andavam como pasmados*.

Deste exame se depreheende que a conjunção faz parte, como elemento accessorio, sómente daquella oração em cujo inicio se acha, tendo por objecto apresentar o respectivo pensamento como correlato a outro. Mostra a particula que não se deve tomar tal pensamento como asserção absoluta e independente, segundo succederia com dous aphorismos ou dous theoremas reunidos ao acaso.

Faz-se a construcção asyndetica por concisão ou ele-

gancia de estilo, quando se conta com a intelligencia do ouvinte para perceber o sentido sem a particula. Como porem é limitada a capacidade desta intelligencia, predomina o emprego da construcção syndetica, e certas conjunções não se podem subentender em caso algum.

Chamaremos proposição inicial áquella que, enunciada de ordinario em primeiro lugar, serve de ponto de referencia a outra ou outras que denominaremos proposições sequentes. Pertencem a esta segunda categoria todas as coordenadas, copulativa, adversativa, causal, alternativa (disjuntiva), etc., e todas as subordinadas. Feita esta distincção, observaremos que as conjunções pertencem em geral ás proposições sequentes; a algumas porem respondem outras particulas correlativas nas proposições iniciaes. Servem ellas ás vezes de mero reforço, como no caso de *ou... ou...*, onde a particula só é imprescindivel na alternativa sequente. Outras vezes, como em *não sómente... mas tambem...*, o sentido ficaria incompleto sem a correlativa.

Accrescentemos, para completar estas considerações, que um enunciado sequente em relação a outro anterior, pode por sua vez servir de inicial relativamente a proposição ulterior. E é assim que se torna possivel o encaidamento logico dos pensamentos de qualquer discurso.

Não tem a conjunção valor de simples elo mecanico posto entre orações; mas serve á linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciaes. A particula dá a uma dellas o character de sequente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos signaes com que em meio de um trecho musical se annuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assignala a relação logica em que a sequente está para com a inicial. É pois uma particula que exerce sua influencia, não como o adverbio e a preposição sobre um vocabulo, mas sobre uma oração em conjunto.

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porem, a julgar por aquellas cujo historico se conhece, a linguagem não teria creado vocabulos especiaes para constituir a nova categoria. Serviram a este fim adverbios que, de modestos determinantes de um conceito unico, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e

serviram também pronomes do typo relativo-interrogativo, ou themas pronominaes accrescidos de novos elementos.

Da respeitavel serie de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram ás linguas românicas. Em portuguez existem *e* (et), *ou* (aut), *nem* (nec), *quando*, *se* (si), *como* (tem o sentido de *quum* e de *quomodo*, posto que pelas leis da phonetica só se filie ao segundo destes vocabulos), e *que*, usada no latim vulgar. A substituição de *sed*, *autem*, por *mais* (depois *mas*), do adverbio *ma(g)is*, data do periodo pre-lusitano. Sobre a evolução de *proinde* em *porende*, *porém*, veja-se pag. 213-214.

A falta das demais particulas supprem-na creações novas, isto é, adverbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprego de *que*, simples, ou combinado com preposições e com adverbios ou locuções de character adverbial, e, ainda a forma verbal *quer* (em *quer... quer...*, *ondé quer que*, *quando quer que*) para expressar o conceito optativo.

Segundo nas frases *segundo vejo*, *segundo dizem*, *segundo se affirmou* (Barros, Dec. 2, 3, 1), *segundo parece* (Vieira, Serm. 9, 44) e outras do mesmo genero, é exemplo da possibilidade de uma preposição servir de conjunção. A linguagem antiga usava, alem disso, *segundo* com sentido causal:

E *segundo* estão victoriosos... hey medo que nos fação daqui alevantar (Castanh., 1, 85) — Que elrey folgaria coele *segundo* ho vira amigo de honrras (ib. 1, 25) — Se os mouros nos aferram *segundo* sam muytos e nós poucos, não temos salvação (ib. 1, 43) — E *segundo* a cidade era rica, foi o despojo de roupa e alfaias pouco mais de cincoenta mil cruzados (Barros, Dec. 2, 6, 6) — Informa o cauto Gama das armadas... Diz-lhe que vem de gente carregadas e dos trovões horrendos de Vulcano, e que pode ser delles opprimido, *segundo* estava mal apercebido (Cam., Lus. 9, 7) — Eis pelo monte apparece e, *segundo* ao mar caminha, mais apressado do que fora vinha (ib. 5, 31) — O recado que trazem he de amigos, mas debaxo o veneno vem cuberto, que os pensamentos erão de inimigos, *segundo* foi o engano descuberto (ib. 1, 105) — Era maior a força em demasia, *segundo* pera trás nos obrigava (ib. 5, 67) — Mais nascimentos haviamos mister, *segundo* são muitas as mortes, assim de doença como violentas (Vieira, Cartas 2, 183).

Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem parallelismo syntactico entre duas ora-

ções, e subordinativas aquellas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o character ou de substantivo ou de adverbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbias não é bastante clara. Nenhuma duvida ha sobre as especies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porem entre as particulas causaes figura *porque* ora como coordenativa, ora como subordinativa, enquanto *visto que, já que, como* são sempre da segunda classe.

Entre as subordinativas integrantes separamos *que*, particula da asserção (*sei que elle virá*), de *se, como, quando, porque*, particulas da duvida ou interrogação indirecta (*não sei se virá, quando virá, como virá, porque virá*). As tres ultimas são adverbios interrogativos com applicação secundaria; *se* é conjunção que, a par de seu antigo papel de particula condicional, se usa tambem para fazer vezes das extintas particulas interrogativas latinas *num, an, ne, utrum*.

Se não filiamos a integrante *que* directamente á conjunção latina *quod*, por se opporem a isso as leis phoneticas, somos todavia forçados a admittir que o etymo verdadeiro, qualquer que fosse (*quia, quid, etc.*), teria, a partir de certa epoca, adquirido valor semantico igual ao daquella particula, cursando então simultaneamente com ella na linguagem vulgar e acabando por supplantal-a. (Veja-se Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*², 105).

Mas com indicar sómente que a oração equivale a um substantivo, o qual serve de sujeito ou objecto a outra oração, a particula não revela nenhum colorido proprio, sendo de estranhar, a julgar pelo estado actual da linguagem, que para assumir a sentença a desejada feição integrante fosse necessario e bastasse antepor-lhe o pronome relativo. Não foi emtanto rigorosamente este o processo primitivo. *Quod* tinha seu antecedente demonstrativo (*hoc, illud, id*), com que á guisa de summario se antecipava um enunciado, como em *hoc uno praestamus vel maxime feris, quod exprimere dicendo sensa possumus*. O antecedente podia, sem prejuizo do sentido, omittir-se, e sendo esta pratica mais simples, tornou-se ella pouco a pouco

em costume ao mesmo tempo que se ia obliterando a consciencia da função pronominal de *quod*. O enunciado *non pigritia facio, quod non mea manu scribo* era a alteração semantica de outro que, reconstituído, equivaleria a «não faço por preguiça isto (=o seguinte), *que* não escrevo de proprio punho». O esquecimento, factor essencialissimo na evolução da linguagem, transformou, em taes construcções, o valor primitivo de *quod* ora em conjunção causal, ora em particula tão inexpressiva que já no latim da decadencia veio a servir de mero expoente das orações subordinadas cujo character não se definisse por meio de outra particula. Herdeira de *quod* assim differenciado é a conjunção portugueza *que*, com a variante *ca* (*qua*) usada no falar antigo para exprimir o sentido causal.*)

Se equivalia a substantivo, a oração subordinada podia, como o nome propriamente dito, ser regida de preposição. Isto se verifica quanto a *de*, a *a*, a *com*, que regem a oração inteira. Nas mesmas condições se acharam a principio *por* e *pera* (*para*); não tardaram porem a combinar-se com *que*, nascendo desta união conjunções de causa e fim. *Des* (*desde*) *que* e *até que* constituem conjunções de tempo; *sem que* denota exclusão.

Serve a oração integrante de objecto directo a *dado*, *posto*, *admittido* e outros participios usados como o ablativo absoluto em latim, para expressar concessão, hypothese, etc. Perdura nestes participios geralmente o sentido proprio do verbo; *posto* entretanto ligou-se semanticamente á particula, produzindo a conjunção concessiva *posto que*. Vieira (Serm. 3, 76) empregou o participio ainda com a accepção primitiva: *Mas eu tão longe estou de encalhar neste baxo (posto que o seja [isto é: supposto que o seja]), que antes o exercicio de pescador me parece o melhor noviciado que estes Apostolos podiam ter.*

Este processo creador de novas conjunções ou locuções conjuncionaes revela-se sobremodo fecundo nas combina-

*) Os factores de um phenomeno linguistico são multiplos, e é possivel que a conjunção *quod* procedesse não sómente do pronome relativo, mas tambem do pronome interrogativo. Para admittir, como alguns linguistas se inclinam a crer, que todos os factos se devam referir sómente a frases interrogativas, faltam argumentos convincentes. Sobre a questão se *ut*, desbancado por *quod*, teria tido historico semelhante ou differente, apenas se sabe que aquella particula tambem é de origem pronominal.

ções de advérbios e dizeres de caracter adverbial com a particula *que*: *a fim que* (port. hod. *afim de que*), *sem embargo que*, *com tanto que*, *ante(s) que*, *depois que*, etc.

Nestas, como em outras locuções conjuncionaes, o elemento advérbio nada mais é que um vocabulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se d'elle, emigra da respectiva oração, attrahido por uma particula, á qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova especie. Basta ver o historico do adventicio *ainda* em *ainda quando* e *ainda que*.

As particulas *que* e *quando* de per si bastam para denotar concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo. Segundo esta primeira phase estão redigidos os exemplos: *eu por huma parte hey dó deste coitado, que não seja mais que pelo pão que lhe como* (Ferr. Bristo, 2, 396); e *quando de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo* (Vieira, Serm. 5, 356). Na segunda phase, insere-se na oração principal emphaticamente o advérbio *ainda*. Deste typo é: *E quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum principe, que he o melhor officio que se agora usa* (Ferr. Bristo 2, 397). Exemplo da ultima phase, em que o advérbio se transfere para a oração subordinada: *Toda a vida de Xavier era huma perpetua oração e contemplação, ainda quando parecia mais divertido* (Vieira, Serm. 8, 320).

As vezes a locução conjuncional vem a adquirir valor muito diverso do sentido de advérbio. *Tanto que* se emprega geralmente como conjunção temporal até o seculo XVIII, mas o falar hodierno lhe restitue o sentido de quantidade ou intensidade. *Assi que* mantem por muitos seculos a accepção modal, conforme ao advérbio componente, mas na linguagem de hoje se usa como conjunção temporal.

A maneira de dizer propria de certa epoca pode soffrer mudança pondo-se de accordo com outras dicções de uso mais geral. *Logo que*, locução temporal hoje usualissima, succedeu a *logo quando* e *logo como*:

Logo como tomou do reino cargo, tomou mais a conquista de mar largo (Cam., Lus. 4, 66) — *Logo quando* a [carta] ly, entrei comigo em grandes differenças (Diogo Bern., O Lima 218) — *Logo*

quando [a procissão] acabou de despegar da igreja, ouve muyta gente devota que... quiz empregar a tarde em visitar á vontade a sepultura (Sousa, Arceb. 2, 375).

Entre os adverbios de reforço que costumam deixar a oração principal para juntar-se com a particula da oração secundaria está *então*, correlato de *quando*. Esta construcção, empregada com liberalidade por varios quinhentistas, parece ser imitação do idioma latino:

A riqueza *entam* a alcançaram, *quando* a perderam (H. Pinto, 2, 67) — Porque *entam* a tribulação perde sua força, *quando* se lhe atravessa diante a paciencia (ib. 2, 139).

Correlatos emphaticos das conjunções concessivas são *todavia*, *comtudo*, *entretanto*, *ainda assim*. Não se transferem para a oração concessiva:

E *ainda que* alguns sejam de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados (H. Pinto, 1, 133) — E *ainda que* tomar este cargo seja contra minha vontade, *comtudo* faço-o por cumprir com a vossa (ib. 1, 147).

> *Comtudo* pode vir em companhia da adversativa *mas*:

Não deixo de entender... *Mas comtudo* eu vejo que os principes... sempre estimaram muyto homens letrados (H. Pinto, 2, 231).

O emprego de *comtudo*, *todavia*, *entretanto*, *emtanto* como correlativos emphaticos é uma applicação puramente occasional dos ditos vocabulos. Resta a saber se fora deste caso servem de conjunção ou de adverbio. Á tendencia de incluil-os na categoria das particulas adversativas em attenção a terem sentido semelhante ao da palavra *mas*, objecta-se que a synonymia é imperfeita, e tanto que se usam, ou se podem usar, concomitantemente com essa particula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre o adverbio e a conjunção.

Na linguagem da Renascença, *entretanto* e *emtanto* têm valor temporal de « entrementes », « emquanto isto succede »:

As halcyoneas aves triste canto junto da costa brava levantaram... Os delfins namorados, *entretanto*, lá nas covas maritimas entraram, fugindo á tempestade e ventos duros (Cam., Lus. 6, 77) — E que *emtanto* podia do trabalho passado ir repousar, e em brevi tempo daria a seu despacho um justo talho (ib. 7, 65).

Em port. ant. apparece *entretanto* com o caracter de conjunção equivalente a «emquanto», mas é reducção de *entretanto que*, cujo uso perdura no port. mod.

Entretanto elle assy anda soo, he bem que digamos dos aquecimentos dos outros (Zur., Guiné 309) — Nom se quis de todo leixar em repouso com esta vitorya... mas *entretanto* os outros estavam em seus fallamentos, apartou hū daquelles Mouros preguntando-lhes se sabya (ib. 427) — É [o catual] fez que mandava buscar almadias, e lissimuladamente mandou esconder os donos dellas, porque as não lessem. E *entretanto que* as yão buscar levou Vasco da Gama ao ongo da praya (Castanh., 1, 71).

Inintelligiveis á primeira vista nos parecem hoje em dia as orações iniciadas pelos dizeres — *por tal que* e *com tal que*, de que se encontram ainda exemplos em escriptores do seculo XVI. São reducções de *por tal razão* (ou *fim*) e *com tal condição que*, denotando a primeira forma «fim», e a segunda «condição»:

Tu me queres dar este pam *por tall que* nom ladre (L. de Esopo, 47) — Para saberes aquello pera que foste feito e conheçeres o teu creador, *por tall que* leixes as treevas em que ataa ora viveste (S. Joseph., 16) — Porem me praz assi della seer nomeada *por tal que* o nome deste meu scripto concorde com a maneira em que perercee do senhor deos me trabalho sempre viver (D. Duarte, Leal Cons. 3) — Por tanto faça-se, *com tal que* em quanto o duque for vivo não se vá Cademia de casa da rainha (Barros, Clar. 1, 155) — Eu vos juro e prometo de fazer quanto me mandardes, *com tal que* me deis a vida (ib. 1, 102) — Aqui chovão sobre mim penas e dores temporaes, *com tal que* me perdoeis as eternas (Arrais, 433).

A conjunção *caso* (em *caso venha, caso chova, etc.*) procede da reducção de *caso que*, a qual maneira de dizer é por sua vez forma reduzida de *sendo caso que*. Alem leste sentido condicional ou hypothetico podia, antigamente, *caso que* usar-se com accepção concessiva decorrente do pensamento *posto* (= *supposto*) *caso que*. Vem explicita est'outra formula em Ruy de Pina, D. Duarte 35: *Mas posto caso que passasseis e tomasseis Tanger, Alcacer, Arzila, queria, Senhor, saber que lhe farieis*. Este duplo sentido affecta a locução *em caso que*, a qual á pag. 20 do mesmo livro de Ruy de Pina tem valor differente do hodierno:

Excuso de as [lamentações] especificar: somente saiba-se que *em caso que* [= *posto que* ou port. hod. *ao passo que*] nas mortes

dos reis e principes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na deste glorioso rei, assim em prantos e lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos se fez por muitos com muita especialidade de dor.

Entre os quinhentistas frequentemente se topam exemplos de *caso que* com valor concessivo de «posto que» «ainda que»:

E como os religiosos dalta estofa, *caso que* sejam spirituaes, todavia são humanos, parece que terão pouco merecimento com o desgosto de servirem (H. Pinto, 1, 129) — Os cervos feridos da erva, *caso que* vão fugindo do caçador, todavia como levam nas entranhas o farpão emervado, vem-lhe morrer nas mãos (ib. 1, 97).

Como quer que seja e *como quer que fosse* usam-se hoje como frases crystalisadas para significar duvida ou incerteza sobre se é real um factio referido antes ou se é real outro que o contradiga. Em port. ant. occorrem os mesmos dizeres, tendo o verbo «ser» sujeito e o competente adjectivo predicativo, e tambem apparece *como quer que* antes de outros verbos. Nestas orações completas *como quer que* equivalia a «posto que»:

Aparelhou logo Pallenço sua fusta pera sayr a terra, e *como quer que* a calma fosse muy grande, todavya eram muy grandes vagas na costa, as quaaes nunca derom lugar que a fusta podesse prooar em terra (Zur. Guiné 337) — *Como quer que* o mar comunalmente per todas suas partes, em aquelles tempos seja perigoso, ally o he muyto mais, por aazo das grandes correntes, que ally ha (ib. 28) — Quando El-Rei D. Affonso vio que não podia achar este Santo Corpo, *como quer que* muito lhe pezasse, remeteu seu pezar á vontade de Deus (D. Galvão, D. Aff. Henr. 81).

Mentre, com as variantes *mentres que*, *em mentre*, pertence ao port. ant. Supplantou-o o synonymo «emquanto»:

Destruio pois porende o castello; mas nom *mentre* persival foi vivo (S. Graal, 90) — Ca ja mais nom serei leda, *em mentre* vos fordes triste (ib. 75) — Huū cam furtou hũa posta de carne; e fugindo com ela passava per hũa pomte, e *mentres que* passava, guardou na augua, e vio a ssombra da carne que levava na boca (L. de Esopo, 12).

Em que diz o mesmo que *ainda que*; mas a linguagem litteraria, a não ser na frase *em que pese*, dá-lhe em geral menos apreço que a outras locuções concessivas.

Occorre bastantes vezes em Gil Vicente, e não é raro em Heitor Pinto:

E mais sereis avisada que não me respondereis nada, *em que* ponha fogo a tudo (G. Vic., 3, 145) — Não ha hi por hu correr, *em que* m'esfolem a pelle (ib. 3, 178) — Nunca mais hei de fiar em fidalgo desta sorte, *em que* o mande San Matheus (ib. 3, 220) — *Em que* hũ homem seja no corpo mais feo que Thersites, sendo virtuoso, he mais bello que Nireu (H. Pinto, 2, 677) — Aqui acha hũa cousa que lhe contenta, e alli outra, *em que* seja com trabalho (ib. 2, 629) — Assi como as arvores que não dão fruto, *em que* estẽ verdes e viçosas, todavia são cortadas e lançadas no fogo; assi os maos, *em que* vivam ricos e prosperos, e comtudo quando se não percatarem, serão cortados da mórte e lançados no inferno (ib. 2, 577).

Ao port. ant. pertencem *peró*, *em peró*, *em peró que* e *peró que*. Escriptores do seculo XVI que se utilisavam destes dizeres só o faziam por tendencia archaisante. Nos Lusíadas não ha exemplo. João de Barros manifesta predilecção por taes conjunções sem attender a que já vinham systematicamente substituidas por outras em certas publicações mais antigas do que as Decadas e o Clarimundo. *Peró que* e *emperó que* em geral, como *peró* e *emperó* em orações com verbo no conjuntivo, empregavam-se como synonymas de *ainda que*, *posto que*. Com o verbo no modo indicativo *peró* e *emperó* adquiriam valor de conjunções adversativas como *porem*, *comtudo*:

E *em pero que* o caminho era muito temeroso por muitas serpentes e muitas bestas bravas que andavã em aquel ermo, o santo mancebo todo tinha em nada (S. Josaph. 42) — E elle já quanto ameaçou de conhecer a fraqueza dos falsos deoses *pero que* nõ quis entõ receber perfeitamente o lume de Jesu Christo. *Em pero* já nõ honrrava os seus sacerdotes nõ fazia as festas nõ oferecia sacrificios aos idolos como soia, mais tinha o coraçõ ã duvida (ib. 29) — *Pero* negros fossem, assy tinham almas como os outros (Zur. Guiné 94) — O qual artificio, *pero que* a invenção delle se dê a diversos aucthores, mais parece per Deos inspirado (Barros, Dec. Prol.) — Gomes Eannes de Zurara... em soma diz que ambos estes cavaleiros descobriram esta ilha; *peró* sempre nomea a Tristão Vaz por Tristão, como pessoa menos principal (ib. 1, 1, 3).